MARIAH STONE

CASADA COM MEU INIMIGO

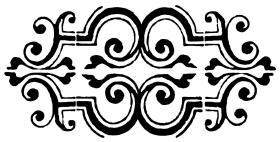
SEGREDOS DOS LORDES



CASADA COM MEU INIMIGO

SEGREDOS DOS LORDES

BOOK I



MARIAH STONE



“Casada com Meu Inimigo”

Escrito por Mariah Stone

©Stone Publishing B.V., 2025

Todos os direitos reservados

Design da capa © 2025 Qamber Designs and Media

CONTENTS

Também de Mariah Stone

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28

Capítulo 29
Capítulo 30
Epilogue

Também de Mariah Stone
Sua classificação e suas recomendações diretas farão a diferença
Sobre o autor

TAMBÉM DE MARIAH STONE

SEGREDOS DOS LORDES

1-Casada com Meu Inimigo

2-Promessa Fingida ao Lorde Sedutor

3-Casamento com o Libertino

4-Uma Aposta com o Libertino

ATRAÍDA PELO HIGHLANDER

Prisioneira do Highlander

Segredo da Highlander

Coração do Highlander

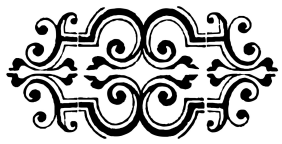
Amor do Highlander

Desejo do Highlander

COLEÇÃO DE LIVROS

Atraída pelo Highlander - livros 1-4 (Clan Cambel)

CAPÍTULO 1



LONDRES, 1813

—É o primeiro baile da temporada em Almack's —declarou o pai da senhorita Penelope Beckett enquanto entravam juntos no magnífico salão de baile—. A senhorita não está contente que seu pai tenha se empenhado para conseguir um convite?

Penelope segurou a saia com as mãos suadas cobertas pelas luvas que chegavam até os cotovelos.

—Certamente, pai —respondeu tentando manter um tom de voz firme —. É o baile mais exclusivo de toda Londres.

O espaçoso ambiente estava agitado devido à multidão de centenas de damas e cavalheiros vestidos com trajes elegantes. Os acessórios com plumas das mulheres balançavam a cada movimento, enquanto a luz das incontáveis velas e dos dois candelabros de cristal de dois níveis cintilava sobre os painéis de vidro escuros das seis janelas em forma de arcos. Cortinas elegantes de cor azul pastel contornavam as janelas atrás dos bastidores com ornamentos requintados.

As extensas paredes abrigavam vários compartimentos separados por colunas de mármore rosado adornadas com padrões em espiral. Em alguns dos compartimentos exibiam-se esculturas de estilo romano de atraentes homens seminus. Penelope desejava ter um lápis e um papel à mão para poder fazer um esboço. Em outros havia espelhos de estilo rococó que criavam a ilusão de um espaço maior. Várias seções das paredes estavam

decoradas com frisos, festões e páteras, os pratos rasos que eram utilizados na antiga Roma.

Os doze bailes que aconteciam em Almack's todas as temporadas não eram apenas os eventos mais exclusivos, mas também os mais importantes para as damas solteiras em busca de um marido. No entanto, Penelope tinha outro objetivo em mente.

Começou a brincar com o lóbulo de suas orelhas para tentar acalmar os nervos. Após três temporadas fracassadas, dava como certo que a haviam rotulado de solteirona indesejada e ultrapassada. Para ela se abria outro caminho. A duquesa de Ashton, uma das patronas das artistas femininas mais apaixonadas de Londres, viria ao evento. Se conseguisse que alguém a apresentasse à duquesa, Penelope poderia ter a esperança de exibir sua arte e talvez iniciar uma carreira como artista. Quem precisava de um marido para isso?

Ao seu lado, encontrava-se sua prima, a senhorita Alexandria Beckett, que observava tudo com a mesma fascinação que Penelope. Alexandria era uma mulher bonita com traços doces e bem definidos e tinha o cabelo penteado com pequenos cachos. Estava linda com o vestido de gala de cor lilás pastel.

—Estou feliz por estar aqui, pai —acrescentou Penelope enquanto adentravam o salão de baile. Seu pai ignorava o verdadeiro motivo de seu entusiasmo. Com o olhar, examinou os convidados em busca de uma dama de uns cinquenta anos com cabelo branco e preto e olhos escuros que ela tinha visto em algumas ocasiões em certos eventos sociais, mas a quem jamais havia sido formalmente apresentada.

No alto, da galeria dos músicos, uma orquestra tocava uma valsa inglesa. No ambiente ouviam-se os murmúrios de várias conversas e sentiam-se os aromas de vinho, perfume e transpiração.

—Mas como o senhor conseguiu um convite? —perguntou Penelope —. E por que agora, se debutei há três temporadas?

Apesar de ser considerada uma solteirona, seu pai, um homem barrigudo e de baixa estatura com cerca de cinquenta anos, devia ainda considerar a ideia de casá-la. Quando apertou os lábios, formaram-se rugas em suas bochechas. Ele havia perdido parte de seu atrativo após a morte de sua esposa, talvez devido ao excesso de vinho do Porto e conhaque e às noites que passava em claro longe de casa. Olhou para ela com os olhos

azul-celestes e amarelados semicerrados. A peruca empoada, uma moda do século anterior, estremeceu como sempre acontecia quando se irritava.

—Você não está agradecida por eu ter conseguido um convite para você? —perguntou ele—. Eu diria que me custou alguns favores, mas os fiz.

O peito de Penelope apertou. Como ela desejava que sua mãe ainda estivesse viva! Seu pai sempre havia sido um homem melhor na presença dela. Desde sua morte, parecia que seu pai mal conseguia notar a existência da própria filha. Há algum tempo, ele havia proibido que ela continuasse cultivando seu interesse pela arte e explicado que o único dever de uma mulher era criar filhos. Apesar disso, suas ausências frequentes haviam permitido que ela continuasse pintando e desenhando.

—Onde está o seu cartão de baile? —perguntou ele—. Vejo que o visconde de Bridgemere está se aproximando.

Uma sensação devastadora fez com que se formasse um nó em seu estômago. "Oh, não vamos começar de novo...", suplicou em silêncio. Se seu pai havia recorrido a tantos favores para levá-la a Almack's, certamente estava determinado a encontrar um marido para ela. E se isso viesse a acontecer, era muito provável que seu futuro marido, como a maioria dos homens daquela época, compartilhasse da opinião de seu pai e a proibisse de desenvolver suas habilidades artísticas.

Um homem alto com uma barriga arredondada e ombros estreitos os cumprimentou. Como a dama educada que era, Penelope ofereceu o forçado sorriso intenso que costumava usar nesses bailes e que deixava seu rosto rígido ao final da noite. Afinal de contas, ela era filha de sua mãe e não envergonharia seu pai nem mancharia o nome da família.

—Bridgemere —cumprimentou seu pai e esboçou um largo sorriso que Penelope não costumava ver nele—. Permita-me apresentar minha filha, a senhorita Penelope Beckett, e minha sobrinha, a senhorita Alexandria Beckett.

De olhos bem abertos, Bridgemere a examinou dos pés à cabeça, e depois fez um gesto de concordância. O estranho brilho que ela viu em seus olhos a fez estremecer.

—Senhoritas Beckett —cumprimentou-as mal se dirigindo a Alex—. É um prazer conhecê-las. —Voltou-se para o pai dela—. Como costumam dizer, *lorde* Beckett, sua filha é uma verdadeira beleza.

Penelope olhou atônita para Alex, que arregalou os olhos. Será que ela tinha ouvido direito? A sociedade não a havia rotulado como noiva fora de moda ou solteirona?

Apesar de estar confusa, ela queria ser amável, por isso ampliou o sorriso até que os cantos dos lábios doessem.

—O que o senhor acha do baile, *milorde*? —perguntou ao visconde de Bridgemere.

—Eu diria que tive o privilégio de assistir a bailes melhores —respondeu desviando o olhar—. As fatias de pão são finas demais e a manteiga espessa demais para o meu gosto. E os bolos secos sempre me causam acidez no estômago.

Ele falava com um tom de voz baixo e monótono, e Penelope tensionou o queixo para conter um bocejo. Ela deu uma olhada em sua prima, que arqueou as sobrancelhas e ocultou um sorriso com sutileza.

—Entendo —disse Penelope—. Espero que o senhor se sinta melhor. —Lutando para encontrar um tema de conversa, acrescentou—: Talvez um pouco de chá lhe faça bem.

—Talvez —assentiu e olhou para ela novamente. Penelope manteve o sorriso intenso—. Oh, céus, a senhorita tem um sorriso dos mais encantadores, senhorita Beckett. Concede-me a honra da próxima dança?

Penelope abriu a boca com a esperança de pensar em uma desculpa para recusá-lo, mas depois de vários instantes, não conseguiu pensar em nenhuma.

—Claro. Será um prazer.

Depois disso, ficaram em silêncio. Por algum motivo, o visconde parecia relutante em se afastar do seu lado. Encorajados por seu pai, vários outros homens se aproximaram dela. Nos dez minutos seguintes, haviam lhe pedido mais três danças. Enquanto olhava pelo salão de baile em busca de alguma desculpa para se afastar dele, ficou petrificada.

A apenas três metros de distância, a duquesa de Ashton conversava com a duquesa de Grandhampton, uma senhora extremamente agradável. Era a avó de Spencer, o falecido duque de Grandhampton, um dos melhores amigos que tivera na sociedade.

Spencer... a lembrança daquele homem incrível e maravilhoso ainda lhe causava grande pesar no peito. Havia recebido a notícia de sua morte em setembro e não conseguira acreditar. Sentia falta das conversas com o

duque. Tinham gostos semelhantes em arte, e ele sempre a havia encorajado a perseguir seus sonhos. Era a única pessoa a quem havia confiado suas ambições, e ele sempre a apoiara. Desde que o conheceu, sentira que podiam falar sobre qualquer coisa. Spencer lhe dissera o quanto admirava seu modo de pensar independente, e também sustentava que uma mulher não necessariamente precisava se casar e que ele próprio pensava que as mulheres deveriam desfrutar dos mesmos privilégios que os homens.

Claro que sabia que ele jamais estivera interessado nela além da amizade. Era um reconhecido libertino, e as mulheres que conquistava eram muito mais experientes que ela. Mas seu pai não gostava nem que ela falasse com ele nem que passasse tempo em sua companhia. Havia mentido para ela pelo menos em duas ocasiões em que o duque fora visitá-la, dizendo que sua filha não se encontrava em casa.

O duque lhe apresentara sua avó, e se conseguisse se livrar do círculo de homens que a rodeava como moscas, poderia dirigir-se à duquesa para cumprimentá-la. Sem dúvida, a duquesa de Grandhampton lhe apresentaria à duquesa de Ashton.

No entanto, primeiro viu-se obrigada a dançar as três danças que havia prometido. Enquanto dançava, percebeu que quase todos os homens, tanto jovens quanto mais velhos, a olhavam fixamente. Falavam entre si, e seus olhos brilhavam. Concentravam-se em seu peito e em suas pernas que se moviam sob o vestido enquanto dançava.

O que havia acontecido? Nas duas temporadas anteriores, havia feito todo o possível para evitar qualquer tipo de conexão romântica porque temia que um marido lhe proibisse de pintar como seu pai fazia. Como poderia ter deixado de ser uma das jovens mais insignificantes no mercado matrimonial para se tornar o centro das atenções do baile?

Quando a última dança finalmente chegou ao fim, agradeceu ao seu par, aplaudiu os músicos e voltou-se para estudar os convidados em busca da duquesa de Grandhampton.

Alex se aproximou dela.

—Como foi a dança? —perguntou-lhe suavemente e chegou mais perto.

Antes que Penelope pudesse responder, o aplauso cessou e todos os presentes ficaram em silêncio enquanto fixavam o olhar na porta de entrada.

A multidão se abriu diante de um homem, como o mar havia feito para Moisés, e um estremecimento percorreu todo o seu corpo. Era um cavalheiro alto e tão atraente que era difícil olhar para ele. Usava um corte de cabelo da moda, com um estilo meio despenteado, costeletas curtas e um tom tão escuro quanto o de Spencer. Tinha traços bem definidos, um queixo quadrado e um nariz reto. Sob uma testa alta, sobrancelhas fortes se arqueavam sobre um belo par de olhos cor de ônix e cílios longos e curvados pelos quais qualquer dama morreria. Tinha uma boca larga e reta com lábios suculentos e um queixo proeminente.

As anfitriãs, *lady* Jersey, *lady* Castlereagh e a condessa de Lieven, as patronas de Almack's, avançaram em sua direção.

—É o novo duque de Grandhampton —sussurrou Alex enquanto as duas observavam as três damas que cumprimentavam o duque—. O homem mais rico da Inglaterra. E o mais libertino.

No entanto, Penelope sabia que ele não era tão terrível quanto seu irmão mais velho. Spencer lhe havia falado sobre seu irmão Preston. E ela o tinha visto em alguns bailes. O nome dos Seaton era muito respeitado, a família tinha uma linhagem que remontava à guerra das Duas Rosas. Arrogantes e atraentes, os três irmãos tinham reputações infames. E, embora todos quisessem que suas filhas se casassem com um duque, era mais provável que esses homens manchassem a reputação das damas do que se casassem com elas. Mesmo assim, qualquer mãe casamenteira sonhava que sua filha conquistasse um dos libertinos e se tornasse a esposa de um duque.

—Eu já sei —disse Penelope, e seu coração martelava em seus ouvidos tão alto que mal podia ouvir sua própria voz.

Por sua parte, Preston mal reparava nas mulheres que o rodeavam enquanto observava os rostos entre a multidão e abria caminho entre os convidados.

Quando seu olhar pousou em Penelope, fez com que seu coração acelerasse no peito e se sentisse como um coelho diante de uma cobra. Sempre lhe pareceu um homem misterioso, taciturno e intimidante. Além disso, por algum motivo, parecia sentir muita aversão por ela. Quando seus olhos se encontraram, sentiu como se as chamas do seu desdém a reduzissem a cinzas. Não conseguia entender por que ele a detestava tanto.

Enquanto o duque se aproximava, seu pai apareceu ao lado dela como que por mágica. Várias pessoas lançaram olhares cheios de curiosidade tanto ao duque quanto a Penelope, e isso lhe causou uma sensação de inquietude.

—*Lord* Beckett —saudou o duque ao parar diante de seu pai.

—*Milord* —cumprimentou seu pai com um tom de voz estranho. Penelope notou que seu pai batia o pé nervoso contra o chão e um joelho lhe tremia. Parecia evitar olhar o duque nos olhos, e ela entendia o porquê —. Não esperava vê-lo aqui hoje.

O duque era pelo menos uma cabeça mais alto que ela e se erguia sobre ela como uma torre escura.

—Hummm —respondeu antes de voltar a se concentrar nela.

Ali estava, a estranha fúria gélida no mais profundo de seus olhos. Sentiu a necessidade de fugir dele, mas se encontrava paralisada. De repente, o enorme salão de baile resplandecente se sentiu como uma jaula que se estreitava ao seu redor, e se tornou difícil respirar.

—O senhor não vai me apresentar às duas damas, *lord* Beckett? —disse sem tirar o olhar dela.

Seu pai tensionou o queixo ao mesmo tempo que apertava os dentes.

—Minha filha, a senhorita Penelope Beckett, e minha sobrinha, a senhorita Alexandria Beckett. E o duque de Grandhampton. —Seu pai a pegou pelo ombro e a aproximou—. Com licença, *milord*, preciso apresentar minha filha a...

No entanto, o duque não o deixou terminar.

—A senhorita me concede a honra da próxima dança?

Penelope engoliu com dificuldade. Todos os instintos lhe gritavam que fugisse. Mas se o rejeitasse, teria que rejeitar todos os outros. E o ofenderia. A verdade é que não podia ofender o irmão de Spencer. A tristeza que lhe causava a ausência de seu amigo parecia uma pontada no coração.

Tudo ficaria bem. Só teria que sobreviver a uma dança. Nada mais. Depois voltaria à sua missão: tentar falar com a duquesa de Ashton.

De modo que voltou a esboçar o sorriso para a sociedade.

—Será um prazer.

O duque assentiu com a cabeça e desviou o olhar.

—Oh, avó —disse, e pela primeira vez desde que entrou, o olhar duro se derreteu—. A senhora veio.

—Assim é —respondeu a duquesa de Grandhampton ao mesmo tempo que se aproximava deles. Tinha o cabelo cinza prateado preso em um penteado fora de moda com muitos cachos. Vestia um traje violeta e se apoiava em uma bengala. Tinha o rosto de uma mulher que envelhecia com graça e havia sido bela em sua juventude—. Senhorita Beckett, a senhorita está encantadora esta noite. Apresento-lhe minha velha amiga, a duquesa de Ashton.

Penelope quase ficou tonta ao ver os gentis olhos cor de chocolate da mulher que refletiam tristeza. Ela estava linda com o traje da moda de cor escarlate de mangas bufantes que ressaltavam a perfeição de sua tez.

—É um prazer conhecê-la, duquesa —conseguiu dizer Penelope—. Apresento-lhe meu pai, *lord* Beckett, e minha prima, a senhorita Alexandria Beckett.

Era a sua oportunidade. Finalmente estava conhecendo a mulher que poderia mudar sua vida.

—O prazer é meu, senhorita Beckett. —A duquesa assentiu—. É maravilhoso conhecer os três. É a primeira vez de vocês em Almack's?

—Exatamente.

—E como estão se saindo até agora?

—Esplêndido. —Sorriu para a duquesa—. Não pude deixar de admirar as estátuas. Gostaria de poder desenhá-las.

—Por acaso é uma artista? —perguntou-lhe a duquesa com curiosidade.

—Não, asseguro-lhe que não —interveio seu pai—. Minha filha não é nem será nada do tipo. Como todas as mulheres, um dia será uma esposa e uma mãe.

A curiosidade que tinha brilhado nos olhos da duquesa se apagou e formou-se uma ruga entre suas sobrancelhas. As faces de Penelope arderam e ela corou. Por todos os céus, como desejava que o chão se abrisse e a engolisse como um monstro do mar. Com apenas três frases, seu pai poderia ter arruinado a rara oportunidade de fazer uma conexão importante no mundo da arte.

—E então, para que gostaria de desenhá-las, senhorita Beckett? —perguntou-lhe a duquesa.

Penelope abriu a boca para responder, mas seu pai a interrompeu.

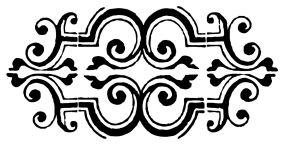
—Para agradá-la, *milady* —respondeu seu pai—. Minha Penelope só se importa com a felicidade e o conforto dos outros. É igual à sua falecida mãe. Como qualquer mulher deveria ser.

Penelope sentiu o olhar caloroso do duque sobre sua pele. Agora seria outra excelente oportunidade para que o chão a engolisse. O quanto antes!

Mas antes que pudesse acrescentar algo para se defender ou salvar sua reputação aos olhos da duquesa, anunciaram a próxima dança.

—Vamos? —perguntou-lhe o duque.

CAPÍTULO 2



PENELOPE AFASTOU o impulso de recusá-lo e salvar sua reputação de artista e sorriu gentilmente para as duas duquesas, para Alex e seu pai.

—Com licença —disse.

Sob o olhar severo de seu pai, seguiu o duque. Os joelhos tremiam enquanto avançava entre a multidão onde predominavam as fragrâncias de rosas, sândalo e lilases. Ainda estava com as bochechas rosadas e as mãos e costas cobertas de suor, e precisou fazer um grande esforço para manter a calma.

O casal tomou seu lugar nas fileiras de damas e cavalheiros e se posicionou um de frente para o outro. O duque a olhava com uma intensidade capaz de congelar qualquer mulher.

Quando a orquestra começou a tocar as primeiras notas de uma tradicional peça inglesa, o duque e Penelope começaram a se mover. Cada vez que ele tocava suas mãos, um arrepio percorria seu corpo inteiro através das luvas. Dançaram em silêncio durante alguns minutos. Penelope conseguiu se livrar da inquietação que ele havia plantado nela desde que chegou ao baile. Por que deveria permitir que ele a intimidasse? Era apenas um homem. Mais um obstáculo no caminho para fazer um contato favorável com a duquesa de Ashton. Quando a dança terminasse, tentaria falar com a duquesa a sós para melhorar as coisas.

—Pelo visto, todos os presentes estão encantados com a senhorita Beckett —disse finalmente enquanto segurava sua mão para dar quatro passos juntos.

Apesar de agora estar decidida a não deixar que ele a afetasse, sentiu o calor descer do rosto para o pescoço e o peito.

—Tenho certeza de que o senhor está enganado.

—Jamais me engano.

Penelope riu.

—Isso não pode ser verdade. Ninguém está livre de imperfeições.

—Tenho imperfeições. Mas enganar-me não é uma delas.

O peito dela subiu e desceu rapidamente com uma desagradável onda de raiva. Era um homem extremamente arrogante. Mas não importava. Talvez ele soubesse algo que ela desconhecia sobre aquela noite.

—Suplico-lhe que me diga qual é o motivo de tanto interesse então —pediu.

—Tenho certeza de que todos os homens que estão interessados na senhorita esta noite querem flertar com um rosto bastante agradável que os agradará não importa o que diga ou faça.

As palavras foram tão grosseiras que a atingiram como um tapa. Penelope tropeçou e perdeu um passo, mas se apressou a retomar a dança. Como podia um cavalheiro, ainda mais um duque, ser tão mal-educado?

—Como disse? —perguntou ela com a garganta seca.

—Já me ouviu. Seu próprio pai confirmou isso.

As palavras provocaram fúria em todo o seu corpo. Sua respiração acelerou enquanto continuavam dançando e caminhavam em círculo de mãos dadas. O pior de tudo era que essa era exatamente a opinião que tinha de si mesma. Sabia que tinha um rosto bastante agradável, graças à sua mãe, que havia sido uma verdadeira beleza. Mas também fora criada para ser obediente e agradável, para sorrir e ser capaz de manter uma conversa interessante. Por isso era obediente e agradável com seu pai e deixava seus sonhos de lado. Jamais o confrontava abertamente pelo fato de proibi-la de pintar, nem mencionava seu incomum objetivo de se tornar uma verdadeira artista.

Mas flertar? Não. Nisso ele estava completamente enganado. Jamais flertava com homem algum, apenas se limitava a demonstrar o interesse que ditavam as normas sociais. Não fazia nada que desse a ninguém falsas esperanças.

—Como ousa? —perguntou-lhe—. O senhor não me conhece nem um pouco.

—Claro que conheço —contradisse-a com um tom cheio de malícia—. Observei a senhorita com meu irmão. Sorria o tempo todo para ele. Como

sorri para todos os homens aqui presentes, incentivando-os, não é mesmo?

Naquele momento, o sangue começou a ferver dentro dela. Como mal conseguia respirar, não parava de tropeçar e errar os passos.

—A fazer o quê os incentivo?

—A senhorita já sabe. Todos sabem que seu pai não tem um tostão e que precisa encontrar-lhe um marido rico para salvar-se. Está à caça de uma fortuna.

Seu pai não tinha um tostão? Sabia que as coisas iam mal, mas a ponto de não ter nem um tostão? De buscar um marido rico? Não. Jamais havia pensado em melhorar sua situação através do casamento. E por mais que seu pai a ignorasse, jamais a casaria com um homem rico sabendo que seria infeliz pelo resto da vida.

A única coisa que desejava era abandonar este baile e sair correndo. Mas seu pai tinha se esforçado muito para conseguir os convites, de modo que, se fugisse, seria uma desgraça social. E os rumores não afetariam apenas a ela, mas também a Alex e a seu pai.

—Era isso que queria de Spencer, não? —continuou o duque.

O peito estava prestes a explodir. Lágrimas começaram a arder atrás de seus olhos, mas lembrou-se que não podia fazer uma cena no meio de um baile em Almack's. Não podia!

—Não, nada disso. Seu irmão, que Deus proteja sua alma, e eu não éramos mais que amigos.

O duque negou com a cabeça enquanto seu belo queixo se projetava refletindo sua raiva.

—Mentiras e mais mentiras. Sabia que significava muito mais para ele, e tudo o que queria era o dinheiro dele.

Chegando a esse ponto, Penelope teve que se lembrar da necessidade de respirar. Se não quisesse explodir em lágrimas, tinha que respirar. Precisava chegar ao final da dança e depois disso não teria que falar com ele nunca mais.

—Sempre suspeitei que os duques pudessem ser preconceituosos, arrogantes e egocêntricos —confessou—. O senhor é o melhor exemplo.

Um sorriso malicioso surgiu em seus lábios.

—Finalmente diz a verdade, senhorita Beckett.

—Se pensa tão mal de mim, por que me convidou para dançar?

—Queria confirmar se minha impressão sobre a senhorita estava correta.

—E baseia sua conclusão nas poucas palavras que acabamos de trocar?

Como a música chegou ao fim, Penelope afastou-se, mas o duque segurou sua mão coberta pela luva, e o contato provocou-lhe um grande ardor. Em seguida, arqueou as sobrancelhas e baixou o rosto para aproximá-lo do dela.

—Conheci sua verdadeira personalidade muito antes de sermos apresentados.

—Nesse caso, *milord*, o senhor não terá que continuar suportando minha companhia. E lhe asseguro que jamais quero estar na sua novamente.

Libertou a mão com um puxão e se apressou a sair do salão de baile, passando à frente de Alex.

—Penelope... —chamou-a sua prima, mas ela não se deteve. Em frente ao guarda-roupa havia uma porta e ela se dirigiu para lá para descobrir uma grande sala de chá vazia e silenciosa. A luz da lua se infiltrava pelas janelas em forma de arco e caía tanto sobre os sofás e as mesas redondas quanto sobre o grande piano que havia em um canto. Todo o barulho e as risadas que vinham do salão de baile soavam amortecidos naquele lugar, e uma onda de raiva a invadiu.

Deixou-se cair sobre o sofá e respirou ofegante. Sentia vontade de romper em choro e dar vazão às lágrimas que lhe queimavam o peito, mas se negava a chorar por ele.

Não podia acreditar no que ele lhe havia dito. De onde teria tirado todas essas noções erradas sobre ela? Claro que não ia negar que as finanças de seu pai não estavam bem nos últimos anos. Nem tampouco que tinha amigos homens. Ou que sempre tentava ser amável e agradável, mas será que isso não implicava sorrir e dizer coisas bonitas? Nada disso significava que era uma caçadora de fortunas.

A porta se abriu às suas costas e uma figura alta e escura entrou no ambiente. Era ele. O duque.

Com a respiração acelerada, Penelope se levantou de um salto. Tinha que fugir. Por um lado, ficaria comprometida se a descobrissem sozinha com ele e, por outro, não podia deixar que a visse tão aflita. Não lhe daria essa satisfação.

Decidida a sair, avançou em direção a ele para passar pela porta aberta.

—Com licença —disse-lhe sem olhá-lo enquanto tentava passar.

No entanto, o duque parou diante da porta e bloqueou sua passagem.

A sensação de estar presa envolveu-a como uma serpente. Ergueu o olhar até seu rosto e viu que ele tinha os olhos escuros fixos em seus lábios. Estavam tão próximos que seus seios roçavam o colete dele. Podia sentir o aroma limpo do sabonete de ervas e a colônia do duque, uma fragrância intensa com folhas de louro, pimenta e notas cítricas.

Seu corpo moveu-se na direção dele. Os ossos derreteram sob aquele olhar escuro que não a soltava. Devia exigir que a deixasse passar... Mas por que não o fazia?

Um desejo feroz percorreu suas veias. O duque era obscuro e perigoso e fazia com que sua pele se arrepiasse.

—O senhor não está agindo como um cavalheiro —observou.

Um sorriso travesso apareceu em seus lábios.

—Minha querida senhorita Beckett, isso é porque não vou ser nenhum cavalheiro.

Após dizer isso, passou um braço pela sua cintura, fez com que desse alguns passos para trás e a apoiou contra a parede. A superfície se sentiu fria e dura contra o vestido.

Os olhos do duque cintilavam com malícia antes que ele baixasse a cabeça para beijá-la.

Os lábios deveriam ter sido frios e duros, como ele era. Mas, ao contrário, sentiam-se suaves, quase aveludados e cálidos.

Durante um momento, não conseguiu se mover. Ficou parada em seu lugar sem poder compreender o que estava acontecendo. O homem que havia falado tão mal dela, como ninguém antes em sua vida, estava beijando-a.

De repente, algo começou a crescer em seu interior. Um desejo de experimentar mais daquela deliciosa fragrância, daquele sabor e daquele toque tão suave e cálido. Por isso, querendo mais, abriu os lábios, e o duque deslizou a língua em sua boca para roçar a sua com delicadeza e provocar um fogo e uma necessidade em seu ventre. Devia empurrá-lo e fugir. Devia detê-lo! Se alguém os visse, ficaria arruinada.

Contra sua razão, derreteu-se contra ele. Os toques da língua fizeram-na sentir estremecimentos de prazer por todo o corpo. Como queria mais, apertou-se contra ele, e o duque envolveu-a em seus braços de aço.

Justo quando um estranho som sufocado escapou de sua garganta, ele desapareceu do seu lado, e Penelope sentiu frio.

O duque parou a dois passos dela, olhou-a por baixo daquelas belas sobrancelhas escuras com a respiração tão agitada quanto a dela. Secou a boca com o dorso da mão como se tivesse acabado de beber um bom gole de algo.

—Por que fez isso? —perguntou-lhe atônita.

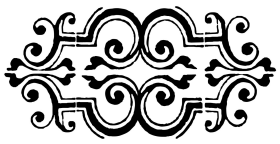
—Queria provar-lhe que a senhorita realmente flerta. E é evidente que não é tão inocente quanto afirma. Como lhe disse antes, senhorita Beckett, jamais me engano.

Penelope se envolveu com os braços e sentiu como corava de vergonha. O duque esboçou um largo sorriso.

—Por acaso disse que nunca mais queria estar em minha companhia, senhorita Beckett? Lamento decepcioná-la, mas isto apenas acabou de começar.

Após dizer isso, girou sobre os calcanhares e saiu do aposento.

CAPÍTULO 3



MAIS TARDE NAQUELA MESMA NOITE, às quatro da manhã, Preston bebia conhaque no salão principal de Tyche, o clube para cavalheiros que mais frequentava. Embora mantivesse o olhar fixo no líquido dourado que girava na taça, seus pensamentos estavam em Almack's, na sala escura onde havia beijado Penelope Beckett e mal conseguira se conter.

Lembrou-se de como ela se sentira bem em seus braços, a sensação dos cabelos louro-escuros e sedosos sob seus dedos e aqueles olhos entre azul-celeste e cinza que escureciam com fúria e paixão enquanto a mantinha deliciosamente encurralada e apertada contra seu corpo. A boca suave, macia e divina, a inocência que ela tentara fingir com os movimentos inseguros dos lábios e da língua. E, por todos os céus, ela havia sido tão deliciosa, com notas de baunilha e maçã que inundaram seus sentidos e fizeram sua cabeça girar como se tivesse acabado de subir em um balão.

Mas era impossível. Considerando os planos que tinha em mente, não podia sentir nada semelhante por ela.

Naquela noite, o salão estava lotado. O baile de Almack's só terminaria dentro de uma hora, mas certamente não restavam mais cavalheiros por lá, considerando que havia centenas deles ali. No salão havia muito barulho. Cada cadeira e sofá estava ocupado, e muitos cavalheiros permaneciam de pé. As velas tremulavam enquanto os homens conversavam. No ar pairavam os aromas de rapé, álcool e colônia. Vários criados circulavam pelo recinto com bandejas cheias de taças de conhaque, champanhe e vinho.

Todas as paredes eram de madeira de mogno escuro. Sobre cada janela, havia suportes de madeira vermelho intenso que sustentavam cortinas bufantes da mesma cor. Vários candelabros de cristal pendiam do

teto, e as velas projetavam reflexos tremeluzentes sobre as pinturas a óleo que retratavam cenas de caça, retratos de grandes militares e várias interpretações de mitos gregos. Por toda a sala, havia estátuas da deusa grega Tyche, que aludiam ao nome do estabelecimento, em diferentes posturas; a maioria com o peito descoberto.

Tyche era um lugar onde corriam apostas exclusivamente entre aristocratas. Assim como a deusa grega da fortuna, da sorte, da providência e do destino, neste local fortunas eram feitas e vidas arruinadas. Investimentos eram sussurrados, discutidos e realizados antes de virem à luz. Negócios, até mesmo os mais sujos, eram fechados com um aperto de mãos.

E todos os membros podiam estar certos de que nada sairia daquelas paredes. Ao comprar a associação ao clube, os cavalheiros compravam o silêncio. Se alguém não tivesse fundos suficientes para saldar uma dívida, podia apostar outras posses importantes, como a virgindade de sua filha, uma noite com sua esposa ou uma oferta para agradar a outro cavalheiro. Naquele lugar aconteciam coisas humilhantes, e os nobres se sentiam tão à vontade que voltavam por mais.

Foi nesse lugar que *lord* Neville Beckett, um barão de pouca importância, começou a apostar pesado há alguns anos. Em pouco tempo, acabou muito endividado. E continuou se endividando cada vez mais. Pediu empréstimos a Solomon Eastbourne, o dono de Tyche, como se não houvesse consequências.

E foi nesse lugar, em agosto do ano anterior, que *lord* Neville pediu a Eastbourne que lhe recomendasse um homem disposto a dar uma surra em Spencer para mantê-lo afastado de Penelope. Claramente, Neville queria casá-la com um homem rico, e um libertino como Spencer apenas arruinaria sua reputação. No entanto, o plano havia dado errado. E, em vez de deixá-lo com um olho roxo para que não pudesse aparecer em público por um tempo, haviam-no matado.

O pensamento fez com que se formasse um nó em seu estômago ao sentir outra onda de pesar e tristeza por seu irmão mais velho. Spencer sempre havia sido o grande homem que Preston jamais poderia ser. O homem que se sentava no Parlamento e lutava pelos direitos das mulheres, das crianças e dos animais. O bem-sucedido duque que administrava o ducado de forma tão eficaz que, em pouco tempo, havia duplicado a renda.

O irmão com quem Preston brigava todos os dias de sua existência e de quem agora sentia falta como se lhe tivessem arrancado um membro.

O olhar de Preston encontrou *lord* Beckett, que entrou no salão ao lado de Solomon Eastbourne. Pararam em uma das paredes mais afastadas de frente para todos os cavalheiros presentes na sala. Neville usava aquela ridícula peruca empoada e parecia nervoso. Preston havia notado o modo como seus joelhos tremiam em Almack's, mas naquele momento era como se tivessem ganhado vida própria. Os músculos do queixo inchado tremiam sob a pele vermelha e rechonchuda. Os ombros que em algum momento haviam sido largos estavam caídos, e a barriga arredondada sobressaía como um grande saco de farinha.

Solomon Eastbourne era um homem de uns quarenta anos com uma silhueta magra e o rosto de uma águia. Pequenos olhos escuros e afiados observavam todos e tudo ao seu redor sem sequer piscar. Sempre usava casacas com detalhes prateados e calças escuras, e a combinação criava um contraste austero e inesquecível.

Ninguém que visse Solomon Eastbourne uma vez se esquecia dele. Era um homem muito respeitado, mas ainda mais temido. Ao ter uma dívida de mais de dez mil libras com ele, *lord* Beckett poderia acabar com um destino muito pior que a morte. E isso era exatamente o que Preston buscava.

— Cavalheiros! — chamou-os Eastbourne e, apesar de não ter elevado muito a voz, todos os presentes no recinto guardaram silêncio imediatamente —. Muito obrigado. Como já sabem, hoje temos um leilão. O que se vende é a mão da filha de *lord* Beckett em matrimônio. Os ganhos arrecadados serão destinados a saldar a dívida de *lord* Beckett para com este estabelecimento.

Um rugido de satisfação se estendeu por toda a sala enquanto os homens se levantavam ansiosos e impacientes. Mais cedo, no baile, haviam podido provar a mercadoria à venda. Haviam podido dançar e falar com ela, assim como observá-la.

Preston devia conceder que a senhorita Penelope Beckett era uma jovem muito bonita. Sem dúvidas, Spencer e os outros homens estavam encantados por ela e por seu sorriso que podia iluminar todo um ambiente. E ela sorria com demasiada facilidade. Era evidente que vivia flertando.

— O leilão começa com cem libras — anunciou Eastbourne.

As ofertas teriam que subir substancialmente se Beckett esperava quitar a dívida. A soma de mil libras constituía uma boa renda anual para um par, enquanto cem mil libras era a renda que tinham os duques e os empresários industriais.

Para obter dez mil libras, Beckett ia precisar de um aristocrata rico. E Preston estava determinado a não permitir que o homem responsável pela morte de seu irmão saldasse sua dívida.

— Duzentas libras! — ofertou um cavalheiro de idade avançada.

— Trezentas! — anunciou outro.

— Mil libras! — gritou mais alguém.

Preston bebeu um gole de conhaque. Os preços estavam subindo rapidamente. Nem todos os cavalheiros tinham ido fazer uma oferta. Alguns só queriam observar o espetáculo. Muitos dos presentes tinham comparecido apenas para fazer parte dos acontecimentos e ver quem seria o afortunado ganhador da mão da senhorita Beckett em matrimônio. Como no decorrer das últimas duas semanas se havia falado do leilão em sussurros no clube, tinha-se gerado grande entusiasmo entre os membros.

Em pouco tempo, as ofertas tinham chegado a um nível que apenas poucos homens no país podiam continuar ofertando. Entre esses homens, encontrava-se Preston, mas sua oferta não seria monetária.

— Oito mil e quinhentas libras! — ofereceu o conde de Leighborough com voz estridente.

Um murmúrio percorreu a multidão.

Era um homem de uns setenta anos que já havia sobrevivido a três esposas e era evidente que tinha um grande apetite sexual, pois havia gerado dez filhos entre as três. Àquela hora, um homem dessa idade deveria estar na cama, mas seus olhos leitosos refletiam impaciência e avareza.

—Oito mil e quinhentas —repetiu Eastbourne percorrendo com o olhar calmo e afiado os rostos dos cavalheiros—. Alguém oferece nove mil?

Todos olharam ao redor sem responder.

—Ao diabo! Nove mil! —gritou o visconde de Bridgemere.

Bridgemere era um homem mais jovem conhecido por sua luxúria. Ninguém esperava que se casasse porque passava noites inteiras em farra nos bordéis. Existia a possibilidade de que estivesse infestado de sífilis. O pensamento fez com que seu queixo se tensionasse. A senhorita Beckett merecia isso: ela também tinha culpa pela morte de Spencer. Se não o

tivesse encorajado, se tivesse sido honesta com seu irmão e confessado que não tinha sentimentos por ele, Spencer teria se mantido longe dela, e *lord* Neville jamais teria enviado alguém para lhe dar uma surra. Seu irmão ainda estaria vivo.

No entanto, Preston detestava a ideia de que Penelope estivesse com o conde de Leighborough, com o visconde de Bridgemere ou com qualquer outro homem presente naquela sala.

—Nove mil —disse Eastbourne enquanto um sorriso lhe aparecia no rosto pela primeira vez—. Por todos os céus. Um pouco mais e até pode ser que o senhor obtenha algum lucro, *lord* Beckett. Alguém oferece dez mil? Ou o visconde ganhou a mão da senhorita Beckett?

Os homens olharam ao redor, e o conde voltou a levantar a mão, mas antes que pudesse dizer algo, Preston se levantou, tirou uma carta de uma pasta de couro vermelha e a ergueu bem alto no ar.

—Tenho outra coisa a ofertar —disse com calma.

Sentiu cem pares de olhos pousarem sobre ele, mas só havia um homem cuja reação queria observar: *lord* Beckett. Os olhos do barão se arregalaram enquanto olhava para o papel dobrado na mão de Preston.

Os olhos de águia de Eastbourne o estudaram com cautela.

—O que é isso?

—O testemunho jurado de alguém que foi testemunha de um acordo que *lord* Beckett fez com certo senhor B.

O barão ficou pálido.

Preston sentiu uma calorosa onda de satisfação que lhe enchia o peito. Todos sabiam que o senhor B era Thorne Blackmore, um homem famoso por sujar as mãos com trabalhos que nenhum homem de honra consideraria fazer. O testemunho era de um criado de Tyche que tinha ouvido Beckett dizer que o estava procurando para lidar com Spencer.

Beckett começou a correr em sua direção e, afastando os cavalheiros, abriu caminho entre a multidão com cotoveladas. Quando parou diante de Preston, tinha a respiração agitada, os olhos amarelos quase saltando das órbitas e uma gota de saliva que lhe tremia sobre o lábio superior. Quanto ele o detestava. Quanto o odiava. Era o assassino de seu irmão. O homem que havia pendurado o penhasco da culpa ao redor de seu pescoço para sempre, uma culpa da qual não poderia se livrar enquanto vivesse. Porque nada que fizesse devolveria Spencer.

Os olhos de Beckett estavam cravados no pedaço de papel que Preston segurava tão alto que ficava fora de seu alcance.

—De quem é? —perguntou-lhe Beckett—. O que diz? Exijo que me mostre.

—Não. Vou proteger minha testemunha.

O barão engoliu com dificuldade e assentiu.

—Certo. Posso falar em particular com o senhor, *milord*?

—Não, não pode. Quero que se comprometa agora mesmo. Em troca do meu silêncio, o senhor me dará a mão de sua filha em casamento.

Beckett fechou os olhos e tomou várias golfadas profundas de ar. Preston se regozijou no tormento do homem. Gostava de vê-lo sofrer. Sabia que a vingança lhe seria muito doce.

—Por que está fazendo isso? —perguntou Beckett. Seu rosto refletia muita desesperação quando olhou novamente para Preston.

—Porque assim o senhor não poderá casá-la com nenhum cavalheiro presente hoje aqui para obter o dinheiro que precisa. E já sabe por que não merece. Já sabe por que merece a ruína. —Preston ia tirar a última oportunidade dele de quitar a dívida com Eastbourne. Quando redigissem o contrato de casamento, ele se certificaria de que o pai de Penelope jamais recebesse nem um centavo dele. Nem um hectare de terra. Absolutamente nada.

Se Preston abrisse um caso contra Beckett, o acusaria de homicídio. E o homicídio era pago na forca, mesmo para os aristocratas. O barão não tinha dinheiro para contratar um advogado que o defendesse no tribunal, enquanto Preston tinha dinheiro de sobra para contratar os melhores advogados da Inglaterra para provar o crime que *lord* Beckett havia cometido.

O testemunho era apenas a primeira prova que ele tinha. A equipe de Preston poderia encontrar muito mais. Porque o barão era culpado.

Como para confirmar isso, o barão deixou cair a cabeça em sinal de rendição.

—De acordo —disse por fim—. A oferta do duque de Grandhampton vence.

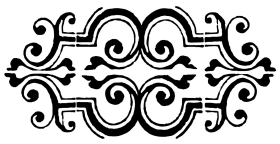
Na sala explodiram os gritos de protesto. Enquanto Preston voltava a guardar a carta na pasta de couro vermelha, Eastbourne abriu caminho entre a multidão com uma expressão de ira inusitada. Uma onda de maldade

gélida espalhou-se por todo o corpo do duque enquanto observava Beckett tentando explicar com desespero ao seu credor que não recuperaria o dinheiro naquele dia.

"Finalmente vou vingá-lo, irmão. Mesmo que minha alma arda no inferno por toda a eternidade, a sua terá sido vingada nesta terra".

O destino da senhorita Penelope Beckett acabava de ser selado, e ela nem sequer sabia disso.

CAPÍTULO 4



—Está esperando encontrar alguém em particular no parque? —perguntou Alex a Penelope enquanto desciam as escadas.

Era início da tarde do dia seguinte ao baile em Almack's, e as primas estavam prestes a sair para passear por Hyde Park com sua vizinha, *lady* Brownhill, como acompanhante.

Ao ouvir a pergunta, ela riu.

—Claro que não.

—Então, por que estamos saindo no horário das visitas? Certamente terá muitos pretendentes vindo te ver depois do sucesso de ontem à noite.

Segundo o costume da sociedade, durante a tarde seguinte a um evento como o baile da noite anterior, a norma era que os cavalheiros interessados fizessem uma visita à dama que desejavam cortejar. No entanto, receber tal atenção era exatamente o oposto do que Penelope desejava.

Não pôde evitar pensar no duque de Grandhampton e sentiu uma onda de calor e temor. O beijo... Aquele maldito beijo tinha derretido todos os seus ossos... e vinha de um homem que a detestava. Um homem que ela mesma odiava! Um homem que não conseguira tirar da mente desde que retornara do baile.

—Eu gostaria de passear —explicou Penelope, evitando o olhar da prima—. É só isso.

As escadas rangeram sob seus pés enquanto continuavam descendo pelos degraus de madeira ressecada e velha. O corrimão se moveu sob o peso da mão, mas não havia dinheiro para consertar nada. Quando chegaram ao vestíbulo, pousou o olhar na aquarela que sua mãe havia pintado retratando Hyde Park na primavera, o lugar favorito de sua mãe em

toda Londres. Seus olhos se umedeceram ao lembrar como ela havia pintado, escolhendo as cores e explicando as escolhas para Penelope. Apesar de a tinta amarela da parede com painéis de madeira sobre a qual o quadro estava pendurado estar desgastada e rachada, as cores da pintura continuavam vívidas e intensas, com a grama em um exuberante tom verde e as glicínias púrpuras que pendiam de uma pérgula no pleno despertar da natureza. A lembrança a envolveu como uma onda de dor doce.

—Mas muitos cavalheiros prestavam atenção em você —observou Alex enquanto amarrava os laços do chapéu. A cor azul-celeste pastel favorecia muito sua tez—. Tenho certeza de que receberá muitas visitas.

—Mas esse é exatamente o motivo pelo qual não quero estar em casa. Não quero que nenhum cavalheiro pense que estou interessada.

Enquanto se dirigia à porta de entrada, fez um gesto para o mordomo, Tyson, que era um homem alto e jovem de Yorkshire com cabelo fino e pálido e cílios longos e descoloridos. Como tinha pouca experiência, seu pai havia conseguido contratá-lo sem pagar muito. Tyson abriu a porta para ela e Alex e pousou o olhar em sua prima. Como os olhos do homem quase refletiam uma admiração semelhante à de um filhote, Penelope suspeitava que o mordomo estivesse encantado com Alex. E não se surpreendia. Sua prima era uma verdadeira beleza.

Penelope acabava de sair para o ar fresco de abril e começava a fechar os ganchos do casaco quando, de repente, uma sombra escureceu a luz e ela se chocou contra uma parede dura e quente. Duas mãos fortes a seguraram pelos ombros.

—Com licença... —começou a dizer, mas quando levantou o olhar as palavras morreram em seus lábios.

Era ele. O duque de Grandhampton, tão alto e bonito que seu estômago se contraiu ao sentir seus olhos escuros sobre ela. Foi assim que estiveram no dia anterior, embora ainda mais próximos. Com os braços ao redor da cintura, seu aroma nas narinas e os lábios sobre os seus. Havia sido seu primeiro beijo...

Por que tinha que ter sido esse homem?

Suas bochechas coraram ao lembrar do sonho que teve com ele na noite anterior. Havia sentido um anseio e algo mais... Tinham se beijado, se esfregado e tirado algumas peças de roupa. Apesar de não saber o que

queria, tinha certeza de que precisava tocá-lo, senti-lo pele a pele... Em todo lugar! Tinha acordado de madrugada tremendo, mas não de frio.

—Vai sair? —perguntou-lhe o duque enquanto a soltava e dava um passo para trás no pórtico. Alex seguiu Penelope e parou ao seu lado.

—Bom dia, *milord*.

O duque assentiu com a cabeça.

—Como vai? —perguntou-lhe antes de voltar a se concentrar em Penelope e queimá-la com o olhar. Penelope fixou o olhar em seus lábios e lembrou-se da boca larga e atraente sobre a sua na noite anterior, assim como o modo como a provocou, a coagiu e a acariciou...

Seu coração acelerou no peito, enquanto inflava e desinflava rapidamente. "Ah, controle-se, menina".

—Fique, senhorita Beckett. Caso contrário, perderá um importante acontecimento em sua vida.

Após dizer isso, passou à sua frente, e o aroma de louro, pimenta e doces ervas pairou no ar.

Um importante acontecimento em sua vida? Algo escuro, pesado e frio afundou em seu estômago. A verdade é que não gostava do que as palavras do duque presságiavam.

Através da porta aberta, observou o duque que entrava em sua casa e anunciava seu nome a Tyson, que assentiu com a cabeça e partiu em direção ao escritório de seu pai. Enquanto o duque aguardava no corredor escuro, virou-se e olhou-a nos olhos com uma expressão de vitória no rosto.

—O que será que ele quis dizer? —perguntou a Alex.

—Não sei —respondeu-lhe sua prima—. Vamos ficar ou ainda queres ir passear no Hyde Park? *Lady* Brownhill deve estar nos esperando.

Penelope engoliu com dificuldade enquanto Tyson retornava, dizia algo ao duque e os dois partiam para o escritório do barão. Penelope sentiu como se tivesse os pés cheios de areia.

Soltou os laços do chapéu.

—Não tenho um bom pressentimento, Alex —confessou enquanto retornava ao vestíbulo e pendurava o chapéu em um gancho na parede.

—Oh, Pen! —Alex a seguiu, e juntas avançaram em direção à porta do escritório.

Penelope ficou de pé abrindo e fechando os punhos enquanto cravava o olhar na pesada porta de mogno. O que o duque queria com seu pai e por

que mudaria seu futuro? Só de pensar nesse homem envolvendo-se em sua vida de qualquer forma, sentiu um tremor dos pés à cabeça.

—Não te preocupes, prima —aconselhou-lhe Alex, apoiando uma mão sobre seu ombro. No entanto, sua voz não tinha a confiança que havia querido transmitir—. Deve ser algo bom. E, mesmo que não seja, teu pai te protegerá.

Penelope olhou ao redor e forçou-se a sorrir. Alex sempre era muito gentil e otimista, só via o melhor nas pessoas. Penelope supunha que ela também deveria tentar. Mas havia algo no duque que lhe provocava um tremor nas mãos.

—Você tem razão. Meu pai não permitirá que o duque me faça mal.

—Mal? —repetiu Alex alarmada—. Por que ele iria querer te fazer mal?

—Eu disse isso? Só queria dizer que não conheço quais são as intenções do duque. E é evidente que ele não me acha atraente...

Mas na noite anterior ele a tinha beijado. E a tinha acusado de sempre andar flertando com todos. Talvez tivesse ido arruiná-la por completo.

—Não se preocupe, Pen. —Alex segurou sua mão e as duas ficaram de pé com o olhar fixo na porta enquanto o temor substituía seu sangue gota a gota.

No que pareceu várias horas depois, a porta se abriu e seu pai saiu com uma expressão sombria. Ele parou de repente ao ver Penelope e Alex ali de pé. Tinha olheiras escuras debaixo dos olhos que indicavam que não devia ter dormido na noite anterior. Seu queixo estava tenso, uma expressão de pesar e a boca firmemente fechada. Usava o mesmo casaco simples que havia usado no baile e ficava um pouco apertado. Vestia calças até os joelhos e meias que cobriam suas pernas, assim como uma tira de linho rígido ao redor do pescoço em vez de usar um lenço, como estava na moda naquele momento. A peruca empoada parecia um pouco inclinada sob a testa rosada e coberta de suor.

Havia ocasiões em que passavam vários dias sem que Penelope visse seu pai em casa porque ele parecia passar muitas noites nos clubes para cavalheiros e depois passava a maior parte do dia dormindo. Frequentemente, jantava no clube, de modo que ela jantava em casa sozinha. Durante esses momentos de solidão, seu único consolo era a arte.

Sua paixão se sentia como um segredo sujo que tinha que ocultar. E sabia que, se quisesse segui-la com seriedade, teria que aceitar a solidão que vinha de mãos dadas com o ato de ir contra o que se considerava apropriado para uma dama. Jamais teria um marido porque a maioria dos homens não aprovava que uma mulher tivesse uma carreira artística e, consequentemente, também não teria uma família.

Ainda assim, tinha a convicção firme de que, apesar das frequentes ausências e da desaprovação constante, seu pai a amava muito e a protegeria quando se tratasse de coisas importantes. Sabia que ele só buscava o melhor para ela porque era seu pai. E agora que haviam perdido sua mãe, só tinham um ao outro.

—Oh, Penelope —disse seu pai olhando-a com uma expressão vazia —. Venha. Você também, Alexandria.

Quando entraram no escritório de seu pai, viram o duque de pé contra as estantes de mogno vazias que poderiam ter abrigado centenas de livros. A luz do dia opaco e cinza caía sobre a escrivaninha escura sobre a qual havia apenas uma caneta, um tinteiro e uma folha de papel que parecia alguma espécie de contrato. Sobre o aparador, havia uma garrafa de conhaque pela metade e uma única taça ao lado de um vaso vazio. Quanto tempo havia passado desde que seu pai estivera ali realizando tarefas pertinentes à administração da propriedade? Ou realizando qualquer outra atividade que não fosse beber? Entre as estantes escuras, sobre a parede com o papel de parede de cor verde-menta havia um retângulo mais escuro que ficou descoberto quando tiraram a moldura que costumava pendurar ali.

Era uma pintura que sua mãe havia feito de sua casa de campo, Beckett Manor, onde Penelope havia crescido e onde tinham tido alguns dias felizes como família...

Grandhampton parecia ocupar metade do escritório com sua presença. Era alto, de ombros largos e postura orgulhosa. A luz que entrava pela janela iluminava apenas um lado de seu rosto, enquanto o outro permanecia na escuridão. Estava vestido de forma impecável: com um casaco preto de gola alta e afiada e um lenço preso de maneira tão delicada ao pescoço que não só destacava sua tez oliva, mas também as feições bem talhadas.

Como um homem tão frio, cruel e intimidante podia ser tão incrivelmente belo? Tinha os olhos cor de ônix fixos nela e refletiam a

mesma fúria gélida das profundezas que fazia com que uma gota de suor frio escorresse por sua coluna vertebral.

Seu pai fechou a porta atrás de Penelope com um golpe seco que a sobressaltou.

Grandhampton a percorreu com um brilho no olhar que a fez sentir pequena e vulnerável, como se estivesse nua diante dele apesar de todas as camadas de roupa que vestia. A camiseta, o espartilho, o vestido e o gibão.

— Gosto da aparência da futura duquesa que acabei de comprar — anunciou —. Afinal, terei que vê-la pelo resto da vida...

Penelope ficou tão chocada que soltou um suspiro quase inaudível. Alex virou a cabeça para olhá-la. Com um sorriso torto, o duque acrescentou:

— Está pronta para pagar pelos seus pecados?

— Do que o senhor está falando? — perguntou ao seu pai.

Seu pai avançou até o aparador e se serviu de uma taça de conhaque. Depois de bebê-la, respondeu.

— Você está comprometida com o duque.

"Não. Não. Não". Ele não podia estar falando sério. Não podia tê-la traído desse modo.

O chão se moveu sob seus pés. O temor que havia sentido desde que foi apresentada ao duque de Grandhampton se transformou numa tempestade tenebrosa. Era uma tempestade devastadora que destruía tudo que fazia parte de sua vida.

No fundo, havia pensado que seu pai se preocupava com ela. Que ainda estava de luto pela morte de sua mãe e precisava dar-lhe espaço para fazê-lo.

Mas casá-la sem ao menos consultá-la? Comprometê-la com esse homem terrível que a menosprezaria e humilharia pelo resto da vida?

Se sua mãe ainda estivesse viva, jamais teria permitido algo assim.

— Por que está fazendo isso, pai? — perguntou-lhe —. Por acaso contou a ele?

— Se me contou o quê?

Antes que pudesse responder, o duque arqueou uma sobrancelha.

— Beijei sua filha ontem à noite, senhor. E, não, senhorita Beckett, não contei a ele.

Seu pai franziu a testa enquanto seu lábio superior se curvava e reprimia um grunhido.

— Ele a comprometeu? — soltou —. Penelope, como você pôde? Eu tinha arranjado tudo... Bem, já não importa.

Como ela pudera? Se ela não o havia beijado. Ele a havia beijado! Mas isso não era importante naquele momento. Além disso, o que importava? Se o duque queria se casar com ela de qualquer forma... embora não pudesse entender por que ele quereria se casar com alguém que detestava tanto.

Atravessou o escritório com determinação e parou diante de seu pai.

— Então por quê? — perguntou-lhe.

— O senhor precisa ensinar alguns modos à sua filha — observou Grandhampton —. Ela deveria dizer: "É uma honra, *milord*". Vai ser a duquesa de Grandhampton, senhorita Beckett. Uma das mulheres mais ricas da Inglaterra. Não é o que sempre quis?

Desconcertada, negou com a cabeça.

— O senhor está muito enganado. Jamais...

O duque avançou até a escrivaninha e recolheu a folha de papel que estava sobre a superfície. Sob as sobrancelhas longas e baixas, os olhos pareciam escuros e eternos.

—Seu pai e eu já assinamos o contrato de casamento. Tenho uma licença especial. Nos casaremos em três dias. O bispo era um bom amigo de Spencer —acrescentou com tom sombrio.

Três dias? Era um período de tempo tão curto que era inaudito.

—Claro que toda a Inglaterra faria favores ao grandioso duque de Grandhampton, não é? —disparou com amargura.

Na sala reinou o silêncio enquanto se observavam fixamente. Ela o detestava tanto que uma ira venenosa lhe corroía as veias. Como ele ousava insultá-la para depois lhe arrebatar a vida? Todos os sonhos, todas as esperanças, todos os planos de ser independente... Tudo havia sido em vão.

E assim, mais uma vez, encontrava-se irremediavelmente sozinha. Contra seu pai, contra o duque e contra todo o mundo.

Mas em vez de latir ou falar com desdém como havia feito antes, o duque lhe disse com calma:

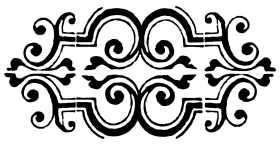
—O acordo salvará a reputação de seu pai e talvez até sua vida. Seu pai já o assinou. Ele concorda. Mas a senhora tem a última palavra, senhorita Beckett; não posso obrigá-la a dizer sim. Deve ser sua escolha.

Penelope abriu a boca e olhou para seu pai, que não desviava os olhos do chão como se estivesse prestes a chorar. O duque se dirigiu à porta e a abriu, mas antes de sair virou-se para olhá-la nos olhos.

—Tem até amanhã. Virei pela manhã para perguntar-lhe o que decidiu.

E após dizer isso, retirou-se.

CAPÍTULO 5



—COMO O SENHOR PÔDE, pai? —perguntou Penelope.

Quando o duque se retirou, ela não conseguiu esconder a fúria que cresceu e se espalhou como fogo sobre galhos secos.

—Talvez seja melhor que eu os deixe a sós —desculpou-se Alex ao mesmo tempo em que olhava para Penelope com empatia e apoio antes de sair da sala.

Quando fechou a porta atrás de si, o pai dela virou-se com a boca retorcida em uma expressão amarga.

—É culpa sua! —gritou enquanto percorria a sala agitando os braços no ar—. Você tinha que deixar que ele te beijasse? Tinha que se envolver com libertinos? Por que você tem que ser tão coquete que os homens presumem que você é um alvo fácil?

As palavras soaram como um tapa. Como ele podia pensar isso dela? Que o duque pensasse era ruim, mas o próprio pai? E acusá-la de se envolver com libertinos? Estaria se referindo também a Spencer? Ela sempre havia sido amigável e gentil, mas nada mais.

—Isso não é justo, pai! —exclamou tentando conter as lágrimas nos olhos.

Seu pai soltou um suspiro e parou de andar. Deteve-se diante da lareira, apoiou uma mão sobre o console e fixou o olhar na grade. Penelope esperava que ele se desculpasse e concordasse que não estava sendo justo.

—Há algo que você não sabe —confessou ele—. Devo muito dinheiro. Comecei a vender coisas, mas não é suficiente. Mesmo que eu venda tudo, a propriedade inteira, não será suficiente para saldar a dívida.

Penelope levou a mão à boca.

—O senhor a apostou?

—Não importa. Seu único objetivo era encontrar um excelente marido. —Olhou-a por cima do ombro—. Infelizmente, você não nasceu homem, de modo que meu título não lhe será transferido. Mas ao menos você pode ajudar seu pai e se casar com o duque.

Então quando o duque havia mencionado sobre salvar a reputação e a vida de seu pai, devia estar se referindo à dívida. A preocupação com seu pai fez seu coração se apertar. Há muito tempo ele não tinha boa aparência. O peso das dívidas não pagas devia estar corroendo-o por dentro. Penelope havia percebido a falta de fundos para novos vestidos, assim como a redução do pessoal em casa e as refeições mais simples. Mas nada disso importava. O que importava era seu pai.

—O duque vai pagar suas dívidas? —perguntou ela.

—Não. —Endireitou-se para olhá-la—. Mas seu casamento me dará algum tempo para resolver as coisas.

—Não entendo. Não é esse o motivo pelo qual o senhor me casa com ele? Para que ele lhe dê dinheiro?

Seu pai corou e afastou-se dela para examinar o contrato matrimonial que estava sobre a escrivaninha.

—Não, ele não me dará dinheiro. Mas isso não deveria preocupá-la. A única coisa que você precisa fazer é comparecer à cerimônia em três dias e dizer que o aceita como marido. Se fizer isso, salvará seu velho pai.

Salvar seu velho pai... quando ele nem mesmo queria dizer de quê! Teria que salvá-lo trancando-se em uma vida de miséria com um homem horrível e tudo por causa de dívidas de jogo.

—Ao menos pode me dizer o que ele vai fazer pelo senhor em troca de se casar comigo? —ela perguntou—. Talvez, se eu souber o que é, possamos pensar juntos e encontrar outra maneira de...

—Não há outra maneira! —exclamou tão alto que as janelas estremeceram.

Penelope sentiu um tremor de raiva. Nunca o tinha ouvido gritar.

—Bem, nesse caso, tenho que recusar a proposta —ela disse—. Esse homem me detesta e não suporto passar nem um minuto na mesma sala que ele. Não pode me obrigar a suportar uma vida inteira com alguém que desprezo. Principalmente quando posso...

Quando ela podia pintar e vender sua arte para ganhar dinheiro suficiente para ajudar seu pai. Mas ele não a deixou terminar.

—Você não pode recusar. Você é minha filha e vai fazer o que eu mandar. Em três dias, vai estar de pé diante do padre e dirá que sim.

Desesperada, ela se afastou dele.

—Não, pai. O senhor não pode me obrigar.

—Menina egoísta! —rugiu—. Renunciei a tudo por você e por sua mãe. Pela primeira vez na vida, vai fazer o que eu mando!

Talvez ela estivesse sendo um pouco egoísta. Talvez quisesse perseguir seus próprios sonhos. Com o apoio da duquesa de Ashton, poderia conhecer os artistas que admirava. A famosa artista italiana Enrica de Luca estava em Londres naquele momento. Penelope poderia aprender arte da maneira adequada. Não tentando pintar algo e corrigindo a si mesma, mas tendo uma grande artista para guiá-la.

Sua mãe lhe ensinara o essencial; era algo que lhes proporcionara muitas horas de alegria compartilhada. Além disso, sempre lhe dissera que tinha um dom estranho. Mesmo antes de sua mãe morrer de febre, Penelope havia pensado que se casaria e teria filhos. Mas depois de sua morte e das ausências de seu pai, Penelope começou a ler mais sobre arte e artistas para se conectar com sua falecida mãe, e havia lidado com as emoções mais dolorosas através da arte. No final, percebeu que era isso que queria fazer com sua vida. Que não tinha escolha a não ser pintar e que não desejava nada mais do que compartilhar suas obras com outros artistas. Mesmo que fosse uma vida solitária.

—Não! —negou com firmeza.

O único pretendente que havia tido era o duque de Woodley. Era um homem mais velho, respeitável e muito rico. Mas um dia ele deixou de visitá-la e começou a evitá-la nos bailes. Depois, ao cabo de um mês, estava comprometido e pouco depois se casou. Penelope sempre se perguntara o que o teria feito mudar de ideia em relação a ela.

Desde então, nunca mais ouvira nada sobre qualquer união potencial e, como seu pai sempre afugentava os pretendentes, sempre presumiu que ele não se interessava pelo assunto. Mas agora que lhe armara essa emboscada...

Seu pai curvou o lábio superior.

—Pois já está feito.

Não. Ela se recusava a que um homem desinteressado a passasse para outro como se fosse uma propriedade.

—Não está feito até que eu aceite —contradisse-o antes de sair do escritório.

Subiu as escadas correndo e, com a mente acelerada em busca de uma solução, de uma saída, avançou até seu quarto. Já tinha sido apresentada à duquesa de Ashton. Pediria uma audiência com ela e explicaria sua situação para pedir ajuda. Fugiria e continuaria trabalhando em suas pinturas para vendê-las com a ajuda da duquesa. Não permitiria que a prendessem em um casamento sem amor com um homem que era o próprio diabo em pessoa.



NO DIA SEGUINTE, fazia uma manhã agradável. Os pássaros cantavam do lado de fora da janela de seu quarto, que dava para o jardim dos fundos. O sol havia nascido há uma hora, por volta das seis da manhã. Os suaves raios solares se infiltravam por entre os galhos das árvores repletos de folhas novas e delicadas como renda.

Penelope fechou a bagagem de mão que estava sobre a cama e continha o papel para pintar com aquarelas, as tintas, os pincéis e suas folhas e lápis para desenhar, assim como tudo o que havia pintado até aquele momento. Em outra mala levava algumas roupas e coisas essenciais.

Passeou o olhar pelo quarto. Sua mãe não havia estado viva para acompanhá-la na temporada em que debutou na sociedade. Só tinha vivido na rua Vine, nos arredores de Mayfair, durante os últimos três anos desde que havia debutado.

Tinha muito poucas lembranças de sua mãe naquela casa. A única coisa que Penelope havia experimentado ali tinha sido solidão e rejeição. Então, por que lhe causava tanta tristeza partir, deixar para trás tudo o que conhecia e cortar os laços com seu pai e permitir que ele enfrentasse as ameaças do duque, fossem quais fossem, por conta própria?

Por que lhe entristecia tanto começar a vida com a qual sempre tinha sonhado? Escapar das garras do duque e de um casamento que nunca havia desejado?

Uma suave batida na porta a fez sobressaltar-se. Alex entrou no quarto com o gibão e o boné já postos. Tinha os olhos escuros bem abertos, e o cabelo um pouco emaranhado porque sua criada ainda não havia acordado. Mas continuava sendo bonita à sua maneira natural.

— Você está pronta? — perguntou-lhe com a respiração agitada —. A carruagem te espera na esquina.

Penelope inspirou profundamente e olhou ao redor.

— Acho que sim. Só tenho duas malas.

Alex assentiu.

— Nós nos viraremos sozinhas.

De repente, aproximou-se de Penelope e apertou suas duas mãos.

— Oh, Penelope, você tem certeza de que isso é o certo? Fugir dessa maneira?

Com os olhos cheios de lágrimas, Penelope olhou para sua prima e assentiu com certeza enquanto seu peito se apertava.

— Sim. Não permitirei que me obriguem a casar com esse homem e passar uma vida de infelicidade quando poderia ser uma verdadeira artista. Quando, com o tempo, as conexões e o trabalho duro, poderia sustentar a mim mesma e a meu pai se ao menos ele me permitisse.

Alex também ficou com os olhos cheios de lágrimas. Deu-lhe um abraço rápido.

— Oh, prima! Dê um abraço em minha mãe por mim. Te verei em breve.

— Lamento muito te deixar aqui para lidar com a ira do meu pai — sussurrou Penelope enquanto secava uma lágrima —. Por favor, diga a ele que sinto muito. Mas ele não pode me obrigar a casar. E menos ainda com esse homem detestável.

Quando se separaram, cada uma pegou uma mala e se apressaram a descer as escadas. Cruzaram a porta principal sem fazer nem o mais mínimo ruído. Tyson ainda estava ocupado com seus afazeres matinais, de modo que não se via por parte alguma. Penelope e Alex desceram a escadaria do exterior e cruzaram o pátio da frente às pressas. Com pórticos imaculados, as casas da rua Vine se estendiam em ambos os lados de sua casa.

A rua encontrava-se tranquila àquela hora, sem nenhum pedestre nem carruagem. Um lacaio varria os degraus de uma casa no final do quarteirão. No ar úmido e quente pairava o aroma fresco das folhas prestes a se abrir.

Do outro lado da rua, havia uma linha de casas de três andares com terraços, e Kiln Lane ficava no centro. O andar superior das casas sempre era mais baixo e tinha janelas menores, o que indicava que eram os quartos dos criados.

Os saltos de Penelope e Alex ressoavam contra a calçada enquanto avançavam em direção à carruagem que se encontrava na esquina, meio oculta atrás de um arbusto. O cocheiro prendeu sua pequena mala na parte traseira.

— Para onde a senhora deseja ir? — perguntou-lhe.

— Para a estalagem O cisne de dois pescoços — respondeu Penelope.

O cocheiro assentiu em resposta. Esse era o ponto de partida da carruagem do correio, na qual se reservavam alguns assentos para passageiros.

— Se nos apressarmos, chegaremos a tempo.

Penelope abraçou Alex pela última vez e subiu na carruagem. Ela deveria chegar à casa de seus tios no dia seguinte. A partir daí, pensaria no que fazer em seguida. O primeiro passo era se afastar de seu pai e de Grandhampton.

Mas antes que pudesse dar uma batida na parede da carruagem para indicar ao cocheiro que estava pronta para partir, ouviu o som de cascos e rodas sobre a rua de terra. Olhou pela janela e viu uma luxuosa carruagem de madeira negra e reluzente com o brasão de Grandhampton: dois leões com as garras estendidas e videiras que os cercavam. O veículo parou diante de sua casa e, após um instante, a porta se abriu e o duque de Grandhampton desceu. Enquanto caminhava, ajeitou o sobretudo negro, e o vento brincou com mechas de seu cabelo escuro.

Tinha os ombros caídos e o pescoço baixo, mas endireitou-se imediatamente e os ombros e as costas ficaram tão rígidos que poderiam ter formado uma parede. Avançou em direção à casa como se fosse o proprietário. Da casa e dela.

Sem dúvidas, tinha ido perguntar sobre sua decisão. Mas por que tão cedo? Nem os membros mais sofisticados da sociedade tomavam café da manhã antes das dez da manhã.

Alex, que ainda esperava vê-la partir na carruagem, virou-se e correu em direção a ele. Penelope desceu do veículo e escondeu-se atrás do arbusto

da esquina para observar como sua prima o cumprimentava e trocavam algumas palavras.

O coração de Penelope acelerou.

Essa era sua oportunidade de escapar. Tudo o que precisava fazer era retornar à carruagem, bater na parede e indicar ao cocheiro que estava pronta para partir. Mas o que o duque faria com seu pai? Ela havia declarado sua independência com liberdade e coragem demais.

E ainda desconhecia quais repercussões seus atos teriam na vida de seu pai. O duque havia dito que afetariam sua vida e sua reputação. Penelope tinha dificuldade em acreditar, mas poderia carregar a honra e a vida de seu pai em sua consciência?

Alexandria conversava com o duque tímida e nervosa. Quando o duque lhe fez uma pergunta, Penelope endireitou-se para ouvir a resposta.

—...não vai retornar — ouviu as palavras de sua prima.

O duque ficou parado. Imóvel como uma estátua. De repente, uma figura saiu pela porta principal da casa. Era seu pai e estava apenas parcialmente vestido. Era incrivelmente cedo, ou tarde, para ele. Faltava-lhe o casaco e não havia colocado a peruca.

—*Milord*... o que acontece? — perguntou-lhe seu pai.

—Sua filha partiu — disse-lhe o duque —. Parece que a resposta é não.

Alex levou as mãos ao peito enquanto Penelope prendia a respiração. Não devia presenciar aquilo. Deveria entrar na carruagem e dar ao cocheiro instruções para partir.

Em vez disso, observou hipnotizada como seu pai deixava cair a cabeça, curvava os ombros e estendia as mãos ao duque. Como um bebê, chorou agarrando-se às mãos do duque.

Não. Ao ver seu pai assim, que em sua mente poderia esquartejar um dragão por ela, seu coração partiu-se em dois. Jamais o tinha visto suplicar daquele modo. Devia escolher entre a ruína de seu pai ou uma vida de infelicidade.

Tinha estado tão perto de alcançar a liberdade. Havia empacotado seus pertences, contratado uma carruagem e poderia ter chegado ao serviço de entregas para fugir e fazer o que mais gostava...

Mas seu pai... seu pobre pai. Não tinha mais ninguém. Ele precisava dela. Talvez não seria uma artista e se prenderia num casamento cheio de

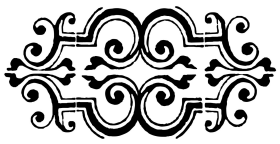
ressentimento, mas ao menos teria a consciência limpa e poderia ajudar seu pai a evitar a destruição. Afinal, era sua única filha e não podia suportar abandoná-lo. Mesmo que isso lhe custasse sua própria felicidade.

Enquanto o centro do seu ser congelava, tomou o caminho em direção ao duque, Alex e seu pai. Os saltos ressoavam sobre a calçada enquanto caminhava. Os três ergueram o olhar para ela atônitos, e o peito de Penelope se rasgou de tristeza pela vida que nunca teria. Mas engoliu as lágrimas e a tristeza para que ninguém as visse. Teria que ser forte e corajosa por seu pai.

—O senhor queria minha decisão, *milord* — disse-lhe olhando nos olhos escuros —. O senhor vence. Eu me casarei com o senhor.

Depois de dizer isso, desviou o olhar e voltou para a carruagem para recuperar a bagagem enquanto sentimentos de temor e tristeza se desencadeavam em seu interior ao compreender que a vida que conhecia havia acabado.

CAPÍTULO 6



DOIS DIAS DEPOIS, entraram no pátio de Chalworth Place, que era a tradicional residência londrina do duque de Grandhampton. Penelope desceu do veículo atrás de seu pai e de Alex.

Apoiou os pés sobre as pedras do calçamento e estremeceu por dentro. Apesar de ser um dia quente de primavera, não tinha deixado de tremer desde a manhã. Chalworth Place a cercava pelos quatro lados e se fechava sobre ela como a Torre de Londres. Situada no centro de Mayfair, a mansão de três andares parecia antiga, construída com tijolos marrons e arcos góticos de pedras enegrecidas que começavam a desmoronar.

A mansão tinha várias janelas de painéis escuros. Entre elas, havia grotescas cabeças de leões e dragões, e querubins esculpidos sobre mísulas de pedra. Através da entrada em forma de arco por onde a carruagem havia chegado, podia ver uma rua de Londres iluminada pelo sol e uma macieira rosada e florida entre os arbustos de verde intenso com folhas jovens que reluziam ao sol. Parecia que a cidade havia se transformado da noite para o dia de uma natureza nua e escassa para uma paisagem verde e frondosa que enchia o ar com o cheiro de folhas novas e flores delicadas.

Nas ruas, ouviam-se os cantos dos pássaros. As pessoas sorriam mais com a chegada da primavera e ansiavam por usar roupas e sapatos mais leves, sair para passear com mais frequência e começar a temporada.

Naquele momento, Londres cheirava a esperança renovada.

Exceto que para Penelope não havia nenhuma esperança de nada. Muito pelo contrário, ela havia deixado essa esperança linda no escuro arco de entrada. Diante dela encontrava-se a mansão onde a vida que conhecia acabaria para sempre.

Seu pai cravou o olhar vazio nas portas grandes e caminhou em direção a elas sem esperá-la. Penelope pensou que ele poderia oferecer-lhe um braço de apoio, dizer alguma palavra de encorajamento ou ao menos agradecer-lhe por fazer isso por ele. Mas tudo o que ele lhe ofereceu foi a visão dos ombros curvados sob a peruca empoada.

Sua querida prima lhe ofereceu um sorriso de simpatia enquanto segurava sua mão e a envolvia pelo cotovelo. Juntas, caminharam atrás de seu pai.

O mordomo abriu a porta e eles entraram. No interior, pilares de pedra grossos e estriados com flores de lis entalhadas flanqueavam o vestíbulo da entrada e se erguiam em direção a um teto alto e abobadado. Quando os raios de sol iluminaram as duas janelas de ambos os lados da porta que pareciam negras do exterior, os painéis de cristal adquiriram intensos tons azuis, amarelos, vermelhos e púrpuras. Um mostrava uma cena de caça enquanto o outro retratava uma batalha medieval. Penelope ficou sem fôlego ao observar o jogo de cores refletidas sobre a pedra branca do vestíbulo.

Após pararem sobre um tapete vermelho, caminharam em direção ao grande saguão onde havia uma escadaria gigante que conduzia aos dois andares superiores. Na parede atrás da escada, pendia um brasão de armas de grandes proporções entre duas fileiras de vitrais.

Painéis de madeira escura revestiam as paredes e tinham motivos medievais de damas, cavaleiros, camponeses, caçadas e batalhas que pareciam saídos do livro de um monge.

Sobre um aparador com entalhes requintados rodeado de cadeiras ornamentadas e banhadas em ouro, havia jarros chineses e bustos de mármore.

Das paredes do vestíbulo, os rostos de importantes homens e mulheres retratados em quadros com tantos séculos de antiguidade que quase pareciam brancos em contraste com o fundo preto a observavam. O trabalho dos artistas era requintado e, apesar da situação atual, sentiu o impulso de parar para estudar os detalhes.

Deviam ser as antigas gerações de duques e duquesas de Grandhampton. Penelope iria se casar com o décimo segundo duque de Grandhampton. E, no entanto, ela não queria nada daquela grandeza nem dessas riquezas.

Apesar de seu pai ser um barão, suas posses eram muito menores que as do duque. Aquele era um mundo muito diferente do seu e ela não tinha dúvidas de que nada voltaria a ser o mesmo para ela.

Quando entraram no salão de baile, ela viu seu futuro marido e vários membros da família em pé no outro extremo do ambiente, ao lado do vigário. Diferentemente dos outros cômodos, esse estava mais iluminado, tinha janelas de painéis claros que permitiam a entrada da luz e paredes de cor cinza claro. Vários pilares davam suporte a vigas de madeira de mogno que estavam dispostas em forma de retângulos sobre o teto entalhado.

Os saltos baixos de Penelope retiniam contra o parquê. Sentia o peito vazio. Toda a casa, apesar das obras de arte, da arquitetura e dos inegáveis séculos de história, parecia desolada. Como se fosse parte de um cenário. Parecia vazia e fria e cheirava a poeira, embora Penelope estivesse certa de que contavam com um grande contingente de criados que se ocupavam da manutenção. Não parecia um lar.

Quando o olhar escuro do duque recaiu sobre ela, seu estômago deu uma volta. Sentiu-se nua, apesar de estar usando um traje de cor *bege*, com uma saia pesada que se enredava entre suas pernas à medida que caminhava.

Várias lágrimas lhe nublavam a vista. Eram inúteis lágrimas de raiva que não lhe permitiam ver quem eram os convidados pelos quais passava.

O vigário falou sem parar, mas Penelope não lhe prestou atenção até que ele fez a pergunta que mudaria sua vida para sempre. De pé ao seu lado, o duque vestia um traje de casaca preta e calças da mesma cor. A simples presença dele ao seu lado queimava-lhe a pele através das roupas.

—Sim, aceito —disse ele com um tom de voz que ecoou como um rosnado em seus ossos.

—Sim, aceito —disse ela também sem reconhecer a própria voz.

E então ele colocou o anel em seu dedo com suas grandes mãos masculinas e abrasadoras. Quando foi a vez dela, introduziu o anel com toda a força que tinha e ergueu a cabeça para encontrar um olhar divertido.

Sentiu a pena fria e dura na mão ao assinar o registro da igreja. A assinatura dela ficou trêmula, enquanto a de seu marido tinha bordas e linhas tão marcadas quanto ele mesmo.

Assim a transação foi finalizada e estavam casados. Os convidados se aproximaram para felicitá-los.

A duquesa viúva de Grandhampton sorriu-lhe com compaixão.

—Felicitações, querida —disse-lhe—, e seja bem-vinda à família. Fico muito feliz em ter uma nova neta.

Em seguida, aproximou-se um homem que se parecia com Spencer e Preston, mas com cabelos de mogno e uma expressão mais suave e agradável que a do marido de Penelope. Chamava-se Richard e era seu novo cunhado.

—Felicitações, irmão —disse apertando a mão de seu marido—. Desejo a vocês muitos anos de felicidade. —Voltou-se para Penelope e assentiu com a cabeça. Tinha olhos azul-celeste calorosos—. Se ele lhe der problemas, não hesite em me chamar.

Penelope sorriu-lhe com cortesia. Certamente, ele não falava sério.

—Agradeço-lhe muito, *lord* Richard.

Seu cunhado seguiu andando, e uma mulher alta com uma abundante cabeleira cor de mogno e intensos olhos azul-celeste se aproximou.

—Por favor, me chame de Calliope —disse-lhe com um sorriso gentil —. Estou muito feliz por finalmente ter uma irmã.

Oh, era sua nova cunhada. O coração de Penelope encheu-se de calor. Toda a família de seu marido, incluindo o falecido Spencer, era mais amável com ela do que o homem com quem havia se casado.

Em seguida, aproximaram-se o duque de Loxchester, Sebastian, com sua esposa, Emma. Era um homem muito atraente de cabelos loiros e a cumprimentou com alegria. A duquesa de Loxchester era uma mulher bonita de cabelos castanhos e um sorriso que iluminava todo o ambiente.

—Por favor, me chame de Emma —pediu a duquesa—. Meu marido e o seu são melhores amigos, e eu gostaria muito que nós também pudéssemos ser amigas. Por favor, venha me visitar quando quiser. Podemos tomar chá, passear pelos jardins de Vauxhall ou fazer o que você preferir.

—Obrigada —respondeu Penelope com um sorriso genuíno pela primeira vez em vários dias—. Eu adoraria!

Seu pai e Alex foram os últimos dois convidados a se aproximar. Alex os felicitou de todo coração, mas seu pai limitou-se a apertar a mão do duque e balbuciar algo para ela com um sorriso amargo estampado no rosto.

—Bem, querida —disse-lhe seu pai enquanto passeava o olhar pelo salão—, pode se regozijar com as riquezas. Ao menos você não terá que

enfrentar meu destino de homem pobre que perdeu tudo.

Penelope sentiu o olhar pesado de seu marido sobre ela. O mordomo convidou a todos para o salão de jantar para o café da manhã de núpcias, e seu pai e os demais se apressaram a segui-lo. Penelope ergueu o olhar ao duque e o encarou nos olhos escuros.

—Vê o que o senhor faz ao meu pai, Grandhampton? Não exagero ao dizer que é a pior pessoa que já conheci.

Com essas palavras, deixou-o sem fala e atravessou o elegante salão de baile. Os revestimentos dourados dos castiçais e dos lustres do teto, assim como os das cadeiras e das molduras das pinturas e ornamentos cintilaram à sua passagem. Essa era a gaiola de ouro na qual passaria o resto da vida.

O salão de jantar era tão grande que cabiam cem convidados em uma única mesa alongada que se encontrava no centro do aposento. Era de madeira de mogno e de uma cor tão escura que parecia azeviche. Ao longo da superfície, havia alguns candelabros ornamentados com revestimentos dourados em meio a arranjos florais brancos com variedades de eléboros, ranúnculos e anêmonas. A mesa estava preparada para nove comensais.

A mesa com o bufê encontrava-se contra uma janela e continha uma bela e requintada seleção de alimentos: fatias de presunto, bacon, cortes de carne assada, peitos de pato glaceados com mel, salmão defumado, bacalhau frito, omeletes, cinco variedades de geleias e uma bandeja de frutas que incluía maçãs, laranjas, pêssegos e cerejas. Penelope supôs que as maçãs deviam ter sido armazenadas durante o inverno, mas não conseguia imaginar de onde teriam vindo as laranjas, as cerejas e os pêssegos em pleno abril. Por fim, presumiu que deviam tê-las importado de alguma parte do sul porque nada seria caro demais para o duque de Grandhampton.

O bolo de casamento encontrava-se na mesa de jantar, entre as flores, e consistia em um retângulo longo com glacê branco coberto com açúcar de confeiteiro. Contra as paredes, havia quatro lacaios e o mordomo. Todos usavam librés vermelhas e douradas.

Enquanto continuava percorrendo o aposento com o olhar, deteve-se em uma pintura que a deixou completamente sem fôlego. Era a obra intitulada *Naufrágio*, de William Turner. Ela e Spencer a haviam visto durante um sarau de poesia. Spencer a havia retirado sorrateiramente da sala de estar durante uma leitura e a conduzido à biblioteca. Uma vez lá,

havia acendido uma lâmpada a gás, e Penelope recordou a sensação de perigo e falta de decoro ao encontrar-se a sós com Spencer. No entanto, confiava nele.

Haviam ficado lado a lado contemplando a pintura. O mar furioso parecia negro contra o céu tempestuoso e a vela esfarrapada e o casco quebrado do grande navio. Em primeiro plano, de três botes, os marinheiros desesperados lutavam contra os elementos entre a espuma branca e verde das ondas impiedosas.

Lembrou-se de que Spencer lhe perguntou:

—O que a senhorita vê aqui, senhorita Beckett?

Ela havia ficado tão impressionada com a habilidade do pintor, que não chegara a compreender a singularidade de sua voz. Tudo o que via eram as pinceladas perfeitas, o contraste da tinta branca contra a escura, assim como a composição cativante que não lhe permitia desviar o olhar.

—Vejo um mestre —disse—. E espero ser digna dele algum dia.

—Oh —respondeu Spencer com um tom intrigado e assombrado.

—O que o senhor vê? —perguntou-lhe.

—Vejo morte.

O que aquela pintura poderia estar fazendo ali? E por que Spencer teria comprado algo que para ele remetia à morte? Isso havia sido durante um dos últimos eventos da temporada no ano anterior, várias semanas antes de ficar sabendo de sua morte.

E agora ela se encontrava ali. Casada com seu irmão.

Enquanto os convidados enchiam seus pratos, a duquesa viúva e Richard se aproximaram para conversar com Penelope.

—Fico feliz que meu Preston tenha encontrado alguém como você —disse a duquesa—. E você, Richard?

—Sim, eu também —respondeu *lord* Richard, e pequenas rugas se formaram nos cantos dos seus olhos ao sorrir. Com o olhar, seguiu seu irmão enquanto Preston entrava na sala com o pessimismo de uma tempestade.

—Ele ficou tão abalado com a morte de Spencer —continuou a duquesa—, mas agora não estará sozinho. Terá você para amá-lo.

Penelope teve que suprimir um gemido. Amá-lo? Seria impossível amar um homem como ele.

—Oh, não me olhe assim —disse-lhe a idosa com suavidade—. Já sei que ainda não o ama, e que ele continua muito ferido. Mas a senhora não o conhece como nós o conhecemos. Por favor, dê-lhe tempo. Verá o verdadeiro homem por trás desses olhares sombrios e esse exterior tão duro. Sei que o verá, mesmo que ainda não possa. Desejo muita felicidade aos dois.

Richard assentiu com a cabeça e riu.

—Não deixe que meu irmão a assuste. Sei que ele pode ser intimidador, mas no fundo é mais macio e terno que um gatinho. É a pessoa mais leal que a senhora vai conhecer. Morreria com gosto pelas pessoas que ama.

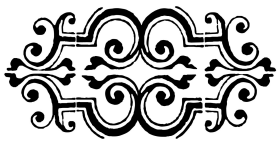
Penelope franziu a testa enquanto estudava as costas eretas do duque enquanto ele se servia de uma omelete.

—É difícil acreditar que estamos falando do mesmo homem —disse por fim.

—Eu sei, querida —confessou a duquesa—. Dê-lhe tempo. E se em algum momento precisar da minha ajuda ou de um ouvido que a escute, minhas portas estão sempre abertas.

Penelope assentiu com a cabeça e sorriu agradecida. Estava certa de que iria ter que visitar a duquesa em mais de uma oportunidade.

CAPÍTULO 7



POR TODOS OS CÉUS, sua esposa estava de pé diante da janela com as costas voltadas para ele e o olhar fixo no pátio por onde os convidados partiam, e estava encantadora.

A sós com ela na sala de jantar, Preston observou como os pequenos seios subiam e desciam com as baforadas curtas de ar que ela tomava, restringidos pelo corpete do vestido.

Diabos, não deveria estar olhando para os seios dela. Mas também não pôde evitar notar os belos e translúcidos olhos cinza-azulados iluminados pela luz do sol que entrava pela janela. Ou o modo como os raios de sol iluminavam mechas douradas de seu cabelo e lhe davam tons de bronze e prata.

Que o condenassem ao inferno, por que ela tinha que ser tão bela? E agora o que faria? Ela era sua. Era a última possessão do homem responsável pela morte de Spencer e a mais preciosa. Mas conseguir vingança e se casar com *lady* Penelope não havia mudado o passado nem salvado Spencer. Sem mencionar que havia se amarrado para sempre à filha de seu inimigo.

Mais cedo, Preston a havia visto estudando as pinturas nas paredes, os bustos e outras decorações, e se perguntou se ela estaria estimando a riqueza que tinha agora que havia se casado.

A verdade é que isso não o surpreenderia. Agora ela podia desfrutar da vida opulenta que tanto havia desejado. Essa jovem mulher, que batia os cílios e tinha lábios em formato de morango que imploravam para ser beijados, havia iludido seu irmão como ninguém mais. Preston não havia ouvido suas conversas, mas conhecia muitas mulheres como ela. Tinha

visto as damas que faziam esses jogos. *Lady* Penelope era atraente e havia se feito de inocente e honrada para conquistar Spencer e fazê-lo desejar mais.

Era tão responsável pela morte de seu irmão quanto seu pai. Tanto quanto ele mesmo... Esse pensamento lhe deixou um gosto amargo na boca.

Portanto, só havia mais uma coisa que precisava fazer. Levantou-se e afastou-se da mesa de café da manhã para parar ao lado dela e observar a partida dos convidados. Através do vidro antigo, viu as figuras borradas de sua avó, de Calliope e de Richard que subiam em uma carruagem e as da senhorita Alexandria Beckett e *lord* Beckett que subiam em outra. Enquanto a carruagem de Sebastian e Emma já havia partido.

Por um momento, perguntou-se se Penelope se sentia sozinha agora que sua família havia partido e ela se encontrava a sós com ele. Por sua parte, Preston se sentia sozinho todos os dias de sua vida.

Mas como era possível sentir-se sozinho com uma família tão alegre e amigável como a sua? Com pais que se haviam amado muito e que haviam amado seus filhos, e uma avó que os mimava até não poder mais.

Apesar de tudo, era o único dos irmãos Seaton que não havia passado toda sua infância na residência dos Grandhampton. Havia decepcionado tanto seus pais com seu comportamento rebelde e imprudente e sua rivalidade superficial com Spencer que eles haviam se visto obrigados a castigá-lo porque temiam que, caso contrário, jamais mudaria.

De modo que em vez de receber a educação de um tutor na residência de Grandhampton Court, havia passado a maior parte de sua infância em um internato perto de Eilean Donan, nas Terras Altas da Escócia. Era um lugar frio, escuro e miserável.

Mas o pior havia sido saber que era tão ruim, tão pouco digno de afeto, que havia sido o único dos irmãos que fora mandado para longe. E por mais que estivesse rodeado de gente, sempre havia se sentido sozinho.

Como reserva de um herdeiro, deixava a desejar. Especialmente agora que tinha que passar tanto tempo nesse templo que era o lar do duque e da duquesa de Grandhampton. A cada dia de sua vida, sentia com mais clareza que Spencer pertencia ali e ele não.

Se Penelope sentisse algo remotamente similar a esse isolamento, sentia pena por ela, mas apressou-se a afastar esse pensamento. Apesar de

que pudesse se sentir sozinha, ela merecia. Não deveria se preocupar nem um pouco com suas emoções.

—Agora você é uma duquesa —disse com o tom de alguém que acabara de engolir pedregulhos—. Espero que cumpra com seus deveres. Você entende quais são?

Penelope assentiu com a cabeça e ergueu o queixo orgulhosa.

—Sei o que se espera de mim. Sou a filha de um barão. Minha mãe me ensinou tudo.

A voz dela quebrou ao dizer o último, como se por trás dessas palavras houvesse muita dor. Preston percebeu que a mãe dela não havia estado presente naquele dia.

Sentiu uma pontada de dor por não ter podido ver seus próprios pais nem Spencer ali nesse dia. Sua mãe havia morrido há seis anos de febre e pneumonia, assim como muitas pessoas naquele ano. Seu pai havia adorado sua esposa. Havia sido um homem de honra, e sua mãe, a filha de uma marquesa espanhola com laços de sangue com a dinastia Habsburgo, havia enchido seu mundo de luz e alegria. Após sua morte, a saúde de seu pai começou a declinar rapidamente, como se tivesse desistido da vida. Seu pai morreu após um ano de uma apoplexia. Um dia estava vivo. No seguinte, entrou em paralisia, e na noite seguinte já não se encontrava com eles.

Preston suprimiu uma onda de tristeza. Teria sido assim a vida dela também após perder sua mãe? Não, não deveria importar-se. Não deveria prestar atenção à dor e às feridas que sua voz refletia ou se ela gostava da situação em que se encontrava ou de seu próprio marido. Apesar de sua determinação, não pôde evitar perguntar-lhe:

—Sua mãe faleceu, não é verdade?

Antes de responder, assentiu com a cabeça

—Há seis anos.

—A minha também —disse com a voz baixa e algo rouca.

—Lamento ouvir isso —disse sem nenhum indício de animosidade—. O que aconteceu com ela?

—Faleceu durante a epidemia de febre que devastou o país —respondeu enquanto sua mente se enchia de lembranças da última noite em que seu pai, seus três irmãos e ele se sentaram em sua cama pela única vez unidos diante do maior temor de todas as suas vidas—. Spencer e Richard também adoeceram, mas sobreviveram.

Os olhos de sua esposa estavam abertos de par em par e umedecidos.

—Minha mãe também morreu durante essa epidemia. Eu me contaminei e não estive com ela quando faleceu.

Olharam-se nos olhos e, durante um instante, foram apenas duas pessoas unidas pela mesma dor.

Logo franziu a testa ao lembrar que o pai de Penelope havia começado a apostar fortemente há seis anos. Sentiu uma pontada de arrependimento. Sabia que a tristeza podia levar um homem a agir precipitadamente. Só precisava ver o que ele mesmo havia feito: acabara de prender a si mesmo e a ela em um casamento pelo resto de suas vidas.

Ela deveria ter sido de Spencer. Esse pensamento o atingiu com uma onda de culpa, mas imediatamente lembrou que ela também era responsável pela morte dele. Deveria sempre ter em mente esses dois fatos.

—Se sua mãe lhe ensinou tudo, não preciso dizer que a vida de uma duquesa implica planejar bailes luxuosos, jantares e festas, além de apoiar organizações de caridade e patrocinar músicos. A sociedade espera que você tenha os melhores vestidos, sapatos, joias, luvas e chapéus. Estará muito ocupada cuidando de sua aparência, e isso poderia causar-lhe muito estresse enquanto tenta viver à altura do seu título. Ter o maior status social não implica apenas riquezas e um estilo de vida glamoroso. —Fez um gesto ao redor da sala—. Também significa que as expectativas são maiores. E deve estar preparada para o escrutínio e as críticas dos amargurados e dos invejosos.

Penelope negou com a cabeça.

—Eu não pedi nada disso.

Isso lhe pareceu estranho. Apesar dos desafios, não havia dúvidas de que uma caçadora de fortunas se regozijaria com a abundância de recursos disponíveis para fazer compras e se mimar com as últimas tendências da moda e joias. E agora não só tinha riquezas, mas também uma elevada posição social. Era uma duquesa, e isso era o mais próximo que se podia chegar da realeza na Inglaterra. Finalmente podia tirar a máscara de inocência...

—Isso temos em comum, *milady*. Eu tampouco pedi para ser duque. Spencer tinha que cumprir este papel.

Se olharam nos olhos. O nome de Spencer era como uma corda que os conectava. Seria tristeza o que via no rosto dela?

Bem, não importava. Virou-se. Devia terminar de explicar-lhe tudo e encerrar essa conversa antes que começasse a ceder àquele estranho desejo de saber mais sobre ela.

—Há certas regras que a senhora deve obedecer —disse-lhe olhando para as imagens borradas das carruagens que começavam a partir do pátio.

—Como disse?

Virou-se para olhá-la. Era melhor assim, com a ruga que se formava em seu belo cenho, as narinas dilatadas e a tensão no lábio superior que a fazia querer curvá-lo em uma careta irritada.

—A senhora é minha esposa —disse-lhe—. Há regras que deve obedecer.

Isso a fez arquear uma sobrancelha e olhá-lo mantendo a compostura. O único sinal de irritação era o peito que subia e descia acelerado novamente.

Como não disse nada, Preston avançou até a mesa e sentiu os olhos dela sobre si.

—A primeira regra —começou—, como duquesa precisará de um orçamento para roupas novas e outros elementos femininos. Terá todo o dinheiro que desejar.

—Essa é a regra? Fazer-me comprar vestidos, acessórios e afins? —Quando cruzou os braços, o peito se inflou.

—Não —respondeu tentando manter o olhar afastado dos seios dela—. A regra é que não dará nem um centavo ao seu pai.

Ela colocou as mãos na cintura.

—Está falando sério? Meu pai está em apuros!

—Eu já sei. E esse é o ponto. Não quero que o ajude. Como é minha esposa, deve me obedecer.

Isso fez com que ela o fulminasse com o olhar.

—E caso contrário?

Por todos os céus, por que ela tinha que ser tão linda quando estava irritada e suas bochechas ficavam coradas, seus lábios se tingiam de vermelho e seus olhos cintilavam com intensidade?

Ao vê-la assim, tão bela... tão sua... fez com que algo se acendesse em seu sangue.

Aproximou-se dela lentamente e a encurralou contra a janela alta.

—Caso contrário, vou puni-la. Se me obedecer, não apenas proverei por você, mas também satisfarei qualquer necessidade que tenha —garantiu-lhe, imaginando-se tirando seu vestido, soltando os laços do espartilho para descê-lo pelo corpo e rasgar a camisola que sem dúvida usava por baixo—. Qualquer necessidade —repetiu enquanto erguia o olhar para encontrar o dela.

Os olhos de Penelope escureceram. Já não pareciam entre azul-celeste e cinza, mas se tornaram da cor do mar tempestuoso. Preston gostou de notar isso. Também pôde ver como suas bochechas e pescoço ficaram ruborizados, e isso lhe pareceu ainda melhor. Ela cheirava a baunilha, laranja doce e maçã... e a algo próprio dela que para ele era o mais irresistível de tudo.

—Mas se me desobedecer —continuou, percorrendo sua bochecha com os nós dos dedos—, serei obrigado a puni-la.

Seus lábios se separaram e ela soltou um suspiro inaudível. Preston a imaginou sobre seu joelho, com o delicioso traseiro à mostra para que fizesse o que bem entendesse... fosse dar-lhe palmadas até que ficasse rosado e ela se retorcesse de prazer... apertá-lo... mordê-lo... As possibilidades eram tantas que seu membro enrijeceu.

—E a segunda regra, duquesa —prosseguiu sem parar de acariciar sua bochecha com os nós dos dedos. Por todos os céus, como ela conseguia ter a pele tão macia? —Se você ousar fugir novamente, garantirei que seu pai fique na ruína não apenas financeira, mas também perderá o título, a honra e, talvez, até a vida. Embora, lhe asseguro, que a vida não serei eu quem tirará.

Os sentimentos de pena por Spencer e de culpa pela morte de seu irmão o invadiram como uma onda escura e amarga. Como não queria se afogar nela, prosseguiu.

—E, quanto à última regra, você tem uma semana. Não a visitarei esta noite. Não tenho o hábito de me aproveitar de mulheres aflitas. Mas em uma semana, espero que cumpra seus deveres matrimoniais. Você me dará dois filhos, um herdeiro e um reserva.

Com uma satisfação sombria, observou como seus olhos se arregalavam, suas bochechas coravam e seus lábios se entreabriram. Oh, aqueles lábios... A lembrança do beijo o havia enlouquecido todas as noites.

Ansiava por senti-los novamente macios, exuberantes e tenros contra os seus.

Pigarreou, desviou o olhar de sua boca e voltou a olhar para os olhos que o fuzilavam.

—Está surpresa? Certamente você esperava isso. Afinal de contas, somos marido e mulher.

—Não... É só que... Eu...

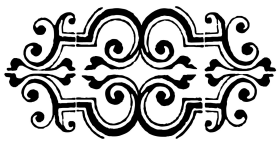
Ela não continuou, e ele podia jurar que estava envergonhada. Mas envergonhada quando ela passava o tempo flertando com todos... e com certeza tinha mais experiência do que qualquer jovem dama deveria ter?

Deixou de lado qualquer dúvida sobre a opinião que já tinha dela. Se permitisse que ela o seduzisse e o amolecesse, descarrilaria seu plano. Não podia se permitir sentir nada por sua esposa. Nada absolutamente.

Com esse pensamento em mente, engoliu com dificuldade e avançou até a porta.

—Você tem uma semana para se acostumar com a ideia —lembrou-lhe por cima do ombro sem sequer olhá-la—. Recomendo que o faça.

CAPÍTULO 8



—PARTO amanhã com a carruagem do correio —anunciou Alex enquanto apoiava a xícara de chá sobre o pires.

Era o segundo dia de Penelope como duquesa de Grandhampton, o segundo dia vivendo em Chalworth Place, seu novo lar. No entanto, não se sentia como um lar, muito menos após o anúncio de Alex.

—Você tem que partir tão cedo? —perguntou Penelope.

Algo tremeu e estremeceu em seu peito. Sentir-se-ia irremediavelmente sozinha ali. Viveria com um marido cruel e insensível a quem não tinha visto desde o casamento naquela mansão velha e fria que, apesar de ter muitos objetos, parecia vazia.

Alex inclinou a cabeça e sorriu para ela.

—Teu pai não pode me acompanhar por todo lado. E agora estás casada, então tu também não podes.

—Claro que posso! —protestou Penelope—. Isso é justamente o que posso fazer: ajudar-te a ter mais apresentações, levar-te a bailes... e garantir que aproveites tua primeira temporada em Londres.

Alex se esticou até o canto da mesa de chá.

—Oh, querida —disse-lhe com os olhos escuros cintilando com empatia—. Eu adoraria, mas não posso. Só vim a Londres para ver-te, mas agora vais estar muito ocupada, e eu seria apenas um problema quando deverias estar passando tempo com teu marido e te adaptando à tua nova vida.

—Mas...

Mas sentir-se-ia muito sozinha sem Alex. Seu pai não era bem-vindo por seu marido, e Alex era a única família que tinha em Londres. Não tinha

verdadeiros amigos, ninguém a conhecia tão bem quanto sua prima... ou como Spencer a tinha conhecido. Não tinha ninguém com quem falar de seus sonhos e do que guardava em seu interior.

O coração de Penelope pesava de tristeza e temor, mas recusou-se a permitir que esses sentimentos a consumissem. Apesar da desilusão devastadora de ter todos os seus sonhos despedaçados e da fúria que sentia pelo homem responsável, estava determinada a seguir em frente e viver sua vida da melhor maneira possível.

—Tu tens razão, minha querida Alex —disse-lhe e forçou-se a sorrir apesar da imagem de Alex ter ficado turva quando seus olhos se encheram de lágrimas—. Deves voltar para casa. Teus pais devem estar sentindo tua falta.

—Com certeza estão —respondeu Alex—. Além disso, os salões de baile, os cavalheiros galantes e os segredos e intrigas de Londres não são para mim. Sou uma garota do campo. Sinto falta de passear pelo campo, explorar a floresta e aproveitar o jardim.

Penelope assentiu com a cabeça porque a entendia apesar da tristeza.

—Manda minhas lembranças aos meus tios, por favor.

—Claro. E, por favor, vem me visitar logo, combinado?

—Não antes que te mande buscar porque estarei triste e sentirei falta da tua companhia.

—Quando me chamares, virei —prometeu.

Penelope não disse que desejava que poupasse tempo às duas e se mudasse para aquela casa naquele mesmo instante. Ter uma amiga por perto a faria sentir muito mais corajosa, mas não podia ser tão egoísta e pedir isso quando era evidente que não era o que ela desejava. Por isso, quando Alex terminou o chá, despediram-se. As últimas palavras que lhe disse foram:

— Por favor, não deixe de pintar. Você tem um grande talento e eu gostaria de ver suas pinturas penduradas nos melhores estabelecimentos e lares do país.

Depois de dizer isso, foi embora, e Penelope ficou completamente sozinha na enorme casa escura que se sentia como um sepulcro.

Naquela noite, uma batida insistente à porta a fez sobressaltar-se. Sua mão disparou e pintou uma mancha verde escura sobre a linha de árvores que estivera traçando com extremo cuidado com as aquarelas. A mancha

ficou no pior lugar possível, onde queria criar um grande contraste de luz solar intensa e a sombra projetada por um bosque de pinheiros. Diabos!

Ela deu uma olhada no relógio. Eram quase nove e meia; o duque devia estar jantando. Sabia que ele esperava que ela se juntasse a ele, mas havia dito que não estava se sentindo bem. Passar um jantar inteiro em sua presença era mais do que podia suportar.

A batida se repetiu, mas desta vez foi mais forte e mais urgente. Penelope baixou o pincel, levantou-se da cadeira e afastou-se do cavalete para virar-se e limpar as mãos cobertas de tinta no vestido, ato do qual se arrependeu imediatamente. Se seu coração não estivesse batendo descontroladamente, jamais teria feito algo semelhante. Baixou o olhar para ver as manchas azuis sobre o vestido de cor creme. Sobre a requintada escrivaninha de mogno tinha um trapo de musselina para esse mesmo propósito.

A porta se abriu, e o duque entrou com as narinas dilatadas. Penelope deu um passo para trás para tentar em vão cobrir a pintura e os materiais, como quando seu pai havia entrado do mesmo modo em seu quarto.

O duque a percorreu com o olhar e, em seguida, concentrou-se nos materiais de arte. Depois piscou.

— É verdade que você pinta — murmurou enquanto o olhar se concentrava no quadro às costas de Penelope.

Nervosa, engoliu com dificuldade. Será que ele a repreenderia como seu pai? Encontraria outro motivo para julgá-la? Ou a proibiria de voltar a pintar e jogaria tudo no lixo?

— Claro que é verdade — disse-lhe com as mãos cobertas de suor e agarrando as saias.

— É que em Almack's seu pai disse...

Ela soltou um bufo.

— Eu sei. Ele disse que não sou uma artista e que não perco tempo com bobagens. Proibiu-me de pintar há muitos anos. Está convencido de que o papel de uma mulher é simplesmente ser uma esposa e uma mãe. Sem dúvidas, o senhor deve concordar.

O duque a olhou com a testa franzida.

— Não compartilho dessa opinião tão antiquada. Minha mãe nos ensinou a valorizar a mente independente de uma mulher. Não posso discordar mais do seu pai.

Penelope piscou várias vezes. Poderia se tratar do mesmo homem que a havia obrigado a casar-se com ele? Será que ele realmente acreditava que uma mulher merecia qualquer forma de independência?

— Então... não o incomoda que eu pinte? — perguntou.

— Não — respondeu-lhe voltando a se concentrar na pintura em aquarela —. Não me incomoda nem um pouco. Na verdade... não sou o especialista em arte que era meu irmão, mas vejo que você tem talento. Só me preocupam três coisas e já as mencionei ontem.

Sentimentos de alívio e alegria se misturaram em seu peito numa espécie de coquetel incrível. Será que estava ouvindo direito? Havia presumido que ele proibiria tudo que lhe trouxesse alegria, incluindo o interesse pela arte, mas aparentemente estava enganada. E ainda por cima acabava de elogiar a única coisa que realmente importava para ela.

— Sim... — disse um tanto atordoada —. As três regras.

—As três regras —repetiu lentamente e a observou como se a estivesse vendo pela primeira vez. Depois fez um gesto negativo para se livrar de uma expressão meditativa e voltou a franzir o cenho—. A senhora Brown disse que você não está se sentindo bem. É a segunda noite que você tem problemas de saúde e não pode jantar comigo. Vim ver como você está.

Penelope engoliu com dificuldade. Aquilo se parecia com o sonho que teve na noite anterior. Na parede à sua direita, uma porta de mogno escuro conectava seu quarto com o do duque, e era muito menor que a porta principal pela qual ele acabara de entrar. No sonho, o duque irrompia do mesmo modo, e ela ficava paralisada na cama, observando sua figura alta, apenas um tom mais clara que a penumbra às suas costas. Após uma breve pausa, ele começava a avançar lentamente em sua direção sem desviar o olhar. Penelope não conseguia se mover. Sabia que ele tinha vindo tomá-la, por mais que tivesse dito que lhe daria uma semana. E, como o rei das sombras, deslizava na cama ao seu lado e a beijava com lábios suaves e firmes. Sua boca se apoderava dela. Envolvia-a em seus braços, atraindo-a para seu corpo até que cada centímetro de sua pele se fundia em uma...

Seus mamilos traiçoeiros enrijeceram ao lembrar do sonho, e sentiu uma estranha dor no fundo do ventre que fez sua pele umedecer de suor. Como precisava sair daquele estranho encantamento, avançou sobre o tapete felpudo com elaborados padrões vermelhos em direção à lareira com molduras de pedra. Esticou as mãos em direção às grades pretas dentro das

quais ardiam vários carvões, embora sentisse tanto calor que era como se ela mesma estivesse em chamas, e não desviou o olhar da superfície preta brilhante das grades ou dos carvões que se viam entre os vãos.

—Estou muito cansada.

Os passos do duque soaram perto, mas foram abafados pelo tapete. De repente, ele se encontrava ao seu lado. Não precisou vê-lo. Sua presença era como um orbe de calor. Podia senti-la na pele.

—Você não parece cansada —observou—. E vejo que está se sentindo bem o suficiente para pintar. Isso me dá esperança. Venha jantar comigo.

Então ela se virou para ele. Por todos os céus, estavam a sós. Era perigoso estar a sós com ele porque se não discutissem e ele a beijasse...

Não importava o que fizesse, não devia olhar para a cama de dossel com cortinas de cor escarlate e uma colcha da mesma cor, especialmente após o sonho que tivera. Não deveria sentir-se atraída por ele desse modo. Devia manter-se firme porque se não o fizesse, ele a consumiria.

—Receio que esta noite, não —respondeu-lhe.

O olhar do duque escureceu.

—Dei-lhe tempo para se acostumar comigo mesmo quando por lei e por direito você deve ser minha. Jantar juntos é o modo de nos acostumarmos um com o outro, mas você me desafia...

Só de pensar em passar tempo com ele, mesmo que fosse jantando no salão de jantar com vários lacaios presentes, seu estômago se revirava.

—E pode me culpar? —exclamou—. O senhor é meu carcereiro!

Um sorriso sombrio cruzou seu rosto.

—Seu carcereiro? Oh, você não faz ideia.

Precisava ele ser tão atraente no traje de casaca preto, as calças combinando e as chamas tremulantes das velas sobre o aparador da lareira se refletindo em seus olhos escuros e dando um brilho lindo à sua pele oliva?

Mas não importava o quão atraente ele parecesse, não importava a facilidade com que a desarmava ao permitir que pintasse ou ao destacar seu talento, ela devia lembrar que esse homem era o próprio diabo. Por isso, endireitou o pescoço e os ombros.

—O senhor está determinado a arruinar meu pai por motivos que não quer me dizer. E me diz como viver minha vida.

—É mesmo? —perguntou-lhe com as narinas dilatadas.

—Sim. Mas não importa o que queira acreditar, *milord*, não é meu dono. Jamais lhe pertencerei.

Eles se olharam nos olhos, e ele mergulhou na profundidade escura de sua íris. Respirou com dificuldade e o fuzilou com o olhar com a mesma intensidade que ele fazia. Era como se o calor das grades tivesse incendiado o ar que os rodeava.

—Você está enganada, duquesa —ele disse com um tom baixo e perigoso—. Fui paciente com você. Mas você precisa aprender uma lição. Você já é minha.

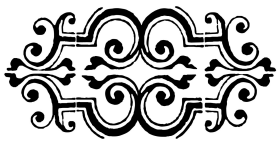
Cruzou os dois passos que os separavam, envolveu-a em seus braços e a prendeu na prisão de seu abraço. Selou-lhe a boca com os lábios quentes, deliciosos e perversos. Penelope amoleceu por um instante, mas sabia que, por mais que fosse sua esposa, não era dele.

Tinha que provar a si mesma que era mais forte que aquela necessidade que a derretia por dentro. Empurrou-o esperando que ele resistisse, mas para seu choque, ele afastou os braços e a libertou imediatamente.

O duque a observou piscando com o cenho franzido e uma expressão assassina nos olhos arregalados.

—Muito bem, senhora —disse-lhe—. Se isso é o que deseja, jamais obrigarei uma mulher a fazer algo que não queira. Portanto terei que buscar companhia mais prazerosa.

CAPÍTULO 9



SEM COMPREENDER por que a rejeição de Penelope tinha lhe machucado tanto, Preston se apressou a descer as escadas. Um lacaio abriu a porta da sala de jantar para que ele passasse, mas ele se deteve para olhar o interior da sala onde outros quatro lacaios se encontravam de pé, assim como o mordomo, Porter, um homem digno de uns sessenta anos, olhos caídos e uma abundante cabeleira quase branca. Porter o olhou por um instante e voltou a se concentrar na mesa lindamente decorada com dois lugares preparados.

Essa era a sala de jantar de Spencer, o lugar onde poderia ter se sentado com Penelope para compartilhar seu primeiro jantar como marido e mulher. Mas graças a Preston, *lord* Beckett e Penelope, isso nunca aconteceria.

A sensação de vazio se espalhou pelo seu coração como veneno no sangue. Não podia sentar-se ali para jantar com o fantasma de seu irmão como espectador de seu casamento condenado. Não. Tinha que ir embora. Tinha que fugir.

—Não jantarei aqui esta noite, Porter —informou-lhe—. Diga à senhora Brown que envie comida para a senhora.

Após dar essa ordem, partiu. Não sabia para onde ia, só sabia que devia se afastar dali. A carruagem já estava pronta, havia pedido que a preparassem para sair depois do jantar. Apesar das palavras de raiva que havia trocado com Penelope, quando apoiou a mão sobre a superfície suave e fria da maçaneta da carruagem, soube que não passaria a noite com uma prostituta. Tinha sede de uma mulher no sangue. Mas não era uma sede que

qualquer mulher pudesse saciar. Era ela, a maldita mulher que se encontrava no segundo andar, que ele desejava. Ninguém mais bastaria.

—Jamais pertencerei ao senhor —ela lhe havia dito.

E ela tinha razão. Jamais seria dele porque sempre pertenceria a Spencer. Embora nunca tivesse amado seu irmão e apenas o tivesse encorajado para conseguir seu dinheiro, Preston começou a compreender por que Spencer havia ficado tão cativado por ela.

—Para onde o senhor deseja ir, *milord*? —perguntou-lhe Sam, seu cocheiro favorito. Era um homem alto e jovem com olhos que refletiam grande bondade. Preston sempre havia pensado que Sam tinha um talento especial com os cavalos.

O certo era que a pergunta o deixou atônito. Queria sentir alívio, precisava de algo físico que o ajudasse a aliviar essa raiva e esse desejo inesperado. Deveria procurar o senhor Bowen, seu instrutor de esgrima? Não. Era a hora do jantar. Não queria afastar o homem da mesa familiar e de sua esposa. E se fosse boxear? Não, o esporte lhe parecia horrível e brutalmente extremo. Não era nada sofisticado e, apesar de tê-lo praticado no passado, jamais havia sentido a alegria que causava a Spencer.

Inspirou uma profunda golfada de ar primaveril que cheirava fresco, cálido e floral. A fragrância lhe remeteu a um novo começo, que era exatamente o que Spencer deveria ter desfrutado com a mulher que se encontrava no andar superior de sua casa e agora estava casada com Preston.

Esse casamento estava condenado se o marido estava buscando uma maneira de escapar no segundo dia, e a esposa jamais havia desejado que se realizasse. Não estava certo do porquê se importava. A felicidade conjugal nunca havia sido o objetivo dessa união. O único que queria era a vingança e a havia conseguido.

No mais profundo do seu ser sempre havia desejado que, se algum dia decidisse se casar, pudesse chegar a escolher uma boa esposa. Após ter visto o quão felizes e apaixonados seus pais haviam estado, sabia que almejar isso era possível. Inclusive para um duque. Seu melhor amigo, Sebastian, era imensamente feliz com sua esposa, a quem amava muito. Mas Preston havia arruinado qualquer oportunidade de ter algo similar no momento em que decidiu se casar com a filha de *lord* Beckett.

Desfazendo-se desses pensamentos, ergueu o olhar para o primeiro andar de Chalworth Place. As janelas da duquesa davam para o exterior da mansão e não para o pátio interior. De onde se encontrava, as luzes das janelas do salão de jantar cintilavam enquanto Porter, os lacaios e as criadas se apressavam a limpar a mesa. As paredes de pedra encontravam-se na penumbra, e os rostos dos leões, dragões e querubins que as ornamentavam pareciam pontos escuros na noite.

A casa contrastava muito com Sumhall e Grandhampton, os lugares onde seus pais os haviam amado. Duas casas cheias de luz e amor, de brigas e jogos. Até o evento terrível que fez com que o enviassem ao internato.

—A Elysium —respondeu.

—A Elysium, *milorde*? —A voz de Sam continha uma pergunta implícita, como se estivesse corroborando o estado de saúde do duque—. Em Whitechapel?

—Sim, em Whitechapel —rosnou Preston e subiu na carruagem. Como se o homem não o tivesse levado ali antes. Talvez, e era compreensível, Sam estivesse surpreso que Preston visitasse o bordel exclusivo no dia posterior ao casamento. Não deveria ter respondido desse modo.

Quanto mais sujo, melhor, pensou Preston enquanto a carruagem começava a andar e chacoalhava contra as ruas de paralelepípedos. Após uns vinte minutos chegaram a Whitechapel...

Passaram caminhando em frente a casas medievais com telhados pela metade e escadas de pedra tão gastas que partes dos degraus estavam afundadas. As janelas tinham painéis de vidro quebrados que jamais haviam sido substituídos. Nas ruas havia muitas poças de lama que eram como cenotes em pântanos onde as carruagens ficavam atoladas depois da chuva. Whitechapel era o lar de criminosos e ladrões, de prostitutas e de toda a escória da sociedade. Em seu coração, oculto como a pérola de uma ostra enterrada no mais profundo da lama, das algas e de um navio naufragado que havia afundado no mar, encontrava-se Elysium.

Quando chegaram, Preston desceu da carruagem e examinou o edifício. De fora, parecia um quadrado similar ao resto das edificações do quarteirão, construções de tijolo com janelas negras nos primeiros dois andares e janelas iluminadas nos andares térreos, onde se encontravam diferentes tabernas e locais de jogo. Não havia dúvidas de que, no interior,

vários criminosos ensinavam às crianças a roubar carteiras, arrombar casas e talvez até a matar. Enquanto isso, as mulheres jovens que tinham poucas perspectivas de futuro e não tinham família aprendiam a ganhar o sustento com o corpo.

Assim como as outras edificações, Elysium era um estabelecimento de tijolo de três andares que se estendia por todo o quarteirão à direita e à esquerda. O andar superior encontrava-se na penumbra, o que indicava que era a residência privada do dono. Mas no andar térreo e no seguinte, as janelas de vidro encontravam-se iluminadas pelas luzes que projetavam as velas.

Apesar das paredes de tijolo com janelas de vidro, Elysium não parecia tão velho quanto o resto da vizinhança. Na entrada, havia seis triângulos pronunciados colocados em um semicírculo por cima da porta e criavam os símbolos de raios de sol que os membros reconheciam com facilidade.

Assim como o local de descanso final dos heróis e pessoas virtuosas gregas, Elysium era um lugar onde os membros podiam apostar, jantar, comer, beber e satisfazer qualquer necessidade física, sem que ninguém os julgasse e sem sofrer nenhuma consequência. Tudo era possível no Elysium, o clube de Thorne Blackmore, o infame senhor B, um dos homens mais perigosos de Londres.

Preston cruzou a porta de entrada e apresentou seu cartão de associado, que tinha o símbolo dos raios de sol com triângulos pronunciados e seu nome impresso embaixo. O guarda o reconheceu, assentiu com a cabeça e o deixou entrar no vestíbulo escuro onde um lacaio se encontrava de pé para pegar os casacos. No entanto, Preston não usava casaco naquela noite.

A partir dali, caminhou em direção ao grande salão. O ambiente estava escuro, com painéis de madeira pintados num tom verde-azulado elegante e profundo, iluminados por candelabros a gás. Vários lustres de cristal com velas davam ao salão, cheio de mesas redondas onde muitos cavalheiros de diversas idades jantavam, um suave brilho dourado. O aroma de algo delicioso chegava até ele. Supôs que se tratava de vichyssoise enquanto um lacaio o guiava pelo caminho adornado que formavam as mesas redondas e as cadeiras. Reconheceu vários membros nobres da alta sociedade. Embora não conhecesse muitos, estavam vestidos tão elegantes quanto os aristocratas.

Enquanto aguardava o jantar, *lord* Robbins e *lord* Mander se aproximaram de sua mesa e se deixaram cair nos assentos à sua frente.

—Oh, Grandhampton! —exclamou Robbins. Quantas vezes Preston e Sebastian haviam passado noites de libertinagem com ele e outros cavalheiros? Era estranho encontrar-se ali sem Sebastian, mas bastante compreensível agora que seu amigo estava casado. Agora ele mesmo também estava, mas sua esposa o detestava—. Por acaso sua esposa o expulsou da cama matrimonial?

—Oh, céus! —exclamou Mander, que era um jovem de estatura mais baixa, com papada e uma barriga arredondada—. Não esperava ler as notícias do seu casamento esta manhã.

Como esses dois não eram membros de Tyche, não sabiam que ele havia comprado a mão de Penelope no leilão. Mas como não tinha nenhuma intenção de contar-lhes, respondeu:

—O motivo da pressa não é da conta dos senhores.

—Claro. —Robbins piscou um olho e fez um gesto com as mãos para indicar uma barriga arredondada—. A pressa...

Preston fechou os dedos contra a taça de vinho.

—Cale a boca.

Nesse momento, trouxeram-lhe o jantar. Os homens começaram a comer o primeiro prato: um creme frio de alho-poró. Por sua vez, Preston prosseguiu bebendo.

Enquanto comiam, observou três pítons que se contorciam sobre os galhos de uma árvore de marula. Do outro lado da sala, uma pantera percorria uma jaula de uma extremidade à outra.

Seus companheiros resmungaram algo ao seu lado, mas não lhes deu atenção, pelo menos até que Robbins disse:

—Grandhampton, eu me perguntava por que o senhor nunca antes havia demonstrado nenhum interesse pela noiva.

—Por favor corrija-me se eu estiver errado, mas ouvi dizer que ela estava à venda —acrescentou Mander.

—Oh —soltou Robbins com um sorriso arrogante. O sujeito frequentava os bordéis como as damas a uma modista—. É verdade, Grandhampton?

Preston sentiu que a ira lhe ardia no ventre. Bem poderia ser que não amasse Penelope e que nunca chegasse a amá-la, mas ainda assim ela era

sua. Sua esposa. O amor de Spencer.

Antes que pudesse responder, Robbins disse:

—Se ainda não está seguro dela... Quer dizer, se ainda não consumaram o matrimônio, diga-me e farei isso pelo senhor...

Foi a mente embriagada de Preston e nada mais. Com certeza ele não podia sentir nenhum desejo de defender a honra de sua esposa e não havia sido isso o que o levou a levantar-se da cadeira, erguer os braços e fechar os punhos contra o pescoço do sujeito. Em seguida, levantou Robbins da cadeira, puxou o punho para trás e o acertou no rosto. O som do golpe seco cortou o ar, e após sentir o contato com a pele de Robbins, sentiu uma dor nos nós dos dedos que o encheu de satisfação. Golpeou-o sem parar no nariz, nas bochechas e no olho até que sangue jorrou de seu nariz. Embora a essa altura, já não pudesse mover os braços. Vários homens o seguravam pelos ombros.

—Desculpe, Grandhampton —disse-lhe Robbins cobrindo o nariz—. Não quis desrespeitar sua duquesa.

—Não apareça por aqui novamente —advertiu-lhe Preston com um rosnado. A raiva ainda circulava por suas veias e sua visão estava vermelha.

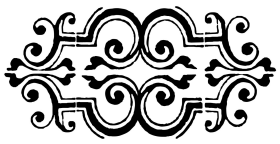
—É o senhor quem deve ir embora, *milord* —disse-lhe um dos homens que o seguravam—. Por favor, vá embora. Sua associação está revogada.

—Por todos os diabos —murmurou Preston enquanto seguia em direção à saída. O chão girava e se movia sob seus pés.

Não se lembrou de como voltou a Chalworth Place. Talvez tenha adormecido na carruagem. Só lembrou que se dirigiu ao único cômodo que se sentia como um refúgio: o escritório. Depois encontrou a carta de Spencer e chorou enquanto a lia.

Depois disso, não se lembrou de mais nada.

CAPÍTULO 10



PENELOPE BATEU o punho contra o travesseiro onde repousava a cabeça. O quarto estava na penumbra, e o duque havia partido há muito tempo. Certamente, tinha ido a algum bordel e estaria beijando alguma mulher considerando o quanto sua companhia lhe parecia repulsiva.

As brasas da lareira haviam se apagado, e mesmo sob o grosso cobertor, sentia frio. Observou as sombras dos galhos iluminados pela lua enquanto dançavam contra a parede acima da lareira ornamentada. Ao se moverem com o vento, roçavam a janela. Virou-se e fixou o olhar no teto. As vigas de mogno estavam cruzadas de tal maneira que formavam padrões quadrados perfeitos com dezenas de rostos entalhados no centro, rodeados por trepadeiras, que lhe sustentavam o olhar.

Sentiu uma sensação de inquietude que lhe provocou um arrepio. Sentia falta de seu lar. Sentia falta de Alex. E, meu Deus, como sentia falta de sua mãe. Pela centésima vez, rezou à sua mãe em busca de conselho, de apoio... ou de alguma palavra gentil de encorajamento. Qualquer coisa para voltar a se sentir forte e determinada. Rezou por qualquer coisa que a ajudasse a suportar tudo aquilo.

Encontrava-se sozinha. Irremediavelmente sozinha. E assim passaria o resto da vida. A única companhia que teria seria a das brasas apagadas, dos galhos que roçavam a janela e dos rostos imóveis do teto.

— Não — disse a si mesma enquanto se levantava. Essa não era ela. Já havia passado tempo suficiente escondida naquele quarto. Se aquele ia ser seu novo lar, não permitiria que móveis de madeira e galhos malcuidados a intimidassem.

Decidida, virou-se na cama e colocou os pés sobre o tapete macio enquanto procurava os chinelos. Depois acendeu a vela que havia na mesa de cabeceira.

Na luz tênue, pegou o xale que estava pendurado em uma cadeira perto da cama e o colocou sobre os ombros antes de ficar de pé. Notou que a luz da vela projetava mais sombras contra as paredes e avançou até a porta que separava seu quarto do quarto do duque para aproximar o ouvido da superfície fria. Tentou escutar algo durante vários instantes, mas não ouviu nada. Certamente ainda não havia retornado.

Isso lhe pareceu conveniente. Sem ele presente, podia fazer o que quisesse.

Abriu a porta principal do quarto e saiu para o corredor. A luz manteve a escuridão afastada enquanto avançava corajosamente em direção às escadas e ignorava o rangido dos velhos assoalhos e os sussurros do vento através das frestas das janelas e só Deus sabia o quê mais.

Haviam lhe dito que no andar inferior existia uma biblioteca enorme. Com certeza, ali haveria livros de arte. A casa em si era como uma exposição de arte, como o tesouro de um colecionador. Como agora era seu local de residência, devia transformá-lo em um lar.

Quando abriu a porta da biblioteca, soltou um suspiro suave ao ver que a luz da vela iluminava um aposento enorme cheio de estantes que cobriam todas as paredes. Havia uma escrivaninha gigante, dois sofás ao lado de uma lareira e várias poltronas de leitura distribuídas em diferentes áreas da sala. Inalou uma fragrância acre e sagrada que lhe remeteu à dos livros. Sorriu e começou a se aproximar de uma das estantes para percorrer as lombadas dos livros com os dedos. Naquela sala não poderia haver fantasmas. E se houvesse, certamente seriam amigáveis. Teria muito em comum com eles.

Enquanto avançava entre as estantes, leu os nomes dos autores e os títulos dos livros. Tinha planejado percorrer o perímetro inteiro do aposento, mas de repente notou uma porta que devia conduzir a outro cômodo e se perguntou o que haveria ali.

Armou-se de coragem e sentiu a curiosidade borbulhar em seu estômago antes de empurrar a porta e ficar petrificada. A vela tremulou suavemente, imitando outra que estava sobre a escrivaninha ao lado da janela do pequeno aposento que abrigava menos estantes e livros que o

adjacente. Sobre a cadeira que havia ao lado da escrivaninha, encontrou seu marido com o queixo apoiado contra o peito; roncava suavemente.

Ele tinha as mangas da camisa enroladas até os cotovelos, os poderosos antebraços expostos, um braço apoiado sobre o estômago e o outro pendurado com o que parecia uma carta entre os dedos indicador e médio. Tinha as pernas longas e musculosas separadas, e Penelope engoliu em seco ao percorrer-lhe as coxas e parar na virilha...

Engoliu novamente e desviou o olhar. Sentia que o que estava fazendo não era certo. Sentia-se como uma intrusa, como se estivesse se aproveitando do duque quando ele se encontrava vulnerável. E, ainda assim, não conseguia desviar o olhar.

Haviam desaparecido as rugas em sua testa e a expressão de desdém e repulsa constante que se formava cada vez que a via.

Avançando sobre o assoalho de madeira, Penelope aproximou-se dele. O taco a traiu e rangeu. O coração lhe deu um salto, mas o duque não se moveu. O peito dele inflou e desinflou suavemente e sua respiração tornou-se irregular. Quando parou ao lado dele, sentiu um formigamento na pele.

Sentiu que era ela quem estava no comando naquele momento... tinha o controle. Durante os minutos seguintes, ficou perplexa e fascinada observando um predador adormecido. Ele parecia muito jovem e tranquilo, com a testa suave e relaxada, a boca aveludada e os lábios carnudos. Era um homem muito atraente, com as maçãs do rosto altas, os traços pronunciados, as sobrancelhas longas, arqueadas e espessas e os cílios fechados que projetavam sombras sob os olhos.

Esse devia ser seu escritório. Conseguiu desviar o olhar dele e observar o que a cercava. Havia uma janela grande com as cortinas fechadas de um azul royal. Três quadros pendiam das paredes. Dois deles eram representações de paisagens, mas mal os olhou, porque seu olhar se fixou no terceiro, que lhe roubou o fôlego.

Era um quadro de Dânae. Penelope o conhecia porque havia estudado a mitologia grega, mas também tinha visto essa pintura no livro de arte de sua mãe. Dânae estava deitada numa cama nua e cintilava sob uma chuva de moedas de ouro.

Segundo o mito, o pai de Dânae a mantinha cativa após ouvir uma profecia que dizia que o filho dela o mataria. Durante muitos anos, viveu em um calabouço, trancada e sozinha por algo que nem sequer havia

ocorrido ainda. Mas um dia, Zeus ouviu sobre esse encarceramento e veio até ela para desatar uma chuva de ouro e libertá-la. Claro que Zeus gerou seu filho, Perseu, que no final acabou matando o pai de Dânae.

Penelope engoliu em seco, inspirou e exalou grandes golfadas de ar enquanto percorria as curvas suaves e voluptuosas da mulher sobre a qual Zeus havia derramado tantas moedas. Estudou a esperança que seu rosto refletia enquanto o ouro projetava luz sobre a escuridão que devia tê-la rodeado durante tantos anos. Zeus havia vindo libertá-la do castigo injusto.

Não conseguia desviar o olhar do quadro. Imaginou como Dânae deve ter se sentido ao ser amada por um deus e saber que graças a ele seria livre. Teria ela amado Zeus? Teria odiado seu pai por encarcerá-la? Será que Penelope imaginava que havia alguém como Zeus que viria libertá-la do tirano que dormia na cadeira às suas costas?

A pergunta a fez voltar-se para olhá-lo. Continuava adormecido. Mas diante dele, havia várias pilhas de pastas marrons e papéis sobre a escrivaninha. Entre as pilhas, divisou uma pasta de vermelho intenso que lhe pareceu interessante. Em seguida, concentrou-se no pedaço de papel que o duque segurava na mão. O que ele estivera lendo? Com cuidado, avançou até ele e tirou o papel de seus dedos.

Ao aproximar a vela, percebeu que se tratava de uma carta. Não devia intrometer-se. Era a correspondência de outra pessoa. Como poderia invadir a privacidade de Preston? Soltou um suspiro e desviou o olhar. No entanto, estava morrendo de vontade de saber do que se tratava.

Os dedos lhe tremeram ao saber que tinha a oportunidade de dar uma espiada através de uma parede de ferro e ver algo que Preston jamais lhe revelaria. O homem era um mistério, e ela queria saber mais. Talvez a carta lhe revelasse algo que acabaria por libertá-la.

Por isso a leu.

Londres, 3 de setembro de 1813,

IRMÃO:

Sei que não pensamos igual sobre muitos assuntos, incluindo o da senhorita Beckett...

OLHOU PARA PRESTON. A senhorita Beckett? Estavam falando dela? Por que Spencer teria escrito ao seu irmão sobre ela? Continuou lendo em busca de alguma resposta.

...e sei que você não tem a melhor opinião sobre ela...

—Com certeza que não!

...mas ela não é a manipuladora nem a sedutora que você acredita que seja. Gostaria de explicar de uma vez por todas por que gosto tanto dela.

—Manipuladora! Sedutora! —Ela? Soltou um bufo e negou com a cabeça. Então Spencer sabia a opinião que seu irmão tinha dela. Continuou lendo.

A VOVÓ ESTÁ CERTA. Brigamos por nada. Mamãe sempre estava decepcionada comigo por ser tão orgulhoso e nunca deixar você ganhar em nada. Mas você também era orgulhoso. Suponho que, nesse aspecto, somos mais parecidos do que gostaríamos de admitir.

No fim das contas, foi minha culpa que o enviaram para um internato e não sua. E, mesmo assim, jamais me delatou. Você foi meu bode expiatório.

Pela memória de nossa mãe, eu gostaria que parássemos de brigar para que eu pudesse me tornar o irmão que você nunca teve: aquele que o ama.

Por favor, venha à luta em Portside.

Seu querido irmão,

Spencer

CONFUSA, Penelope cravou o olhar sobre Preston, que continuava dormindo. Tinha tantas perguntas... Por que Preston havia sido o bode expiatório? E por que os dois irmãos haviam discutido sobre ela? E quem poderia ter pensado que Spencer sentia algo por ela quando sempre o considerara um libertino irremediável?

A carta que segurava na mão trêmula. A lembrança de Spencer a inundou e fez seu coração congelar... Havia sido um homem muito atraente e arrogante, com um corpo poderoso e modos impecáveis. Chamavam-no de duque perfeito, e quase todos os membros da alta sociedade relevavam

sua conduta libertina e encantadora, pois assumiam que com o tempo ele acabaria assentando, uma vez que conseguisse satisfazer seu apetite masculino e deixasse várias dezenas de virgens arruinadas e viúvas escandalizadas.

Spencer sempre tinha algo a dizer. Com ele, as conversas sempre fluíam com facilidade. Para Penelope, ele parecia um bom amigo e uma agradável companhia; sua relação mantinha um equilíbrio constante entre respeito e charme. Como o duque havia aprovado seus planos artísticos, ela não se sentia tão sozinha.

De repente, uma sombra escura se levantou abruptamente, e seu marido se encontrou de pé diante dela. Penelope soltou um ofego enquanto Preston arrancava a carta de sua mão. A suavidade e a paz que tinha visto antes em seu rosto havia desaparecido. E, diante dela, encontrava-se um leão desperto. E dos mais enfurecidos.



—MAS QUE DIABOS você está fazendo? —perguntou-lhe Preston.

Sua própria voz soou como um trovão. Penelope segurava a carta de Spencer. E, sem dúvidas, a maldita acabara de lê-la. Preston arrancou-a de suas mãos e a jogou sobre a superfície abarrotada da escrivaninha.

Aquela mulher não só havia se interposto entre ele e seu irmão como um motivo constante de disputa durante vários meses, como também acabara de invadir a última coisa boa que o conectava a ele.

A cabeça de Preston doía tanto que ele não conseguia pensar com clareza. As náuseas invadiram seu estômago. Sem dúvida, esse era o resultado de todo o conhaque que havia bebido no Elysium.

—Desculpe... —disse ele com os olhos azul-celeste cintilando.

Sentiu uma pontada de empatia, mas a afastou. Não permitiria que ela o manipulasse para sentir pena que ela não merecia. Se não fosse por ela, Preston e Spencer não teriam brigado na noite em que seu irmão faleceu. Spencer não teria ido sozinho a Portside; na verdade, Preston deveria ter insistido em acompanhá-lo, não importando o quão irritado Spencer estivesse com ele. Então, Preston teria estado lá para salvar seu irmão da

surra. E teriam se tornado verdadeiros irmãos, como sempre deveriam ter sido.

—Como você se atreve a mexer nos meus objetos pessoais? —rosnou.

—Eu não estava procurando nada! É só que... não sabia que vocês tinham discutido sobre mim. Por que discutiram?

Preston sentiu um estremecimento. Ela realmente queria saber por que haviam discutido sobre ela? A raiva o dominou. E para piorar a situação, ela usava uma camisola praticamente transparente. A pele dela brilhava através do fino tecido de renda que cobria seu peito. Como não estava usando espartilho, já que ninguém o colocaria para dormir, podia-se ver seus belos mamilos rosados, eretos e arredondados através do tecido. Baixou o olhar para a barra da camisola. Ela não usava anáguas. Não usava nada por baixo da camisola, apenas a pele quente.

Ele poderia percorrer as pernas dela com os dedos e chegar até a intersecção de suas coxas para tê-la nua e livre... toda para ele. Será que ela teria a pele quente e macia? Cerrou os punhos para se conter antes de esticar a mão para descobrir.

Isso estava errado. Nunca deveria sentir esse desejo, esse anseio por ela. Spencer havia amado Penelope. Casar-se com ela não havia sido mais que uma tentativa desesperada de reparar as coisas com seu irmão e vingar sua morte. Isso era tudo o que ela poderia ser para ele.

A lembrança da última noite em que discutiram sobre ela invadiu sua mente como um raio. Spencer não havia se enganado ao apontar o orgulho de Preston.

—Você é seu pior inimigo —Spencer havia lhe dito—. Se apressa a julgar e não está disposto a mudar de opinião. Seu orgulho acabará afastando todos que o amam. Não venha à minha luta esta noite.

E, de fato, o orgulho de Preston havia afastado o irmão que o amava. No final, havia se tornado o motivo pelo qual Spencer foi sozinho ao cais. O motivo pelo qual morreu.

—Saia daqui! —rugiu com a voz tão alta que Penelope piscou e se encolheu diante de seu olhar.

—Não —negou endireitando os ombros—. Lamento ter lido uma carta privada. Não deveria tê-lo feito, mas não sairei até saber por que me mencionam nela.

—Saia daqui! —rugiu ainda mais alto enquanto uma fúria imensuráRvel o dilacerava por dentro.

—*Milord*, entendo que a morte dele deve doer em você. Vocês conseguiram fazer as pazes? O que aconteceu?

—Eu disse para você sair!

—Não até que me explique...

Ele não a deixou terminar. Se ela não lhe desse ouvidos, teria que obrigá-la. Tomou-a pelo cotovelo e a aproximou ainda mais. Sentiu os seios macios e deliciosos pressionados contra seu torso.

—Você quer que eu lhe explique algo? —perguntou-lhe perto do rosto —. Deixe-me ser bem claro. Você não exige nada. Você escuta e faz o que eu digo. Você vai embora e volta para seu quarto. Em três dias, você se vestirá como uma duquesa e iremos ao sarau da *lady* Leroy, onde nos apresentaremos pela primeira vez na sociedade como casal casado. Até lá, não quero vê-la nem saber de você. E nunca mais mencione o nome do meu irmão!

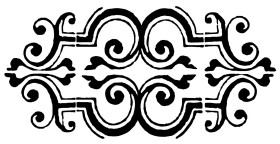
Após dizer isso, arrastou-a até a entrada, empurrou-a para fora e fechou a porta contra seu rosto perplexo.

Tremendo, soltou uma profunda lufada de ar e voltou a sentar-se na cadeira. Pegou a carta de Spencer e a alisou com os dedos trêmulos. Sua cabeça latejava de dor, mas não era nada comparado à culpa que o corroía. Leu a carta novamente e deixou a cabeça cair, exausto e cheio de dor.

Estaria realmente furioso com sua esposa por ter lido a carta... ou estava aterrorizado que ela descobrisse o que se passava dentro dele? Não sentia apenas culpa pela morte de Spencer. Havia algo mais, algo muito pior que não havia notado antes. Havia uma pequena parte dele que estava feliz por não ter sido Spencer quem se casara com Penelope.

Isso o tornava uma pessoa terrível? Teria ele a desejado em segredo desde o começo?

CAPÍTULO 11



DOIS DIAS DEPOIS, o querido marido de Penelope irrompeu no meio do almoço fedendo a perfume e álcool e com olheiras escuras sob os olhos.

Ela pensou que talvez tivesse exagerado em seu desejo de não vê-la, mas mesmo assim fez o melhor para se manter longe dele. Apesar disso, tinha perguntado sobre ele à senhora Brown na noite anterior, e a governanta a informou que o duque havia saído.

—Oh —disse enquanto pegava um pedaço de frango do ensopado que tinha no prato e o levava à boca para mastigar e soltar um gemido de satisfação. Penelope o olhou perplexa—. Minha esposa. Vejo que tenta forçar um sorriso e dar uma falsa aparência de felicidade. Típico...

Penelope soltou um suspiro.

—Senhor, você não está se comportando como um cavalheiro. Acaso está bêbado?

O duque limpou a garganta, percorreu-a com o olhar e cambaleou.

—Nisso estou de acordo contigo, querida. O que mais eu deveria fazer além de beber? Meu futuro é sombrio. Devo passar o resto da vida com a mulher com quem jamais teria me casado se meu irmão não tivesse morrido.

Após dizer isso, ele se retirou. Penelope sentiu as bochechas corarem e notou olhares de soslaio por parte de um dos lacaios que se encontrava encostado na parede.

Mais tarde naquele mesmo dia, Calliope foi visitá-la na hora do chá. Foi uma agradável distração do conflito com Preston, e até a surpreendeu o quanto tinham para conversar. Calliope era uma mulher forte e muito inteligente com vontade própria.

Penelope apoiou a xícara sobre o pires que depois deixou sobre a mesa. A sala de estar era o único cômodo em toda a residência que tinha um aspecto mais feminino. As paredes eram de um tom amarelo pastel e estavam cheias de pinturas com paisagens coloridas das colinas do campo inglês sob os raios do sol e em plena floração. Os cristais claros das janelas permitiam que a luz do sol entrasse; cortinas turquesa pendiam do teto coroadas com uma sanca requintada. Um tapete grande com padrões amarelos e turquesa cobria a maior parte do chão.

—Minha mãe decorou este cômodo —contou-lhe Calliope com um sorriso triste enquanto olhava ao redor—. A última vez que estive aqui deve ter sido há oito anos. Spencer sempre vinha nos visitar em Sumhall, mesmo quando se mudou para cá. Mamãe detestava esta casa. Dizia que era ostentosa e fria. A sala de estar foi o único lugar que permitiram que ela remodelasse. Ficou muito feminina, não acha?

Penelope assentiu com a cabeça.

—Sim. Devo confessar que é meu cômodo favorito.

Calliope pegou a xícara de chá.

—O meu também. Como vão as coisas com meu irmão?

Penelope engoliu em seco e procurou um biscoito. As lágrimas se acumularam em seus olhos, mas ela lutou para contê-las.

—É... estamos nos adaptando.

—Mas ele não está sendo desrespeitoso, está?

Penelope tomou uma respiração profunda.

—Não quero falar mal do teu irmão.

Calliope soltou um suspiro.

—Então a resposta é sim. Por favor, seja honesta comigo. Eu só quero te ajudar. E sei que ele pode ser muito teimoso.

—Mesmo assim, eu não gostaria de... —Ela percebeu que havia perdido a batalha porque seus olhos se encheram de lágrimas.

Calliope cobriu as mãos dela com as suas.

—Ah, por favor, me diz o que está acontecendo. É evidente que ele fez algo que te incomodou. Agora tu és minha irmã. Por favor, me conta.

Os ombros de Penelope caíram. Os olhos de Calliope refletiam muita bondade. E Penelope não tinha ninguém com quem compartilhar seus problemas nem uma mãe a quem pedir conselhos. Talvez Calliope pudesse ajudá-la a viver em paz com seu novo marido.

—Na verdade, não sei por que teu irmão se casou comigo quando me odeia tanto. Ele me dá ordens. Me diz na cara tudo de ruim que pensa sobre mim. Fica bêbado e passa noites inteiras fora...

Calliope soltou um suspiro.

—Ele passa a noite bebendo? É um homem casado e deveria ter abandonado seus hábitos de libertino. Tenho certeza de que ele o fará quando se adaptar à mudança brusca. Pode ser difícil se aproximar dele, mas no fundo, ele é muito sensível. É muito protetor e tem um coração enorme.

Ele não havia proibido ela de pintar. Embora isso não demonstrasse nada de um coração bondoso.

—Talvez bem no fundo —disse Penelope—. E muito escondido.

Calliope deu um tapinha na mão dela.

—A verdade é que a morte de Spencer doeu muito mais do que ele admite. Ele e Spencer brigavam como dois galos enfurecidos, mas Preston sempre ia às lutas de boxe de Spencer para apoiá-lo, e Spencer ia torcer por ele quando competia em esgrima. Uma vez, Spencer pegou o cavalo favorito do papai para cavalgar, apesar de ser proibido. Quando voltou, o cavalo estava mancando, mas Preston assumiu a culpa. Além disso, ele era sempre o primeiro a me proteger dos meus pais quando eu aprontava alguma travessura quando pequena.

Penelope franziu a testa. Será que o duque havia realmente sido uma criança altruísta como a que Calliope descrevia quando tudo o que ele fazia agora era zombar dela e tratá-la como se fosse sua inimiga? De repente, lembrou-se de algo da carta.

—Spencer e *lord* Richard foram enviados para um internato? —perguntou enquanto pegava o bule e enchia novamente a xícara de Calliope e a sua.

Calliope franziu a testa.

—Não, só Preston. Por que perguntas?

Penelope levantou a xícara de chá e percorreu a alça com um dedo.

—Por que só ele?

Calliope mordeu o lábio inferior.

—Ele te contou, não é? Tudo bem. Como você já sabe... Aconteceu em Grandhampton quando Spencer tinha dez anos e Preston oito. Spencer me contou muito tempo depois. Aparentemente, eles tinham brigado, e Spencer

foi quem provocou Preston. Estavam do lado de fora e começaram a se empurrar e a correr um atrás do outro. Na parte de trás da construção, havia uma obra e tinham levado umas portas francesas para colocar na casa. Spencer disse que, no calor do momento, empurrou Preston com muita força. Spencer sempre foi maior e mais forte, mas Preston era menor e mais rápido. Por isso, conseguiu se esquivar e fugir. Mas Spencer perdeu o equilíbrio e caiu contra a janela que estava apoiada contra a parede semiconstruída e depois em uma pedreira.

Penelope soltou um suspiro e apoiou a xícara de chá enquanto imaginava os dois irmãos brigando de um modo tão perigoso.

—E depois, o que aconteceu?

—Spencer quase sangrou até a morte. Foi bastante grave, e meus pais ficaram em choque. Preston não lhes disse que Spencer tinha sido quem começou a briga nem que as ações de Spencer o levaram a cair. Disse que era culpa dele. Mas não sei exatamente por quê.

Penelope apertou a alça da xícara com muita força enquanto ouvia atentamente.

—Mas mamãe e papai ficaram muito assustados por Spencer —continuou Calliope após uma breve pausa para beber chá—. Pensaram que ele morreria. Papai ficou furioso com Preston e disse que estava farto de que ele desobedecesse a todos e cometesse tantas travessuras e que tinha se tornado perigoso. Por isso o enviou para a Escócia, ao internato Mackenzie que fica perto de Eilean Donan. Os Mackenzie são parentes distantes... Acho que o oitavo duque de Grandhampton se casou com uma Mackenzie. Talvez por isso meu pai tivesse o cabelo acaju e os olhos azul-celeste. O pobre Preston passou muitos anos no internato pagando pelo erro de Spencer e jamais disse nada aos meus pais.

Apesar do que sentia por seu marido, Penelope o imaginou como um menino de cabelo escuro e olhos negros e sérios vivendo nas montanhas do norte, em um lugar frio, escuro e desolado. Certamente, devia ter sentido falta de seu lar e pensado em seus irmãos, que passavam todos os dias de suas vidas com seus pais que os adoravam.

Deve ter sido uma época muito solitária para ele. No entanto, não devia sentir pena dele pelo simples fato de Calliope ter lhe contado algumas coisas sobre seu passado. Talvez tivesse sido leal à sua família, mas sem dúvida não era leal a ela nem a seu pai.

—O que você me conta faz justiça a ele —confessou.

Calliope assentiu com a cabeça.

—Dê tempo a ele. Todos nós ficamos surpresos quando vocês ficaram noivos, principalmente porque Spencer era quem estava apaixonado por você.

Penelope estreitou os olhos ao lembrar que isso era o que o falecido duque tinha insinuado na carta.

—Sempre pensei que ele só me via como uma amiga, mas recentemente descobri que tinha sentimentos mais profundos por mim.

—Verdade? Bem, ele era um libertino, de modo que é fácil compreender que a atenção dele te confundisse. Não sei por que ele não falou com você nem deixou claras suas intenções. Mas já não há nada que se possa fazer. O que importa agora são Preston e você. Ele é o que mais sofreu com a perda. Spencer e Preston brigavam sobre tudo, mas sempre soube que isso era porque no fundo eram muito parecidos. Não brigavam porque se detestavam, mas porque se amavam muito.

Segundo a carta de Spencer, Calliope estava certa.

—Por favor, não desista dele —pediu Calliope—. Tente ver suas boas qualidades.

Penelope assentiu com a cabeça.

—Está bem. —Mas a verdade é que não podia. Pelo menos não naquele momento.

—Há outro assunto sobre o qual queria falar com você... Você vai ao sarau artístico da *lady* Leroy amanhã à noite?

—Sim —respondeu Penelope—. O duque me disse que vamos comparecer.

—Bem... eu ouvi... —Calliope baixou o olhar e torceu as mãos—. Ouvi um rumor bastante estranho —disse com suavidade—. Não se sabia ao certo se iriam te receber lá.

Penelope franziu a testa.

—Por quê?

—Não sei. —Levantou o olhar e viu Penelope preocupada—. Talvez esteja relacionado com a iminência do teu casamento. Não foi anunciado nos jornais, nem houve cortejo.

Penelope sentiu um nó no estômago. Nunca tinha sido uma favorita da alta sociedade, mas também não tinha sido uma pária. Agora que estava

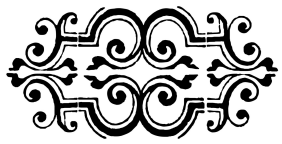
casada, as consequências do matrimônio não eram tão significativas como se estivesse solteira.

A única coisa que realmente importava para ela era sua reputação como artista, assim como ter a possibilidade de pintar e vender sua arte. Por isso, a conexão com a duquesa de Ashton e outras pessoas influentes no mundo da arte poderia ser prejudicada por uma má reputação.

—Será possível que acreditem que aconteceram coisas inapropriadas entre o duque e eu antes do casamento? —perguntou Penelope.

—Não ouvi nada específico —respondeu Calliope—. Mas vou investigar e ver o que mais descubro. —Esticou a mão para apertar o braço de Penelope. Seus olhos calorosos refletiram bondade—. Não te preocupes, irmã. Independente do que seja isso, estaremos ao teu lado.

CAPÍTULO 12



NO DIA da recepção da *lady* Leroy, a modista enviou um novo vestido para Penelope. A criada a ajudou a se vestir e fez um penteado intrincado enquanto Penelope sentia vários nós no estômago ao recordar a preocupação de Calliope do dia anterior.

O duque estava ao pé da escada quando ela desceu envolta em cetim suave de cor lavanda. Preston ergueu o rosto para ela, e seus olhos brilhantes se arregalaram. O olhar de seu marido se intensificou tanto que pareceu ameaçador.

Um calafrio a percorreu. Uma pequena parte dela havia querido impressioná-lo. A senhora Newman tinha desenhado um belo vestido, digno de uma duquesa, com renda e cristais costurados no padrão de videira do busto.

O duque assentiu com a cabeça quando ela parou diante dele e, sem trocar uma palavra sequer, dirigiram-se para a carruagem. O silêncio foi quebrado no interior do veículo.

— Iam retirar seu nome da lista de convidados — disse Preston finalmente. — Mas me recusei a permitir isso. Peço-lhe que esta noite não desfaça meus esforços e me envergonhe.

Então Calliope estava certa. De alguma forma, ela havia se tornado uma pessoa desonrada. O ardor no estômago fez com que a bile subisse à sua garganta.

— Por quê? — conseguiu perguntar. — Por acaso o senhor pode se arrepender de ter me forçado a casar com o senhor? Já não se arrepende?

— Não quero desonrar o nome do meu irmão.

Aquilo a deixou sem fôlego. Como não podia discutir com ele, virou-se para encará-lo.

— *Milord*, eu... jamais desonraria seu nome.

O olhar intenso de seu marido se concentrou nela. O duque engoliu com dificuldade, assentiu abruptamente e desviou o olhar.

Chegaram a uma casa bonita na Burlington Square. Não era tão grande quanto Chalworth Place, mas tratava-se de uma mansão de tijolo conciso com trepadeiras verdes que cobriam metade da fachada.

Quando Penelope e Preston entraram no salão de baile iluminado, os convidados congelaram e se viraram para olhá-los assim como na noite em que Preston chegou ao Almack's. Penelope ficou sem fôlego diante de toda essa atenção. Preston estava certo. Essa era sua primeira apresentação na sociedade como duque e duquesa de Grandhampton.

Preston a conduziu pelo salão de baile decorado com móveis de cores claras e modernas. Era um grande contraste com o mobiliário escuro de Chalworth e os rostos carrancudos dos antigos duques e duquesas. Preston a apresentou a vários marqueses, marquesas, condes e condessas, assim como também a seus filhos. Ela conhecia alguns das temporadas anteriores, embora não de maneira formal, porque costumava ficar para trás e não buscava que lhe apresentassem a membros da sociedade que se encontravam acima de seu status, com exceção da duquesa de Ashton.

As paredes eram de cor verde-menta e estavam divididas em painéis retangulares separados por decorações trançadas. Espelhos ovais pendiam do centro de alguns painéis e faziam com que o ambiente parecesse maior e mais iluminado. Vários quadros estavam pendurados nas paredes, e Penelope ansiava por parar para contemplá-los um por um. Em um canto do salão, um quarteto de cordas tocava uma melodia de Bach, e vários lacaios circulavam entre os convidados com bandejas cheias de bebidas.

Preston a apresentou à anfitriã, *lady* Leroy, uma dama alta de uns quarenta anos que examinou Penelope com um olhar cheio de preconceitos antes de forçar um sorriso artificial e dirigir-se unicamente a Preston. Ao que parece, os esforços de seu marido lhe permitiram entrar no baile, mas isso seria tudo.

Após alguns instantes, *lady* Leroy se desculpou e os deixou, mas uma dama de uns cinquenta anos se aproximou deles. Era uma mulher bonita com olhos grandes e azul-celeste e, seguindo a moda recente, usava um

turbante com plumas longas de pavão sob um broche de safira. Ela ofereceu a Preston um sorriso de orelha a orelha que revelou seus dentes de coelho.

—*Milord* —saudou-o abanando-se—. Que surpresa mais agradável.

—Penso o mesmo, *lady* Whitemouth —respondeu—. Permita-me apresentar a minha esposa.

A dama examinou Penelope com o olhar.

—Claro, *milord*. Felicitações pelo casamento. Devo confessar que a notícia de que uma afortunada dama conseguiu fazer com que o duque de Grandhampton assentasse a cabeça comoveu a todos nós.

Será que ela estaria buscando informação sobre o motivo apressado do noivado, como Calliope havia presumido? Determinada a não dar nenhuma desculpa para espalhar fofocas, Penelope não disse nada e limitou-se a sorrir para ela até que parte da arrogância de *lady* Whitemouth se desvaneceu.

—O que a senhora acha de seu novo lar, Chalworth? Agrada-lhe?

Penelope sentiu uma pontada de raiva. A verdade é que a casa não lhe agradava nem um pouco. Era desconfortável e fria, e era como viver em um salão de baile e não em um verdadeiro lar.

Então, outra dama e um cavalheiro se juntaram ao pequeno círculo. Foram apresentados como *lady* Isabella, a filha da condessa de Whitemouth e o senhor Stalt.

—Adoro a famosa coleção de arte da família Seaton —respondeu Penelope na tentativa de mencionar algo de que realmente gostasse em seu novo lar.

—E qual é a sua peça de arte favorita? —perguntou-lhe o senhor Stalt.

—Oh... —pensou Penelope—, sem dúvida, a Dânae de Rembrandt.

—E por que essa em particular? —perguntou-lhe *lady* Isabella.

Penelope engoliu com dificuldade e sentiu o olhar do duque sobre ela como uma tocha quente.

—Porque apesar de a terem aprisionado por algo que escapava ao seu controle, ela perseverou. Adoro o brilho interior e a força de Dânae e desejo que qualquer mulher nessa situação pudesse tê-los.

Olhou para seu marido nos olhos e sentiu um formigamento por todo o corpo.

—Talvez Dánae tenha procurado por isso. Você não pensou nisso? —perguntou o duque com aspereza.

—Esse é o raciocínio de todos os tiranos da história. —Penelope sustentou o olhar desafiador.

—Com licença, por acaso estão falando da Dánae de Rembrandt? —perguntou um homem de quase quarenta anos que se aproximou do círculo. Tinha um rosto alongado e grande com olhos estreitos, um nariz em forma de gancho e sobrancelhas arqueadas e grossas.

—Sim, senhor Turner —respondeu a condessa de Whitemouth—. A duquesa de Grandhampton estava dizendo que é sua obra favorita em Chalworth, seu novo lar.

O chão pareceu afundar sob os pés de Penelope enquanto ela estudava o artista mais talentoso e famoso de toda a Grã-Bretanha. Seu sonho impossível era aprender com ele e tornar-se sua aluna. Seus quadros eram maravilhosos.

—Senhor Turner? —perguntou Penelope em um sussurro—. O célebre senhor Turner?

—Se a senhora se refere ao artista, duquesa, sim —respondeu seu marido com voz de aço.

—É um prazer conhecê-la, *milady* —disse-lhe o senhor Turner ao mesmo tempo em que assentiu com a cabeça e ofereceu-lhe um sorriso.

Penelope quase podia sentir a desaprovação de seu marido, mas não lhe surpreendia que tivesse objeções. Até lhe incomodava que ela respirasse sob o mesmo sol que ele. Mas não devia importar-se. Após vinte e um anos com seu pai, certamente havia se acostumado ao descontentamento dos homens.

Ela sorriu para o artista.

—O prazer é meu, senhor. Sou uma grande admiradora do seu trabalho. Na exposição anual de verão da Real Academia, vi sua pintura *Pescadores no mar*... Fui com minha mãe... Lembro que fiquei concentrada na lua refulgente, o barco cheio de homens que lutavam contra o mar e não pude desviar o olhar. Esse foi um dos primeiros momentos em que soube que, enquanto vivesse, jamais queria estar sem um pincel na mão.

As pessoas ao seu redor guardaram silêncio e, quando viu o rosto de seu marido, surpreendeu-se que ele não estivesse com a testa franzida. Pelo contrário, tinha uma expressão aberta e relaxada. Era como se as paredes de ira e dor tivessem desaparecido. Foi então que viu o que Calliope devia ver em seu irmão.

—Agradeço-lhe muito esse tributo —disse-lhe o senhor Turner—. Não sei se o mereço, mas lhe agradeço. Assim como a senhora, eu também não desejo estar sem um pincel na mão durante o que me resta de vida. Muito bem dito, *lady* Grandhampton.

—Desculpem —interveio seu marido sem tirar os olhos dela—, preciso falar imediatamente com minha esposa. Duquesa, por favor...

Fez um gesto na direção de uma saída e a seguiu. Sentiu o olhar pesado e quente nas costas à medida que avançava entre pessoas que falavam, riam, flertavam e fofocavam. Estava certa de que muitos estavam olhando para ela, a nova duquesa de Grandhampton, enquanto falavam em sussurros.

Quando chegaram ao corredor e ficaram fora da vista dos convidados, ele a segurou pelo cotovelo coberto por uma luva alta e a arrastou por trás de uma cortina que havia em um canto e cobria uma janela alta bloqueada por uma frondosa planta.

Ficaram imersos na escuridão, iluminados por um único raio de lua que se infiltrava pela janela. Penelope tinha a respiração agitada, e Preston se ajustou sobre ela pressionando cada centímetro do corpo alto e duro contra o dela. Podia ouvir a batida de seu próprio coração nos ouvidos.

—*Milord*... —começou sem reconhecer a própria voz áspera.

Preston não a deixou dizer mais nada. Deu-lhe um beijo quente, suave e exigente ao mesmo tempo em que se deliciava com seus lábios como se fossem uma sobremesa da qual não conseguia se saciar. Usou a língua... oh, essa língua habilidosa e desafiadora que a saboreava e se entrelaçava com a dela.

Preston tinha gosto de vinho e algo picante e delicioso, um sabor do qual ela queria mais e mais. Sua fragrância impregnou suas narinas, enquanto ele a envolvia com os braços e massageava suas costas até chegar às nádegas e apertá-las. A investida de desejo que a percorreu inteira fez com que suas pernas enfraquecessem como se fosse um pudim trêmulo.

Então o duque pousou uma mão sobre seu seio e o massageou. Sua pele formigou e os mamilos endureceram como pedras e doeram. Sentiu prazer na virilha, que agora estava inchada e pulsava de maneira estranha e deliciosa.

Quando soltou um gemido contra a boca dele, ele respondeu com outro gemido, como um animal ferido que compartilhava a mesma urgência que

ela.

O duque levantou uma das coxas dela e ergueu a borda do vestido e da anágua até os quadris. A mão grande e quente deixou um rastro de fogo contra a pele da parte interna da coxa.

Oh, o que ele faria depois? O que poderia querer com aquela mão...?

Antes que pudesse terminar de formular a pergunta, sentiu os dedos afundarem entre as dobras do seu sexo, e estremeceu e soltou um suspiro.

—*Milord*... —soltou alarmada e incomodada por querê-lo ali.

—Shhh —silenciou-a com os olhos escurecidos e ardentes de desejo —. Isso será bom. Você vai gostar. Venha.

Cobriu-lhe a boca com a sua novamente e a beijou até esvaziar-lhe a cabeça e encher-lhe o corpo de sensações, de prazer e de desejo.

Moveu os dedos entre as dobras para explorá-la e provocá-la. E então encontrou um ponto que se sentiu como o epítome de tudo o que era doce e bom em seu corpo, o centro de tudo.

Soltou um gemido decadente e não se importou se algum lacaio andava por ali, muito menos a condessa de Whitemouth ou o senhor Turner. A única coisa que importava era essa necessidade pulsante de ser satisfeita; a necessidade de algo belo e maravilhoso que seu corpo exigia e que ele podia lhe dar.

Preston continuou acariciando-a sem cessar até que a doce agonia foi aumentando, acumulando-se até levá-la cada vez mais alto, até aproximá-la do céu. Sentia-se mais larga e pesada, mas tinha os músculos mais maleáveis que o mel.

E então pensou que não podia suportar mais, mas Preston beliscou aquele ponto maravilhoso e o esfregou um pouco mais. Algo a invadiu... foi como se a lua estivesse afastando a escuridão das nuvens da noite. Um prazer maior do que ver todos os quadros do mundo combinados a abrasou.

Enquanto Penelope gemia, Preston cobriu sua boca com a mão e a sentiu mover-se em ondas e agarrar-se aos seus ombros. Com o braço livre, aproximou-a do peito para não deixá-la cair.

De repente, o oceano de prazer desapareceu, e Penelope sentiu-se como um pesado saco de músculos e ossos derretidos afundado nos braços de seu marido. Respirou contra o peito duro e inalou o aroma de suas roupas limpas e da colônia masculina. Sentiu algo longo e duro pressionado contra seu ventre.

—O que foi isso? —perguntou, levantando o olhar para ver seus olhos escuros.

—Uma demonstração do prazer que posso lhe dar quando estiver na minha cama —respondeu-lhe com voz sedutora—. Em três dias, você se tornará minha esposa em todos os sentidos.

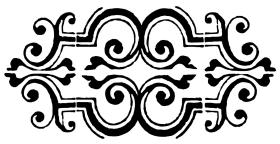
—O que está dizendo? —Franziu a testa, e a intimidade e proximidade do momento desapareceu. Penelope endireitou as costas e se pressionou contra a parede para se afastar dele.

—Lembra do nosso acordo? Você me dará um filho herdeiro e um reserva. Depois pode viver sua vida como bem entender, sem mim.

Uma onda de raiva percorreu todo o seu corpo diante do tratamento frio do duque. Como ele podia agir tão terno e carinhoso em um instante e descartá-la como um tapete usado no momento seguinte? E como ela tinha conseguido responder daquele modo às suas carícias?

—Viver sem o senhor? —Zombou e afastou a cortina—. Mal posso esperar, *milord*.

CAPÍTULO 13



HAVIA PASSADO EXATAMENTE uma semana desde que Penelope e Preston haviam se casado.

A mão de Penelope tremia, e a linha do tronco de uma árvore que havia desenhado no caderno de esboços tornou-se ondulante e irregular. O jardim de verão que estivera desenhando com base em como o havia imaginado parecia mais gótico e tempestuoso que a imagem original.

Seu marido, sentado em um sofá à sua frente e lendo um jornal, esperava deitar-se com ela naquela noite.

Depois da experiência transcendental que ele havia lhe proporcionado atrás da cortina no baile de *lady* Leroy há três noites, ele tinha se tornado frio como uma pedra. O comportamento de seu marido a confundia. Como ele podia ser mais frio que um iceberg em um momento e depois inflamá-la com um simples toque no momento seguinte?

E aquele prazer que ele a tinha feito sentir no baile... Jamais havia experimentado nada como aquilo, nem sequer sabia que isso era possível. Era evidente que, mesmo sendo duro e implacável, ele sabia o que estava fazendo.

Ela havia considerado arrumar suas coisas e fugir. Apesar da forma como Preston a tinha feito sentir, e dos sonhos requintados que tinha tido com ele, só de pensar em compartilhar mais proximidade física, ficava muito nervosa. Já tinha entregado a ele sua liberdade. E agora ele queria seu corpo.

—*Lord* Beckett veio vê-la, *milady* —anunciou Porter após entrar na sala de estar.

Penelope ergueu a cabeça e ficou com o lápis congelado sobre o caderno de esboços. Por sua vez, o duque apoiou o jornal sobre os joelhos.

—Meu pai veio? —perguntou Penelope.

—Sim, *milady* —confirmou Porter com uma expressão de preocupação no rosto.

Preston levantou-se de um pulo.

—Por favor, diga a ele que a duquesa não está em casa.

—O que disse? —Penelope negou com a cabeça e voltou-se para Porter—. É claro que você não dirá isso. Por favor, traga-o aqui. E prepare-nos o chá, por favor.

—Muito bem. —Porter assentiu com a cabeça e retirou-se do aposento.

Penelope olhou Preston nos olhos.

—Você me proibiu de ajudá-lo, mas não pode me proibir de ver meu próprio pai, *milord*.

Preston não disse nada, simplesmente a fuzilou com o olhar, enfurecido em silêncio.

Quando a porta se abriu e seu pai entrou, Penelope reprimiu o impulso de esconder o caderno de esboços embaixo de uma almofada. Agora que não morava mais com ele, ele não podia proibir nada.

—Pai. —Cumprimentou-o com um aceno de cabeça.

Com o rosto corado, seu pai se forçou a sorrir. Mexeu nas mãos e esfregou as palmas na calça enquanto olhava nos olhos de Preston. Seu marido o fulminava com o olhar sem dirigir-lhe a palavra.

Seu pai olhou ao redor.

—Que sala de estar mais maravilhosa.

—Como posso ajudá-lo, *lord* Beckett? —perguntou Preston com frieza.

—*Milorde* —interveio Penelope—. Não há necessidade de ser grosseiro com ele. Pai, por favor, sente-se. Em breve nos trarão o chá.

Seu pai assentiu e apressou-se a sentar no sofá à frente dela. Para sua surpresa, Preston aproximou-se e sentou-se ao lado dela. Pegou o caderno de esboços e o colocou sobre a mesa que havia entre as duas poltronas.

O olhar de seu pai concentrou-se no esboço inacabado, e Penelope sentiu as bochechas arderem enquanto esperava que ele a repreendesse. Mas ele mal parecia ter notado o esboço.

—Vim ver como você está, filha —disse-lhe—. Como está se adaptando à sua nova vida?

Antes que pudesse responder, a porta se abriu e Porter entrou com a bandeja de chá. Colocou-a sobre a mesa e serviu três xícaras antes de se retirar da sala.

Enquanto observava seu pai pegar a xícara e dar um gole, pensou que ele tinha uma máscara de falsa amabilidade cobrindo-lhe as feições. Tentava parecer cordial, mas Penelope não se lembrava de nenhuma ocasião em que ele tivesse sido tão gentil com ela desde a morte de sua mãe.

—Estou me adaptando bem —respondeu pegando sua própria xícara —. Obrigada por vir. Como o senhor tem estado, pai? Está com boa saúde?

Lord Beckett fez um gesto com a mão.

—Não, não muito bem, querida. Tenho dores de cabeça... problemas estomacais... e algumas outras enfermidades.

Penelope franziu a testa. Seria devido à bebida?

Tinha acabado de abrir a boca para perguntar isso quando viu que o olhar de seu pai percorria o ambiente e notava o busto de mármore de um dos duques anteriores, os quadros e os vasos.

—Vocês têm obras de arte muito bonitas aqui —disse-lhes antes de se deter em um quadro que Penelope havia pintado e pedido aos lacaios que colocassem na parede para substituir uma pintura medieval de um cavalo. Na verdade, ela havia solicitado a substituição de vários quadros na casa por obras de sua própria autoria e, para sua surpresa, jamais ouvira uma só palavra de protesto por parte de seu marido. Esse quadro em particular era algo que ela havia terminado bem rápido: uma pintura em aquarela de um vaso cheio de peônias. Parecia iluminar ainda mais o ambiente enquanto as flores praticamente brilhavam sob o sol e quase pareciam translúcidas—. Como aquele ali. Deve ter custado uma fortuna para adquiri-lo.

O estômago de Penelope deu um salto. É claro que seu pai não conseguiria reconhecer nenhum de seus quadros. Mas o fato de ele ter presumido que se tratava de uma pintura valiosa feita por um profissional fez seu coração acelerar.

—Esse foi pintado por sua filha —disse Preston com os olhos escuros reluzindo sobre o pai dela.

Penelope não esperava que seu marido dissesse uma única palavra. Mas será que havia ouvido uma nota de orgulho na voz dele?

—O senhor acha que sua filha é uma artista, *lord* Beckett? —perguntou-lhe seu marido.

Após a pergunta, Preston levou a xícara de porcelana à boca e seus belos lábios se fecharam ao redor da borda para beber o chá.

Seu pai se remexeu no sofá. Tinha o queixo muito tenso, e os cachos da peruca empoada se moveram. Penelope ficou tensa. Graças ao incrível talento da senhora Newman, usava um vestido novo da cor de pérolas negras que lhe caía como uma luva e se apertava contra sua silhueta como névoa líquida, mas de repente o sentiu demasiado apertado.

—Uma artista? —Seu pai franziu as sobrancelhas até que se formou uma profunda ruga entre elas—. Talvez esse seja um bom quadro, mas isso não significa que seja uma verdadeira artista. Ainda abriga essas noções tolas, Penelope?

Penelope afundou no assento. Que outra coisa poderia ter dito se após a morte de sua mãe, seis anos atrás, ele havia entrado em seu quarto para jogar seu cavalete pela janela que dava para o jardim? O som do vidro quebrado a havia ensurdecido.

Devia dizer algo. Mas como havia prometido ao pai que abandonaria qualquer ambição artística, deixou os ombros caírem ainda mais e colou o queixo ao peito, e sua respiração se tornou superficial.

—Sim —respondeu apesar do desejo de se proteger. Tinha o corpo tão rígido quanto uma armadura.

Seu marido a observou com os olhos semicerrados. Mas, diferentemente dos de seu pai, não eram ameaçadores. Desejou poder ler sua expressão.

Seu pai soltou um bufo, bebeu um gole de chá e apoiou a xícara sobre o pires com tanta pressa que tilintou e quase se quebrou.

—Não! —exclamou pousando os olhos leitosos sobre ela—. Nenhuma mulher deveria ser artista, escritora, advogada ou médica. As mulheres simplesmente não têm cérebro para esse tipo de profissão. Seu lugar é em casa, criando os filhos e garantindo que seus maridos estejam felizes e tenham tudo o que precisam.

Penelope apoiou a xícara sobre a mesa. A luz do dia sombrio dava um aspecto acinzentado às feições de seu pai. Sentiu-se envergonhada. Mas por que deveria sentir-se envergonhada, humilhada ou errada? Havia permitido

que seu pai a intimidasse durante toda a sua vida e até chegara a permitir que transformasse sua maior paixão em um segredo obscuro.

—Gostaria que não dissesse essas coisas, pai —disse com determinação—. Eu lhe asseguro que tenho cérebro para isso. E minha mãe também tinha.

Isso foi como um golpe no plexo solar. Seu pai se acovardou e baixou o olhar para o chão ao mesmo tempo que afundava os ombros.

—Não digo com má intenção, Penelope —assegurou-lhe—. As coisas são assim para as mulheres. Quanto antes aceitar, melhor será. Só quero poupar-lhe a humilhação. Não deveria nutrir esperanças de ser uma artista para depois acabar decepcionada pela opinião pública.

Como podia ser que uma pessoa tivesse tanta razão e estivesse tão errada ao mesmo tempo? Era verdade que a Real Academia de Arte não aceitava mulheres, independentemente de seu status social ou bagagem cultural. William Turner era filho de um barbeiro, e a família de sua mãe trabalhava em açougues. Apesar disso, tinham-no aceitado na academia aos catorze anos. E agora suas obras já haviam sido exibidas várias vezes e até se tornaram as mais almejadas de toda a Inglaterra. Mas ela, a filha de um barão, não podia ser membro da academia, por mais que não pensasse que o status social devesse ser um fator decisivo e desejasse ser julgada apenas pelo mérito de suas obras.

Talvez seu pai tivesse razão em algo. Nenhum homem amaria uma mulher que tivesse mente própria. Ninguém a quereria pelo que ela era.

Portanto, sua escolha era bastante simples. Ou se submetia ao ideal da sociedade de como deveria ser a vida de uma mulher, ficar em casa dando à luz, criando filhos e organizando as monótonas festas de um marido, ou ser ela mesma e não se desculpar por isso.

Mas antes que pudesse decidir com determinação que caminho desejava seguir, a voz de seu marido a fez estremecer e sobressaltar-se no sofá.

—Jamais me alegrei tanto por Penelope ser minha esposa —disse o duque com frieza, apesar de que isso o fez sentir calor por todo o corpo—. Acredito que jamais estive em maior desacordo com alguém do que com o senhor. Se minha esposa deseja ser uma artista, acho maravilhoso. Creio que ela tem mais cérebro que o senhor. Tem mais cérebro que a maioria dos homens que conheço.

Penelope fechou os punhos ao redor do braço de madeira do sofá. Certamente, não poderia ter acabado de ouvir tal declaração de apoio da parte dele, o homem que a detestava e acreditava que era uma caçadora de fortuna. Deu uma olhada no rosto de Preston, mas seu perfil estava tão distante como sempre e ele não desviava os frios olhos de seu pai. Sua boca se curvou em um estranho sorriso, e Penelope sentiu o impulso de beijá-lo nos lábios.

Ele tinha pronunciado apenas algumas palavras. Mas ninguém jamais a havia protegido daquele modo.

Preston olhou em seus olhos, e nas profundezas cor de ônix ela viu arder um calor e uma importância que não conseguiu decifrar. Algo havia mudado. Por quê? Sentiu os cantos dos lábios formarem um sorriso.

—Grandhampton —disse-lhe seu pai claramente irritado—. Se o mundo algum dia chegar ao estado em que as mulheres podem fazer o mesmo que os homens, mergulharemos em um grande caos. Será o princípio do fim. Quem gestará as crianças?

Penelope o encarou sem medo.

—As mulheres podem fazer as duas coisas, pai.

O rosto de seu pai formou uma expressão de desdém.

—Você não sabe do que está falando, menina tola.

As narinas de Preston se dilataram enquanto ele se sentava ereto e se inclinava para frente. O rosto pétreo se transformou em uma máscara de advertência.

—Se o senhor ousar falar novamente desse modo com minha esposa, serei obrigado a arrancar todos os seus dentes. Nunca mais se atreva a menosprezar ou tentar humilhar minha duquesa.

Penelope piscou e se remexeu no assento. O choque de ouvi-lo protegê-la a deixou sem palavras. Seu pai cerrou os dentes e fuzilou o duque com o olhar.

—Por favor, conte-me o verdadeiro motivo de sua visita. Certamente não é para perguntar pelo bem-estar de sua filha, não é, senhor?

—Eu... eu... eu lhe asseguro... —gaguejou seu pai.

—Pare de fingir —continuou Preston—. O senhor veio pedir dinheiro, não é?

Seu pai abriu e fechou a boca.

Preston se levantou e se ergueu sobre os dois.

—Receio que já nos fez perder tempo precioso demais. Minha esposa e eu planejamos dar um passeio. Porter irá conduzi-lo até a saída. —Virou-se para olhá-la com os olhos em chamas—. O que me diz, duquesa? Vem comigo?

Apesar de toda a lógica gritar que ela era uma tola e que jamais poderia confiar nele, seu coração respondeu:

—Sim.

CAPÍTULO 14

O MORDOMO CONDUZIU o petulante barão até a porta, e Preston voltou ao sofá para sentar-se ao lado de Penelope. Quando ficaram a sós, estudou sua esposa. Ela tinha os olhos tempestuosos apesar da luz que entrava pelas janelas. Estava majestosa no vestido com padrões de vinhas prateadas e o gibão de tom azul celeste pastel que fazia sua pele brilhar e suas bochechas ficarem coradas. Talvez o fato de estar ruborizada não tivesse nada a ver com a cor das roupas e estivesse conectado com o olhar aberto, tranquilo e até otimista que tinha nos olhos.

Era a primeira vez desde que se conheceram que ela o olhava desse modo, sem raiva nem animosidade. E isso o fez questionar se realmente a conhecia.

Nunca soubera até onde tinha ido *lord* Beckett para ofender e humilhar Penelope. Mas não deveria estar surpreso. Seria realmente surpreendente vindo do homem responsável pela morte de Spencer? Do homem que vendera sua filha em um leilão? Penelope parecia muito diferente da mulher que imaginara que seria. Teria ele se equivocado? Seria que Spencer sempre estivera certo?

Embora Preston nem sempre concordasse com ela, detestava o modo como seu pai a tratava.

—Teu interesse na arte... —começou—. É verdadeiro?

Penelope o olhou com a testa franzida.

—Por que pergunta?

—No início... acreditei que...

Acreditou que ela estava calculando o valor dos quadros de Chalworth, não os admirando. Mas como não queria ter outra discussão, decidiu não

contar isso a ela. Devia estar abalada com a dureza com que seu pai a tratara.

—O que acreditei não importa —disse-lhe—. Por favor, responda-me. É verdadeiro?

—Sim —respondeu-lhe—. É verdadeiro.

—Por quê?

Penelope baixou o olhar para as mãos e mordeu o lábio por um momento.

—Minha mãe despertou meu interesse na arte. Ela era minha inspiração. Todos os anos me levava para ver as exposições de verão na Academia Real. Quando faleceu... —A voz tremeu, e Preston teve que conter o impulso de se aproximar e passar os braços por seus ombros—. Pintar tornou-se completamente necessário para manter a sanidade. Não estive presente quando ela faleceu, eu também estava doente, e sempre me arrependi de não ter podido segurar sua mão nos últimos momentos de vida. Sinto muito a falta dela, e através da pintura posso me comunicar com ela... pensar nela... estar com ela... e apreciar sua lembrança.

Preston assentiu com uma mistura de culpa e pena esmagando seu coração. Começava a entender o quanto a havia julgado mal. Spencer estivera certo ao dizer-lhe que ele sempre se apressava a julgar, mas nunca a perdoar.

—E teu pai te proibiu? —perguntou-lhe—. Mesmo sendo o único modo de manter a lembrança de tua falecida mãe?

Penelope assentiu com os olhos cheios de lágrimas.

—Sim. Meu pai é um homem antiquado. Não pode conceber que sua filha queira ser uma artista profissional. Eu gostaria de ser a próxima William Turner. Esse é meu sonho. Não queria me casar. Sempre quis que meu pai e eu vivêssemos da minha arte para não ter que me submeter aos laços do matrimônio, como aconteceu com minha mãe.

Preston sentiu um formigamento na mandíbula. Assim como o pai dela, era seu carcereiro. Ela havia dito que nunca quis se casar. Seria verdade?

Ele admirava seu espírito independente. Era uma mulher forte que não queria depender de ninguém. Respeitava muito a inteligência, a diligência e a profundidade nas mulheres. Além de sua irmã e sua pobre mãe falecida, não conhecia muitas mais que tivessem essas qualidades.

—Com exceção da minha mãe —continuou Penelope—, não tive ninguém que me ensinasse. As mulheres não podem ingressar na Academia Real de Arte. E não tive a oportunidade de pedir a um artista profissional que me deixasse ser sua aprendiz. Esse seria um sonho realizado. Mas já não é possível.

Preston franziu a testa.

—Por que não?

—Bem... por você.

—Por mim?

—Não disse que quer uma duquesa perfeita que lhe dê um filho herdeiro e um reserva?

—Sim. —A culpa pesava em seu peito como uma pedra e acendeu sua ira—. Então você presume que sou como seu pai?

A ideia fez seu estômago arder como ácido. Já havia dito a ela que não se importava que pintasse, mas supunha que ela fazia isso como um passatempo. Talvez ele tivesse se expressado assim, considerando que nunca havia pensado que sua esposa pudesse ganhar dinheiro como uma artista profissional.

—Bem... sim. Estou enganada?

A resposta o fez congelar. Que o comparasse com aquele homem... O homem que tentava arruinar, o culpado pela morte de Spencer...

Não. Mesmo que fosse por ódio, cumpriria o sonho da filha dele. A ajudaria a se tornar uma grande artista e provaria ao pai dela que estava errado.

—De jeito nenhum. Na verdade, acho que você deveria seguir seu sonho e pintar. E vender seus quadros se assim desejar.

A resposta a fez piscar.

—Por quê?

Como não havia necessidade de dizer a ela que uma parte dele fazia isso por ódio, decidiu contar a parte na qual realmente acreditava.

—Porque acredito que uma mulher deveria poder fazer tudo o que almeja.

Um sorriso floresceu em seu rosto e foi tão bonito que seu coração parou. Mais uma vez voltou a sentir que não se arrependia de ter se casado com ela. Mas desta vez, sentia com mais intensidade. De alguma forma, ela havia trazido luz e vida à sua existência escura e solitária.

Desde o horrível dia em que Spencer tropeçou no painel de vidro e caiu na pedreira coberto de sangue que escorria dos cortes, Preston sabia que não era como o resto de sua família. Todos eram pessoas alegres e normais, enquanto ele havia incomodado Spencer, desafiado a paciência de seus pais, agido com rebeldia e sentido ciúmes de toda a atenção que seu irmão mais velho havia recebido.

E então aquilo aconteceu. Embora Spencer tivesse sido o primeiro a desferir um golpe, Preston o havia provocado. E Preston poderia ter acabado com tudo pedindo desculpas e se afastando, mas seu estúpido orgulho o levou a fechar os punhos e empurrar seu irmão.

Por isso era justo que tivesse aceitado a culpa e que o enviassem à escola Mackenzie para meninos. Longe de seus irmãos que se comportavam bem. Longe de sua mãe e pai que o amavam. Longe dos campos verdes iluminados pelo sol e do jardim de sua mãe e do lago onde costumava pescar com seu pai e Spencer. E então o enviaram às frias e ásperas Terras Altas da Escócia junto com outros delinquentes e filhos indesejados de vários aristocratas, a um lugar onde sempre chovia e o castelo de Eilean Donan se erguia sombrio e escuro sobre uma ilha em um lago cercado de montanhas. Ali havia aprendido a se proteger endurecendo o coração e mantendo os outros à distância.

—Encha esta casa escura com tuas paisagens —pediu ele—. Com peônias, rosas e tulipas. Este lugar me agrada mais sem esses quadros velhos e melancólicos.

Penelope corou.

—Você tinha percebido?

—Sim.

—E não se importou? Pensei que iria me dar outro sermão sobre as regras.

Tinha ouvido bem a pergunta? Ele tinha gostado muito de voltar para casa e ver flores no lugar de paisagens cinzentas e retratos taciturnos.

—Não, não me importo —assegurou-lhe.

—Obrigada —disse ela, oferecendo-lhe um largo sorriso.

Ao ver esse tipo de alegria, algo acendeu em seu coração. Diabos. Isso era algo que lhe agradava demais: inspirar esse tipo de sorriso nela. Mas isso não deveria lhe agradar. O melhor seria livrar-se desses desejos e sentimentos que estava experimentando por ela, do corpo e da mente. Com

certeza, uma vez que a provasse, uma vez que a tivesse, a esqueceria. Isso sempre funcionou com outras mulheres.

O momento havia chegado. Os sete dias que tinha lhe concedido já haviam passado. Naquela noite tiraria sua virgindade. Lembrou-se do modo delicioso como ela se desfez em seus braços há apenas três dias e decidiu proporcionar-lhe esse prazer sem cessar. Queria torná-la sua.

Porter entrou no aposento e avançou em sua direção. Inclinou-se contra seu ouvido e sussurrou:

—*Milord*, há alguém esperando o senhor na entrada dos criados.

Preston olhou para sua esposa que tinha o cenho franzido e o observava com curiosidade.

—Quem é? —perguntou Preston sem levantar a voz.

—Jamais o teria deixado ficar, mas o homem insiste que quer vê-lo. Está muito nervoso e diz que se trata de *lord* Beckett.

Se era sobre *lord* Beckett, só poderia ser uma pessoa: sua testemunha. E se tinha vindo até sua casa e colocado em risco sua própria confidencialidade, devia ser por algo grave.

Seu estômago afundou. Por muito que tivesse esperado ansiosamente por essa noite, por muito que ardesse de desejo e quisesse fazê-la sua, teria que esperar. Era possível que tivesse que partir e não soubesse quando retornaria. Não queria que ela o esperasse e depois acabasse decepcionada. Queria tomar seu tempo com ela, ir devagar e prepará-la.

Decidido, voltou-se para sua duquesa.

—Não deverias me esperar acordada. Terei que lidar com algo esta noite, mas te verei amanhã.

Viu a desilusão em suas feições.

—Esta noite voltaremos a jantar separados?

O arrependimento lhe causou uma pontada no ventre. Agradava-lhe a paz que haviam estabelecido entre eles. Queria saber mais sobre sua ambição de artista, sua infância e qualquer outra coisa que tivesse a ver com ela. Mas se o homem que o esperava estava ali por algo relacionado com *lord* Beckett, isso poderia demorar bastante.

Levantou-se e aproximou-se dela. Tomou-lhe as mãos entre as suas, ajudou-a a ficar de pé e olhou-a nos olhos.

—Sim, mas se não te incomodar, irei ver-te depois do jantar.

—Ver-me? —Franziu o cenho.

—Sim. Em teu quarto.

—Oh... —Uma cor deliciosa tingiu suas bochechas.

Ele se aproximou mais e fez o que tanto havia desejado desde que o pai dela partiu: percorreu o queixo dela com os nós dos dedos.

—Não te incomoda... certo? —perguntou ele.

Eles se olharam nos olhos. Por todos os céus, Preston poderia se perder na profundidade daqueles olhos entre cinza e azul-celeste como o mar em plena tempestade. Uma eternidade inteira se passou até que finalmente ela respondeu:

—Não me incomoda.

Sentiu como se seu estômago se enchesse de uma substância leve. Assentiu com a cabeça, e essas três palavras tão comuns do idioma fizeram seu sangue se acender pelo simples fato de virem dela.

Saiu da sala de estar com Porter e dirigiu-se à porta de entrada de serviço, que ficava embaixo, na área dos criados. Na porta dos fundos, viu Noah, o criado de Tyche que havia assinado o testemunho contra *lord* Beckett. Era um jovem alto e esbelto com olhos grandes e um profundo senso de honra. Preston supunha que era por isso mesmo que o homem havia recorrido a ele: porque não podia suportar ver um homem sofrer qualquer injustiça.

No entanto, Preston não buscava justiça. Buscava vingança.

—*Milord* —cumprimentou-o Noah.

—Você está bem? —perguntou-lhe Preston enquanto o estudava.

—Sim, *milord*. Mas *lord* Beckett foi ver o senhor Eastbourne ontem à noite e lhe disse que acreditava que um de seus funcionários estava espionando os membros do clube. O senhor Eastbourne começou a nos interrogar um por um. Não passará muito tempo até que descubra que fui eu quem o ajudou. Não sei como, mas ele descobrirá. É um homem perigoso.

Preston assentiu. Um dos princípios mais importantes de Tyche era a confidencialidade, e Noah a havia quebrado ao recorrer a Preston. Eastbourn poderia puni-lo pessoalmente ou ir à corte e fazer com que o julgassem por traição ao seu empregador, uma ofensa que era punida com a forca.

Preston lhe assegurou:

—Não se preocupe, Noah. Vou protegê-lo. Não volte ao Tyche. —Introduziu a mão no bolso e lhe entregou várias notas—. Farei com que

preparem uma carruagem e o levem a Grandhampton. Você começará a trabalhar para mim como lacaio. Escreverei à senhora Liddle, a governanta, e a Harney, meu mordomo, para avisá-los.

Noah assentiu com a cabeça.

—Obrigado, *milord*. Sou-lhe muito grato.

—Está bem. Sabíamos que isso poderia acontecer, mas vou garantir que nada aconteça com você.

Preston assentiu com a cabeça para o homem e virou-se para sair em busca de Porter para pedir-lhe que preparasse a carruagem para Noah, quando apareceu uma silhueta por trás de uma esquina do corredor dos criados.

Era sua esposa. Estava pálida, tinha os olhos arregalados e parecia furiosa.

—O que foi tudo isso? Por que meu pai procura um criado que espiou os membros do clube Tyche? E por que esse homem recorreu ao senhor?

A ira o assaltou como um raio. Ela estava espionando-o!

—Não ouse se meter em meus assuntos privados! Isso não lhe diz respeito —disse ele enquanto passava por ela.

—É o meu pai! —exclamou às suas costas—. Claro que me diz respeito!

Uma parte dele queria contar-lhe tudo. Mas tinha que protegê-la da verdade. O pai dela era um homem malvado que havia encomendado a morte de Spencer.

—Confia em mim, duquesa —disse-lhe—. É melhor que não saibas. Muito menos vindo de mim.

—Sabe de uma coisa, *milord*? —retrucou com uma expressão amarga no rosto—. Não venha ao meu quarto esta noite. Não venha nunca mais.

A rejeição doeu-lhe como um chicote. Furioso com ela e sem poder deixar de desejá-la, virou-se para aproximar-se dela, fulminando-a com o olhar. Mas ela não se moveu.

—Nunca mais, senhora? —perguntou-lhe com os dentes cerrados—. Lembro-lhe que os sete dias que lhe concedi já passaram. Esta noite serás minha, por mais irritada que estejas comigo.

As narinas de Penelope dilataram-se e seu lábio superior tremeu. Ah, agora sim ela estava furiosa.

—E eu lhe recordo, senhor, que disse que não tomaria nada que uma mulher não estivesse disposta a entregar —refutou com a voz tremendo de raiva.

Isso era verdade. Preston deu mais um passo e ficou a poucos centímetros de seu belo rosto.

—E não poderia ser mais verdadeiro —disse-lhe com calma—. Mas hoje tu me entregarás tudo o que desejo por vontade própria, duquesa. E mais, tu me rogarás que o tome.

Com os nós dos dedos, percorreu a face macia dela.

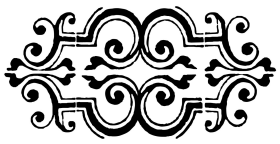
—Porque sei como te fazer estremecer e tremer de prazer —lembrou-lhe—. Já o fiz antes.

As pupilas de Penelope dilataram-se e escureceram ainda mais, e Preston soube que ela o desejava. Apesar da fúria, apesar dos segredos que havia entre eles, ela o desejava.

—Vá para o inferno —disse-lhe—. Não ouse vir ao meu quarto. Estou avisando.

Após dizer isto, empurrou-o e saiu enquanto Preston a seguia com o olhar.

CAPÍTULO 15



O DUQUE LEVOU um pedaço frio de carne assada à boca e mastigou sem desviar os olhos de Penelope, que sustentava seu olhar e se recusava a deixá-lo vencer. Embora não soubesse o quê.

Durante os dois dias que se seguiram à briga, ela estava furiosa com ele pelo engano e pelos segredos que havia guardado. Pelo poder que exercia sobre seu corpo. Porque, que a condenassem, mas ele estava certo. Ela queria mais de suas carícias. Seu corpo traidor estremecia por ele e o desejava. Durante as últimas duas noites, tinha ficado de olho na porta que conectava os dois quartos, ansiosa e excitada para vê-lo invadir seu aposento, apesar de tê-lo proibido.

Apesar dos quatro lacaios de pé contra as paredes e atentos para servi-los o almoço, ela estava com todos os sentidos em estado de alerta enquanto ele seguia cada um de seus movimentos com o olhar. O sol brilhava com intensidade através das janelas de cristal da sala de café da manhã e caía sobre a mesa coberta de carnes frias, pastéis, queijos e frutas.

Enquanto Penelope tocava a taça de vinho tinto, mais para se acalmar do que para beber, notou algo malicioso nas profundezas escuras dos olhos de Preston. A que se deveria tanta alegria quando ela estava prestes a explodir? Parecia como se ninguém em sua vida tivesse semelhante efeito sobre sua disposição animada. Só ele.

— Não faça planos para hoje — ele disse.

Penelope ficou imóvel com a taça de vinho a caminho dos lábios.

— Como disse?

O duque pigarreou e riu.

— Por favor, não faça planos para hoje. Convidei alguém e gostaria que tu a conhecesses.

Penelope assentiu com a cabeça.

— Estou intrigada.

Isso o levou a tentar ocultar um sorriso de satisfação masculina, mas não conseguiu.

— Gosto de te intrigar.

Uma onda de entusiasmo borbulhou em seu estômago e a curiosidade a fez esquecer da raiva.

Depois do almoço, foram para a sala de estar. Era o nono dia do casamento, e era a primeira vez que almoçavam juntos e passavam tempo na sala de estar como marido e mulher. Quando Penelope se sentou, Porter bateu à porta para anunciar a chegada da senhorita Enrica de Luca.

Sem acreditar em seus ouvidos, Penelope se levantou. Com a boca bem aberta, cravou o olhar no duque.

— Como conseguiu convidar a artista feminina mais talentosa da Inglaterra? — balbuciou.

Seu marido se levantou para cumprimentar a convidada com toda a graça e confiança de um aristocrata nato, enquanto Penelope se sentia como uma criança e tudo em seu interior girava de entusiasmo.

Enrica de Luca era a inspiração de Penelope. A artista vinha da Itália e havia aprendido com seu pai e outros mestres na Itália antes de ir para a Inglaterra para estabelecer seu estúdio. Não era casada, nem dependia de um patrono rico e poderoso. Seus quadros falavam por si mesmos. Penelope tinha visto muitos de seus retratos na exposição da primavera do ano anterior.

Eram simples, mas estavam cheios de luz interna. E, ao vê-los, a audiência podia divisar a alma dos sujeitos retratados. Eram obras abertas e sensuais, e a senhorita De Luca parecia revelar a verdadeira essência dos sujeitos através de seus corpos. Seu trabalho não se limitava às damas e aos cavalheiros da nobreza, mas também incluía comerciantes, cozinheiros, criados e até mesmo fazendeiros.

Quando a senhorita De Luca entrou, Penelope ainda tentava recuperar o fôlego. Às suas costas, um lacaio carregava um cavalete, uma tela e um estojo de madeira. Enrica era uma mulher baixa e bela de uns quarenta anos, com grandes olhos verdes e cabelos escuros. Tinha um olhar de

diversão indiferente no rosto e, Penelope acreditava que esse poderia ser seu estado natural. Os olhos afiados e detalhistas da artista a percorreram de cima a baixo e depois se concentraram no duque.

Penelope ficou sem fôlego novamente e sentiu seus pés afundarem. Para que Preston a havia convidado? E por que o lacaio havia trazido o cavalete e o estojo cheio de manchas de tinta? Ela se forçou a falar.

—Senhorita De Luca, é uma honra conhecê-la. Por favor, entre.

—Obrigada —respondeu a artista com um sotaque italiano que a fez soar ainda mais bela e elegante—. Mas a senhora não gostaria que fôssemos ao estúdio, *milady*? —perguntou-lhe arqueando as sobrancelhas—. Pensei que era por isso que eu tinha vindo.

Penelope engoliu com dificuldade e olhou seu marido nos olhos. O brilho que encontrou neles sugeriu que ele estava gostando de dar essa surpresa a ela.

—A senhora tem razão. Por favor, desculpe o espanto de minha esposa. A senhora é uma surpresa para ela.

—Ah, entendo —disse a senhorita De Luca rindo—. Espero ser uma surpresa agradável.

A garganta de Penelope se contraiu.

—Oh, sem dúvidas. Muito agradável. Independentemente do motivo de sua visita, a senhora é muito bem-vinda.

—Fui convocada aqui para ensiná-la, duquesa —informou-lhe a senhorita De Luca.

Enquanto Penelope tentava recuperar o fôlego e se manter em terra firme, seu marido fez um gesto indicando a porta, e eles começaram a andar. Ser aluna de uma verdadeira artista era seu sonho mais distante e inatingível. Mas agora estava ao alcance de suas mãos.

Penelope os seguiu até um cômodo onde nunca havia estado. Ali, viu um cavalete com uma tela no centro e várias telas encostadas contra uma parede. Sobre uma mesa, havia diversas pinturas em aquarela e óleo, bem como pincéis, paletas, panos, aventais, lápis e papéis. As cortinas estavam bem abertas para permitir a maior entrada de luz possível. As paredes, ao contrário de qualquer outro cômodo da casa, estavam pintadas numa cor neutra, *bege* claro, o que dava a impressão de que o ambiente estava mais iluminado e arejado. Contra uma das paredes, havia uma mesa com uma

toalha branca sobre a qual estava uma tigela cheia de maçãs, uvas e pêssegos.

Enquanto a senhorita De Luca e o lacaio entravam no cômodo e instalavam o cavalete e suas ferramentas, Penelope ficou parada na soleira sem conseguir se mover.

—Isto é para você —disse-lhe o duque após parar ao seu lado e olhar o cômodo—. É o seu próprio estúdio.

Penelope ergueu o olhar para vê-lo; o perfil sombrio que ela havia detestado desde o primeiro baile agora parecia suave e querido. Naquele momento, apaixonou-se um pouco por ele, apesar de tudo o que havia acontecido e apesar de saber que ele escondia algo dela.

Antes que pudesse responder, a senhorita De Luca se virou para ela.

—Tomara que todas as mulheres pudessem ter um marido tão compreensivo...

Penelope entrou no cômodo e parou ao lado da senhorita De Luca sem tirar os olhos de seu marido, que naquele momento a seguia relaxado ao estúdio.

—Suponho que sou afortunada. Quanto mais fundo olho, mais gosto do que vejo.

A senhorita De Luca sorriu para ela.

—Nesse caso, o que acha de capturarmos o maravilhoso homem em questão? —perguntou em voz alta para que todos a ouvissem—. Você posaria para sua esposa, *milord*?

A expressão que o duque demonstrou foi quase adorável. Toda a descontração e satisfação se esvaíram para dar lugar a um profundo espanto.

—Não —disse dando um passo para trás—. Desculpem, mas não.

A senhorita De Luca avançou em sua direção e passou o braço pelo cotovelo dele.

—*Ma si*. Sim. Sua esposa adoraria pintá-lo, não é verdade, duquesa?

O coração de Penelope bateu forte no peito. No decorrer dos últimos dias, ela havia desenhado o rosto do duque sem parar em seu caderno de esboços. Era uma tentativa de compreendê-lo e de capturá-lo. De desvendar seus segredos. Mas ao mesmo tempo era uma tentativa de compreender sua própria fascinação por ele. Uma fascinação que não deveria estar sentindo se fosse guardar esperanças de proteger seu coração dele.

Por isso havia arrancado todos os retratos e os queimado. Pior que sentir fascinação por ele seria se ele encontrasse os desenhos e percebesse que ela não conseguia parar de pensar nele.

E agora, ao estudar seus belos traços sob a orientação de uma artista profissional, poderia chegar a compreender por que ele exercia tanto poder sobre ela. E como podia ser que o detestasse e, ao mesmo tempo, não pudesse afastá-lo de seus pensamentos.

—Na verdade, sim, *milord* —respondeu Penelope—. Isso me agradaria muito.

O duque enrijeceu o maxilar, e seu pomo de Adão oscilou para cima e para baixo.

—Não, garanto-lhes que esta tigela com frutas é muito mais cativante que...

A senhorita De Luca riu e o empurrou contra a parede.

—Meu querido senhor —começou—. Garanto-lhe que não há frase mais falsa que essa em todo o seu idioma. —Em seguida o soltou e empurrou a mesa para um canto—. Você é o sujeito mais cativante da sala. Com exceção da duquesa. —Piscou um olho para Penelope.

—Por favor —disse Penelope e sorriu para ele antes de acrescentar algo que jamais havia considerado dizer—. Por favor, Preston.

Por um momento, parecia como se o tivessem atravessado com um sabre ou o tivessem queimado na fogueira. Sua testa se enrugou entre as sobrancelhas e formou-se uma expressão de angústia e dor em seu rosto. Depois assentiu com a cabeça.

—De acordo. —Engoliu com dificuldade e acrescentou—: Penelope.

Ouvi-lo pronunciar seu primeiro nome com sua voz, com essa nota de dor foi como sentir a carícia de uma mão suave sobre as costas descobertas.

A senhorita De Luca tinha um sorriso enorme enquanto passava o olhar de um para o outro.

—Excelente! —exclamou e bateu palmas—. *Milord*, poderia ficar deste modo?

Mostrou-lhe uma pose que Penelope havia visto nos retratos mais recentes de Enrica, com as costas eretas, um braço apoiado sobre a cintura e o outro pendurado ao lado do corpo. Uma perna tensa e a outra relaxada e um pouco flexionada.

A senhorita De Luca deu um passo para trás e o observou.

—Precioso. Por favor, mantenha a pose.

Depois parou ao lado de Penelope. Juntas, traçaram um primeiro esboço. A senhorita De Luca lhe ensinou que primeiro devia captar as formas gerais: os círculos, os triângulos e os quadrados.

—Vê como o corpo dele é um triângulo? —murmurou enquanto corrigia o esboço que Penelope havia traçado na tela—. Ele tem os ombros largos, a cintura e os quadris estreitos e, se você observar o peito, parece um grande retângulo.

—Sim, é verdade —disse Penelope enquanto continuava desenhando as formas que a artista havia detalhado. Ela tinha razão. Sob todas as roupas, quase podia ver os poderosos músculos do peito do seu marido, que pareciam dois retângulos. Devia haver uma inclinação entre os músculos peitorais que desciam pela cintura estreita. Se o estômago era tão duro quanto ela se lembrava daquela vez em que se aproximou dele, devia estar coberto de músculos também. Era como uma estátua grega, com seis quadrados no lugar de músculos e... mais abaixo...

Apertou o lápis com tanta força contra a tela que a ponta quebrou. Soltou um ofego enquanto ouvia a risada da senhorita De Luca ao notar o local exato do esboço em que o lápis havia quebrado. Sem parar de rir, entregou-lhe outro lápis.

—Não aperte tanto, duquesa. Principalmente nessa área.

Penelope corou.

—Mas não...

—Deslize o lápis sobre as linhas do corpo como uma amante —instruiu-a—. Ame-o com o lápis como o faria com a mão.

Penelope sentiu o rosto queimar. Assentiu e quando voltou a olhar Preston nos olhos, foi como se ele não visse mais ninguém no mundo. Apenas ela.

Continuou desenhando com mais suavidade. Sentiu como se estivesse acariciando o corpo dele a cada toque do lápis. Quando começou a desenhar os traços do rosto, a senhorita De Luca parou atrás dela.

—Lindo. Olhe-o nos olhos. Observe o brilho da luz contra a escuridão. As ondulações das pálpebras e das sobrancelhas. Os olhos são as janelas que dão para a alma de uma pessoa. Ele está deixando você entrar. O que vê por trás desses olhos?

Penelope moveu o lápis e o esboço ficou magnífico. Bem, na verdade, ele era magnífico.

Apesar do ódio, das ações que ele havia tomado contra ela e seu pai, agora que o via, não conseguia enxergar nada disso. O que via por trás daqueles olhos era um homem com uma alma bela e ferida.

E em seus olhos não viu animosidade, nem mesmo seu inimigo. Viu um irmão de luto e cheio de raiva. Viu um homem bondoso. Viu um homem que amava sua família. E viu uma incrível força de vontade.

Quando terminou de esboçá-lo, o desenho na tela se parecia com ele. Com a verdadeira versão dele e não com a que escondia atrás de uma máscara. Apesar de no desenho estar vestido, parecia estar nu e vulnerável. Indefeso, inclusive.

—Parabéns —disse a senhorita De Luca às suas costas—. Você o capturou muito melhor do que qualquer pessoa poderia. Atrevo-me a dizer que até melhor do que eu.

Penelope riu e olhou para ela.

—Obrigada. Não acho que isso seja verdade, mas...

—A senhora tem muito talento, duquesa —assegurou-lhe a artista com um sorriso—. Vejo o potencial de uma grande artista em você. Na próxima vez gostaria de lhe ensinar a pintar a óleo, se quiser.

—Ah, claro! Eu adoraria! —exclamou Penelope alegre.

A senhorita De Luca respondeu algo. Penelope olhou o esboço que a artista havia feito de Preston e descobriu que ela tinha razão. Enquanto a técnica era perfeita e se parecia mais com ele fisicamente, o de Penelope estava cheio de luz e amor.

—Posso ver? —perguntou Preston, e Penelope teve que reprimir o instinto de cobrir a obra como havia feito cada vez que seu pai se aproximara.

Porque ela já não precisava fazer isso.

—Sim, claro —disse-lhe e deu um passo para trás—. Mas não está terminado.

Preston parou diante da tela e observou o desenho durante vários minutos. A senhorita De Luca e o lacaio estavam ocupados empacotando as coisas. Mas ao invés de felicitá-la ou mostrar-se satisfeito, o rosto de Preston tornou-se sombrio.

—É lindo. É evidente que tens muito talento —disse-lhe por fim, olhando-a nos olhos—. Mas não mereço ser retratado tão bem.

—Não diga isso —disse-lhe dando um passo em direção a ele.

—Não mereço um retrato como esse porque não sou um bom homem. E tu sabes melhor que ninguém. Por isso me surpreende que tenhas me desenhado deste modo.

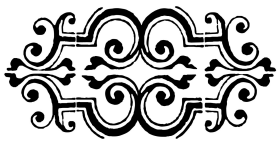
—Te vejo como um bom homem —disse-lhe dando outro passo em direção a ele para apoiar a mão sobre seu ombro.

Ele a atraía como uma força incontrolável. Agora compreendia a que Calliope se referira. Sua irmã via o verdadeiro Preston, o homem que estava por baixo da máscara social e de todas as camadas de dor e angústia. O homem a quem estava pronta para se entregar.

Ele a olhou nos olhos. Durante um breve instante, imaginou que podia ter tudo: sua arte e um casamento feliz. Talvez houvesse esperança para ela. Talvez não tivesse que se sentir tão sozinha.

—Na verdade, vem ao meu quarto antes do jantar. Te mostrarei exatamente como te vejo —prometeu-lhe.

CAPÍTULO 16



PRESTON BATEU na porta de sua esposa. A batida soou tão suave que quase pareceu tímida. Deixou cair o braço e ignorou o tremor na mão antes de fechá-la em punho. Passos leves se aproximaram do interior do quarto. Então a porta se abriu, e ele a viu diante dele.

Ela tinha um olhar intenso que cintilava. O vestido que havia escolhido para o jantar era de um tom rosado suave muito parecido com o de sua bela pele e tinha aplicações de cristal que brilhavam no complexo bordado prateado. A imagem o deixou sem fôlego, não porque ela parecesse estar nua, mas porque sua boca secou só de vê-la, e todo o sangue correu para sua virilha. Baixou o olhar para o busto, e não soube discernir onde terminava seu corpo e onde começava o vestido. Podia imaginar os mamilos rosados.

Engoliu com dificuldade e se obrigou a olhar para o rosto dela.

— Aqui estou — disse-lhe com a voz rouca. — Vim ao teu quarto antes do jantar. Como me pediste.

Ela assentiu com a cabeça e deu um passo para o lado para deixá-lo entrar. Dentro do quarto, diante da lareira, havia uma pequena mesa com uma refeição leve: pão, manteiga, queijo, tortas de pombo, língua fria e frutas, assim como uma garrafa de vinho e duas taças. Não havia nenhum lacaio para servi-los, nem criada alguma ou o mordomo. Ninguém que pudesse observá-los.

Penelope permaneceu de pé no centro do quarto torcendo as mãos.

— Achei que seria uma boa ideia jantarmos aqui juntos. Apenas nós dois.

Preston assentiu com a cabeça enquanto um formigamento quente percorria sua pele.

— Concordo, Penelope.

"Penelope..." Céus, adorava como soava o primeiro nome dela. Tinha um sabor divino. Como um sorvete num dia de verão. Cheio de sabor, refrescante... e cheio de pureza. Mas... seria ela também pura?

Enquanto tomava assento à mesa redonda, observou-a sentar-se e pegar um pedaço de língua fria. Ela tinha os olhos calorosos e os lábios curvados num meio sorriso.

Preston pegou um pedaço de queijo e o levou à boca.

— Devo confessar que não és quem eu pensava que eras.

Penelope arqueou as sobrancelhas e adotou uma expressão divertida.

— Acredito nisso. Pensavas que eu era uma caça-fortunas superficial. O que pensas de mim agora?

Agora que a conhecia melhor, era difícil imaginar que no passado tivesse tido a intenção de encorajar os sentimentos de seu irmão, de seduzi-lo para conseguir sua fortuna e sua posição social. Seria possível descartar tudo o que pensava dela e deixar de considerá-la sua inimiga?

Nesse momento, percebeu que já tinha feito isso, e nem havia notado. Ela já não era sua inimiga, mas também não podia ser sua amiga. Por isso, não sabia o que ela era, embora tivesse certeza de que não podia se permitir sentir nada por ela, por mais que fosse sua esposa. Porque, ainda que não fosse mais sua inimiga, mesmo que assumisse que ela não tinha culpa pela morte de Spencer, sempre seria a única mulher que seu irmão havia amado.

—Não —respondeu ele—. Não acredito que você seja uma caça-fortunas ou uma mulher superficial. Você tem um espírito forte e independente. É uma artista muito talentosa. Tem perspicácia e bondade no coração.

E um corpo incrível; ainda não conseguia esquecer como tinha se sentido quando ela se contorcia contra ele em êxtase. Nem conseguia esquecer o aroma e o sabor dela em seus dedos depois de lhe dar prazer, ou o modo como sua pele macia e quente estremeceu contra sua palma... Teria que possuí-la até se livrar dessa lembrança e tirar o desejo que sentia por ela do sistema. Ainda naquela noite.

Depois de fazer amor com ela, se entediaria e voltaria à sua vida normal. Só se deitaria com ela até saber que estava grávida. A única coisa que precisava dela era um herdeiro e um duque reserva. Daria todo seu apoio para ela desenvolver sua carreira artística. A ajudaria com seus

contatos e pagaria aos melhores artistas para serem seus mestres. Também garantiria que a aceitassem em qualquer exposição da qual quisesse participar. Faria isso para provar a seu pai o quanto estava equivocado quanto à sua filha, mas também porque Penelope merecia uma vida plena e feliz. Tinha lhe tirado a escolha do casamento e agora compreendia que ela era outra vítima em seu plano de vingança. Por isso, faria o melhor para compensá-la, embora jamais pudesse amá-la.

—Ah, obrigada, Preston —disse ela—. Reparei em você durante minha primeira temporada. Mas você sempre me intimidou. Se pensava isso de mim, por que nunca pediu ao seu irmão que nos apresentasse para descobrir se era verdade ou não?

—Porque eu sabia que estava certo. Sempre estou certo. E não queria estar errado. Sou orgulhoso.

—Mas por que pensou que eu era uma caça-fortunas?

—Como mencionei naquela noite em Almack's, todos os membros da sociedade estão cientes da situação do seu pai e de como ele é pobre. Todos sabiam que ele estava procurando um marido rico para você e que não conseguiu encontrá-lo.

—Todos menos eu —murmurou—. Sabia que não éramos ricos, mas ele não me disse o quão mal as coisas estavam até voltarmos de Almack's.

—Por isso ele estava desesperado para casá-la.

—Casar-me? Ele nunca me mencionou nada.

—Mas esse era o caso. Circulamos nos mesmos ambientes. Os homens falam e espalham tantos boatos quanto as mulheres.

—E então, por que ninguém me propôs casamento? —perguntou ela.

—Porque ele estava procurando o melhor candidato. O mais rico. Certa vez, ouvi dizer que ele encontrou alguém, mas que o acordo foi arruinado pelo meu irmão.

—Seu irmão?

—Você estava flertando com ele. Não negue. Até eu via vocês. Sorriam, piscavam... Riam como duas crianças. Mas devido à reputação dele e ao fato de passarem muito tempo juntos, começou-se a questionar sua castidade.

No final, esses rumores tinham levado à morte de Spencer.

Ela franziu o cenho e baixou o garfo e a faca.

—Minha castidade? Nós ficávamos conversando sobre arte. Ele me contava coisas sobre sua infância. Sobre você. Era um bom amigo. Jamais flertei com ele, só apreciava sua companhia. Ninguém mais queria se relacionar comigo.

—Mas me diga com honestidade, jure que nunca pensou que ele estivesse interessado em você como mulher.

—Suponho que você pode me chamar de ingênua, mas não. Por acaso você não viu as mulheres que interessavam a Spencer? Eram viúvas lindíssimas, ou mulheres casadas que eram belas, sofisticadas e perfeitas e que se entediavam com seus maridos. E depois estava eu... me espremendo contra as paredes dos salões de baile e corando de vergonha quando um homem olhava para mim. Sempre acreditei que ele me considerava alguma espécie de irmã mais nova.

Preston nunca havia notado como ela corava de vergonha. Quando um jovem se aproximava para falar com ela, Penelope oferecia um daqueles sorrisos lindos que a iluminavam por dentro e iluminavam todo o ambiente como se fosse um pequeno sol pessoal. Jamais lhe parecera tímida ou envergonhada.

—Uma irmã mais nova? —Preston zombou—. Eu já tinha uma. Naquela noite, quando ele foi ao cais e o espancaram até a morte... naquela noite discutimos por sua causa. Eu tinha certeza de que você gostava dele. E ele te amava. Queria te pedir em casamento. Foi por isso que discutimos.

Penelope ficou petrificada e franziu a testa confusa ao mesmo tempo em que arregalava os olhos. Depois fez um gesto negativo com a cabeça.

—Ele queria me pedir em casamento?

—Sim, mas eu disse a ele que ia cometer um grande erro. Só de olhar para você, era claro para mim que você não sentia o mesmo por ele. Eu estava certo de que o carinho que você demonstrava era falso.

Preston lembrou daquela maldita noite como se estivesse acontecendo naquele exato momento. Tinha ocorrido nessa casa, no escritório de Spencer.

O ambiente cheirava a conhaque, à colônia de Spencer, que era uma fragrância fresca com notas de pimenta, roupas limpas e o aroma dele.

Spencer havia bebido todo o conhaque da taça e a apoiado sobre a escrivaninha.

—Você só diz que ela não é honesta porque é preconceituoso. Você nem sequer conversou com ela. Mas está enganado. Ninguém me compreende como ela. Ela me vê exatamente como sou. Não me vê como um duque rico.

—Você está louco! —exclamou Preston—. É exatamente assim que ela te vê. Só estou tentando te evitar uma vida cheia de infelicidade. Como ela não tem um centavo de dote, precisa de um marido rico que pague as dívidas de jogo do pai. O que ela mais ama em você é a sua fortuna.

—Vá para o inferno. —Spencer tinha saído furioso, mas havia parado na porta e se virado. Preston jamais poderia imaginar que essa seria a última vez que veria seu irmão com vida—. Você é seu pior inimigo —ele havia dito—. Você se apressa em julgar e é tão teimoso que não está disposto a mudar de opinião. Seu orgulho afastará todos que possam chegar a te amar. Não venha à minha luta esta noite.

Preston deveria ter insistido. Deveria ter engolido o orgulho e insistido em ir apoiá-lo apesar da discussão que tiveram. Mas seu irmão o mandara para o inferno.

—Tudo bem —ele havia dito apesar de sentir algo pesado no estômago —. Tenho coisas melhores para fazer do que sentar em um nojento clube de boxe.

Após ouvir isso, Spencer tinha ido embora. E isso foi a última coisa que Preston disse a seu irmão. No entanto, se ele tivesse ido com ele naquela noite, provavelmente ainda estaria vivo. Talvez até tivesse pedido Penelope em casamento, e ela seria sua esposa. E a cunhada de Preston.

Não deveria sentir um remorso enorme por se alegrar que agora ela fosse sua? Não era como se desejasse que seu irmão estivesse morto?

—Nunca me interessei por seu irmão desse modo, Preston —ela disse com suavidade—. Não sabia que ele havia interpretado mal minha amizade por sentimentos românticos. Lamento ter dado a impressão errada, mas não fiz de propósito. E me alegro que não tenhamos nos casado porque teríamos sido muito infelizes juntos.

Preston estava com a pele coberta de suor. Mas isso não deveria importar. Essas palavras não deveriam importar. No entanto, apesar de tudo, ele buscou um significado oculto no que ela havia dito... Spencer e ela teriam sido infelizes juntos.

—De todos os irmãos Seaton —continuou Penelope—, sempre foi você.

Uma onda de calor o invadiu. "Sempre foi você".

Então, Preston e ela... poderiam ser felizes? Ela lhe dissera que havia notado ele há muito tempo.

Não, devia deter esses pensamentos e parar de imaginá-la com sorrisos de felicidade todos os dias por causa dele. Ou se contorcendo de prazer sob suas carícias. Ou de voltar para casa para levar essa mulher calorosa e linda para a cama. Para sentir essa sensação leve no peito, e saciar o ardor e o desejo que sentia por ela. Para que o prazer desse lugar à felicidade. A uma vida com ela e um casamento feliz...

Não deveria pensar desse modo. Era pecado. Era desejar a morte de Spencer porque isso só seria possível graças à morte dele. Ainda assim, as palavras escaparam de sua boca antes que pudesse contê-las.

—Você acha que poderia ser feliz comigo?

Penelope engoliu com dificuldade e olhou para ele. Deve ter se passado um século inteiro antes que ela respondesse:

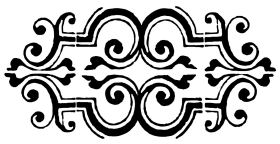
—Em outro momento, não acreditei que pudesse sentir mais que ódio por você. Mas já não me sinto assim.

Ele também não.

Essas palavras o desarmaram. O desejo por ela venceu.

Levantou-se e com uma grande passada reduziu a distância que o separava da cadeira dela, fez com que ela se levantasse e a beijou.

CAPÍTULO 17



ELE ROÇOU os lábios contra os dela e surpreendeu-a que fossem macios e exigentes ao mesmo tempo. Chamaram-na com seu toque aveludado, e ela só quis dar uma resposta: "Sim".

Separou os lábios em resposta, e ouviu um grunhido masculino de alívio... e de desejo que escapou da garganta de Preston. O duque a envolveu em seus braços para aproximá-la mais, até que cada centímetro de seus corpos estivesse se tocando. Continuou beijando-a com essa língua habilidosa que explorava até o mais profundo de sua boca, procurava-a como se estivesse desesperado e ela fosse sua única salvação.

Preston tinha gosto de vinho, algo doce e áspero... como ele era. Estava muito duro e quente e cheirava tão bem que ela quis esfregar-se contra seu corpo como uma gata. Após alguns instantes, sentiu um calor no interior que não tinha nada a ver com as brasas que ardiam na lareira.

Preston aprofundou o beijo, e Penelope estremeceu. Seus seios doíam, e teve a certeza de que só o corpo dele poderia acalmá-la. Passou os braços pelo pescoço dele na tentativa desesperada de aproximá-lo ainda mais, o mais perto possível.

Preston enterrou as mãos em seus cabelos, acariciou o penteado perfeito que sua habilidosa criada havia feito e segurou seu rosto enquanto inclinava a cabeça para beijá-la ainda mais profundamente. E ela permitiu, abrindo-se mais para ele, arqueando-se contra seu corpo e desejando que fosse seu.

Ela o desejava por completo; tanto que mal podia sentir o chão sob os pés. Só estava consciente do fato de que se encontrava colada a ele e de que

suas roupas se sentiam estranhas e antinaturais enquanto seu peito se expandia e seus seios se inchavam.

Baseando-se em algo longo e duro que se pressionava contra seu ventre perto das calças, soube que ele também devia sentir-se desse modo. Como queria dar-lhe tanto prazer quanto ele a tinha feito sentir na noite na casa de *lady* Leroy, baixou as mãos pelo colete e desfez os botões para deslizá-las sob as lapelas e passá-las pelos ombros duros e pelos braços.

Preston riu contra sua boca.

— Que impaciente, duquesa. Estás quase tão impaciente quanto eu para te ver.

— Para ver...

— Oh, sim — disse-lhe com um olhar escuro e ardente —. Vem cá.

Beijou-a novamente, mas desta vez esfregou suas costas com as mãos e desabotoou os ganchos do vestido com a mesma habilidade de uma criada. Em seguida, baixou o vestido até que caísse aos seus pés sobre o tapete macio. Depois tirou as anáguas, que caíram mais rígidas ao redor dos tornozelos. Uma onda de calor a arrasou. Um homem a veria nua a qualquer momento. E não era um homem qualquer, mas ele.

Preston parou de beijá-la para afastar-se um passo e a percorreu com o olhar. Ela só vestia a camisola e o espartilho. Será que lhe agradaria o que via? Ele a examinou lentamente para observar cada centímetro do seu ser.

— Vira-te — instruiu com a voz baixa e rouca.

Penelope obedeceu e virou-se. Sentiu um puxão no espartilho quando ele começou a desamarrar os laços. Em breve, tirou-o pela cabeça e a única coisa que lhe restou vestida foi a fina camisola. Quando a tomou pela mão para fazê-la virar-se para ele, fez-lhe sentir um estremecimento por todo o braço.

— Tira-a — pediu, e o pomo de Adão subiu e desceu.

Tomou uma profunda respiração. Os mamilos formigavam e enrijeceram contra o tecido fino. Era seu único ponto de atenção; Preston a olhava como se nada nem ninguém mais existisse. Ele era o duque e seu marido, e ela pertencia a ele aos olhos de Deus, do rei e da corte. Ele podia dar todas as ordens que quisesse... e as dava. E, no entanto, havia algo em sua voz, na expressão intensa e quase dolorosa em seu rosto, que a fazia se sentir poderosa.

Sem tirar os olhos dos dele, desfez o pequeno laço que fechava a parte da frente da camisola. Preston seguiu os movimentos de suas mãos com as narinas dilatadas, e seu peito subiu e desceu mais rápido. Enquanto abaixava as alças largas da camisola e deixava um ombro descoberto, o olhar do duque escureceu até tornar-se o de um predador. Penelope abaixou a outra alça e depois deixou a peça cair até a cintura. Ficou pendurada em seus quadris.

—Por todos os céus... —praguejou com o olhar de um homem faminto fixo em seus seios—. Tira isso, Penelope.

Ela obedeceu. Uma fria brisa de ar percorreu seu corpo, e ficou de pé, nua, exceto pelas finas meias de lã que aderiam às suas pernas graças às ligas e pelos sapatos. Deu um passo para o lado para sair da pilha de roupas que havia se acumulado ao redor de seus pés e avançou em direção a ele. Apesar de estar nua, sentia-se arder.

Preston foi descendo o olhar por seu corpo, e sua respiração acelerou ao mesmo tempo que aumentava o volume em suas calças.

—Meu Deus, Penelope —murmurou com voz rouca—. Como você é linda... Como me tenta...

As palavras produziram uma onda de felicidade que a fizeram corar. Ele achava que ela era linda... Ele é que era atraente, o lindo.

—Espere aqui. —Ele foi até a cama, tirou a colcha e voltou à lareira para colocá-la no chão diante das chamas—. Quero te ver por completo. O tempo todo. Quero ver como você chega ao ápice do prazer e o momento em que te faço minha.

Um tremor de desejo percorreu todo o seu corpo. Preston a pegou pela mão e a aproximou para beijá-la novamente, mas desta vez não se deteve nos lábios, e sim continuou descendo pelo pescoço, pelo peito até chegar aos seios. Tomou um entre as mãos e levou o outro à boca. Como as carícias da língua contra o botão foram quase mais do que ela podia suportar, ficou tensa pelo intenso prazer que ele estava provocando.

—Oh, Preston —gemeu.

—Você gosta disso, meu amor?

—Sim.

Seus joelhos se transformaram em gelatina e ela cambaleou, mas Preston a segurou e a deitou sobre a colcha. Com as costas apoiadas sobre o cobertor macio, sentiu o calor das grades que a aqueciam por fora. Preston

ajoelhou-se sobre ela sem parar de olhá-la nos olhos e tirou o colete. Depois desabotoou a camisa branca. As peças de roupa caíram sobre a pilha que as dela formavam, e Penelope parou de respirar para contemplar o glorioso corpo de um excelente exemplar masculino à sua frente. No passado, havia visto estátuas gregas e conhecia a perfeição de uma figura masculina, mas jamais tinha visto um homem nu.

Os ombros fortes eram largos e o peito, musculoso, com uma suave mata de pelos e mamilos escuros. Tinha os bíceps retesados. A pele mais escura que a dela cintilava dourada à luz do fogo. A planície dura do estômago conduzia a uma região com a qual não estava nada familiarizada... se não considerasse o que havia visto em esculturas e pinturas. A região que estava prestes a ser revelada...

Ele baixou as calças, e algo longo e grosso saltou para frente... Era um órgão masculino! Podia ser assim tão grande e estar tão ereto e apontando para cima? Jamais havia visto isso em nenhuma estátua! Tinha cachos escuros na base, e mais abaixo, coxas grossas, musculosas e bonitas.

—Preston, você é mais magnífico do que eu jamais poderia ter imaginado... —sussurrou—. Você deve me permitir pintá-lo nu.

Preston riu e sorriu para ela. Sorriu para ela!

A reação foi tão inesperada e linda que a deixou sem fôlego e sentiu o impulso de acariciar seus lábios para se certificar de que não estava sonhando. Pela primeira vez desde que o tinha visto há três anos em um baile, ele parecia despreocupado. A eterna expressão de sobrancelhas franzidas havia desaparecido para dar lugar a um jovem tão atraente que seu peito doía.

—Só você pensaria em pintar num momento como este. —Ele riu entre dentes—. Vejamos se consigo fazer você pensar em outra coisa... ou, melhor ainda, em nada.

Voltou a beijar-lhe os seios. Tomou-os entre as mãos e alternou entre provocar um com a boca e depois o outro enquanto acariciava o mamilo com os dedos. Ela sentiu um prazer doce que a embriagou. Arqueou as costas para dar-lhe mais acesso e aproximar-se ainda mais. Depois foi depositando beijos pelo estômago em um rastro ardente que descia. Passou pelos pelos que cobriam sua virilha...

Lembrou-se das sensações mágicas que ele a fizera sentir com os dedos da última vez. Oh, céus, estava em chamas. Será que ele ia...?

Preston separou-lhe as dobras e selou a boca sobre seu sexo. Penelope ofegou e estremeceu com o prazer intenso que lhe produziu a escandalosa decadência do ato.

—Preston, eu...

—Shhh... —sussurrou-lhe—. Você tem um sabor celestial. Melhor do que jamais imaginei.

Recostou-se sobre a colcha com as bochechas rosadas enquanto o duque procedia a beijá-la em sua zona mais íntima como se estivesse beijando sua boca. E ele havia imaginado beijá-la ali!

Mas após alguns instantes, não pôde pensar mais, e sentiu a língua que a provocava, lambendo-a e saboreando-a enquanto com os lábios a sugava e bicava sua carne sensível. Sentiu-se expandir e nadar num mar de sensações, no prazer que a inundava em ondas deliciosas. E então ele introduziu um dedo... Não doeu, mas sentiu como uma pequena invasão.

—Como você é suave, querida —murmurou-lhe—. E tão quente e apertada. E está tão molhada para mim.

Molhada? Oh, por todos os céus, estaria se envergonhando?

—Significa que você está pronta —disse-lhe com suavidade—. Você está pronta?

—Para quê? —Ergueu o olhar para ele.

—Para me receber —respondeu-lhe—. É assim que te faço minha. Assim você deixa de ser virgem e se torna uma mulher.

Ela o queria dentro. O queria tão perto quanto dois seres humanos pudessem chegar. O queria em todos os lugares.

—Sim —respondeu-lhe.

—Pode doer e talvez se sinta desconfortável —advertiu-lhe—, mas é só porque é a sua primeira vez. Prometo que no futuro se sentirá maravilhoso. Tão maravilhoso quanto você sente agora... e melhor.

Penelope não sabia nada sobre o assunto. Não havia ninguém em sua vida que a tivesse preparado para isso. E o fato de que ele estivesse cuidando dela e quisesse ensiná-la e mostrar-lhe como fazer derreteu seu coração e sua alma. Ela o desejava. Aquela noite. A seguinte. E eternamente. Mesmo que doesse. Seu estúpido coração estava se apaixonando por ele.

—Sim, Preston —sussurrou enquanto seu peito inflava e desinflava.

Preston acomodou-se entre suas coxas e as separou antes de descer sobre ela. O membro duro roçou sua entrada, e Penelope moveu os quadris para encorajá-lo a penetrar seu corpo que pulsava cheio de desejo. Tinha um incêndio e o único que podia apagá-lo era ele. O coração bateu desenfreado. Como faria para acomodá-lo por completo quando jamais havia tido nada dentro do corpo? Ele olhou profundamente em seus olhos. Havia tanta ternura em seu olhar, tanto cuidado por ela, que sua garganta se fechou de emoção.

—Você é perfeita —disse-lhe e desencadeou um bando de estorninhos em seu estômago. Beijou-a com ternura e profundidade e começou a investi-la com delicadeza. Sustentou-se com um braço enquanto deslizava o outro entre seus corpos e esfregava um dedo pelo centro de prazer que jazia oculto entre suas dobras. Penelope separou as coxas para senti-lo mais profundo em seu interior.

De repente, sentiu um beliscão interno, e Preston deslizou para seu interior. Penelope contorceu-se um pouco e depois ficou petrificada. O ardor tornou-se um pouco desagradável e Preston parecia estar sofrendo.

—Você está bem, meu amor? Quer que eu pare?

Ele era tão grosso e estava crescendo tanto em seu interior, que sentiu como se estivesse esticando-a ao limite. Apesar do mal-estar, ainda o desejava. Continuava excitada e não estava nem perto de ter terminado. Notou umas gotas de suor sob as mechas de cabelo escuro que caíram sobre a testa de seu marido.

—Não pare —disse-lhe passando as mãos pelas costas musculosas—. Por favor, não pare.

Preston engoliu com dificuldade.

—Que bom. Porque você se sente tão bem que acho que teria um derrame se precisasse me afastar do paraíso do seu corpo.

Lentamente, continuou investindo contra ela sem parar de esfregar seu centro de prazer e, em breve, a dor se dissolveu numa onda intensa que fazia parte desse prazer.

Penelope soltou um gemido e arqueou as costas quando ele se enterrou no mais profundo do seu ser. Agora ele fazia parte dela, e ela dele, e quando começou a se mover mais rápido, entrando e saindo do seu corpo com delicadeza, o prazer foi aumentando. Preston afastou a mão, mas reajustou

os quadris para continuar estimulando aquele ponto maravilhoso, e a fez sentir outro prazer crescendo dentro dela.

Começou a investi-la com vigor, emitindo profundos grunhidos que pareciam gritos de agonia.

—Como você se sente bem, Penelope —gemeu—. Céus, você é tão apertada... Você gosta disso?

—Sim... Por favor... por favor...

—Por favor, o quê, meu amor?

—Mais... mais...

—Sinto que você me aperta tanto... Você está perto do orgasmo?

—Estou... Estou...

Ela não sabia o que estava. Sabia que havia uma tensão crescendo dentro dela, inevitável como uma carruagem conduzida em alta velocidade. Mas desta vez se sentiu diferente da anterior. Mais plena. Mais consumidora. Sentia como se todo seu corpo estivesse prestes a explodir como um fogo de artifício. Ele segurava a chama. E causaria sua ruína.

—Ah, Preston! —exclamou enquanto seu corpo se tensionava num delicioso momento de êxtase.

O prazer a dominou como uma onda gigante no meio de uma tempestade, deixando-a cega, surda e sem cérebro por um momento. Preston arqueou-se, tensionou-se e grunhiu uma série de sons lupinos antes de se juntar a ela, estremecendo e contorcendo-se dentro dela.

Durante vários momentos, ficaram abraçados. Preston se perdeu nela, e ela se embalou entre as ondas de felicidade.

E então Preston desabou sobre ela, moveu-se para o lado e a aconchegou contra seu ombro. Os dois respiravam ofegantes e estavam cobertos de suor.

Por que ninguém tinha lhe contado as coisas incríveis que podiam acontecer entre um marido e sua mulher? Talvez esse prazer não fosse igual para todos. Talvez só o tivesse sentido porque estava com Preston.

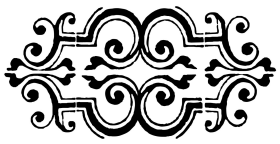
Ela estava se apaixonando por ele. Seu coração estúpido não se importava que ele estivesse ameaçando seu pai. Nem sequer queria pensar nisso.

Porque nada seria o mesmo depois daquela noite.

E não importava o quão bem ela se sentisse com ele nesse momento, ainda havia segredos entre eles. Segredos que poderiam destruir esse frágil

senso de felicidade e despedaçar seu coração.

CAPÍTULO 18



PRESTON AVANÇOU com a espada de esgrima na mão direita e a chocou contra a de Richard enquanto duelavam. Os cachos mogno de seu irmão mais novo caíam sobre sua testa enquanto ele lançava um contra-ataque e rosnava.

Outros cavalheiros treinavam no clube de esgrima, Olympus, enfrentando-se e girando as espadas em várias pistas que havia no grande salão. No recinto ecoavam os ruídos metálicos das espadas, os movimentos dos pés, os grunhidos e as ordens afiadas dos treinadores. A maioria dos cavalheiros usava jaquetas de esgrima: peças brancas e simples feitas de um material grosso com ganchos em ambos os lados do torso. Sobre as paredes de painéis de madeira pendiam vários quadros de cavalos e paisagens. E as janelas altas abertas que davam para a rua Old Bond no bairro de Mayfair permitiam a entrada de muita luz.

O corpo de Preston ansiava pelo exercício físico e pelo alongamento dos músculos para conseguir esquecer. Esquecer a noite anterior com sua esposa.

Porque o plano de possuí-la até saciar-se dela e tirá-la do sistema não tinha funcionado. No momento em que mergulhou nas profundezas doces e estreitas de seu corpo, tornou-se evidente que jamais se saciaria dela. Jamais deixaria de desejá-la.

Seu corpo doce havia respondido com grande voracidade a ele. Na noite anterior, tinha conseguido vislumbrar como seriam as coisas entre eles. A felicidade. Os jantares a sós. As noites com ela em sua cama. As manhãs em que abriria os olhos para ver seu rosto.

Mas nada disso era possível. Ela sempre seria a amada de Spencer, e a morte de seu irmão sempre pairaria entre eles.

Preston se movimentou e brandiu a espada contra a de Richard, mas apenas desferiu um golpe fraco com um ângulo direcionado demais à direita, e Richard o desarmou com facilidade.

Richard avançou em direção à espada de Preston.

—O que está fazendo, irmão? —perguntou enquanto se inclinava para pegar a arma e devolvê-la—. Por que está tão distraído?

Preston fechou a mão sobre o punho da espada.

—Não é nada que deva te preocupar.

—É sobre Penelope? —perguntou.

Ele não precisava falar. O que precisava era se distrair.

—Não. Não é da sua conta. Vamos. Em guarda!

Preston seguiu seu exemplo e ficou com os joelhos bem flexionados e o cotovelo inclinado de modo que a espada apontasse para cima.

—É a única mulher que Spencer amou —observou Richard—. Isso deve te preocupar.

Richard o conhecia bem demais. Sempre tinha sido o pacificador. Não era tão competitivo quanto seus irmãos, tinha boas habilidades de observação e sempre parecia saber o que qualquer pessoa estava pensando.

E enquanto todos os membros da sociedade pensavam que Richard era mais um libertino da família Seaton, Preston sabia que isso era apenas uma fachada. No mais profundo de seu ser, seu irmão era um verdadeiro romântico, e por mais que tentasse ter conexões insignificantes, não conseguia concretizá-las.

Preston sempre acreditou que, dos três irmãos, Richard seria o que acabaria felizmente casado, porque era muito popular entre as mulheres e era um verdadeiro homem de honra. Mas desde que sua ex-noiva rompeu o compromisso, ele havia fechado seu coração para o romance e jurado que jamais se casaria.

Preston voltou a atacar apenas para distraí-lo com seu olhar afiado e sua mente aguçada.

—Vamos — grunhiu Richard enquanto bloqueava o ataque. Debateram-se com vários movimentos rápidos.

—Se eu me preocupasse — respondeu Preston —, significaria que ela é importante para mim.

Richard desviou um ataque.

—E não é o caso?

Preston avançou em sua direção.

—Não importa. Porque ela não deveria significar nada.

Richard o atacou, e Preston não foi rápido o suficiente para bloquear o golpe, fazendo com que a ponta da espada de seu irmão roçasse seu peito.

—Mas significa algo — observou Richard, parando ereto —. Eu percebo isso.

Preston cravou o olhar em seu irmão por alguns instantes. Valeria a pena negar quando ele o conhecia tão bem? Qual seria o ponto de fazê-lo?

—Sim — reconheceu por fim.

Seu irmão avançou até ele.

—Tenho certeza de que Spencer gostaria que você fosse feliz.

Preston soltou um suspiro.

—Sim, mas não com ela. Ele a amava. Ela ia ser dele.

—Por acaso não era você quem dizia que ela não correspondia ao sentimento dele?

—Sim.

E ela mesma havia lhe dito que nunca estivera interessada em Spencer no sentido romântico. Preston assentiu em direção aos vestiários. Enquanto avançavam naquela direção, um lacaio entregou um pano a cada um.

—Eu a tratei muito mal no começo e agora me arrependo.

Ela merecia ser bem tratada todos os dias.

—Eu suspeitava. Nunca gostei da sua decisão de casar com ela para se vingar do pai dela.

Preston secou a testa suada.

—Bem, você não quer vingança?

—O que eu quero... é que Spencer estivesse vivo — disse Richard —. Quero que isso não tivesse acontecido com ele. Mas sei que a vingança não o trará de volta. E me atrevo a dizer que poderia até destruir seu casamento.

Apenas uma semana atrás, Preston teria respondido que não havia nada para destruir. Infelizmente, nos últimos dias, seu estúpido coração havia começado a abrigar esperanças. A sentir. Não conseguia tirá-la da mente. Uma parte dele queria voltar à época em que apenas a detestava e não havia esperança alguma para eles. Mas tinha chegado a conhecer Penelope. A verdadeira Penelope. E tinha percebido o quanto estava equivocado.

Entraram no vestiário, e Preston foi ao guarda-roupa e começou a abrir os ganchos da jaqueta de esgrima.

Richard estava diante dele, com um ombro apoiado contra o armário, e o observava.

—Por acaso não tiveste ódio e raiva suficientes? Se queres ser feliz com tua duquesa, terás que abandonar a vingança e perdoar o pai dela. É impossível que o odeies e sejas feliz com ela.

O peito de Preston tremeu. Ele não gostava que Richard tivesse razão.

—Em algum momento —acrescentou—, terás que escolher entre o amor e a vingança. Serás capaz de fazê-lo?

Preston começou a tirar o casaco. Amor? A única coisa que sentia por Penelope era luxúria. Sim, ele gostava bastante dela, e não podia negar que ela havia tocado algo dentro dele. Mas... amor?

A contragosto, admitiu para si mesmo que havia uma pequena parte de si, aquela que tinha visto que esse amor e essa felicidade marital eram possíveis, que havia começado a guardar esperanças. Havia começado a imaginar uma vida na qual poderia ter um casamento feliz. Mas que parte mais tola. Era apenas uma ilusão e não poderia acabar em outra coisa que não fosse dor e um coração partido. Não. Jamais haveria amor.

No entanto, sempre existiria o buraco em sua família que representava a ausência de Spencer. Jamais se sentaria em seu lugar no Natal. Nunca mais discutiria com Preston sobre algum assunto insignificante nem o derrotaria em uma corrida a cavalo pelos campos de Grandhampton.

Preston deixou cair o casaco e introduziu um braço no sobretudo.

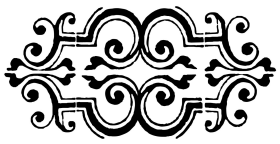
—Não posso. Jamais poderei perdoar o assassino do meu irmão.

Portanto, não deveria desenvolver sentimentos pela filha de seu inimigo. Deveria parar de se aproximar dela antes de se apaixonar completamente. Ou antes que ela se apaixonasse por ele.

Deveria deixá-la ir viver em uma de suas propriedades longe dele. Poderia sustentá-la enquanto ela pintava e a deixava em paz.

No entanto, não podia fazer isso. Precisava de um herdeiro. Além disso, era um homem muito fraco, e ela era uma grande tentação.

CAPÍTULO 19



—CALLIOPE, você está pensando em casamento? —perguntou Emma, a duquesa de Loxchester—. Veja o modo como *lord* Chapman olha para você.

Calliope, Emma e Penelope caminhavam por Hyde Park em plena floração. O ar estava frio e fresco após a chuva, e uma forte brisa típica de abril brincava com as mechas de cabelo de Penelope sob o chapéu, jogando-as nos seus olhos. O parque estava cheio de damas e cavalheiros elegantes que passeavam entre os arbustos de folhas verdes jovens e frescas que cintilavam com as gotas da chuva que havia cessado há menos de uma hora. Alguns cavaleiros ocasionais cavalgavam pelas colinas de grama curta, e vários coches passeavam entre as alamedas para cavalos para que as damas e os cavalheiros que viajavam neles exibissem os trajes da moda que usavam.

As três assentiram para cumprimentar o cavaleiro que passava ao lado do caminho. Era um homem de estatura baixa, mas muito bonito e atraente com o traje de casaca azul-marinho contrastando com o rosto arredondado e pálido e os cabelos negros como azeviche.

—Por favor, Emma —respondeu Calliope—. Por favor, não se junte aos meus irmãos nisso. Não tenho nenhuma intenção de me casar jamais. Para me tornar propriedade de um marido? Não, obrigada.

—Não estou me juntando aos seus irmãos —riu Emma, com seus notáveis olhos verdes cintilando—. Estou do seu lado. Só perguntei se você tinha interesse no casamento. Porque pode te fazer muito feliz.

Calliope soltou um bufo bastante impróprio para uma dama, corou e cravou o olhar de olhos azul-celeste em um ponto mais adiante.

—Tenho outros planos para minha vida que não envolvem nenhum *lord* Chapman me dando ordens para ter seus bebês e receber seus amigos.

—Mas será que Preston e *lord* Richard estão falando em casar você? —perguntou Penelope—. Preston não me mencionou nada.

As duas damas se viraram e lhe dirigiram olhares afiados.

—Você o chamou de Preston? —perguntou-lhe Calliope—. Agora você o chama pelo primeiro nome? Isso significa que vocês fizeram as pazes?

Não só tinham feito as pazes, mas também feito amor e praticamente se fundido em um só ser todas as noites assim que ficavam sozinhos em seu quarto. Tinham sido três noites de pouco sono, mas muitas atividades que lhe produziam dor e formigamentos no corpo... atividades das quais não podia falar com uma jovem solteira como Calliope. Três noites que poderiam ser o início de toda uma vida de felicidade, mas não se atrevia a guardar esperanças.

—Sim —respondeu Penelope tentando ocultar um sorriso sem muito sucesso—. E você tinha razão, Calliope, eu só precisava dar uma chance a ele. —Pensou em quanto tinha desfrutado as sessões de pintura com a senhorita De Luca e em quanto tinha melhorado. E tudo graças a ele—. É um homem maravilhoso.

Um homem maravilhoso que tinha algo que podia destruir seu pai.

Um segredo que esperava que seu pai lhe revelasse naquele mesmo dia. Olhou ao redor em busca de uma silhueta baixa e arredondada que usasse uma peruca empoada. Mas não o viu em lugar algum.

—Essa é a sua oportunidade de ser feliz —disse-lhe Emma tão encantada quanto Calliope—. Estou muito feliz. Nossos maridos são rabugentos e teimosos, mas os amamos por isso, não é?

—Você soube imediatamente? —perguntou-lhe Penelope—. Soube imediatamente que amava o duque de Loxchester?

Emma soltou um suspiro e sorriu.

—Não, mas soube logo. No início pensei que ele não fosse um bom homem pela maneira como me tratava, mas ele me salvou. Em várias ocasiões. Acho que é isso que Grandhampton está fazendo. Parece ter um coração frio e estar interessado apenas em seus assuntos, mas no fundo acho que nossos maridos têm corações muito bondosos. São almas feridas que precisam sarar. Assim que vi isso em Sebastian, me apaixonei por ele.

Uma alma ferida... Sim, Preston era exatamente isso. Penelope sabia que ele estava de luto pela morte de Spencer, e havia se aberto para confessar que se culpava por isso e que a culpava também, acreditando que ela havia encorajado os sentimentos de Spencer.

No entanto, nada disso explicava por que ele estava tão determinado a destruir seu pai... De repente, ela viu a peruca branca empoeirada a uns quinze metros de distância. Seu pai caminhava devagar com uma bengala.

—Vocês se importam se eu for falar com meu pai? —perguntou-lhes —. Estou vendo-o caminhando ali.

As duas se viraram para olhá-lo. Calliope assentiu com a cabeça ao mesmo tempo em que uma expressão perplexa se formava em seu rosto.

—Não, claro que não, por favor vá falar com *lord* Beckett. Você não precisa de nossa permissão.

Penelope pigarreou.

—Já sei... mas... não mencionem isso a Preston. Por favor.

Calliope e Emma trocaram um olhar.

—Se você não quer que mencionemos, não o faremos —garantiu-lhe Emma.

Calliope acrescentou:

—Embora eu não entenda por que Preston se incomodaria com você vendo seu pai.

—Eles têm uma pequena disputa entre si. Não saberia dizer do que se trata, mas preciso chegar ao fundo da questão. Voltarei logo.

—Claro —disse Emma.

Assentiram e se afastaram. Penelope se apressou para alcançar seu pai, que se virou para observá-la com o rosto mais inchado e corado do que ela se lembrava desde a última vez que o tinha visto. Ao notar os círculos vermelhos que se formaram sob seus olhos, o estômago dela deu uma reviravolta de preocupação.

—Pai —cumprimentou-o—. Como o senhor está?

—Oh, Penelope —disse-lhe desviando o olhar—. Não acha que está um pouco frio para estar passeando? Não tenho muito tempo.

Enquanto caminhavam devagar, a bengala se cravava na trilha úmida com sons de chapinhar.

—O senhor tem estado bem? —perguntou-lhe com cautela enquanto a brisa a fazia inalar o fedor de álcool, corpo sujo e suor. Estaria ela na

presença do barão? Será que ele realmente tinha caído tão baixo?

—Como pode um homem sem dinheiro estar bem, Penelope? Que pergunta mais tola. Use o cérebro. Estou me virando. Mas manter as aparências não é fácil sem todos os criados para limpar a casa.

—Alexandria lhe envia lembranças —disse-lhe—. Ela me escreveu do campo.

—Oh, por favor, envie-lhe minhas lembranças. Quem me dera seu pai pudesse me emprestar mais dinheiro.

A duquesa de Ashton acabava de dobrar a trilha acompanhada por duas damas mais jovens, e o coração de Penelope deu um salto. Agora que haviam sido apresentadas e tinham a mesma posição na sociedade, será que ela se dignaria a reconhecê-la e cumprimentá-la?

A duquesa estava incrível com o gibão verde-esmeralda e um chapéu alto e branco decorado com papoulas vermelhas, uma rede de cor esmeralda e penas de pavão.

—Oh, duquesa —cumprimentou-a ao parar diante dela—. Parabéns pelo casamento. Desejo-lhe muitos anos de felicidade com seu marido.

Seus olhos entristeceram ainda mais ao dizer isso.

—Muito obrigada, duquesa —respondeu Penelope—. Apresento-lhe meu pai, *lord* Beckett.

—Certamente —disse a duquesa com um sorriso artificial e apertou-lhe a mão—. Como está, *lord* Beckett? Espero que esteja aproveitando o passeio. Eu não poderia ficar mais um instante em casa após dois dias de chuva. Com alguma sorte, teremos mais dias ensolarados para desfrutar do parque.

—Certamente —concordou Penelope—. Espero poder vir pintar aqui, ao ar livre.

—Oh! —exclamou a duquesa, e a tristeza desapareceu de seus olhos —. É verdade, a senhora havia mencionado seu interesse pela arte em Almack's.

Seu pai pigarreou, claramente incomodado ao ouvir isso, mas felizmente manteve a boca fechada. Penelope sorriu.

—É verdade, duquesa. Sua memória lhe faz justiça. Pinto com muita frequência. Recentemente, meu marido contratou Enrica de Luca para me ensinar.

—A senhorita De Luca? —Os olhos da duquesa brilharam cheios de curiosidade—. Seu marido deve amá-la muito. Além disso, ela normalmente não ensina ninguém. Deve ter visto algo em você. Agora estou curiosa. Por favor, permita-me ver suas obras.

O coração de Penelope deu um salto. Todo o parque iluminou-se ao seu redor.

—Com certeza, será uma honra, senhora. Nada me faria mais feliz. Por favor, venha visitar-me.

—Claro que irei —decidiu a duquesa de Ashton com um sorriso de satisfação—. Nada me dá mais prazer do que ver novos talentos. Tenham um bom dia.

Após dizer isso, ela e suas acompanhantes retomaram o passeio, enquanto Penelope e seu pai faziam o mesmo. Seu coração batia tão descontroladamente que o sentiu contra as costelas.

—Bem, não tem sido um casamento tão ruim afinal —observou seu pai com um sorriso de satisfação—. Com todos esses contatos... Até a duquesa de Ashton quer bajulá-la.

Claro. Porque seu pai jamais poderia imaginar que a duquesa realmente pensasse que Penelope tinha talento. Ela engoliu o pensamento amargo antes de se irritar.

—O senhor parece mais magro, pai. Está comendo o suficiente?

—Claro que não. —Olhou para ela com tanto apelo nos olhos que seu coração estremeceu—. Por favor, Penelope, ajude-me.

Ela tinha ido perguntar-lhe sobre o conflito com Preston, mas não podia suportar vê-lo cair tão baixo. Sim, uma das regras de Preston era que jamais poderia dar dinheiro a seu pai. Mas não podia tolerar vê-lo degradado desse modo. Era seu pai. Não tinha mãe, mas ainda o tinha.

Eles pararam. Levou as mãos trêmulas à bolsa e retirou o dinheiro que Preston lhe dera para as próximas duas semanas para que comprasse vestidos e outras coisas. Deviam ser umas duzentas libras. Ela o apertou contra as mãos de seu pai e deu uma olhada por cima do ombro. Será que Calliope e Emma a teriam visto? Não estava certa. Não as via na trilha atrás dela e de seu pai.

Seu pai guardou o dinheiro no bolso do casaco. Uma grande culpa afundou em seu estômago. Ela não estava apenas ajudando seu pai, mas

também traindo seu marido. O marido com quem começava a fazer as pazes; o marido com quem passaria o resto de sua vida.

—Por favor, pai, não aposte isso. Use-o para pagar aos criados o que lhes deve e para comprar mantimentos.

—Isso não é suficiente, Penelope — disse ele. — Preciso de mais. Pode me dar mais?

—Quanto o senhor deve exatamente, pai?

Por alguns instantes, ele não respondeu. Em vez disso, retomou seu passeio a passo lento.

—Dez mil libras.

Penelope soltou um ofego e sentiu o chão mover-se sob seus pés.

—Como pôde ter apostado tamanha fortuna?

—Foi a única coisa que me fez sentir bem depois de perder sua mãe. Eu a amava. Ela e você... eram a única luz da minha vida.

O coração de Penelope se retorceu de dor por ele.

—Claro que lhe darei mais dinheiro. Posso lhe dar minha renda mensal. Mas, por favor, diga-me que poder Preston tem sobre o senhor.

Seu pai parou novamente e virou-se para olhá-la. O pomo de Adão subia e descia enquanto ele olhava ao redor. Depois de se certificar de que ninguém poderia ouvi-los, aproximou-se mais dela, com os olhos suaves e gentis pela primeira vez em anos.

—Obrigado, Penelope. Você tem um bom coração. O coração de sua mãe. Por isso deve me ajudar. Não sei o que é exatamente. Mas você poderia procurar a evidência que ele tem contra mim e trazê-la para mim. Se fizer isso, tudo isso acabará.

Penelope não gostava nem um pouco do que ouvia. Havia traído Preston ao dar dinheiro ao seu pai, mas não podia traí-lo ainda mais roubando documentos importantes... Certo?

—O que é, pai? — ela perguntou.

—Uma pasta de couro vermelha, Penelope. Se você a encontrar em alguma parte da casa e me trouxer, estarei livre da ameaça que Grandhampton exerce sobre mim. E mais, você também estará livre para deixá-lo.

Deixá-lo? Não. Isso não parecia certo de jeito nenhum. Ela não queria deixá-lo. Não queria traí-lo. Queria saber a verdade e queria amá-lo e viver uma vida feliz com ele. Queria compartilhar mais noites como as últimas,

queria sentir seu corpo quente e duro afundando-a contra o colchão de maneira deliciosa. Queria mais conversas de alma para alma que a fizessem se sentir amada, compreendida e importante. Queria continuar pintando seu atraente e bem definido rosto. Queria admirar seu corpo enquanto traçava as silhuetas de seus braços e seu peito musculoso. Queria mais dele. Todos os dias.

—Pai, não posso roubar os documentos do meu marido.

—Bem, mas você pode deixar que seu pobre pai idoso morra na prisão por dívidas?

—O senhor não irá para a prisão por dívidas. É um membro da sociedade.

—Então, você pode me deixar morrer nas mãos dos homens a quem devo dinheiro?

Penelope sentiu um estremecimento que lhe penetrou até os ossos.

—O que o senhor está dizendo?

—Sim, chegou a esse ponto. — O barão tremeu o queixo enquanto olhava ao redor e seus olhos se enchiam de lágrimas. Penelope fechou os olhos enquanto seu coração se enchia de pena por ele.

—Deve haver outra maneira. Falarei com Preston. Tenho certeza de que ele entenderá e o ajudará...

—Não! Não se atreva. Quem você acha que me queria nesta terrível situação? Quase tive uma solução nas mãos, e você a arrancou de mim.

Penelope exalou o ar. Um casal passou por eles rindo e sorrindo sob o sol. Quando ficaram fora do alcance dos ouvidos, ela retomou o passeio com seu pai. Estava pensando. Se o documento em questão desaparecesse, Preston ficaria furioso. Mas isso não só ajudaria seu pai, como destruiria qualquer forma de vingança. De modo que talvez, se tirasse esse documento dele, deteria esse plano maligno. Então poderiam virar a página e começar a ser felizes para sempre.

—Está bem, pai —concordou, e um estremecimento percorreu suas veias. O ressentimento que sentia por ele lhe causou uma pontada. Ela não era nenhuma ladra. Nem mentirosa. A única coisa que queria era ajudar. Mas pelo visto seu pai sempre a obrigava a fazer coisas que não desejava fazer—. Eu farei.



DEPOIS DE PASSEAR com seu pai, Penelope retornou para Emma e Calliope e continuou o passeio com elas por mais um tempo. Após uma hora, voltou para casa.

Entregou o chapéu e o gibão ao senhor Porter e pediu que ele instruísse a senhora Brown para vê-la na biblioteca. Alguns minutos depois, a senhora Brown entrou com seu típico rosto amável.

—*Milady*, posso ajudá-la em algo?

—Senhora Brown... —começou Penelope olhando para a porta do escritório de Preston. Como conseguiria entrar ali e roubar algo?—. Só queria falar sobre o cardápio para a próxima semana.

—Claro, *milady* —concordou a senhora Brown—. O que a senhora gostaria de comer?

—Estava pensando em algo mais leve que o normal. Algo mais propício da primavera. É maravilhoso sentir que o verão se aproxima, e acho que o senhor vai gostar muito da mudança. Gostaria de alegrá-lo um pouco. Talvez salada com rabanetes. E também seria bom acrescentar uns aspargos.

—Claro —aceitou a senhora Brown—. Permita-me tomar nota.

Ela se aproximou da escrivaninha e pegou uma folha de papel de uma pasta elegante e pequena e começou a escrever tudo. Acrescentaram alcachofras e vagens à lista, assim como endro, cebolinha e salsa.

Agora que Preston havia lhe dado seu próprio escritório e permitia que ela trocasse os quadros por outros com cores mais vivas e leves, tinha começado a se sentir mais em casa. Mas a maior transformação foi, sem dúvida, a de seu marido. Ele havia passado de um homem frio e insensível que a detestava para um que fazia amor com ela, conversava com ela, a escutava e compartilhava profundos segredos com ela.

E, apesar de tudo, ela havia concordado em traí-lo. Um peso se instalou em seu estômago. Queria compensá-lo pelo que estava prestes a fazer. Queria transformar Chalworth no verdadeiro lar dos dois. Queria iluminá-lo para ele e dissipar a escuridão e a tristeza que residiam ali para convertê-lo em um lugar cheio de esperança e de luz.

—Também gostaria de encomendar alguns móveis —continuou Penelope quando terminaram de falar sobre o cardápio.

A senhora Brown endireitou as costas.

—Como disse, *milady*?

—Tudo é muito escuro aqui. Eu gostaria que houvesse mais luz na casa. Pode me dar o endereço de um bom carpinteiro? Gostaria de comprar móveis modernos de cores claras.

A senhora Brown não respondeu por um momento. Parecia ter perdido a fala.

—Muito bem, *milady*.

Apesar de sua voz denunciar algo, Penelope decidiu ignorar. Compreendia que a senhora Brown era leal à história da família, mas já era hora de uma mudança. Penelope estava fazendo isso por Preston e por ela. Talvez a senhora Brown se sentisse menos amargurada em um espaço mais alegre.

—E pode certificar-se de que as cortinas fiquem bem abertas? —pediu também—. As janelas são pequenas e não permitem a entrada de muita luz.

—Certamente, *milady* —respondeu a senhora Brown com frieza—. Garantirei que as criadas saibam disso. Mais alguma coisa?

—Sim, eu gostaria que os lençóis fossem lavados todas as semanas. Estou aqui há quase duas semanas e gostaria de dormir em uma cama limpa. E tenho certeza de que o duque concorda.

—Certamente, *milady*.

—E em algum momento da próxima semana, eu gostaria de fazer um jantar para todos os Seaton e o duque e a duquesa de Loxchester. Algo simples, mas delicioso. Será um evento familiar.

—Mas o duque e a duquesa não são família... Ou são?

—Bem, não, mas praticamente são.

—Sim, senhora.

—Obrigada, senhora Brown —disse Penelope com carinho—. A senhora é uma maravilhosa governanta. Obrigada por tornar minha vida e a do meu marido tão fácil.

Um tremor de surpresa na sobrancelha revelou uma expressão de comoção, mas a máscara de criada indiferente retornou imediatamente.

—É um prazer, *milady*.

—Obrigada —repetiu Penelope—. Sabe se o duque já retornou?

—Pelo que sei, não, senhora.

Quando a senhora Brown saiu, Penelope olhou para a porta que dava para o escritório de Preston e torceu as mãos. Caminhou apressadamente para lá, cheia de determinação, mas com o estômago embrulhado por dentro. "Você está fazendo isso pelo seu pai", disse a si mesma enquanto abria a porta. "Você precisa fazer isso pelo seu pai".

A sala estava vazia. O quadro de Dánae pendurado na parede estava tão bonito e arrepiante como ela se lembrava. Uma pontada de empatia pela mulher a fez morder o lábio. Precisava se apressar. Os criados não teriam motivo algum para suspeitar se a encontrassem ali... afinal, ela era a senhora da casa.

Mas Preston...

Ela se apressou até a escrivaninha e olhou para a pilha de documentos que havia sobre ela. Depois olhou para outra pilha com pastas de couro marrom e mais papéis. Também havia algumas obras de ficção e pesados livros de contabilidade.

Penelope abriu uma gaveta da escrivaninha após a outra e encontrou mais documentos, cartas, canetas e um frasco de tinta fechado.

Na terceira gaveta, encontrou a pasta de couro vermelha que repousava sobre outras cartas e documentos. Lembrou-se de tê-la visto na escrivaninha na noite em que o encontrou dormindo naquela sala. A noite em que leu a carta de Spencer... Ela ficou paralisada e seu pulso acelerou, podendo sentilo em seus ouvidos. Engoliu com dificuldade e apoiou os dedos trêmulos sobre a suave superfície de couro bem esticado.

Essa era a resposta para os problemas de seu pai e a revelação dos segredos de Preston. Fechou os dedos sobre a pasta e a retirou da gaveta sentindo como se fosse uma serpente prestes a mordê-la. Segurou-a diante de si, e o couro refletiu a luz que entrava pela janela.

Já a tinha em mãos. Tudo o que precisava fazer era sair, ocultá-la e entregá-la ao seu pai... Ou deveria ver o que continha? Mas como poderia trair Preston de um modo tão irrevogável que quebraria para sempre a frágil confiança e paz que havia entre eles?

De repente, recordou as palavras de Preston quando a protegeu de seu pai: — Se minha esposa deseja ser uma artista, me parece maravilhoso. Acho que ela tem mais cérebro que o senhor. Tem mais cérebro que a maioria dos homens que conheço.

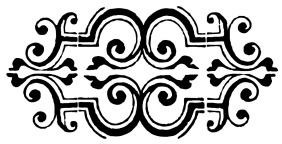
Lembrou da excitação e do entusiasmo de Preston ao contratar Enrica de Luca para instruí-la. E o dia em que ele se ajoelhou diante dela para apoiar sua boca... naquele ponto... E quando lhe contou sobre sua dor e sua culpa mais profunda...

Preston, com quem havia estabelecido uma confiança frágil e preciosa.

Não. Não podia olhar o conteúdo da pasta nem tampouco roubá-la. Não era esse tipo de pessoa. Amava seu pai, mas tinha que haver outra maneira de ajudá-lo sem trair seu marido.

Quando se moveu para devolver a pasta na gaveta, a porta se abriu. Levantou o olhar e viu Preston de pé e com uma expressão de desolação.

CAPÍTULO 20



PRESTON FLUTUOU pela casa como se tivesse asas. Viu o buquê de tulipas amarelas, brancas e cor-de-rosa que estava em um vaso sobre a mesa da entrada de Chalworth. O aroma na casa havia mudado de poeira e antiguidade para um mais floral e frutado, como uma mistura de bergamota e lavanda.

"Penelope".

O motivo pelo qual se sentia tão leve, algo que não havia sentido em pelo menos sete meses ou talvez até anos, devia-se ao fato de ter convencido William Turner a ser o tutor de Penelope. Não conseguia lembrar de estar tão entusiasmado como estava naquele momento por sua esposa. Quando ela pintava, enchia-se de vida. E ver aquela luz em seus olhos, aquele entusiasmo, era como sentir sua própria alma sendo curada.

— Senhora Brown, onde está a duquesa? — perguntou à governanta.

— Acabei de falar com a senhora na biblioteca, *milord* — respondeu-lhe com uma inclinação amável.

Preston apressou-se em direção à biblioteca. O aposento estava vazio, mas a porta do seu escritório estava entreaberta.

Sentiu uma preocupação que lhe apertou o ventre. Que motivo poderia ter Penelope para entrar em seu escritório quando ele não estava em casa?

Com cautela, abriu a porta, e o mundo desmoronou à sua frente. Viu-a de pé, paralisada, com a pasta de couro vermelha em uma mão e um olhar culpado nos olhos. Ele havia dito para não ficar bisbilhotando. Tinha proibido-a de entrar ali e, no entanto...

Não foi raiva o primeiro sentimento que teve. Foi dor. Uma dor semelhante à de caminhar sobre mil pedaços de vidro quebrado. Porque

sabia o motivo exato pelo qual ela segurava aquela pasta nas mãos.

— Penelope — disse-lhe, e a voz soou como se tivesse engolido um punhado de cascalho.

Ela deixou a pasta sobre a escrivaninha como se tivesse queimado suas mãos.

— Não é o que parece... — Sua garganta delicada moveu-se visivelmente enquanto tentava engolir —. Eu... estava prestes a colocá-la de volta no lugar.

Muito devagar, fechou a porta às suas costas. Em seguida, avançou em direção a ela, e sentiu como se o chão fosse um pântano sob seus pés.

— Você me traiu.

Penelope deu um passo para trás e seus olhos encheram-se de lágrimas.

Por todos os céus, a dor sentida foi como uma punhalada. Ele deveria odiá-la. Era ele quem deveria estar prestes a chorar. E, mesmo assim, vê-la triste o fazia querer sofrer qualquer ferida só para vê-la sorrir novamente.

— Não! — exclamou —. Sinto muito.

"Mentiras. Puras mentiras", disse a si mesmo. Ela não se arrependia, só estava fingindo.

— Você ia roubá-la para levar ao seu pai? — perguntou-lhe, dando a volta na escrivaninha para parar diante dela.

Inclinou-se sobre ela tentando ignorar sua deliciosa fragrância. Era muito delicada e pequena, e ainda assim ninguém em sua vida tinha tido tanto poder para machucá-lo.

Endireitou os ombros e não tirou os olhos azuis celestes dela.

—Não.

Os lábios dela se curvaram em um sorriso.

—Não minta para mim. Não se atreva a me fazer de boba. Você procurou no escritório e tirou a pasta da gaveta!

—Mas não vi o conteúdo! —exclamou.

—Bem, então é bom que eu tenha chegado em casa tão cedo. Se tivesse chegado um minuto mais tarde, você já teria ido embora com a pasta.

Penelope pegou a pasta novamente.

—O que é, Preston?

—É melhor que você não saiba. —Tirou-a da mão dela e colocou na primeira gaveta da escrivaninha. Fechou-a com uma batida tão forte que soou como uma bomba que acabara de explodir ao seu lado—. Você não entende? Sua ignorância é sua paz de espírito. Estou te protegendo!

Ela deu um passo em direção a ele e apoiou a mão em seu peito. Sua boca ficou seca. Uma carícia inocente bastava para fazer seu corpo todo formigar.

—Não precisa me proteger, Preston —disse suavemente—. Sou uma mulher adulta. Uma duquesa.

—Penelope, eu sei que você é uma mulher adulta, mas não...

Queria dizer que não queria partir o coração dela, mas ela o interrompeu.

—Admito. Meu pai me pediu para levar a pasta de couro vermelha. Mas, Preston, eu o vi em péssimo estado. Ele não está nada bem. Emagreceu muito.

A pena pelo pai dela provocou um formigamento em seu peito. *Lord* Beckett estava passando fome? Droga, isso não podia ser nada fácil para Penelope. Será que as coisas tinham chegado a esse ponto?

Preston negou com a cabeça. Precisava se manter concentrado. *Lord* Beckett não estava bem? Pois Spencer também não... Estava morto!

—E você decidiu me trair —concluiu com a voz áspera.

—Não decidi nada. Só queria ajudar meu pai. Mas mudei de ideia antes de você chegar. Eu estava prestes a colocar a pasta no lugar. E preciso te dizer algo mais...

O estômago dele deu um salto.

—O quê?

—Dei dinheiro a ele.

Ela havia quebrado sua regra. Tinha o enganado. Preston deu um passo para trás e sentiu todo seu ser se encher de agonia. Não havia antecipado que a filha de seu inimigo pudesse ter a capacidade de machucá-lo desse modo. Foi como se a bala de um canhão tivesse atingido o meio de seu peito; partes de seu corpo dilacerado doíam e sangravam.

—Você precisa escolher agora mesmo entre seu pai e eu. A quem você é leal?

Penelope soltou um suspiro e seus olhos se encheram de lágrimas.

—Você está me obrigando a escolher algo impossível, Preston! Ele é meu pai. Eu o vi sujo e passando fome. Acho que a saúde dele está se deteriorando muito rápido. Estou preocupada com ele. É o único pai que me resta.

E era o único pai que estivera disposto a vendê-la como um animal. No entanto, ela tinha um coração grande e caloroso. Como ele podia sentir-se tão ferido por ela e querê-la tanto por se preocupar com seu pai que não valia nada?

—Talvez seja o único pai que te resta, Penelope —começou—, mas você tem mais pessoas em sua vida que se preocupam com você. Sou seu marido. Agora você me tem.

Olharam-se por um longo instante, e Preston perdeu-se na profundidade de seus olhos da cor de um mar tempestuoso iluminado por um raio de sol.

—Será que é verdade? —questionou-o—. Algum dia você conseguirá confiar plenamente em mim?

—Como posso confiar em você quando quebra minhas regras e me trai em nossa própria casa?

Sua mandíbula ficou tensa até lhe provocar dor. Estava decepcionado pela traição, mas era mais do que isso. Confiar nela plenamente implicava baixar a guarda e as camadas de proteção que havia construído com extremo cuidado ao redor de sua alma. Eram como as muralhas do castelo de Eilean Donan, que estavam construídas com o granito das montanhas que cercavam a escola para meninos dos Mackenzie e rodeavam a superfície plana e cinza-prateada do lago Duich. Nessa escola, ele havia aprendido que, na verdade, sempre estaria sozinho. E as pessoas que estavam sozinhas como ele não podiam confiar nos outros, especialmente com os sentimentos. Porque se confiassem nas pessoas, poderiam ser machucadas. Poderiam ser enviadas a um internato como se fossem traidores ou cães abandonados. Como se houvesse algo de errado com elas.

Como poderia retirar as pedras que formavam as muralhas uma a uma, com os dedos machucados e sangrando, e mostrar-lhe que atrás delas não havia um duque poderoso, mas alguém que não se valorizava muito?

—O que meu pai fez para que você desconfie tanto de mim?

Não lhe respondeu. Não podia contradizê-la. Não eram apenas suas inseguranças que o impediam de confiar nas pessoas. Ela sempre seria a

filha de seu inimigo, e enquanto Preston quisesse vingança, jamais acabaria a guerra entre ele e *lord* Beckett. E ela ficaria presa no meio para sempre.

As palavras de Richard ecoaram em sua cabeça. Tinha que escolher entre o amor e a vingança. Se quisesse ser feliz com sua esposa e amá-la, teria que perdoar *lord* Beckett. Mas jamais poderia fazer isso porque, se o fizesse, não significaria que apoiava os atos do barão? Além disso, embora jamais pudesse perdoar o pai de Penelope, não era culpa dela. Ela estava presa no meio. Sentiu uma pontada de arrependimento e a raiva foi se dissipando.

—Tenho algo para você —disse-lhe.

Levou a mão ao bolso interno do traje de casaca e retirou a carta do senhor Turner. Com as mãos trêmulas, Penelope a desdobrou e a leu. Seus olhos se iluminaram ao mesmo tempo em que um sorriso se formava em seus lábios, e o coração sem vida de Preston derretia como cera.

—William Turner? —perguntou-lhe quase sem fôlego—. O artista?

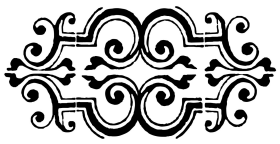
Como ele podia pensar que era quem tinha o poder nessa relação, quem fazia as regras, quando estava disposto a virar o mundo de cabeça para baixo só para ver um desses sorrisos brilhantes?

Ela era quem tinha todo o poder. O poder de ser sua total felicidade ou sua destruição completa.

—Sim, Penelope —respondeu-lhe—. O artista. É para você. Tudo... é para você.

Tudo, exceto derrubar a parede de granito de quase dois metros de espessura que rodeava seu coração.

CAPÍTULO 21



DURANTE A SEMANA SEGUINTE, Penelope não acreditou que alguém pudesse ser tão feliz e tão miserável ao mesmo tempo: Preston mal olhava para ela. Mal falava com ela. E isso era muito pior; preferiria que ele continuasse gritando com ela.

Todos os dias, Penelope pintava e trabalhava em sua arte. William Turner ia ensiná-la, e ver o grande artista trabalhar e tê-lo como guia ajudando-a a melhorar era um sonho que se tornava realidade.

Ela continuava sonhando que era Dânae, trancada no estúdio de Preston à espera que seu Zeus viesse libertá-la. No entanto, os dias passavam e ele não vinha. E junto com a chuva de moedas douradas, a pasta vermelha caía sobre seu colo. Ela a segurava nas mãos consciente do fato de que, se a abrisse, seria o fim da chuva de ouro e o início de sua liberdade. Mas ela não queria que essa chuva acabasse. Sentia-se muito feliz debaixo dela. Na verdade, jamais havia sido tão feliz. Apesar disso, ela abria a pasta vermelha. E no interior, via uma caverna escura e eterna que conduzia ao inferno. Começava a absorvê-la para arrastá-la cada vez mais para baixo. E, quando acordava estremecida, via que o lado da cama de Preston estava vazio, e seu coração doía por ele.

No mais profundo de sua mente, não deixava de se perguntar o que continha aquela pasta. O que seu pai havia feito a Preston para que seu marido tivesse tanto poder sobre ele? A pergunta a corroía enquanto pintava, administrava a casa e fazia o melhor para agradar Preston com a esperança de que ele pudesse perdoá-la e as coisas pudessem voltar a ser como eram antes de ele encontrá-la no estúdio.

Seu segredo ainda era uma nuvem escura que pairava sobre ambos. E sabia que um dia essa nuvem poderia se transformar em uma tempestade devastadora. A única coisa que podia fazer a respeito era aproveitar os raios de sol que tinha.

No terceiro dia, foi ver seu pai e lhe disse que não o ajudaria com a pasta vermelha, mas entregou-lhe o restante de sua renda mensal. Pela última vez, fez-lhe uma reverência e detestou o fato de estar contrariando os desejos de Preston mais uma vez. Mas seu pai estava desesperado, e o dinheiro levaria comida à mesa. Quando lhe perguntou novamente o que havia naquela pasta, ele limitou-se a responder:

—Se você não vai me ajudar, deveria queimá-la.

Ao final da semana, após o jantar familiar, a duquesa viúva de Grandhampton, Calliope e Emma foram com Penelope visitar o salão de arte da duquesa de Ashton, enquanto Preston, Richard e Sebastian ficaram em casa bebendo vinho do Porto e jogando uma partida de bilhar.

No trajeto, passaram o tempo conversando. Dentro da carruagem, Penelope sorria e ria com as três mulheres que haviam se tornado suas amigas e sua família tão rapidamente que não conseguia se lembrar de uma época em que não fizessem parte de sua vida.

Quando pararam em frente a Neverton Place e desceram da carruagem, Penelope ficou sem fôlego. Havia pensado que Chalworth Place era uma residência impressionante, mas Neverton era como um palácio real. Uma fachada longa se estendia para a direita e para a esquerda com quatro colunas de mármore que se erguiam até o teto três andares acima. Várias estátuas gregas do panteão ladeavam o teto. As paredes estavam pintadas de uma cor creme que cintilava contra a escuridão da noite. Braseiros e tochas de fogo de considerável tamanho iluminavam o caminho de cascalho que conduzia até as escadas, e as luzes dançavam por trás das grandes janelas de vidro do andar térreo.

Depois que a duquesa viúva entregou os cartões de visita ao mordomo, as damas seguiram para o salão. Já havia muitas damas e cavalheiros presentes, mas Penelope não reparou em ninguém porque seu olhar se concentrou imediatamente nos múltiplos quadros e retratos que ocupavam cada centímetro das paredes primorosamente decoradas. Devia haver centenas de velas que projetavam uma luz cálida que iluminava as obras de arte.

Uma grande parte de uma das paredes tinha vários retratos de um homem. Era alto, teria uns cinquenta anos, uma cabeça quase calva com um resquício de cabelo escuro e grisalho. Era atlético e bastante atraente; tinha o nariz reto, o queixo quadrado e olhos pequenos e semicerrados sob um par de sobrancelhas severas. No queixo proeminente abaixo da boca larga formava-se uma covinha. Tinha o olhar penetrante de alguém que sabia o que queria.

Estava retratado em diferentes poses e com diferentes fundos: paisagens, interiores com colunas e cortinas de cor bordô intenso. Havia retratos do homem caçando com vários cães de caça, sentado sobre um orgulhoso garanhão e de pé ao lado de um vaso cheio de flores.

O homem em pessoa encontrava-se de pé embaixo dos quadros. Vestia um colete de cor verde-escuro, as costas eretas e a cabeça orgulhosamente erguida. A duquesa de Ashton encontrava-se de pé ao seu lado, e ambos conversavam com um homem de estatura média e uma grande barriga que vestia um colete com rubis, diamantes e esmeraldas.

Ao vê-los, a duquesa viúva disse:

—Esse é o duque de Ashton. E vocês já conhecem a duquesa. Os dois estão conversando com o príncipe regente. O duque é o braço direito de Sua Alteza.

As damas se aproximaram do grupo.

A duquesa de Ashton tinha um sorriso amável e distante no rosto que não chegava aos olhos e escutava seu marido e o príncipe falarem. Como sempre, estava deslumbrante com um traje de musselina suave de cor verde-escura que combinava com o colete de seu marido.

Ao notar a duquesa viúva e Penelope, ofereceu-lhes um sorriso genuíno.

—Oh, querida, que prazer vê-la —disse.

—Sua Alteza. —A duquesa de Ashton olhou para o príncipe e depois para seu marido—. *Milord*. Ambos conhecem a duquesa viúva de Grandhampton, mas permitam-me apresentar-lhes a nova duquesa de Grandhampton.

O coração de Penelope afundou quando o príncipe a olhou. Era um homem com excesso de peso e muito pouco atraente. Penelope supôs que os rumores que ouvira sobre ele e as caricaturas que vira nas quais comia e bebia em excesso eram verdadeiras. Tinha o rosto inchado, bochechas

rechonchudas, um nariz longo e um corte de cabelo na última moda. Vestia-se como um verdadeiro dândi, usava um fraque longo, calças escuras, um lenço branco e alto que realçava suas bochechas assim como um espartilho fazia com os seios de uma mulher. Os translúcidos olhos azuis a estudaram com um brilho luxurioso enquanto assentia lentamente com a cabeça. Penelope tentou ignorar o quanto aquele olhar a fez sentir-se enojada.

—E, claro, a duquesa de Loxchester —acrescentou a duquesa de Ashton enquanto assentia para Emma. Emma fez uma reverência—. E, por último, a neta da duquesa viúva, *lady* Calliope Seaton.

Após ouvir seu nome, Calliope também fez uma reverência.

—Que companhia mais agradável, duquesa —observou o príncipe olhando para a duquesa de Ashton. Depois, voltou-se para Penelope—. Eu deveria comparecer a mais saraus de arte considerando que atraem damas tão belas como a senhora.

—Oh, certamente —concordou a duquesa de Ashton—. E não se trata apenas de uma dama bela. A duquesa de Grandhampton também pinta.

—Ah, sim? —perguntou o duque de Ashton—. O que acha da exposição, *milady*?

Levou uma taça de vinho do Porto à boca e bebeu. Penelope observou a parede com os quadros.

—A duquesa tem um gosto impecável em arte. Mal posso esperar para estudar esses quadros em detalhe. Ouvi muitas coisas sobre sua coleção, *milady*.

Com um sorriso intenso, a duquesa abriu a boca para dizer algo, mas o duque a interrompeu sem perceber.

—Também temos os quadros de Turner. —Do outro lado da parede, Penelope viu o quadro intitulado *Sol nascente entre a névoa*, pintado em 1807 no rio Tâmisa com as velas de vários barcos de pesca e o sol surgindo por trás de nuvens violetas e espalhando uma luz dourada sobre as águas calmas do rio e o céu cerúleo. Na margem, os pescadores pesavam a pesca da manhã.

As palmas das mãos formigaram e ela sentiu o desejo de se aproximar da pintura para estudá-la em detalhe e poder fazer perguntas ao senhor Turner sobre o processo em dois dias, quando ele fosse ensiná-la.

—Ele também pintou meu retrato —acrescentou o duque com orgulho movendo os braços em direção à parede de seus retratos.

—Que lindo —disse Penelope com um sorriso rígido. Todos os retratos eram incríveis, mas Penelope se perguntava que homem precisaria ter quinze retratos de si mesmo—. Todos lhe fazem justiça.

—Duquesa de Grandhampton —interrompeu o príncipe enquanto a olhava com os olhos semicerrados—. Agora sei por que me lembro desse nome.

—Como disse? —perguntou-lhe Penelope um tanto perplexa.

—Deve se tratar de um rumor tolo, sem dúvida. —O príncipe riu baixinho—. Mas dos mais divertidos. Talvez agora que conheço seu talento artístico faça mais sentido. Mas estou certo de que não pode ser verdade.

—Talvez seja melhor fazermos uma visita para ver os quadros — sugeriu a duquesa viúva, e os olhos azuis refletiram preocupação. Ofereceu o braço a Penelope—. Venha, querida. Vamos apreciar os quadros dos Ashton.

Mas a nuvem escura que estivera presente no mais profundo da mente de Penelope desde a primeira vez que ouvira o rumor voltou a se manifestar com um peso que se assentou em seu estômago.

—Eu gostaria de ouvir o rumor, Vossa Alteza.

O duque de Ashton pigarreou.

—Talvez seja melhor não macular os delicados ouvidos femininos com certos rumores.

—Não, não —disse o príncipe regente—. Estou certo de que a duquesa poderá negá-lo de uma vez por todas. Não é mesmo?

Penelope manteve as costas eretas sentindo um desastre iminente, como uma carruagem que dirigia em sua direção a toda velocidade e sem freios.

—Quando souber do que se trata.

O príncipe riu e umedeceu os lábios finos, que escureceram e cintilaram à luz das velas.

—Ao que parece, dizem que o duque de Grandhampton a comprou em um leilão secreto proposto por seu pai.

Penelope empalideceu. Entre o pequeno grupo reinava o silêncio, e ela sentiu os olhos de seis pessoas focados nela. As paredes do grande salão pareceram começar a se fechar ao seu redor, e o ar desapareceu de seus pulmões.

Ali estava. O segredo. A pasta vermelha. Devia ser isso. O segredo que a machucaria, como Preston havia lhe dito. O fato do qual ele a estava protegendo era que seu pai havia sido capaz de vender sua única filha para pagar suas dívidas. Até podia adivinhar o preço exato: dez mil libras.

Mas... se Preston a havia comprado por essa quantia no leilão, por que seu pai continuava na ruína? Por que continuava endividado?

—E então? —perguntou-lhe o príncipe—. Não é verdade, certo?

Os olhos dela se encheram de lágrimas e ela teve que se concentrar para não perder a calma. Para manter as aparências. Forçou-se a sorrir e riu suavemente.

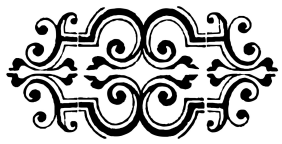
—Não, Vossa Alteza, não é verdade. O senhor consegue imaginar? Que rumor mais bárbaro.

Todos riram aliviados. O príncipe bebeu um longo gole de champanhe.

—O conde de Whitemouth me disse que ele mesmo havia sido uma das testemunhas. Mas deve estar exagerando. A senhora tem razão, duquesa. Que membro da sociedade venderia sua filha em um leilão nesta época moderna? É inaudito. Não. Na Inglaterra somos civilizados demais para recorrer a isso.

Mas se realmente conhecesse seu marido, não pensaria o mesmo. Com uma premonição sombria, Penelope soube que a esperava uma conversa difícil com Preston quando chegasse em casa.

CAPÍTULO 22



JOEL, o mordomo de Preston, segurou o fraque pelos ombros e o ajudou a retirá-lo. O vestiário estava em calma e apenas as brasas crepitavam na pequena lareira. As paredes azul-marinho, quase negras, antes o faziam sentir-se em um túmulo, mas naquela noite, não. Não depois da agradável noite que sua esposa havia organizado para sua família.

E menos ainda quando o retrato dele que Penelope havia feito e acabado de terminar encontrava-se apoiado contra o encosto da cadeira. Joel o tinha trazido mais cedo a pedido da duquesa.

Preston parou para olhá-lo sem palavras. Era mais impressionante do que na primeira vez que o havia visto, agora que ela tinha acrescentado alguns detalhes mais finos. Voltou a se sentir atônito pelo modo como ela havia conseguido capturar sua verdadeira essência, algo que ele já não conseguia ver em si mesmo.

Ninguém o via desse modo. Com suavidade no olhar. Com essa solidão e dor que ele acreditava esconder tão bem atrás de todas as suas muralhas. Parecia lembrar que tinha o mesmo ar quando tinha uns seis ou sete anos. Quando ainda era ele mesmo e não havia sofrido nenhum dano. Quando teria sido a última vez que se sentira desse modo?

Claro. Quando compartilhava a cama com ela. Quando conversavam. Quando lhe fazia amor.

Apesar de estar zangado com ela, a cada dia que passava Chalworth começava a parecer mais com seu lar.

— O senhor teve uma boa noite, *milord*? — perguntou-lhe Joel.

Joel era seu valete desde os tempos de Oxford e agora tinha uns quarenta anos. Preston confiava nele. Joel era o único que o havia visto

desmoronar após a morte de Spencer, encontrando-o sentado ou encolhido no vestiário de Sumhall. Joel era quem se preocupava em vesti-lo e cortar-lhe o cabelo na moda porque Preston não se importava com esse tipo de coisas. Joel era um escocês muito trabalhador, e Preston sabia o quanto era afortunado por ter um valete como ele.

Preston ergueu o queixo para permitir que Joel lhe desfizesse a gravata.

— Sim, a duquesa e todos os criados fizeram um excelente trabalho para que fosse um sucesso.

Preston estava ansioso para ver Penelope. Tinha precisado reprimir os rumores que estavam circulando por Londres a respeito dela. Se ainda sentisse indiferença por ela, não teria se importado. Mas agora, só de pensar que rejeitariam sua esposa amável, talentosa e de boa família, sentia náuseas no estômago. Por isso, fazia todo o possível para proteger tanto ela quanto sua reputação.

Esperava que a duquesa de Ashton a apresentasse às pessoas certas, e não tinha dúvidas de que veriam o talento de Penelope como ele mesmo havia visto e a admirariam como ele a admirava.

Quando ela retornasse de seu compromisso, pediria perdão. Diria que não queria continuar brigando. Perguntaria se poderiam esquecer a última discussão e seguir em frente.

E então ela lhe contaria tudo sobre sua fantástica noite. E ele lhe faria amor.

Por todos os céus, quanto desejava fazer amor com ela... Uma semana inteira sem ela havia sido uma agonia. Manteve-se afastado por pura teimosia. Mas agora estava pronto para deixar de lado a culpa por ousar ser feliz com a amada de seu irmão enquanto Spencer jazia quatro metros debaixo da terra.

Joel colocou o lenço sobre a penteadeira.

—Fico feliz em ouvir isso —respondeu ao comentário de Preston sobre o jantar.

De repente, ouviram-se passos acelerados e fortes que se aproximavam pelo corredor. Em seguida, a porta se abriu de par em par com tanta rapidez que as chamas das velas se sobressaltaram.

Penelope entrou no closet, e Joel parou de mover as mãos enquanto ele e Preston a observavam andar de um extremo ao outro do aposento.

Preston deu um passo em direção a ela.

—Querida, o que aconteceu? —Ela parecia consternada e agitada, com os olhos arregalados e escuros como se fossem aço puro. Tinha as bochechas coradas e o peito que subia e descia. Um pensamento sombrio lhe veio à mente—. Acaso alguém te ofendeu? Diabos, eu deveria ter ido contigo.

—Você me pergunta o que aconteceu comigo? E quem me ofendeu? Pois, vou te dizer. Você. Você me ofendeu. O que é isso de que você me comprou em um leilão?

Joel estava dobrando o lenço com delicadeza, mas ficou paralisado e se voltou para Preston. Preston ficou vermelho. Sempre soube que algum dia a verdade sobre o leilão viria à tona. E que sua felicidade tinha os dias contados. Que não poderia ser feliz com ela para sempre porque não a merecia. E, é claro, mais cedo ou mais tarde, ela descobriria o que seu pai havia feito e por que Preston havia buscado vingança.

—Joel, isso é tudo. Já me arranjo agora.

—Muito bem, *milord* —disse o criado e assentiu com a cabeça—. Boa noite.

Quando Preston e sua esposa ficaram a sós, Penelope parou de se mover e o olhou com os olhos soltando faíscas. Ele olhou os belos seios dentro do corsete, como duas semiesferas que ansiava sugar e lamber. Deu um passo em direção a ela, mas Penelope se afastou.

—É verdade? —ela perguntou com a voz baixa e lenta—. É verdade que você me comprou em um leilão como uma vaca? É verdade que meu pai me vendeu?

Aparentemente, naquela noite não fariam amor. Pelo contrário, aquela noite parecia ser o princípio do fim. Negar não tinha sentido. Nem tampouco tinha sentido continuar mentindo para ela e adiando o que sem dúvida acabaria descobrindo.

Baixou o queixo até quase tocar o peito e respondeu:

—Sim.

Inspirou profundamente.

—E eu tive que descobrir pelo príncipe regente. O príncipe soube antes de mim!

Uma fria bofetada de estupor o fez soltar uma maldição em voz baixa. Era incrível como se espalhavam os rumores entre os membros da

sociedade. Então, o que o surpreendia? A promessa de discrição de Tyche não era mais que uma ilusão. O único lugar onde as coisas ficavam enterradas e jamais vinham à luz era Elysium.

Penelope começou a andar de um lado para o outro do closet uma vez mais.

—Você percebe o quanto isso é humilhante?

—Sim...

—E o quanto isso me dói?

—Sim, querida...

Observou como o tecido suave da saia ondulava no ar às suas costas.

—É óbvio que você não deu nem um centavo ao meu pai, caso contrário ele não estaria no estado em que está. Então, diga-me, como você me comprou?

Como poderia dizer a ela? Como poderia contar e vê-la se despedaçar ainda mais?

—O que era mais importante que o dinheiro para o meu pai? —insistiu —. É o que você guarda naquela pasta vermelha?

Preston queria contar a ela. Queria que não houvesse mais segredos entre eles. Queria que ela parasse de odiá-lo, queria acabar com aquela disputa para sempre. Embora para fazer isso, tivesse que renunciar à vingança, e não podia fazê-lo. O assassino de seu irmão merecia vingança. Era o mínimo que poderia fazer por Spencer.

E, apesar de tudo, não suportava dizer o tipo de homem que seu pai realmente era. Certa vez ela havia lhe dito que era o único pai que lhe restava. Como poderia destruir por completo a imagem que ela tinha desse homem?

—Sim, Penelope, houve um leilão. E comprei o direito de me casar com você. O que isso muda entre nós?

Ela parou para olhá-lo com os belos olhos arregalados enquanto abria e fechava a boca em busca de palavras.

—Nada —disse por fim—. E esse é exatamente o problema, não é? Porque você continua se recusando a me dizer a verdade. Qual foi o preço que pagou pela noiva, Preston? O que você tem contra o meu pai?

—Você já me odeia —respondeu em tom sombrio—. Não quero que você o odeie também.

Ao ouvi-lo, parou de andar. Tinha os olhos cheios de lágrimas e negou lentamente com a cabeça, desiludida. Vê-la naquele estado partiu-lhe o coração novamente. Sem dizer mais nada, saiu do closet. Preston deu duas passadas largas e a alcançou, segurando-a pelo braço e fazendo-a voltar-se para ele.

Não podia deixar que ela partisse tão ferida e vulnerável. Isso lhe causaria mais dor. Os segredos que guardava partiriam o coração dela. E qualquer chance de alcançar um futuro feliz.

Mas por enquanto, ela era sua e continuava em seus braços. Penelope o olhou com os grandes olhos cheios de lágrimas. Era incrivelmente bela.

—Por favor, Penelope —suplicou—. Não vá embora.

—Você não pode esconder essa informação de mim e esperar que...

—Não espero nada. Mas por agora, por esta noite, não vá embora. Por favor.

Ela não disse nada nem se moveu. E Preston interpretou isso como um convite e a beijou. Envolveu-a em seus braços, ergueu-a no ar e levou-a até seu quarto sem tirar os lábios dos dela em nenhum momento.

Quando chegou à escrivaninha, ajoelhou-se diante dela e levantou sua saia com delicadeza para revelar as pernas mais belas do mundo envoltas em meias de fino algodão branco. Soltando um suspiro, Penelope agarrou-se aos seus ombros.

—Preston, o que você está fazendo? —perguntou-lhe com a voz rouca.

—Queria te agradecer pelo retrato —respondeu-lhe dando um terno beijo na parte interna da coxa—. E dizer que não quero mais brigar. Quero que façamos as pazes. Quero te pedir que esqueça nossas diferenças, só por esta noite.

—Preston... —começou em tom de protesto.

—Você sentiu minha falta? —Lambeu a pele nua acima da meia da outra perna e notou com satisfação que ela estremeceu. Seu aroma divino fazia sua cabeça girar—. Porque eu senti sua falta como um membro amputado. Estava me matando não vir até você à noite.

—Sim, senti sua falta —sussurrou com suavidade, e, ao ouvi-la, o coração disparou em seu peito.

—De Luca —disse ele, levantando a anágua dela até o estômago—. Turner. As pinturas de Rembrandt. Qualquer galeria do mundo. Darei a você o que desejar.

De repente, chegou ao tufo de pelos que cobria a interseção das coxas dela. A entrada para o seu paraíso pessoal. Inclinou-se e depositou um beijo na carne nua das coxas acima das meias. Penelope estremeceu e soltou um suspiro suave. Céus. Ela ainda gostava disso. Não poderia fingir.

—Estou de joelhos diante de você —começou e apertou os lábios. Podia sentir os pelos macios contra suas bochechas—. O que desejares é teu.

Então separou as dobras com delicadeza e beijou a carne macia e quente. Ela tinha um sabor divino, doce e fresco, e um aroma de excitação tão feminino que fazia seu sangue ferver. Quando ela apertou os dedos em volta dos ombros dele com mais tensão e estremeceu, ele a ergueu e passou os braços por entre as coxas dela para colocá-la sobre o toucador.

—Preston... —começou com uma voz rouca e alarmada.

—Silêncio, meu amor —sussurrou, separando as pernas dela e ajoelhando-se no chão novamente—. Só estou começando. Tenho sentido uma fome voraz por ti durante muitos dias.

Essas palavras arrancaram dela um gemido de doce angústia, e Preston apoiou a boca sobre as dobras dela e levantou suas pernas para colocá-las sobre os ombros. Estava se banqueteando com ela. Lambeu-a e provocou-a com a língua, sabendo exatamente do que ela mais gostava. Percorreu-a de cima a baixo com a ponta da língua e depois explorou seus lábios internos.

Com suavidade, sugou o clitóris dela até fazê-la gritar seu nome. Oh, como ansiava que ela gritasse com amor e admiração e não apenas porque ele estava lhe dando prazer. Mas jamais poderia amá-lo. Não quando seu pai sofria por causa dele.

No entanto, não podia parar. Não podia deter a vingança. E não podia controlar o desejo que sentia por ela, nem a necessidade de adorá-la e dar-lhe o mundo inteiro só para ver um sorriso em seu rosto. Ou de ouvi-la gritar seu nome em êxtase. Ou senti-la agarrar-se a ele enquanto chegava ao auge do prazer.

Introduziu um dedo e depois outro e os uniu para alcançar o ponto de prazer em seu interior. Enquanto a lambia e sugava, mordiscou o clitóris com os lábios e moveu os dedos dentro dela em círculos. Ao ouvi-la gritar, desejou sentir os dedos dela sobre seu corpo enquanto os músculos internos se contraíam ao redor de seu membro e a penetrava sem cessar.

Estava duro e usava calças muito apertadas, mas queria que essa ocasião fosse sobre ela. Queria dar-lhe orgasmos porque precisava vê-la e senti-la chegar ao clímax. Queria que ela tivesse todo o prazer e que ele não tivesse nada.

Talvez Richard estivesse certo. Se se concentrasse na vingança, jamais poderia ser feliz. E por isso agora se castigava.

Sentiu-a ficar cada vez mais tensa ao seu redor, e o sexo dela umedeceu completamente. Os gemidos de prazer que soltava tornaram-se mais frequentes e altos. Sentiu no rosto como as coxas dela tremiam e estremeciam. Com outra carícia dos dedos, ela soltou um grito mais forte e ficou tão tensa que as paredes retiveram o dedo dele como um punho fechado. Assim chegou ao auge.

Estremeceu por completo sem parar de gritar o nome dele, contraiu-se e relaxou contra seus lábios e ao redor de seus dedos. Oh, os sons que produzia eram música para seus ouvidos. Música que queria escutar o dia todo. Todos os dias.

Seu nome nunca havia soado tão bem como quando ela o pronunciava em seu momento de maior êxtase.

Era um bastardo que não merecia essa mulher. Mas devia tentar.

Queria dar-lhe o mundo.

Levou-a para a cama e mergulhou em seu sexo umedecido, apertado e quente com um gemido. Foi um ato egoísta; no final, não pôde privar-se dela. Por todos os céus, como era bom, ela era perfeita para ele. Penelope arqueou as costas entre suspiros e gemidos, e Preston começou a mover-se dentro dela. Sem pensar, sussurrou:

—Não quero que haja nada que se interponha entre nós...

No começo, ela não disse nada. Mas quando os dois se recostaram saciados, quentes e pesados nos braços um do outro, e Preston começou a adormecer, ela respondeu num sussurro:

—É impossível, Preston. Sempre haverá algo que se interponha entre nós. Sempre serei a filha do seu inimigo.

PENELOPE ACORDOU com uma sensação estranha. O peito ardia de dor enquanto ofegava e tentava tossir a fumaça que lhe enchia os pulmões.

Uma fumaça escura preenchia todo o quarto, e chamas vermelhas e alaranjadas consumiam as cortinas. Havia um buraco no chão ao lado da janela e o fogo se infiltrava por ele. O ar estava tão quente que lhe queimava a pele.

O medo a atingiu como um tapa. Pegou a camisola.

—Preston! —exclamou enquanto se apressava a vesti-la—. Preston! —Ela o sacudiu, mas seu marido não se moveu. Pelos céus, será que ele estava respirando? —Preston! —gritou em seu ouvido e o sacudiu com força pelos ombros.

No entanto, ele não acordou. Penelope tossiu intensamente e sentiu como seus pulmões ardiam.

—Preston! —Correu para o lado da cama e o segurou pelo braço para puxá-lo. Tinha que tirá-lo dali. Puxou-o novamente, mas ele era tão pesado que mal conseguiu movê-lo sobre a cama—. Preston!

A porta se abriu completamente, e Joel entrou correndo em suas roupas de dormir.

—Milord! O senhor está bem? —exclamou.

—Oh, Joel, graças a Deus! —Voltou a tossir intensamente—. O duque não acorda. Precisamos tirá-lo daqui!

—Com certeza. —Joel correu até a cama e carregou o duque nu por cima dos ombros como se fosse um saco de trigo. Era um homem muito mais baixo que Preston, mas era forte.

—Venha, *milady*, precisamos sair!

Penelope assentiu enquanto Joel corria. Pegou um cobertor para cobrir o corpo do pobre Preston e correu atrás do criado. Os lacaios apareceram nas escadas com baldes de água. Mas nada disso ajudaria com tamanho fogo lambendo as antigas paredes.

—Vão para fora —ordenou Penelope—. Por favor, não tentem apagar o incêndio. Não faz sentido. Não quero que coloquem suas vidas em risco. Chamaremos os bombeiros. Saiam!

Em um minuto, Penelope estava lá fora e respirava o bem-vindo ar fresco com os pulmões sensíveis. Sentia como se tivesse a garganta em chamas e não pudesse parar de tossir. Preston estava deitado no chão com a cabeça apoiada em seu colo e envolto pelo cobertor. Como naquele

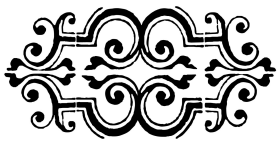
momento um terço da casa estava sendo devorado pelas chamas, ela podia ver o tão querido e pacífico rosto de seu marido com clareza. Ele respirava, e isso era bom.

—Por favor, acorde —suplicou com a voz rouca—. Por favor, acorde logo.

Enquanto o fogo continuava ardendo, ela olhou para as janelas do escritório. Tudo o que havia no interior estava perdido. Dânae. Os livros. Os documentos.

Inclusive a pasta de couro vermelha.

CAPÍTULO 23



O PEITO de Preston ardia e ele acordou tossindo. Sentia como se tivesse a garganta em chamas e os olhos cheios de areia.

Por cima de tudo se ouviam rugidos e estalos, mas ao fundo também conseguiu captar vozes e gritos. Inalou o cheiro acre da fumaça pelas narinas... Notou que estava deitado sobre algo muito duro e frio como pedra, mas que tinha a cabeça acolchoada. Tudo isso lhe gerou uma grande inquietação interior. Algo não estava nada bem.

Sentiu algo frio e relaxante na testa. Abriu os olhos e eles arderam. O rosto de Penelope pairava sobre ele, iluminado por um clarão vermelho alaranjado em contraste com a escuridão total do céu acima de suas cabeças.

— Preston — disse ela presenteando-o com um grande sorriso enquanto seus olhos se enchiam de lágrimas. — Você acordou! Está vivo! Graças aos céus.

Preston tossiu e tentou sentar-se, mas não conseguiu. Através da dor que sentia na garganta e no peito, encontrou voz suficiente para perguntar:

— Penelope, você está bem?

— Sim, estou bem — respondeu com a voz rouca. — E como você se sente?

— Mas que diabos está...

Não foi preciso terminar a pergunta nem que ela respondesse. Pousou o olhar sobre o edifício em chamas... sua casa em chamas. Então compreendeu que estava deitado no pátio interno observando o fogo consumir o lar londrino de doze gerações de duques de Grandhampton. As chamas ardiam atrás de todas as janelas da ala direita e chegavam até o teto.

A entrada estava em chamas, mas parte dos móveis e das obras de arte se encontravam no pátio. Uma miríade de faíscas flutuava no céu noturno. Haviam colocado várias escadas contra as oito janelas que ainda não estavam em chamas, e seus leais lacaios e outros criados resgatavam mais móveis, pinturas, vasos, tapetes e qualquer coisa que conseguissem encontrar antes que o fogo consumisse todo o edifício.

No pátio, havia três carros de bombeiros que eram grandes construções de madeira sobre rodas semelhantes às carruagens, mas sem janelas. Vários homens com uniformes verdes da companhia de seguros, Lindsay & Jensen, bombeavam alavancas para enviar água às mangueiras, enquanto seis ou sete bombeiros estavam de pé com as mangueiras projetando água sobre as chamas.

No entanto, com um incêndio como esse, todos sabiam que não restava muito a fazer. Era tarde demais. Os homens estavam desperdiçando seu tempo.

— Enviei uma mensagem para Sebastian e para a duquesa de Ashton — informou Penelope. — Pedi que enviassem os carros de bombeiros de suas seguradoras e seus homens. Não sei quando chegarão.

Reunir toda uma brigada levaria várias horas. Teriam que convocar os bombeiros e os voluntários e depois preparar os cavalos, sem mencionar o tempo que necessitariam para movimentar os carros pesados e difíceis de manobrar pelas ruas de Londres.

Preston sentou-se e sentiu frio. Como o cobertor caiu de seus ombros, percebeu que estava nu.

Três mangueiras de cada um dos caminhões estavam conectadas a buracos que haviam escavado no pátio. Com certeza, os bombeiros tinham cavado o solo para perfurar os canos de madeira. Quando o incêndio estivesse apagado, voltariam a cobrir os buracos e enterrariam os canos.

Mais gente entrava e saía correndo do pátio com baldes de água. Mas Preston se perguntou de onde estariam tirando-a. Talvez os vizinhos, o visconde de Kitson ou o marquês de Cornforth tivessem enviado seus criados com água de suas cisternas para evitar que o incêndio se propagasse para suas propriedades.

Mas nada poderia detê-lo. Preston sabia disso. O fogo era como um gigante invencível que consumiria completamente a ala onde se

encontravam os quartos de Preston e Penelope, a biblioteca, o escritório... e em breve, o que restava de Chalworth Place.

— Todos saíram? — ele perguntou.

— Sim, todos estão a salvo. E estão tirando os cavalos dos estábulos. Sam está preparando a carruagem para nos levar a Sumhall.

— Certo — disse tentando sentar-se novamente e desta vez conseguir. Mas de repente, um pensamento o atingiu como um raio —. Diabos! — Envolveu-se com o cobertor e levantou-se tossindo e com a cabeça girando —. Penelope, seu estúdio! Suas pinturas!

— Esqueça as pinturas. Todos estão vivos. Isso é o que importa. Pintarei outros quadros.

— Mas o *Dánae*... e *Naufragio*... e a coleção de Spencer...

E a última carta que Spencer lhe escrevera. E todas as pequenas recordações de seu irmão que ardiam naquele inferno e jamais recuperaria.

— Gostaria de ajudar — disse caminhando em direção ao chefe dos bombeiros. As pedras frias como gelo cravavam-se contra as plantas nuas dos seus pés —. O que posso fazer?

Penelope puxou sua mão, e Preston se envergonhou de que sua cabeça girasse tanto que acabou perdendo o equilíbrio.

— Nada, Preston. Não há nada que você possa fazer. Você irá para Sumhall e deixará que um médico o examine.

Como se tivessem ouvido suas palavras, uns cascos e o barulho de rodas às suas costas anunciaram a chegada de uma carruagem. Depois de alguns minutos, Sam parou perto deles.

Preston começou a tossir. Penelope tinha razão: não havia nada que pudesse fazer naquele estado. Só queria que todos estivessem a salvo.

Ao vê-lo de pé, a senhora Brown e Porter se aproximaram dele.

A senhora Brown ainda usava a touca de dormir e a camisola e se agarrava às bordas de um xale que envolvia seus ombros.

— *Milord*, graças a Deus o senhor acordou.

Quando parou de tossir, disse com a voz rouca:

— Fico feliz que todos estejam a salvo, senhora Brown. Além da duquesa e eu, podem entrar mais duas pessoas na carruagem. E talvez mais se alguém quiser sentar na frente ou ir em pé no posto dos lacaios. Senhora Brown, talvez a senhora gostaria de vir e trazer algum dos criados que não

se sintam muito bem para Sumhall. Depois Sam voltará para buscar o resto do pessoal.

— Com certeza, *milord* — concordou Sam.

—Não, *milord* —replicou a senhora Brown—. Quer dizer, estou bem e ficarei aqui para supervisionar as coisas. Kitty, a ajudante de cozinha, está tossindo muito. E Peter, o cavalariço, cortou o braço ao quebrar uma janela do salão para tirar alguns móveis. Eles podem ir na carruagem.

—Muito bem —concordou Preston—. Que venham. E diga a qualquer pessoa que queira vir. Confio isso a você.

—Venha —disse Penelope oferecendo apoio com um cotovelo—. Vamos entrar na carruagem.

Preston olhou para Chalworth pela última vez. As chamas se erguiam ao céu negro como paredes vivas em movimento. Seu coração se apertou ao processar a perda dessa mansão antiga que há muito pouco tempo havia começado a sentir como seu lar.

Quando todos subiram na carruagem, partiram para Sumhall. Nas ruas de Mayfair pairava o fedor da fumaça, mas depois de dez minutos chegaram ao destino.

Quando pararam diante das altas paredes brancas e prístinas de Sumhall, Preston pensou que essa casa, com sua arquitetura clássica da moda, sempre havia se sentido completamente diferente de Chalworth Place, que era escura, fria e medieval. A casa era grande e tinha quatro andares. A fachada exterior do edifício contava com uma série de elegantes janelas arqueadas e cada uma se curvava para o exterior. Essas janelas características estavam colocadas uma em cima da outra em cada andar e criavam duas chamativas linhas verticais. Encontravam-se a seis metros da porta de entrada, que se achava sob um grande pórtico ao lado de uma fileira de seis colunas grossas e ornamentadas de cima a baixo. A estrutura do telhado triangular tinha alguns padrões decorativos de guirlandas de flores.

Duas silhuetas emergiram das sombras sob o pórtico.

—Preston! Penelope!

Enquanto Preston descia da carruagem e sentia como os pés ardiam contra os paralelepípedos gelados, viu Calliope e Richard descerem as escadas às pressas. O mordomo, Teanby, os seguiu em um roupão de dormir marrom e com uma lâmpada a gás em uma mão. Mesmo à distância,

Preston podia ver o rosto do mordomo enrugado de preocupação e o cabelo grosso e branco um pouco desalinhado. Teanby havia se juntado à casa quando o pai de Preston era adolescente. Por isso, tinha visto os irmãos Seaton crescerem e se tornarem as pessoas que eram atualmente. E Preston sabia que a morte de Spencer o havia feito envelhecer de repente como teria acontecido a um avô com a perda de um neto.

Atrás dele, seguia a senhora Girdwood, a governanta. Levava a touca de dormir tão torta que escapavam mechas de cabelo ruivo pálido e emaranhado. Vestia uma camisola azul escuro e também carregava uma lâmpada a gás. Havia se juntado à casa há apenas cinco anos, mas já tinha conquistado o carinho e o respeito de todos. Atrás dela, iam duas criadas e três lacaios, todos em suas roupas de dormir.

—Jason, Finley —latiu Teanby por cima do ombro para chamar os lacaios—. Ajudem o duque! —Parou diante de Preston e o olhou de cima a baixo—. *Milord*, permita-me perguntar como o senhor está?

Preston tossiu e assentiu com a cabeça antes de responder.

—Estou bem, obrigado.

—E a senhora, *milady*? —perguntou a Penelope.

—Estou bem, obrigada, Teanby —respondeu Penelope. Por sorte, não tinha a voz tão rouca quanto quando Preston havia acordado para ver Chalworth Place em chamas—. Posso pedir ao senhor e à senhora Girdwood que, por favor, se certifiquem de que alguém cuide dos criados de Chalworth?

—Certamente, *milady* —assegurou-lhe a senhora Girdwood com um sorriso gentil e percorreu com um olhar preocupado Kitty e Peter—. Seu quarto já está preparado. A senhora ficará no quarto Safira, e o duque...

—Um quarto será suficiente —interrompeu Preston antes de voltar a tossir—. Ficaremos no meu antigo quarto —acrescentou quando a tosse acalmou.

A senhora Girdwood assentiu com a cabeça.

—Certamente, *milord*. Já está pronto.

—Vem, irmão —disse Richard enquanto parava ao lado de Preston e passava um braço pelas suas costas—. Deixe-me ajudá-lo.

Richard se parecia tanto com seu pai que o peito de Preston apertou. Enquanto Spencer e Preston tinham a tez e o cabelo de sua mãe, Calliope e

Richard haviam herdado a pele não tão pálida de sua mãe, mas também o cabelo castanho-avermelhado e os intensos olhos azuis-claros de seu pai.

—Obrigado, irmão —respondeu Preston antes de aceitar o ombro de Richard de bom grado.

—O médico está a caminho —informou-lhes Calliope apertando a mão de Penelope.

Entraram no interior familiar. Por dentro, a casa mostrava a influência de sua mãe. Quando ela disse que não gostava de viver em Chalworth Place e queria morar em outra casa, seu pai havia comprado Sumhall para que ela decorasse como quisesse. Ela tinha trazido o Mediterrâneo para lá. O longo corredor da entrada tinha paredes de um turquesa pálido com ornamentos dourados e terracota, quadros de paisagens espanholas com palmeiras e pedras iluminadas pelo sol em frente ao mar intenso. Além disso, as cortinas nas janelas tinham padrões de folhas de palmeiras e laranjas.

Sumhall era uma casa muito menor que Chalworth, mas mais aconchegante e acolhedora que a grande casa londrina do duque, que sempre havia parecido mais um museu do que um lar. E agora estava em chamas e ninguém sabia se seria possível sequer restaurá-la.

—Como isso aconteceu? —perguntou Richard enquanto avançavam pelo vestíbulo em direção às escadas que conduziam ao primeiro andar, onde ficavam os quartos.

—Não faço a menor ideia —respondeu Preston—. E você, Penelope?

A pergunta a fez soltar o fôlego.

—Sim. Sam me disse que acreditam que o incêndio começou no escritório. E ele viu alguém se afastando correndo da casa.

Preston sentiu um calafrio gelado de preocupação percorrer sua coluna vertebral.

—Quem?

—Não sei. Ele não conseguiu ver. Mas como o incêndio começou logo depois...

—Acham que foi proposital? —perguntou Richard com um tom sério.

—Não —respondeu Preston—. Não pode ser. Quem faria isso? E por quê? Vou falar com Sam.

Quando Preston e Penelope ficaram sozinhos em seu antigo quarto, ele se recostou sobre os travesseiros. A senhora Girdwood enviou uma criada

com chá quente, um decanter de vinho, uma tábua de queijos, frios e uvas-passas.

Preston sentou-se ereto na cama e sentiu como o chá suavizava sua garganta. Penelope se aconchegou contra seu ombro, e senti-la quente e pesada era divino. Ela cheirava a fumaça, e isso era um lembrete sombrio de que ambos poderiam ter morrido naquela noite.

—Não queria dizer isso na frente de Richard e Calliope —começou Penelope—, mas Sam disse que era um homem de estatura baixa que usava uma peruca empoada. Era gordinho e corria devagar, como se fosse mais velho.

Preston apoiou a xícara sobre o criado-mudo e limpou a garganta. A sensação de calma evaporou-se. Em vez disso, sentiu raiva e ressentimento que o aguilhoaram como mil adagas.

—O incêndio começou no meu escritório —disse com cautela—. No local onde guardo a pasta vermelha que seu pai pediu que você levasse para ele. E depois Sam vê um homem com uma peruca empoada fugindo. Penelope, há muito poucos homens em Londres que ainda usam perucas.

Penelope sentou-se na cama.

—Não pode ser ele —disse com os olhos cheios de lágrimas—. Não posso acreditar que tenha sido capaz de incendiar nosso lar.

No entanto, Preston acreditava. Com facilidade. Porque sabia a verdade: *lord* Neville Beckett era capaz de fazer mal às pessoas para conseguir o que queria e salvar sua própria pele. Já havia provocado a morte de Spencer.

E agora quase matava Penelope? Não, era suficiente.

Preston afastou o cobertor e se levantou. A cabeça ainda estava girando, mas se aproximou da cordinha da campainha e a puxou. Precisava de roupas e uma carruagem.

—O que você está fazendo? —perguntou-lhe Penelope, levantando-se.

—Vou garantir que nunca mais aconteça algo como isso.

—!*Lord* Beckett! —Preston bateu na aldrava de latão com cabeça de leão para chamar à porta da casa na rua Vine—. !*Lord* Beckett!

Tossiu, e alguns espasmos dolorosos e secos o fizeram dobrar-se ao meio. Não havia esperado a chegada do médico. Estava tão furioso e aterrorizado que não conseguia ver com clareza.

Mais alguns minutos e poderia ter perdido Penelope. Sua própria morte o aterrorizava menos que a dela.

Continuou batendo à porta enquanto Carl, o cocheiro de Sumhall, aguardava sentado à frente da carruagem e lhe lançava olhares de soslaio. O que havia levado um duque a bater à porta de outro membro da alta sociedade às três da manhã? A rua estava escura e tranquila, só se ouvia o vento soprar sobre as copas das acácias em plena floração.

—!*Lord* Becket! —gritou com a voz que lhe restava, e o peito e a garganta explodiram de dor.

Finalmente ouviu os passos que soavam atrás da porta e o trinco se abrindo. A cabeça de escassos cabelos grisalhos de *lord* Beckett apareceu pela abertura. Estava vestido com um pijama amarelo e olhava para Preston por cima da vela que levava na mão com os olhos arregalados de temor.

—*Milord*... —murmurou—. O que acontece?

—O senhor já sabe o que acontece —respondeu Preston forçando a voz estrangulada a soar alta e clara. Mas fracassou, e acabou soando áspera e quase incompreensível—. Foi o senhor?

—Do que está falando?

—Provocou o incêndio na minha casa?

Lord Beckett adotou uma expressão atônita.

—Um incêndio?

—Sim, um incêndio criminoso. Chalworth Place está em chamas. O incêndio começou no meu escritório. Você roubou a pasta vermelha de couro e ateou fogo à minha casa? Quase matou sua própria filha.

Os olhos de *lord* Neville se arregalaram cheios de medo, e as escleróticas tornaram-se quase azuis em contraste com a pele pálida e a noite.

—Penelope está bem?

—Sim.

Lord Beckett fez um gesto negativo com a cabeça.

—Não. Jamais faria algo assim.

Preston o olhou com os olhos semicerrados.

—Não acredito em você. Penelope lhe disse que não o ajudaria mais, e creio que isso é uma forte motivação. Você queria se livrar das evidências do seu crime e queria vingança.

—Não. Jamais faria isso. O senhor está enganado. Está tão determinado a se vingar que acredita que todos são capazes disso. A única coisa que posso dizer é que Penelope finalmente está livre das suas garras horríveis. O senhor não tem mais nada contra mim.

O peito de Preston inflou e desinflou com dor. Ele se forçou a acalmar a sensação ardente na garganta. Preferia morrer a demonstrar fraqueza diante daquele homem.

—Então você admite? Você a queimou?

—Não admito nada. Mas sem dúvidas, desapareceu graças ao incêndio.

Preston fez um gesto negativo com a cabeça e sentiu tanta repulsa que seu lábio superior se curvou. Não podia acreditar que havia considerado perdoar esse homem que nem sequer sentia remorso porque sua filha poderia ter morrido.

—Posso conseguir outra declaração da testemunha —garantiu friamente. — Mas não se pode trazer de volta uma vida perdida. E não tolerarei que minha esposa se associe com um pai capaz de arriscar a vida dela para proteger seus interesses.

Neville empalideceu. Muito bem. A última pontada de compaixão que lhe restava no peito morreu. Não fracassaria na hora de proteger outra pessoa de *lord* Neville Beckett. Nunca mais. Caso contrário, não poderia continuar vivendo consigo mesmo.

—Prepare-se, *lord* Beckett. Não tolerarei que você tenha matado meu irmão nem que mate minha esposa. Estou avisando. Irei a Eastbourne e comprarei sua dívida. Depois tomarei esta casa, sua propriedade no campo e até a última posse que tenha em seu poder antes de deixá-lo na rua. E depois os agentes de Bow Street virão atrás de você.

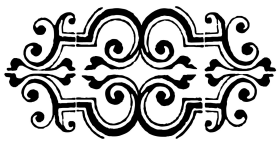
Lord Beckett piscou rapidamente.

—Por... favor... *milorde*.

Preston se aproximou mais um passo e fulminovou o monstro com o olhar.

—Não será nada. Todos em Londres saberão de seus crimes e sua humilhação. Esqueça seus amigos. Esqueça sua família. Esqueça que tem uma filha. Não voltará a contatar Penelope nunca mais. Guarde bem o rosto dela da última vez que a viu porque jamais o verá novamente pelo resto da sua miserável vida. A única coisa que lhe resta pela frente é a vida de um mendigo nas ruas e, se eu for bem-sucedido, você rezará para que o enforquem. Pelo menos assim não poderá fazer mal a ninguém mais.

CAPÍTULO 24



QUANDO O COLCHÃO afundou debaixo de seu corpo, Penelope abriu os olhos. Preston havia se enfiado debaixo da manta e apoiava o corpo quente e duro contra o dela. Passou um braço por baixo da cabeça dela e a fez soltar um suspiro antes de inalar sua essência misturada com a fumaça e a fragrância do exterior. Ao sentir que ele lhe dava um beijo na testa, relaxou contra ele.

—Onde você estava? — perguntou-lhe sonolenta e apoiou a mão sobre o peito nu dele.

Ele a aconchegou mais perto e apoiou a cabeça sobre a dela. O quarto estava escuro e tranquilo, e as paredes de cor azul marinho pareciam quase negras na noite. Alguns carvões ardiam suavemente na lareira, e um pouco de luz dos lampiões a gás da rua infiltrava-se pelas janelas, criando um padrão quadriculado de sombras de galhos e folhas que se moviam sobre o teto de painéis.

Penelope acreditava saber a resposta à sua pergunta. O coração partiu-se pelo seu pai. Não havia dito, mas por dentro concordava com Preston. Tinha que ser seu pai. E culpava a si mesma por isso. Se tivesse levado a pasta de couro vermelha, não teria colocado Preston em perigo de morte, e seu lar não teria se queimado. Mas jamais teria perdoado sua traição...

—Não se preocupe com isso — disse-lhe com a voz rouca.

Céus, ele poderia ter morrido! O pensamento, que rondava sua mente sem cessar durante as últimas horas, fez com que ela estremecesse tanto que se agarrou forte ao pescoço dele para se aproximar mais.

—Como você está se sentindo? — perguntou-lhe olhando nos olhos escuros dele. — Você viu o médico?

—Sim, ele acabou de me examinar. Diz que estou bem e me recomenda descansar algumas semanas.

—Que ideia mais esplêndida — respondeu Penelope, segurando o rosto dele entre as mãos. Podia sentir a barba por fazer no rosto dele. — Vou garantir que você descanse bem.

Preston deu um beijo no nariz dela. Havia tanto amor nos olhos dele que o peito dela doeu.

—Estou muito feliz por você estar bem. Não sei como eu poderia continuar vivendo se você tivesse se machucado.

—Eu é que estou feliz — respondeu Penelope, enchendo-se de luz e amor. — Quando vi que você não se movia e que as chamas estavam cada vez mais perto, quase morri mil vezes.

Ela inalou uma profunda golfada de ar e sorriu para ele. Era tão estranho vê-lo sorrir que ficou imóvel e maravilhou-se ao observar as rugas que se formavam no canto dos lábios e dos olhos e ao notar os perfeitos dentes brancos. Era tão lindo quando sorria que parecia um anjo que acabava de descer do céu.

E não apenas parecia angelical. Era um homem gentil da cabeça aos pés. Apesar do seu mau humor e de no início não gostar dele, ele havia lhe dado tudo o que seu pai jamais lhe deu. Construiu-lhe um estúdio e contratou aulas particulares com grandes mestres, o que era um sonho realizado. Deu-lhe a liberdade de ser quem quisesse ser. Além disso, sua família a recebeu de braços e corações abertos, como se sempre tivesse pertencido ali.

A única coisa que ele não fez foi contar-lhe o ato horrível que seu pai havia cometido.

—Preston, você não pode me dizer o que meu pai fez? Mesmo depois dele ter incendiado sua casa?

O rosto de Preston se transformou, e Penelope se arrependeu de ter feito a pergunta.

—Nossa casa —corrigiu-a—. E quero te contar. Mas não farei isso aqui e agora. Perdemos nosso lar. Iremos para a propriedade no campo e ficaremos lá até que meu advogado possa comprar uma nova casa para nós em Londres.

—Para o campo? —A ideia lhe parecia estimulante. Deixariam para trás todos os seus problemas e passariam tempo juntos e a sós.

—Sim. —Ele ajeitou uma mecha de cabelo atrás da orelha dela—. O que você diz?

—Eu adoraria. Lá você poderá descansar os pulmões e se recuperar mais rápido.

—Parece maravilhoso.

Não tinham muito para empacotar, apenas as roupas que haviam pegado emprestadas de Calliope e Richard. Preston foi informado de que conseguiram apagar o incêndio e que Chalworth não havia sido completamente queimada, mas que levaria muito tempo e dinheiro para reconstruí-la. Enquanto Penelope se preparava para a viagem, Preston informou que sairia para resolver alguns assuntos de negócios.

Logo iniciaram a viagem. Apesar de ser primavera, as ruas estavam enlameadas, e, como a viagem levou um dia inteiro, foram obrigados a parar em uma estalagem para passar a noite.

Mas tudo valeu a pena. Quando chegaram, Penelope ficou sem fôlego. Grandhampton Court era uma residência muito mais luxuosa que Chalworth. Parecia o palácio de uma família real. A casa a deixou sem palavras. Era longa e alta, construída ao estilo palladiano com grandes blocos de arenito cortados com perfeição. Possuía um impressionante pórtico tão grande que poderiam realizar um baile ali. Doze colunas caneladas de três andares de altura sustentavam a estrutura do telhado que continha doze estátuas de Palladio. Tanto à direita quanto à esquerda, o edifício se estendia e poderia abranger Sumhall duas vezes.

Janelas com arcos arredondados alinhavam-se no térreo, enquanto no primeiro e segundo andares havia várias janelas perfeitamente retangulares com ornamentos triangulares acima. Uma imponente escadaria de um andar de altura levava à porta de entrada do pórtico.

Na frente do edifício, abria-se um parque bonito e bem conservado com gramado bem cortado, arbustos cuidados e várias flores. Também havia uma grande fonte. Várias árvores e pequenos bosques cresciam em diferentes áreas da propriedade. Um rebanho de ovelhas pastava a alguns quilômetros de distância.

Quando Penelope desceu da carruagem, inspirou profundamente o ar doce, cheio de aroma de folhas e terra, e fechou os olhos. Sentiu o sol no rosto e o beijo do vento nas bochechas. Depois segurou o chapéu enquanto erguia o olhar para o sol.

—Bem-vinda a Grandhampton —disse-lhe Preston e, quando ela o olhou, não o reconheceu.

A máscara séria do *lord* de Londres havia desaparecido para dar lugar a outra pessoa. A tensão que costumava rodear seus olhos derreteu, e um sorriso suave surgiu em seus lábios. Era tão bonito que o coração dela acelerou, e naquele momento soube que estava total e irremediavelmente apaixonada por ele.

Recebeu a epifania como um golpe. Ficou paralisada, sem se mover, como suspensa no ar. Que curioso saber que o coração batia desenfreado no peito, mas já não pertencia mais a ela. Agora era dele.

Depois de ser apresentada aos criados e de Preston fazer um passeio pela casa com ela, conduziu-a à parte traseira, onde ficavam a entrada para os criados e entregas, os estábulos para os cavalos e as vacas, um galinheiro e um jardim. Ao lado da casa havia um lago natural com um píer e um barco.

Alguns salgueiros cresciam do outro lado do lago, com ramos que acariciavam a água. Vários juncos e tipos de grama cresciam na margem onde moscas e abelhas zumbiam no ar.

—Quando éramos crianças, nadávamos aqui —contou-lhe Preston enquanto apontava para o pequeno prado em frente ao lago com gramado curto e margaridas que cresciam por toda parte—. Passávamos a maior parte do tempo aqui. Bem, até que me enviaram para a Escócia. Depois disso, só vinha aqui passar os verões, mas eram os meses mais felizes para mim. Quando chegou o momento de apresentar Spencer à sociedade de Londres, começamos a ir todos os anos para a cidade na temporada. E lá vi que meu pai tinha outra faceta. Em Londres, era o duque perfeito, mas aqui, era meu pai. Uma pessoa doméstica e simples que ia pescar com todos nós, incluindo Calliope. Ele me ensinou a nadar. Costumava fazer cócegas na minha mãe quando achava que ninguém estava vendo. Este é o lugar onde minha mãe corria atrás de nós soltando gritos de alegria e nos fazia cócegas com um sorriso tão genuíno no rosto que era impossível não retribuí-lo.

Penelope sabia que aquilo devia ser verdade. Ali, Preston não era o mesmo de Londres, onde ela só via alguns vislumbres dele quando estavam a sós e na cama. Ali, via outra faceta dele que estava ansiosa para descobrir em profundidade. Mas... tinha a sensação de que apenas se apaixonaria mais por ele. E isso a aterrorizava.

Preston lhe mostrou o campo onde jogavam críquete. Em uma pastagem a menos de um quilômetro, Spencer tinha ensinado-o a montar seu primeiro pônei. E havia um bosque onde praticavam esgrima com galhos. Calliope tinha uma cadela favorita, Mariposa, que havia morrido há alguns anos.

Enquanto passavam pelo pórtico onde dois lacaios aguardavam atentos a qualquer instrução, Preston inclinou-se em sua direção.

—Richard sempre foi o favorito dos criados.

Penelope riu.

—É fácil de acreditar.

Preston fez um gesto negativo com a cabeça.

—Ele os conquistava com seu charme. Sempre tinha um sorriso para lhes oferecer. Não só sabia todos os seus nomes, como também sabia do que cada um gostava de comer. Até os oito anos, separava porções de comida em seus guardanapos e as entregava, para o prazer e irritação da senhora Liddle, a governanta, porque deixavam manchas de gordura que eram muito difíceis de limpar.

A senhora Liddle e Harney, o mordomo, desceram as escadas seguidos por um lacaio que carregava uma bandeja nas mãos.

—Pensamos que talvez gostassem de algo refrescante, *milord* —disse Harney.

Era um homem de uns setenta anos com a cabeça calva na frente e poucos cabelos na parte de trás. Era alto e corpulento, com uma boca larga e um queixo grande. O rosto enrugado tinha uma expressão bondosa. O lacaio de libré estava em pé ao lado da senhora Liddle com duas taças vazias e uma garrafa de vinho e outra com algo mais forte. Ao lado das bebidas, havia uma pequena bandeja com pedaços de pão torrado untados com algo vermelho e cobertos por um azeite meio esverdeado.

—Pão com tomate —disse-lhe a senhora Liddle, orgulhosa. Era uma mulher doce de uns sessenta anos, com bochechas rechonchudas e olhos azul-claros translúcidos. Tanto a senhora Liddle quanto Harney pareciam incapazes de manter as aparências. Penelope tinha a impressão de que estavam se contendo para não se lançar sobre Preston para abraçá-lo—. Como sua querida mãe, que em paz descanse sua alma, ensinou à senhora Norman.

Preston abriu um grande sorriso que derreteu o coração de Penelope. Quando Harney lhes serviu vinho nas duas taças, seu marido pegou uma e entregou a ela. Depois pegou a outra e um pedaço de pão vermelho.

—Por favor, agradeçam à senhora Norman. Minha mãe sempre adorou seu pão com tomate. —Olhou para Penelope—. É um prato espanhol que minha mãe gostava de comer. É um prato tradicional dos camponeses, mas minha mãe o provou quando era pequena e vivia na Espanha e adorou.

Com curiosidade, Penelope pegou um pedaço de pão e o cheirou. Tinha um aroma forte e intenso, como algo que vinha de terras exóticas.

—Quais ingredientes leva?

A senhora Liddle sorriu para ela.

—É um pão torrado untado com tomate e alho. Também tem um fio de azeite de oliva e uma pitada de sal marinho.

—Oh —disse Penelope—. E o jardineiro cultiva os tomates? —Bebeu um gole de vinho e deu uma mordida no pão com tomate.

O pão estava crocante e tinha o sabor doce do tomate misturado com o intenso do alho. A combinação de sabores e texturas lhe pareceu deliciosa na língua. Teve que conter um gemido de prazer porque as duquesas não gemiam em público. Preston mastigava seu petisco com a postura ereta, mas ela viu o deleite que dançava em seus olhos.

—Sim —respondeu-lhe a senhora Liddle—. Desde que a duquesa se mudou para cá. Os tomates são conservados fora de temporada. Nós os plantamos todos os anos porque as crianças... Oh, perdoe-me, *milord*, ainda me refiro a vocês quatro como crianças. Bem, todos vocês gostam da cozinha espanhola que sua mãe introduziu.

Penelope assentiu com a cabeça.

—Mal posso esperar para provar mais pratos espanhóis. Toda a minha vida me limitei a comer os tradicionais pratos ingleses.

Naquele momento, desejou ter conhecido os pais de Preston, assim como também desejou que sua mãe estivesse viva e pudesse conhecê-lo.

Quando terminaram o lanche e as taças de vinho, Preston agradeceu aos criados.

—Por quanto tempo ficarão, *milord*? —perguntou Harney.

—Por pelo menos duas semanas —respondeu Preston—. Não sei se ouviram, mas há duas noites Chalworth Place pegou fogo. Viemos para nos recuperarmos do choque e respirar ar fresco.

—Todos estão bem, *milord*? —quis saber Harney preocupado—. E os senhores?

—Sim, obrigado, Harney —respondeu ele—. Felizmente, ninguém ficou gravemente ferido. Alguns dos valentes criados e bombeiros tiveram cortes, contusões e queimaduras, mas todos estão vivos e se recuperarão. Agora é uma questão de encontrar um novo lar enquanto reconstruímos Chalworth.

—Perdeu-se muito no incêndio? —perguntou-lhe a senhora Liddle—. Quer que envie alguns móveis para Sumhall para quando encontrar um novo lar?

—No momento, não —disse Preston—. Mas me fez lembrar... —Olhou para Penelope com um brilho nos olhos—. A senhora sabe onde estão as antigas aquarelas de minha mãe, senhora Liddle? Os papéis, os lápis e os pincéis... A duquesa é uma artista muito talentosa, mas a maioria de suas obras e de seus materiais de arte foram perdidos no incêndio.

—Ah, claro, sei exatamente onde estão. Vou buscá-los para a senhora.

Enquanto a senhora Liddle, Harney e o lacaio voltavam para a casa, Penelope passou os braços pelo pescoço dele e o envolveu em um abraço. Quando Preston a beijou com seus lábios suaves e delicados, a cabeça dela girou e o chão desapareceu sob seus pés.

—Você tem certeza que não se importa que eu use as tintas da sua mãe? —ela perguntou após se afastar.

—Claro que não —ele respondeu—. Ela teria sido a primeira a oferecê-las a você.

Mais tarde, enquanto Preston estava de pé no cais do lago com uma vara de pescar nas mãos e uma expressão serena e nostálgica no rosto, Penelope pintou a imagem que tinha diante de si: o lago idílico, o cais, o barco... e acrescentou uma família. Quatro crianças, dois pais e um piquenique sobre uma manta.

Pintou o falecido duque de Grandhampton em pé sobre o cais com a vara de pescar e Richard e Preston quando pequenos com alguns peixes em um balde. A pequena Calliope, com seus cachos castanho-avermelhados, estava ao lado de sua bela mãe de cabelo escuro e com um vestido branco, e faziam uma coroa de dentes-de-leão.

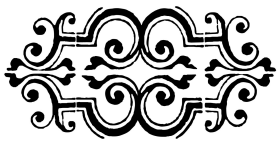
E, por último, pintou Spencer. Tinha pintado todos, incluindo a paisagem, exceto ele, que se tornou uma silhueta branca em pé ao lado de

seu pai, com uma vara de pescar na mão. Era o mais alto e esbelto das crianças.

A ausência de Spencer era como um vazio aberto no quadro. E quando começou a pintá-lo, o vazio começou a se preencher. Mas algum dia poderia ser preenchido o vazio que sua morte havia deixado na família?

E algum dia a felicidade entre ela e Preston poderia ser absoluta com o grande abismo que a ausência de Spencer causava entre eles?

CAPÍTULO 25



—PRESTON...

A voz doce de Penelope interrompeu seu sono, e ele sentiu o cabelo macio que fazia cócegas em seu peito. Inalou uma respiração profunda de sua essência de pele limpa e do sabonete de lavanda que ela havia usado na noite anterior para se banhar.

Cegamente, ele a envolveu em seus braços e a puxou para mais perto para sentir os seios macios e nus contra seu torso. Penelope riu e o fez abrir os olhos para sorrir para ela. Penelope o examinou com o olhar e lhe ofereceu um sorriso de orelha a orelha banhado pela luz que se infiltrava pela janela de seu antigo quarto e com o cabelo despenteado cintilando como um halo. Céus, depois de passar três dias em Grandhampton apenas com ela, ele não conseguia parar de se perguntar como tinha sido tão sortudo com essa mulher. Não fazia a menor ideia. Tudo o que podia fazer era ser grato por cada momento que ela escolhesse passar em seus braços, cada momento que fosse afortunado o suficiente para tê-la.

Ele a beijou delicadamente, embora já estivesse com o membro endurecido só de sentir suas coxas em ambos os lados de seus quadris e o suave sexo pressionado no ponto mais delicioso.

—Sim, duquesa? —ele respondeu.

—Tenho uma ideia.

—Se essa ideia envolve nós dois nus, sou todo seu.

—Bem, envolve você nu.

—Tudo bem. —Ele arqueou os quadris para provocar fricção contra o corpo dela e gemeu. Inclinou-se para beijá-la, mas ela o esquivou.

—Não.

Preston franziu o cenho e a olhou com os olhos semicerrados.

—Como assim? Então para que você me quer nu?

—Eu gostaria de pintar um retrato seu nu.

Por um momento, ele não conseguiu falar. Imaginou-se meio imóvel durante várias horas em uma daquelas posturas gregas enquanto ela o pintava... e uma gargalhada escapou de sua garganta. Com um movimento rápido, ele a apertou mais contra seu corpo e girou os dois sobre a cama. Penelope soltou um grito e riu. Ali estava sua linda esposa pressionada contra o colchão debaixo dele, com as coxas separadas, e seu membro duro pressionado contra sua entrada estreita e quente.

—Não —ele disse— Há uma forma muito melhor de utilizar meu corpo nu e é te fazer gozar uma vez após a outra. Deixa eu te mostrar.

Penelope mordeu o lábio inferior enquanto movia o quadril e ele acariciava seu clitóris com o membro. Ela arqueou as costas e jogou a cabeça para trás.

—Você gosta disso? —ele perguntou— Estou te dando prazer, amor?

—Oh, sim...

—Vê como isso é muito melhor do que estar a quatro metros de distância na mesma pose durante muitas horas? Se eu posso me mover, posso fazer isso...

Afundou-se nela, deslizando com facilidade entre as dobras umedecidas e soltou um gemido de prazer ao sentir como as paredes estreitas o abrigavam em seu interior. Penelope ofegou e passou as pernas pelas cadeiras dele e os braços pelos ombros para se agarrar a ele e incentivá-lo a se aproximar mais e penetrá-la mais profundamente.

Agradando-a mais, afundou-se nela e ajustou seus quadris de modo que pudesse esfregar seu clitóris ao mesmo tempo. Então teve uma ideia e parou por alguns instantes.

—Você confia em mim, amor?

Penelope piscou e assentiu com a cabeça.

—Claro que confio em você.

Isso partiu seu coração porque ainda escondia dela um segredo horrível; ela ainda desconhecia por que ele havia se casado com ela. Afastou-se e ajoelhou-se diante dela.

—Levante a perna. —Segurou-lhe o tornozelo e o colocou sobre seus ombros, repetindo a operação com a outra. As coxas suaves ficaram abertas

diante dele, altas e largas, dando-lhe acesso total. Oh, a visão que tinha à sua frente fez com que sua ereção endurecesse ainda mais de desejo por ela.

—Por todos os céus, você não sabe o quanto te desejo. Você percebe o quanto é incrivelmente linda?

Penelope exalou suavemente e apoiou a cabeça contra o travesseiro. Tinha os lábios vermelhos e inchados de desejo e os cabelos espalhados sobre o travesseiro. Era uma verdadeira sedutora. O que estava fazendo com ele?

—Não —respondeu—. Mas sei o quanto você é incrivelmente bonito e o quanto te desejo.

Ao ouvi-la, grunhiu e desceu sobre ela para penetrá-la novamente. Como adorava o gemido que ela soltava cada vez que se conectavam desse modo, carne com carne, pele com pele, tão profundo quanto dois seres humanos podiam se conectar. Começou a se mover dentro dela, enterrado até os testículos, e continuou investindo sem cessar. Observou como seu rosto se tingia de cor, e seus olhos caíam, escureciam e enchiam-se de desejo enquanto os dentes brancos mordiam o lábio inferior e ela arqueava as costas antes de ofegar.

Isso sim estava bom. Observou como os seios dela saltavam enquanto a elevava cada vez mais perto do ápice do prazer. Nunca acreditou ter estado tão profundo dentro dela e adorou encontrar-se completamente envolvido nela.

Só existiam ele e ela.

Após alguns instantes, ficou louco de desejo. Investiu mais e mais contra o colchão até que a cabeça dela rodou, o peito corou e as veias do pescoço ficaram tensas. Sentiu como ela apertava mais seu membro para retê-lo em seu interior. Penelope estava prestes a explodir de prazer. De repente, ficou imóvel e todos os músculos internos o apertaram como uma luva. Isso foi o que o desfez. Enquanto ela estremecia ao seu redor, uma onda intensa de prazer o arrasou. Ele se arqueou e soltou gemidos animalísticos antes de acabar dentro dela.

Depois colapsou sobre ela e virou-se para o lado, respirando entre arquejos. Levantou-a para colocá-la contra o peito, e ambos tentaram recuperar a respiração.

—Diga que tenho razão —disse-lhe quando finalmente recuperou o fôlego—. Não acha que este é um uso melhor da minha nudez?

Penelope soltou um gemido baixo e olhou-o nos olhos.

—Preston, eu te amo e quero comemorar o quão lindo você é...

Os dois ficaram imóveis. Preston engoliu um nó doloroso na garganta. Seus olhos se abriram completamente, e Penelope o olhou sem mover um único músculo.

—O que você o quê? —perguntou-lhe.

Ela não podia estar falando sério. Não podia amá-lo. Ele não a merecia. Não era um bom homem; seu caminho à frente seguia a trilha da destruição. E ela era pura, linda e tudo o que era bom e correto no mundo. Como podia amá-lo? Não havia nada para amar nele.

—Eu te amo —repetiu—. Completamente. Seu corpo lindo. Seu coração bondoso. Sua alma preciosa. E quero pintá-lo como o vejo quando estamos assim.

Algo em seu interior começou a se desenrolar. Ele estava mais aberto com ela do que jamais havia estado com ninguém. Nem mesmo com seus irmãos. Nem mesmo Sebastian, seu melhor amigo, o conhecia como ela. Sempre havia sido o segundo em tudo: o "duque reserva". Havia nascido por precaução, para que alguém pudesse continuar o nome nobre. Durante toda a sua vida, havia tentado provar a todos, e especialmente a si mesmo, que era tão valioso quanto Spencer. Mas no fundo, não acreditava que fosse.

Mas não sentia que precisava provar nada a Penelope. Ela estava em seu lugar sagrado e se encaixava perfeitamente. Além disso, estava curando algo dentro dele. Sua luz atravessava as paredes e brilhava diretamente sobre seu coração. Erradicava a tristeza por Spencer, a culpa e o ódio por si mesmo que havia ocultado de todos durante toda a vida, assim como a maneira com que protegia sua natureza frágil com um exterior orgulhoso, mal-humorado e indiferente.

Essa mulher sabia tudo. E tinha lhe dito que o amava.

—Diga alguma coisa —ela pediu.

Ele a amava. A epifania foi clara e quente. Lágrimas surgiram em seus olhos, o peito se encheu, e sentiu a temperatura subir e começou a tremer. Através de tudo o que havia acontecido, ele tinha conseguido se apaixonar por sua esposa.

"Eu te amo, Penelope. Você é a melhor coisa que já me aconteceu na vida. Você está curando meu estúpido coração sombrio. Você me faz sentir que posso ser um bom homem. Você me faz tão feliz..."

Tinha as palavras na ponta da língua e abriu a boca para dizê-las. Penelope o olhava com os olhos tão azuis quanto o céu no inverno. Mas não conseguiu dizer nada disso.

—Não quero posar nu para um retrato, Penelope —disse e sentiu pontadas por todo o corpo—. O que quero é estar com você nesta cama. Se estou nu, quero que você também esteja.

Penelope escondeu a dor dos olhos e se obrigou a sorrir.

—Não é o fim da discussão.

Preston liberou o ombro de debaixo da cabeça dela e se moveu para sentar e passar as pernas pela lateral da cama.

—Por enquanto, sim.

Não olhou para ela enquanto se levantava para vestir o roupão.

Era um tolo se ousasse esperar uma vida de felicidade como a que seus pais haviam compartilhado. Entre eles não poderia haver amor verdadeiro. Talvez estivessem apaixonados naquele momento, mas mais cedo ou mais tarde isso acabaria.

O amor o aterrorizava. Sabia que era possível para pessoas boas como seus pais. Ou como Sebastian e Emma. Esse futuro feliz que quase podia ver e sentir jamais poderia existir. No fundo, não merecia uma vida feliz com o amor dessa mulher. Ela havia começado a derrubar suas paredes. Podia ver brechas nelas, podia ver como haviam se tornado baixas e finas graças a ela.

Mas o aterrorizava que ela pudesse ver quem ele realmente era... porque não poderia amar o menino ciumento e orgulhoso que havia se transformado em um homem teimoso e arrogante. Ela adorava a versão dele que tinha construído em sua cabeça.

Passou a fita do roupão pela cintura e puxou a campainha para chamar os criados. Sabia que tinha culpa na morte de Spencer. Ela estava enredada no meio de tudo. E continuava sendo a filha do inimigo. E enquanto deveria mostrar-se indiferente e apenas engravidá-la, de alguma forma havia conseguido perder a razão, o coração e a alma.

Esse casamento havia sido um erro.

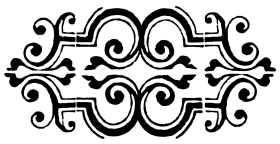
Penelope o amava. Aproximou-se da janela e observou o parque em frente a Grandhampton, que era bonito e estava iluminado pelo sol àquela hora. Acabava de trair seu irmão ainda mais. Não só havia se casado com

Penelope, como também se apaixonado por ela, assim como ela por ele. Spencer não merecia essa traição.

Além disso, será que ela gostaria de estar com ele se não tivesse sido obrigada? Como muitas mulheres, devia estar tentando fazer o melhor diante das circunstâncias em que se encontrava.

E ele deveria ter feito o mesmo. Até que tudo desmoronou. Porque seu dilema continuava sendo o mesmo. Devia escolher entre o amor e a vingança. E ainda estava determinado a se vingar.

CAPÍTULO 26



PENELOPE ENTRELAÇOU os dedos com os de Preston em seu colo. Pela janela da carruagem, ela podia ver as macieiras que floresciam como nuvens brancas e as magnólias transbordando de flores rosadas. O aroma fresco de lilases pairava no ar. Londres estava em plena floração.

E o coração de Penelope também. Haviam passado duas semanas cheias de alegria e felicidade em Grandhampton. Os pulmões de Preston haviam se recuperado bastante bem, Penelope se sentia muito melhor, e o advogado de Preston lhes escrevera para informar que havia encontrado uma casa potencial para eles. Preston e Penelope tinham uma reunião naquele dia para ver a propriedade antes de decidir se a comprariam.

A única nuvem que obscurecia a felicidade de Penelope era que ela havia confessado a Preston que o amava. E claramente o havia assustado: ele não lhe dissera que também a amava. E isso significava que ele não a amava. Pelo menos, não ainda. Ou, se a amava, tinha medo de admitir.

Ela não tinha certeza de como podia amar um homem que poderia levar à destruição de seu pai. Devia ser masoquista.

Mas Preston havia prometido que contaria o segredo. Em Grandhampton Court, ela não insistira para que ele contasse porque não queria arruinar a paz do local. Além disso, parecia-lhe cruel estressá-lo quando estava ferido. Mas talvez o motivo principal fosse que a aterrorizava a ideia de que o que ele dissesse os destruísse completamente.

Agora Preston estava melhor, e eles estavam prestes a tomar uma decisão sobre uma casa. Por esse motivo, não podiam começar o próximo capítulo de suas vidas com um segredo como esse entre eles. Ela precisava saber.

Ela buscou o olhar quente e escuro de Preston. Seu marido sorriu e olhou-a nos olhos como havia feito com frequência nas últimas duas semanas. Sem soltar sua mão, ela disse:

— Preston, estamos a caminho do nosso novo lar. Um lar que não será o de Spencer. Um lar que não terá a lembrança de várias gerações de duques de Grandhampton. Um lar que será um novo começo.

O sorriso do duque desapareceu e ele baixou o olhar para a mão de sua esposa.

— Tudo isso é muito verdade.

— Bem... não acha que superamos as coisas que nos separavam no início? Não acha que não deveria haver nenhum segredo entre nós?

Preston não levantou o olhar para ela, mas seu pomo de Adão oscilou visivelmente ao engolir.

— Sim.

— Você deve saber o que quero perguntar, Preston. O que havia naquela pasta de couro vermelha? O que meu pai fez para que você o ameaçasse desse modo? Que conhecimento valioso você tinha para me comprar sem dinheiro?

Preston assentiu novamente com a cabeça, enquanto uma expressão severa e sombria cobria seu rosto. Ele havia colocado a máscara do Preston de Londres, com o queixo tenso, os olhos duros e a boca apertada em uma linha firme. O Preston relaxado, despreocupado e feliz que ela tivera durante duas semanas havia ido embora.

Ele inalou uma profunda lufada de ar e finalmente olhou para ela. Qualquer indício de calor havia desaparecido de seus olhos. Afastou a mão da dela e esfregou o queixo.

—Vou te contar. Eu ia te contar, mas como sou fraco não conseguia suportar destruir a existência feliz em que você transformou a minha vida.

Ouvir isso a surpreendeu.

—Verdade?

Preston a olhou como se ela tivesse perdido a razão.

—Claro que sim, Penelope. Antes de você, acreditava que meu futuro envolveria um casamento com uma dama perfeita e fria a quem jamais poderia amar, e beber até o fim dos meus dias. Pensei que me sentiria sozinho até a morte. Mas então você chegou e me mostrou o que eu estava cego demais para ver.

Penelope engoliu com dificuldade.

—Conheço esse sentimento, Preston. Sempre acreditei que estaria sozinha se seguisse meu sonho de me tornar uma artista profissional. —Apertou a mão dele—. Mas você me mostrou que não preciso estar sozinha. E gostaria de te mostrar que você também não. Amo você por ser como é: uma alma gentil, leal e um pouco obsessiva. —Ela riu—. Não sei por que você está tão determinado a se vingar do meu pai, mas de algum modo sei que isso vem de uma profunda lealdade.

Preston soltou um suspiro e negou com a cabeça, enquanto seus olhos negros se enchiam de lágrimas.

—Talvez você mude de ideia quando souber. Se Spencer não estivesse morto... se seu pai não estivesse envolvido em tudo isso... Eu seria o homem mais feliz. Porque teria você.

Penelope sentiu um calafrio.

—Spencer morto... —murmurou—. Meu pai envolvido... em quê, exatamente? Do que você está falando?

Ele passou as mãos pelo cabelo e se inclinou para frente para se aproximar dela com os olhos tão escuros que pareciam não ter fim.

—Você já ouviu falar de um clube chamado Tyche?

—Sim —respondeu—. Todos os membros da sociedade já ouviram falar dele. É um lugar de pecado para os cavalheiros.

—Sim, um inferno para apostas. Ali é onde seu pai perdeu toda a sua fortuna.

Penelope sentiu dor, embora já soubesse da tolice de seu pai. Tudo o que conseguiu fazer foi assentir com a cabeça.

—Sim.

—Foi lá que você foi leiloada. É um lugar onde se fazem acordos ruins. E alguns cavalheiros fazem contatos com homens dispostos a fazer coisas más por dinheiro. Coisas que um verdadeiro cavalheiro não faria.

As mãos de Penelope tremeram.

—Que tipo de coisas?

—No Tyche, havia um criado, Noah, que me contou algo sobre seu pai. E, como quebrou a regra de guardar silêncio, agora corre perigo.

—Meu Deus. —Penelope levou as mãos ao pescoço—. O que ele te contou?

—Ele ouviu seu pai pedir a outro homem... —Exalou e negou com a cabeça. Depois, inalou uma profunda golfada de ar—... que desse uma surra em Spencer.

O mundo se encolheu ao redor de Penelope. O peito apertou e ela não conseguiu respirar.

—Não, não pode ser. Meu pai não. Por que ele iria querer machucar o Spencer?

—O dono do Tyche, Solomon Eastbourne, o ameaçou e o obrigou a pagar suas dívidas, e seu pai sentia que você era a única coisa de valor que lhe restava.

Penelope sentiu náuseas e levou as mãos ao estômago.

—Eu?

—Tua mão em casamento —explicou-lhe.

—Mas que relação isso tem com a morte de Spencer? Você disse que se Spencer não estivesse morto...

Preston fechou os olhos por vários segundos antes de abri-los novamente para responder:

—Os homens que seu pai contratou o espancaram com tanta brutalidade que lhe causaram ferimentos mortais.

Penelope levou a mão à boca. Tinha a visão nublada pelas lágrimas. O peito ardia e mal conseguia respirar. Agora entendia. Preston acreditava que seu pai era o culpado pela morte de Spencer. E, consequentemente, ela também.

Preston cobriu a mão que ela mantinha sobre o joelho com a sua.

—Sinto muito, Penelope. Se pudesse poupar-te desta dor, eu o faria. Quer que eu pare?

Ela negou com a cabeça sem tirar a mão da boca, com medo de vomitar em cima de Preston.

—Mas o que Spencer fez ao meu pai? —conseguiu perguntar finalmente.

—Você já conhece a reputação que Spencer tinha.

Penelope assentiu com a cabeça.

—Ou seja, meu pai acreditou que ele me arruinaria porque jamais se casaria com a filha de um barão...

Preston assentiu.

—E assim arruinaria qualquer chance de encontrar-te um marido rico.

—Oh, não —soltou Penelope—. Oh, não!

O pior de tudo era que agora finalmente compreendia quem era seu pai na realidade. Jamais estivera presente para ela. E ela sempre havia tentado impressioná-lo, mas tudo tinha sido em vão. Ele só a considerava uma posse para vender.

—No que dizia respeito a *lord* Beckett, Spencer não tinha intenções sérias contigo. Portanto, ele não podia correr o risco de que uma das linhagens de duques mais antigas da Inglaterra te desonrasse e te descartasse.

Penelope sentiu ondas de choque quebrando sobre ela.

—Naquela época, teu pai estava esperando a proposta de casamento do rico duque de Woodley.

—Claro, por isso ele vinha me visitar e dançava e conversava comigo nos bailes.

—Sim, mas tudo mudou quando o duque soube das dívidas de *lord* Beckett. Então procurou outro candidato para o casamento, mas chegou um momento em que se desesperou. Levou alguns meses até recorrer a leiloar-te.

Preston mal parecia respirar enquanto aguardava uma resposta.

Penelope ficou sentada com a mente acelerada repassando tudo o que acabara de descobrir e, de algum modo, voltou à noite em seu escritório, à carta de Spencer e à primeira vez que percebeu que ele sentia algo mais que amizade por ela. Ela havia pedido a Preston que fosse com ele naquela noite. A noite em que morreu.

—Você não foi com ele —disse sobressaltada pela epifania—. Você acredita que por isso ele morreu. Você culpa a si mesmo. E culpa o meu pai. E também a mim.

Sentiu-se como uma carrasca segurando a corda.

—Sim.

Aquela única palavra fez seu mundo explodir como um balde de pólvora incendiado. Era por isso que eles haviam se casado. Ela era apenas parte da vingança para ele. A forma de castigar seu pai, de castigar a si mesmo e de castigá-la. Ele acreditava que ela tinha seduzido Spencer para se casar com ele por seu dinheiro.

A carruagem parou, e os dois olharam pela janela para ver a bela casa de tijolos escuros iluminados pelo sol por trás de uma cerca de ferro com

elaborados frisos. Um bandô oval se destacava acima da porta de entrada cor de chocolate e estava rodeado por uma arquitrave de juncos brancos. A grande janela de vidro na última moda tinha grades de ferro como medida de segurança, e glicínias violetas cresciam acima da porta.

A casa era linda, aconchegante e acolhedora. Depois do mausoléu frio que tinha sido Chalworth, Penelope havia desejado um lar como esse para Preston e para ela. Caloroso e agradável. Feliz.

Mas a dor e a pena lhe causavam grande pesar no peito. Tanto ela, quanto Preston e seu pai estavam envolvidos na morte de Spencer. Era isso que havia atormentado Preston desde o início. Uma parte dela se arrependia de ter pedido que ele lhe dissesse a verdade. Agora se arrependia de sabê-la.

Quando a porta se abriu, Preston desceu da carruagem, e um lacaio ofereceu ajuda a Penelope para descer. Sem dizer uma palavra, entraram, e o mordomo lhes mostrou a residência. A casa era espetacular. Iluminada e moderna, com uma sala de banho e um chuveiro. Não era grande demais, mas tinha espaço suficiente para receber visitas e até dar um baile. Tinha quartos de hóspedes suficientes que também poderiam se transformar no futuro nos quartos dos bebês.

Quando Penelope entrou no quarto que seria sua câmara e olhou para fora, viu a rua de Mayfair, que estava tranquila e transbordava com pétalas de magnólias que se balançavam com o vento. Preston se aproximou ao seu lado, e ela se enrijeceu. Sentia como se tivessem aberto seu peito ao meio e estivesse sangrando.

Era difícil observar a rua iluminada e saber que a felicidade estivera ao seu alcance e agora jamais a teria. Apesar de não se odiarem mais, sua história estava arruinada. Seu pai era um homem horrível, e a morte de Spencer sempre pairaria entre ela e seu marido. Se Preston havia desejado um castigo, o tinha conseguido.

—A casa pertence a um visconde que precisa de dinheiro —disse Preston sem olhá-la.

—É linda —comentou com o olhar fixo em uma carruagem que passava.

—Sim.

Ali estavam. Duas pessoas presas para sempre em um casamento que jamais funcionaria. Exceto que...

Penelope se virou para ele e olhou em seus olhos solenes.

—Obrigada por me dizer a verdade —ela disse—. E lamento muito pelo que meu pai fez.

—Você acredita em mim? —ele perguntou. Havia uma nota de dor por trás da pergunta.

—Acredito em você. Por que não acreditaria?

—Pensei que talvez você não acreditasse que seu pai fosse capaz de algo assim.

Ela acariciou a cortina azul pastel com padrões dourados de trepadeiras.

—Infelizmente, acredito. Me dói saber que ele seja capaz de prejudicar um homem inocente. Também me dói saber que ele seja capaz de vender a própria filha.

—Sinto muito, Penelope. Tentei te proteger disso. Pelo menos é um alívio que não haja mais nenhum segredo entre nós. —Ele pegou as mãos dela entre as suas, e o calor queimou suas palmas frias—. E este é nosso novo lar. Se você gostar, assinarei a oferta hoje mesmo. Vejo um futuro aqui para nós. E você?

Ela via? Se ele tivesse perguntado há uma hora, teria respondido que sim. Mas agora... não sabia.

—Mas enquanto eu for quem sou, e você quem é, a morte do seu irmão sempre estará entre nós. Não importa o quanto eu te ame.

Uma expressão de dor agonizante destroçou suas feições.

—Não. Não. Eu... Eu te amo, Penelope.

As palavras ressoaram como uma bala de canhão em sua cabeça. Ele a amava... Enquanto durante todo esse tempo ela pensava que ele dormia com ela apenas para gerar um herdeiro, como havia lhe dito que faria.

—Você me ama? —perguntou ela sem acreditar no que ouvia.

—Sim, eu te amo. Você é minha esposa. Eu te amo. Eu te quero por completo.

De repente, ela sentiu muito frio e começou a tremer. Uma parte dela sentia como se estivesse prestes a flutuar até o teto de tanta alegria. Ele também a amava! Mas com uma sensação de dor, compreendeu que isso não bastava.

—Por completo... mas não importa o quanto você me ame, você odeia meu pai. E se casou comigo por vingança, não por amor. Então, me diga, Preston, o que é mais forte? Porque você não pode ter as duas coisas. Você

me ama o suficiente para parar com a vingança? Ou você o odeia mais do que me ama?

Preston parecia como se estivesse sendo encurralado e esquartejado. Com uma tempestade de dor atrás dos olhos, abriu a boca para dizer algo, mas ouviu-se uma batida urgente na porta, e o mordomo do visconde entrou.

—Perdoe-me, *milady*... Isto é muito incomum, mas veio um rapaz a mando de *lord* Beckett e tem uma mensagem para a senhora.

Penelope soltou as mãos de Preston e virou-se para o mordomo.

—Do meu pai? Como ele sabia onde nos encontrar?

—O rapaz disse que o enviou a Sumhall no início, mas lhe informaram que estariam aqui.

—Qual é a mensagem? —perguntou Penelope.

Preston se aproximou dela.

—Penelope...

—Qual é a mensagem? —insistiu com o coração acelerado.

O mordomo engoliu com dificuldade.

—*Lord* Beckett está pedindo ajuda à senhora. Estão confiscando a casa.

Penelope soltou um ofego e o chão pareceu mover-se sob seus pés. Virou-se para Preston.

—Isso é obra sua? —perguntou-lhe. Com a testa franzida, Preston parecia perdido e cheio de culpa—. Há algo mais que você ainda não me contou?

Preston olhou para o mordomo que estava de pé com uma expressão séria e imparcial.

—Sim —respondeu.

—Pensei que não haveria mais segredos entre nós.

Preston soltou um suspiro.

—Comprei a dívida de *lord* Beckett de Solomon Eastbourne. Não suportava que seu pai machucasse outra pessoa que amo. Você.

A dor a atingiu como um tiro de arma.

—E você está despejando ele? Continua se vingando?

Preston sustentou seu olhar por alguns instantes e depois assentiu com a cabeça e os olhos úmidos.

—Pare, Preston! Ele ficará na rua. Se tornará um mendigo!

Mas Preston não disse nada.

Penelope não conseguia acreditar na situação. Seu próprio marido condenaria seu pai ao estado mais baixo em que um ser humano poderia cair. Supunha que isso respondia à sua pergunta sobre se ele escolhia o amor ou a vingança. As lágrimas embaçaram sua visão, e seu marido se reduziu a um ponto *bege* e preto contra o azul pálido do quarto. Penelope sentiu-se arder por dentro.

—Se você não parar, vou deixar você, Preston. Se escolher a vingança, não está me escolhendo, nem escolhendo nossa felicidade. Então, o que você escolhe?

Preston limitou-se a ficar de pé tremendo, com o queixo tenso e o peito subindo e descendo acelerado. A imagem fez com que uma lágrima rolasse pela face dela. Não podia permitir que ele destruísse o único pai que lhe restava, não importava o que ele tivesse feito.

—Então isso é o que sempre fui? Um meio para atingir um fim? Não significo nada para você, embora eu tenha me apaixonado por você.

—Não, Penelope, por favor. Eu te amo!

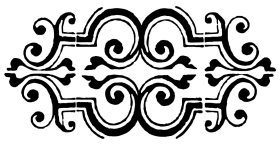
Penelope negou com a cabeça. Sua vida estava se despedaçando. Acabava de perder o pai que sempre acreditou ter, assim como seu marido e toda uma vida de felicidade.

—Talvez você acredite que me ama. Ou talvez diga isso para que eu me sinta melhor. Mas, na verdade, você não me ama. Caso contrário, não faria mal ao meu pai. Você não pode deixá-lo em paz. E eu não posso estar com um homem que escolhe a destruição e o ódio acima de mim. Eu mereço algo melhor. E você também, Preston. Não me importa se você compra a casa ou não. Não viverei aqui.

Após informá-lo disso, ela se retirou para ir ao resgate de seu pobre e idoso pai.

Não importava o que ele tivesse feito, ela sabia que seu pai não tinha tido a intenção de matar Spencer. Era uma pessoa ferida, mas isso não o tornava uma pessoa má.

CAPÍTULO 27



TRÊS DIAS DEPOIS, Penelope bordava furiosa uma espécie de flor na sala de estar do quarto de hotel que havia alugado para ela e seu pai com a renda mensal que Preston lhe dava.

A sala tinha paredes com painéis decorados com pinturas a óleo de paisagens campestres e uma vista panorâmica da cidade sobre o rio Tâmisa. Vários vasos com peônias, lírios e tulipas iluminavam os cantos do aposento e o enchiam com uma fragrância requintada.

As janelas grandes eram emolduradas por cortinas violeta. No quarto havia várias velas apagadas, colocadas sobre castiçais ornamentados. E um tapete com padrões de flores vermelhas e ramos verdes cobria o chão de madeira.

Era um aposento agradável e tinha tudo o que precisava... exceto o homem que amava.

Penelope estava sentada em um confortável sofá com almofadas macias e estofados suaves. Emma e Calliope estavam sentadas à sua direita e seguravam xícaras de chá nas mãos. Perto delas, havia uma mesa de chá com um delicado conjunto de porcelana.

—Oh, querida —disse Emma—, tenha cuidado. Temo que você vai errar o tecido e cravar a agulha no dedo.

Penelope parou e soltou o ar.

—O que você está tentando bordar? —perguntou Calliope esticando o pescoço.

Penelope fixou o olhar no emaranhado sem sentido de fios amarelos, laranjas e pretos.

—Um girassol —respondeu com tristeza.

Emma colocou a xícara sobre o pires, inclinou-se para frente e, com delicadeza, tirou a costura das mãos dela. Os dedos de Penelope tremeram enquanto ansiava por descarregar as emoções que a atordoavam: a fúria que sentia por Preston e a que sentia por si mesma por ter se apaixonado por ele; a tristeza da maior perda de sua vida, a dor da traição de seu marido e a frustração que sentia em relação ao seu pai.

—O que aconteceu? —perguntou-lhe Emma.

—Você já sabe —retrucou Penelope pegando a xícara de chá.

Como aparentemente não conseguia parar de tremer, a xícara tilitou contra o pires e ela a apoiou sobre a mesa.

—Sabemos que você e Preston não moram mais na mesma casa —disse Calliope—. Mas não sabemos por quê.

As lágrimas arderam em seus olhos.

—Não sei se deveria contar para vocês.

—Por que não? —perguntou Calliope.

—Porque você jamais voltaria a ver seu irmão com os mesmos olhos.

Calliope riu baixinho.

—Não acredito que seja possível. Preston pode ser um canalha quando se sente magoado e talvez não veja as coisas com clareza se algum ente querido corre perigo. Mas ele tem boas intenções. É leal e morreria por qualquer um de nós. —Fez uma pausa e acrescentou—: Especialmente por você.

Especialmente por ela... Bem, talvez estivesse disposto a morrer por ela, mas a vingança era mais importante para ele.

—Vocês duas devem me prometer que não contarão isso a ninguém. Porque não é assunto apenas do meu marido, mas também do meu pai. E eu os amo muito, aos dois.

Calliope e Emma trocaram olhares atônitos, e Penelope começou a falar. Contou-lhes tudo. O que seu pai havia feito, o que Preston havia descoberto. O leilão. O horrível início do casamento e como Preston a culpava, culpava seu pai e até a si mesmo pela morte de Spencer. Falou-lhes do plano de vingança e de como havia dado dinheiro ao seu pai antes que ele tentasse recuperar a prova que Preston tinha, acabando por incendiar a casa. Por fim, contou-lhes que Preston havia comprado a dívida de seu pai e o deixado na rua. E que quando Penelope pediu que ele escolhesse entre ela e a vingança, não havia dito nada. Não a havia escolhido.

—Seu pai... —sussurrou Calliope—. Fez isso?

Penelope assentiu com a cabeça sentindo o peito tenso e cheio de dor.

—Sinto muito, Calliope.

—Não é sua culpa. —As lágrimas se acumularam nos olhos de Calliope—. Foi um acidente. Não te culpo. Culpo seu pai... um pouco. Mas não ao ponto de querer destruí-lo.

Havia sido um acidente, mas se ela não estivesse envolvida, se não tivesse sido tão próxima do falecido duque, seu pai jamais teria enviado nenhum rufião atrás dele. E Spencer ainda estaria vivo.

—Sabe o que eu acho? —perguntou-lhe Emma, entrecerrrando os olhos inteligentes de cor azul-celeste quase acinzentados para olhá-la—. Acho que você ama seu marido.

Penelope secou uma lágrima que havia rolado pela sua bochecha com o dorso da mão e soluçou.

—Sim. Sou uma tola. Como é possível que eu tenha me apaixonado pelo torturador do meu pai? Pelo irmão da vítima do meu pai?

—Como não se apaixonaria por ele? —perguntou Calliope, secando suas próprias lágrimas—. Vocês são perfeitos juntos. Estão destinados.

—Não, claro que não —contradisse Penelope—. Não há futuro para nós, por mais que estejamos casados. Viveremos para sempre separados e seremos um daqueles casais em que a esposa prefere o campo e o marido, a cidade, e jamais se veem. Todos sabemos do que estou falando.

Emma esticou o pescoço.

—Olha, querida, eu passei por uma situação similar. Acreditei que tudo estava perdido com Sebastian, mas não era o fim. Me pergunto se para você é. Pelo visto, Preston tem que abandonar seu desejo de vingança. Mas também parece que você está zangada com ele. Será capaz de perdoá-lo de todo coração algum dia?

—Não sei. É verdade. O que meu pai fez não pode ser desfeito. Spencer não pode voltar. O que acontece com Preston agora é destruição, veneno e ódio. Para que possamos ter um futuro, tanto meu marido quanto meu pai devem seguir com suas vidas. E eu também. Devo perdoar meu pai por ter feito mal a Spencer... por ter me vendido... e por ter incendiado nosso lar.

—E você consegue perdoá-lo? —perguntou-lhe Calliope.

—Acho que sim —respondeu—. Mas não esquecerei nem buscarei desculpas para o que ele fez. Sei que não posso confiar nele, mas não quero que termine na rua. É meu pai. Mas não permitirei que volte a se comportar desse modo. Preciso me fazer valorizar.

As três mulheres conversaram por mais um tempo, e Penelope se sentiu muito melhor. Sentia falta de Alex, que além de sua prima era sua melhor amiga, mas agora sabia que tinha duas grandes amigas em Londres que pareciam fazer parte de sua família.

Mais tarde naquela mesma noite, quando seu pai retornou ao hotel para jantar, Penelope o observou com outros olhos. Ele parecia melhor com as roupas limpas que ela havia comprado e a nova peruca empoada branca como a neve. Já não se curvava nem cheirava mal porque ela havia contratado um criado para garantir que tomasse banhos com frequência.

Sentaram-se à mesa para jantar sozinhos. Um lacaio do hotel serviu-lhes o primeiro prato de sopa. Depois de comerem em silêncio por alguns minutos, Penelope perguntou:

—Aonde o senhor foi, pai?

Ao ouvi-la, baixou a colher.

—Saí, por quê?

—Porque temo que volte a apostar.

O barão não disse nada e olhou para o prato.

—Se não fossem as apostas e as dívidas, nada disso teria acontecido. O senhor entende o quão destrutivo é esse hábito? Não só para o senhor, mas também para sua família. Para mim.

—Não joguei cartas —respondeu-lhe sereno—. Mas fui a Tyche. Devo manter as aparências. Devo manter contato com meus amigos e conhecidos. Sou um barão.

—Por pouco —apontou, baixando a colher—. Nossa casa em Londres na rua Vine foi confiscada junto com qualquer objeto de valor que tenha ficado ali. A única coisa que o faz manter o título é Beckett Manor, mas está caindo aos pedaços e não há esperança alguma de repará-la. E, se não fosse por mim, o senhor estaria mendigando na rua neste momento. Com certeza mereço alguma gratidão e respeito de sua parte. Já está na hora de demonstrá-los.

O barão baixou a cabeça, e seus ombros afundaram.

—Não era minha intenção queimar sua casa, Penelope. Foi um acidente. Fui recuperar a pasta de couro vermelha, mas ouvi passos e, quando me virei, a lâmpada caiu, e os papéis do escritório pegaram fogo. Tentei apagar as chamas, mas só consegui avivá-las. Por isso, fugi.

Penelope soltou um suspiro.

—O senhor fugiu sem alertar ninguém e deixando várias pessoas em perigo mortal. Meu marido quase morreu. Quantas pessoas mais devem sofrer por seu egoísmo, pai?

Seu pai assentiu com os olhos cheios de lágrimas. Jamais o tinha visto nesse estado. Quando olhou nos olhos dele, viu um homem quebrado e cheio de tristeza.

—Você tem razão, Penelope. Você tem razão. Cometi muitos erros. Mas você se engana ao dizer que não a respeito. Claro que a respeito. Você é uma mulher forte, gentil e talentosa, como sua mãe. Lamento muito não ter visto isso antes, mas agora vejo. E não poderia estar mais orgulhoso.

Penelope escutou as palavras que havia ansiado ouvir durante muitos anos. Se ele tivesse dito isso quando ela estava crescendo, quando a via pintar, teria sido uma mulher muito mais segura de si. E teria começado a educação artística e talvez até vendido algum quadro a essa altura.

Apesar de tudo, ouvi-lo dizer esse tipo de elogios animou seu espírito. Mas, curiosamente, já não precisava da aprovação dele. Percebeu que estava orgulhosa de si mesma. Jamais tinha abandonado seu sonho; havia estado disposta a vivê-lo e o tinha sacrificado por ele. E ele só tinha agido de maneira egoísta. Penelope sentia pena dele. O homem que deveria ser seu pai, aquele que devia protegê-la e cuidar dela, tinha acabado arruinando a própria vida e, por pouco, a dela também.

—O senhor deve consertar o dano que fez, pai.

—Você tem razão, sim.

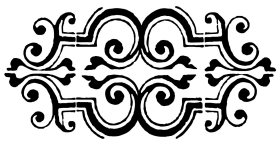
—Muito bem.

Devia escolher a si mesma primeiro. No passado, havia escolhido seu pai e tinha concordado em se casar com Preston em vez de fugir e começar uma vida como artista em outro lugar. Seu pai jamais a havia escolhido. E Preston também não. Seu marido continuava escolhendo a vingança acima dela.

E ela queria mais. Queria um casamento onde o marido priorizasse suas necessidades e seu amor acima de tudo mais.

E não se contentaria com nada menos.

CAPÍTULO 28



PRESTON ESTAVA SENTADO sozinho em sua nova casa. A residência estava vazia e escura. As persianas de todas as janelas estavam fechadas para cumprir a ordem que ele havia dado há três dias, quando o amor de sua vida o abandonou.

Estava sentado no chão do cômodo que seria o ateliê de Penelope com uma garrafa de conhaque na mão. Tinha o cotovelo apoiado contra o joelho. Uma vela oscilava iluminando as pinturas em aquarela e as duas a óleo que estavam encostadas na parede à sua frente. O quarto cheirava a poeira porque ainda não tinha sido limpo. Também estava frio, porque não havia nenhum criado para acender os carvões na lareira. O silêncio reinava. Não se ouviam passos, nem vozes abafadas ou distantes do outro lado das paredes ou da porta. Não havia nenhum indício de que existisse outra alma por ali.

Olhou para os quadros de Penelope, as paisagens de Grandhampton Court com os bosques, os riachos e os rios serpenteando por entre as colinas verdes. A casa que era o único lugar onde tinha sido feliz. Onde seu irmão estivera vivo. Sua esposa tinha muito talento para a arte. O quadro que ela havia começado a pintar com toda a família, incluindo Spencer, fez com que seu coração se despedaçasse novamente. Como se em algum momento ele tivesse estado inteiro desde que ela partiu.

Levou a garrafa à boca e bebeu vários goles. Mais. Precisava de mais para se entorpecer, para esquecer que era o autor de sua própria desgraça. De sua própria infelicidade. No entanto, não poderia ter feito nada de outra maneira.

Cravou o olhar no retrato a óleo de Spencer, aquele que Penelope havia começado a pintar em Grandhampton Court recorrendo à memória e a vários quadros que havia no vestíbulo. Ali estava seu irmão, vivo, com os olhos negros cintilantes e fixos nele. Com as maçãs do rosto altas e a pele oliva e aquela estrutura óssea perfeita. O corte de cabelo à última moda que tantos cavalheiros usavam naquela época com as costeletas compridas. As cores escuras que lhe caíam bem, e o contraste do lenço branco imaculado com o traje de fraque azul-marinho era impressionante.

—Saúde, irmão. —Preston ergueu a garrafa um centímetro mais alto —. Diabos, como sinto sua falta. Por favor, me perdoe por ter me apaixonado por ela. Agora entendo por que você a amava. Queria não ter me oposto tanto ao seu casamento. Queria ter tido o bom senso de ver que ela é uma verdadeira joia. Que não tem nem uma única gota de egoísmo em todo o seu ser. Que é genuína, pura e extremamente bondosa.

O retrato de Spencer não lhe respondeu. O que ele teria dito? Havia alguma chance de que o perdoasse? Não só não havia protegido seu irmão da morte, como também se casara com a mulher que ele amara. Ficara com a casa e o título de duque de Spencer. De fato, ficara com tudo o que teria sido dele, como alguém que se beneficia da morte de um irmão mais velho.

E a verdade era que Preston teria ficado feliz em trocar de lugar com seu irmão se com isso Spencer conseguisse viver uma vida plena e cheia de felicidade. Mas era tarde demais para isso.

Bebeu mais, fechou os olhos e apoiou a cabeça contra a parede. Tinha um grande vazio no peito. Mas não era pela ausência de Spencer. Era porque sentia falta de sua esposa. A esposa que agora se sentia como uma parte de seu ser, como uma mão ou uma perna.

Haviam se passado três dias e ele já estava quase morto. Tinha observado os criados empacotar a casa e retirar os móveis, e fazia quase uma hora que tinham partido para que Preston e sua família se mudassem.

Mas não havia lugar no mundo que pudesse se sentir como um lar sem Penelope.

Uma forte batida na porta interrompeu o silêncio, mas ele ignorou. Não tinha nenhum mordomo ou lacaio para abri-la, mas ninguém sabia que ele estava ali. Mesmo assim, bateram novamente.

—Preston! —Ouviu um rugido abafado—. Preston, sabemos que você está aí!

Preston resmungou, conhecia muito bem aquela voz. Era Richard, que sempre se intrometia para ajudar. Sempre tinha sido o pacifista da família. E se falava no plural, com certeza estava com Sebastian.

—Preston! Abra a porta! —É claro que estava com Sebastian.

Preston se levantou e soltou outro grunhido. Por que não o deixavam em paz?

Avançou pelo corredor até o hall de entrada e girou a maçaneta da porta. Uma luz cegante o fez semicerrar os olhos com uma expressão de dor. As duas silhuetas altas e de ombros largos pareciam escuras em contraste com a luz. E quando invadiram sua casa, viu com clareza que se tratava, de fato, de Richard e Sebastian.

—Preston, mas que diabos? —perguntou Sebastian, percorrendo-o com o olhar.

—Você está péssimo —observou Richard.

Preston ofereceu a garrafa, mas os dois recusaram com um movimento de cabeça.

—Como souberam onde me encontrar?

Bebeu outro gole de conhaque. Havia bebido tanto nos últimos três dias que o álcool já não lhe fazia muito efeito.

—Não sabíamos onde você tinha se metido —respondeu Richard—. E quando descobrimos que Penelope tinha alugado um quarto de hotel para ela e *lord* Beckett, tivemos que tomar medidas drásticas para te encontrar. É evidente que você não está bem. Não sei como tranquilizar um homem cuja esposa o abandonou, mas conheço alguém que passou pela mesma situação.

Preston olhou para Sebastian. Isso era verdade, Emma o havia deixado logo depois que seu amigo conseguiu garantir que poderiam compartilhar toda uma vida de felicidade juntos. Emma não teve outra escolha. Mas mesmo assim...

—É verdade, meu velho amigo —disse Preston passando a mão pelo ombro de Sebastian—. Lembro de ter te visto numa situação muito pior que a minha em setembro, então não sei se você é a pessoa mais indicada para me ajudar. Por favor, não se ofenda.

—Você tem razão —concordou Sebastian—. Achei que jamais superaria o fato de ela me abandonar. Quase deixei que me matassem no ringue de boxe e bebi quase até a morte sem Emma. Mas não é preciso que você faça o mesmo.

—Ah, eu acredito que sim. —Preston riu, embriagado—. Ela está decepcionada comigo. E tem razão. Fico feliz que finalmente me veja como realmente sou: um bastardo egoísta. Ela não deveria ter se apaixonado por mim.

—Mas você também a ama, não é? —perguntou-lhe Sebastian.

Richard os observou com o cenho franzido.

Preston deixou a cabeça pender até sentir que tocava seu peito.

—Sim, eu a amo. Maldição. Nada faz sentido sem ela. Não consigo respirar. Não consigo dar nem um passo sem esperar vê-la ao virar da esquina. Não consigo dormir na cama porque ela não está ao meu lado. Suas pinturas... me torturam porque foram pintadas por ela. Porque são um vislumbre de sua linda mente.

—Então vai atrás dela e implora para que volte para o seu lado —disse Richard—. Vocês se amam. Qual é o problema?

—O problema, irmão, é que eu feri o pai dela. Ele é meu inimigo. E deveria ser seu inimigo também. Graças a ele, nosso irmão está morto. Por que você não está no caminho da vingança?

Richard baixou a cabeça.

—Porque Spencer não teria querido isso.

As palavras o atingiram como a bala de um canhão: "Spencer não teria querido isso...". Quanta razão Richard tinha. Ele sempre teve a habilidade de compreender os outros, como se pudesse ler-lhes a mente. Estava disposto a se colocar nos sapatos de todos e sentir o que sentiam. E o que Preston não havia considerado em todos esses meses em que planejou sua vingança tinha sido como Spencer se sentiria a respeito. Se ele teria querido ser vingado. E conhecendo Spencer... A resposta era não.

—A vingança não o trará de volta —continuou Richard com suavidade —. Nada o fará. Spencer não ia querer que seu legado se transformasse em uma multiplicação de maldade no mundo. Ele ia querer que, mesmo que você não possa perdoar *lord* Beckett, conseguisse fazer as pazes com ele. Agora ele é sua família.

Os pés de Preston se recusavam a lhe dar apoio. O chão afundou debaixo dele e teve que avançar tropeçando até uma cadeira que havia no vestíbulo para se deixar cair sobre ela. Com cuidado, apoiou a garrafa no chão. Agora desejava não ter bebido. Queria ter a cabeça limpa.

—Finalmente arruinei meu inimigo, mas acabei perdendo o amor da minha vida —disse.

—Você não a perdeu, velho amigo —disse Sebastian avançando até ele —. Ainda pode ir atrás dela.

Preston se inclinou para frente e apoiou o rosto entre as mãos. A possibilidade de renunciar à vingança e fazer as pazes com o pai de Penelope libertou algo em seu peito. Sentiu como se os grilhões que cercavam seu coração tivessem acabado de se abrir, e toda a tensão tivesse desaparecido para dar espaço a outras coisas.

Sebastian tinha razão. Ainda podia escolher o amor. Podia renunciar ao seu orgulho e escolhê-la. O orgulho era o que o levava a querer destruir *lord* Beckett, mesmo que fosse um homem caído que precisava de ajuda. Penelope via isso, mas ele tinha estado cego pelo orgulho teimoso. O mesmo orgulho teimoso que o tinha levado a discutir com Spencer uma vez após a outra.

—Mas ainda sou responsável pela morte dele —disse enquanto se levantava e caminhava pela sala—. Como posso me permitir ser feliz com a única mulher que meu irmão amou? Como posso viver comigo mesmo?

—Você não pode se culpar pela morte de Spencer. Não sabia o que ia acontecer naquela noite. E os rufias teriam encontrado outra forma ou outro momento para chegar a Spencer se você tivesse estado com ele. Ou talvez os dois tivessem morrido —disse Richard, que de repente se aproximou dele para apoiar uma mão em seu ombro. Preston olhou nos olhos azuis que tanto se pareciam com os de seu pai—. Não trocaria sua vida pela de Spencer, por mais que eu o tenha amado e desejasse que ele ainda estivesse entre nós. Amo você tanto quanto a ele, e o resto da família sente o mesmo.

Preston estava estupefato. Como era possível que as palavras de seu irmão tocassem essa ferida velha e dolorosa que carregava na alma? Esse abismo havia nascido quando teve que se sentar sozinho na carruagem com destino à Escócia e observar sua família e Grandhampton Court diminuírem na distância.

Mas essa ferida já não lhe doía. O peito se encheu de amor e gratidão pelo irmão mais novo. Sabia que devia dizer algo, mas como tinha um doloroso nó na garganta, apertou sua mão durante vários segundos.

Richard continuou falando, poupando-o da necessidade de responder.

—Primeiramente, antes de perdoar *lord* Beckett, você deve perdoar a si mesmo. Caso contrário, nunca poderá superar isso.

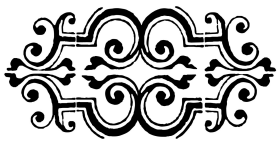
Preston assentiu com a cabeça. Seu irmão tinha toda razão. Sentiu o veneno da vingança que lhe corroía a vida, assim como a de Penelope e a de seu pai, e retorcia sua alma. Também sabia como era se sentir livre desse veneno. A luz e a paz que havia experimentado nos momentos felizes com Penelope.

Spencer não gostaria que o pai de Penelope vivesse dessa maneira. Spencer era o tipo de homem que perdoaria essas coisas. Ele diria a Preston que felicidade e amor não são sentidos com frequência na vida. E que deveria valorizar esse amor. Protegê-lo. Vivê-lo. Porque seu irmão jamais poderia fazê-lo.

O perdão percorreu-o como uma rajada de energia. As paredes ao redor do seu coração desmoronaram e ele pôde ser ele mesmo.

Agora precisava ir recuperar Penelope.

CAPÍTULO 29



NA NOITE SEGUINTE, Preston entrou no salão da condessa de Whitemouth com o estômago em nós. O recinto estava repleto de convidados sentados em várias fileiras de cadeiras voltadas para a extremidade onde *lady* Isabella, a filha do conde e *lady* Whitemouth, tocava uma bela melodia, e uma mulher de baixa estatura, de uns quarenta anos, cantava com tanta perfeição que algo se apertou em seu ventre.

Contra as paredes do aposento, havia vários lacaios em pé. Os candelabros estavam apagados, e a única luz provinha das lâmpadas e velas que se encontravam sobre o pianoforte e nos aparadores atrás da cantora e da pianista.

Preston esticou o pescoço para tentar ver quais das cabeças distribuídas entre as três fileiras pertenciam a Penelope e *lord* Beckett. Graças ao leilão, os membros da sociedade a olhavam com intriga e curiosidade. Preston havia conseguido interceder em algumas oportunidades para garantir que a convidassem para os eventos sociais, mas o mais importante era que a duquesa de Ashton não a havia excluído de seu círculo de conhecidos, o que era a única coisa que importava a Penelope.

Mesmo para aqueles que nada sabiam sobre o leilão, o fato de terem se casado tão depressa despertava muitas especulações. Talvez acreditassem que ele a havia comprometido. Ou até mesmo que ela pudesse estar grávida.

Preston não se importava com esses rumores, e sabia que ela também não, mas pessoas como a condessa de Whitemouth não iriam querer convidar Penelope para as saraus que organizassem por temerem que os associassem com gente de reputação questionável, especialmente considerando que *lady* Isabella estava em idade de se casar.

Preston havia se preocupado sobre como Penelope conseguiria se movimentar sem que ele interferisse por ela, mas com uma patrona poderosa como a duquesa de Ashton, ela estava se virando sem nenhum problema. Sua leal espiã, Calliope, havia lhe contado que a duquesa de Ashton tinha insistido com *lady* Whitemouth para que convidasse Penelope para o sarau musical se quisesse que *lady* Isabella continuasse recebendo convites para os saraus em Neverton.

Calliope e Richard também se encontravam entre os convidados. Por outro lado, Sebastian e Emma jamais eram convidados para os eventos da condessa, porque no passado ela havia interpretado erroneamente que Sebastian se casaria com *lady* Isabella e, no final, ele se casou com Emma.

Estava tão escuro que Preston não conseguiu distinguir ninguém dali. Uma silhueta feminina se afastou das escadas para se aproximar dele.

—*Milord*... —sussurrou a mulher ao parar diante dele com os olhos faiscando. Era a condessa de Whitemouth—. Não pensei que viria. O senhor deve ter perdido o convite. Lamento tanto...

—Sim, percebi isso —respondeu Preston esticando o pescoço para ver se avistava uma peruca empoada ou o belo cabelo loiro de Penelope—. A minha esposa está aqui?

A condessa olhou por cima do ombro.

—De fato, sim, ela está com *lord* Beckett, *lady* Calliope e *lord* Richard.

—Onde eles estão? Preciso falar com ela imediatamente.

Ele tentou passar à frente dela, mas a mulher apoiou uma mão sobre seu braço e o deteve.

—*Milord*... Ela está na primeira fileira e lhe suplico que não interrompa esta bela interpretação. Veja, minha filha está tocando.

—Já vejo, e ela faz muito bem. No entanto...

—*Milord*, um jornalista de *A Sociedade* veio observar para escrever um artigo sobre a cantora, a senhora Renata Democrito. E também estão presentes os pretendentes de Isabella. Por favor, não transforme esta agradável noite em um escândalo.

Preston cravou o olhar nos olhos suplicantes da condessa e na mão que ainda segurava seu cotovelo. Ele estava determinado. Não se importava com o escândalo nem com o que as pessoas pensariam, muito menos com o que diriam.

Estava disposto a abrir o coração na frente dela. A ficar com a alma vulnerável e exposta e aguardar seu veredito. Não se importava em se humilhar. Estava disposto a aceitar toda a ira e atravessar os sete círculos do inferno desde que ela voltasse para o seu lado.

—Apenas se a senhora me prometer que incluirá minha esposa em todos os seus convites e deixará de espalhar fofocas sobre ela. Ela é uma duquesa e tem uma reputação imaculada. Não fez nada de errado e não deveria ser castigada por algo que não é culpa dela.

O rosto da condessa se transformou enquanto ela retirava a mão de cima dele. O grande peito subiu e desceu rapidamente.

—Fofocas? Como ousa insinuar que eu espalho fofocas?

Aquilo era o mais ridículo. Todo mundo sabia que a condessa frequentemente organizava festas de chá e piqueniques com as mulheres mais fofoqueiras da sociedade para trocar eventos e mexericos. Tanto ela quanto muitas outras eram as patronas dos bailes de Almack's e decidiam quem era digno de inclusão e quem não era.

Apesar disso, sua filha, *lady* Isabella, ainda não havia recebido nenhuma oferta de casamento. Preston deu uma olhada na encantadora jovem que tocava o pianoforte com tanta habilidade e paixão que bem poderia ter acompanhado a cantora em turnê.

—Por favor, *lady* Whitemouth —disse ele—. Não ofenda minha inteligência negando o que todos sabemos. Pelo bem de sua filha, não interromperei a noite. Mas a senhora me prometerá que deixará de excluir minha esposa e de fazer circular rumores sobre ela.

Lady Whitemouth curvou os lábios para baixo com desdém.

—Ninguém pode nos ouvir —indicou Preston—. Podemos ser honestos. Dê-me sua palavra e esperarei até que o concerto termine. Em *La Sociedad* não será publicado nada sobre o fracasso da noite. Sua filha terminará de tocar com a mesma habilidade com que começou, e talvez finalmente consiga encantar algum dos cavalheiros solteiros presentes.

Lady Whitemouth assentiu.

—Está bem. A partir de agora, convidarei sua esposa.

—Obrigado —disse ele enquanto colocava uma mão no bolso de sua casaca e permanecia em pé, ereto, observando as cabeças dos espectadores e ouvindo o belo concerto.

Lady Whitemouth assentiu e afastou-se dele para tomar assento na última fileira e lançar-lhe um olhar cheio de raiva.

Preston aguardou durante vinte torturosos minutos, ensaiando cada palavra possível que poderia dizer e imaginando as formas com que Penelope poderia perdoá-lo. Sua vida sem ela não teria sentido algum. Mas havia cometido tantos erros com ela que tinha medo de que fosse tarde demais e que já tivesse partido seu belo e terno coração sem qualquer esperança de consertá-lo.

Quando finalmente a música parou e a cantora terminou a canção, todos os presentes no salão irromperam em aplausos. Para distrair os convidados dos lacaios que acendiam as velas, outros lacaios circulavam pelo salão com bandejas de champanhe e canapés. Aos poucos, a sala foi se iluminando com um cálido tom dourado e se encheu de vozes e passos enquanto as pessoas abandonavam seus assentos.

Foi então que finalmente os viu: Penelope se levantou e, junto com Calliope e Richard, aproximou-se da senhora Democrito enquanto *lord* Beckett avançava pelo corredor em direção ao lacaio que segurava uma bandeja de champanhe a poucos metros de Preston.

Lord Beckett ainda usava uma peruca empoada, mas tinha uma aparência melhor. De alguma forma, tinha as costas mais eretas, e seu rosto não estava tão inchado ou vermelho como antes. Parecia mais um membro da alta sociedade e menos como um alcoólatra das classes baixas. Ainda usava trajes do século passado, como o colete de cor ocre intensa e o lenço branco, mas pareciam novos e recém-lavados.

Preston sentiu um nó no estômago ao vê-lo. Durante meses, desde que soube dos atos que havia cometido em outubro do ano anterior, tinha detestado esse homem. Por muito tempo, *lord* Beckett havia sido seu inimigo, o objeto de seu ódio e sua raiva. Uma voz furiosa em sua cabeça continuava dizendo que, se não fosse por esse homem, Spencer estaria vivo.

Cerrou os punhos. Uma coisa tinha sido decidir que estava pronto para deixar tudo para trás, para escolher o amor. Mas ver o homem em pessoa avançando em sua direção era outra. Era como se estivesse sendo posto à prova.

Conseguiria fazer as pazes com esse homem e declarar que ele não era mais seu inimigo?

Concentrou-se nas costas de Penelope, que conversava com a cantora. Dali podia ver o contorno delicado das omoplatas e a curva do pescoço fino que tanto havia adorado beijar. Sabia exatamente como sua pele cheirava no ponto suave e delicado que ela tinha abaixo da orelha.

Ah, como havia sentido sua falta. Só tinha passado quatro dias sem ela e sentia como se tivesse perdido para sempre uma parte da alma. E ao vê-la agora... nada mais importava. Só ela.

Todo o seu ser se encheu de amor, uma sensação de calor se espalhou pelo seu peito, e o ódio e a raiva que haviam residido em seu coração derreteram como neve sob o sol. Tinha sido um tolo. Jamais havia tido uma escolha entre o amor e a vingança quando se tratava de Penelope. Ela sempre venceria. Cada respiração, cada passo que desse, cada coisa que fizesse sempre seria por ela.

Quer ela o escolhesse naquele dia ou não, ele estaria ali para ela pelo resto de sua vida. Mesmo que não restasse amor por ele em seu coração, ele a observaria e a seus entes queridos como um cão leal e a protegeria e se certificaria de que fosse feliz. Mas antes, ele precisava tentar.

Quando o barão pegou uma taça de champanhe de um lacaio, Preston se aproximou dele.

—*Lord* Beckett.

O barão ergueu os olhos da taça e ficou imóvel. Seus olhos se arregalaram de terror e ele deu um passo para trás.

—Não —disse-lhe Preston estendendo as mãos em um gesto apaziguador—. Por favor, não se assuste. Vim fazer as pazes.

Lord Beckett olhou ao redor como um animal encurralado. Os convidados lançavam-lhes olhares surpresos.

—Ela não o quer —disse-lhe o barão—. Já lhe disse isso. O senhor arruinou tudo.

Preston parou diante dele e assentiu com a cabeça.

—Eu sei. O senhor tem razão. Ela não me quer e eu arruinei tudo. Mas eu gostaria que me desse a oportunidade de me redimir.

Lord Beckett franziu o cenho.

—Como disse?

—Está tudo bem? —perguntou *lady* Whitemouth aproximando-se deles com uma expressão preocupada.

—É o duque de Grandhampton, não é? —perguntou um homem alto e magro que estava ao lado dela.

—Sim, senhor Springer —respondeu *lady* Whitemouth—. Exatamente. Mas ele já estava de saída, não é verdade, *milord*? Lembra-se do que conversamos antes? O senhor havia me dito que tinha outro evento para comparecer. Que pena que o senhor Springer de *A Sociedade* não poderá entrevistá-lo.

Ah, era o jornalista, mas Preston não se importava. Mais pessoas se viraram para olhar, sem dúvida curiosas por ouvirem vozes altas e querendo saber por que *lady* Whitemouth tinha uma expressão de pânico no rosto.

No outro extremo do salão, o olhar preocupado de Penelope recaiu sobre ele e ela começou a avançar em sua direção com Calliope e Richard seguindo-a.

Preston não se importou. No que lhe dizia respeito, todos os membros da sociedade podiam presenciar aquilo. Todos podiam ficar sabendo o quanto ele amava aquela mulher e o que estava disposto a fazer por ela.

—*Lord* Beckett —começou ele—, sua dívida está perdoada.

O barão engoliu com dificuldade, e a taça que tinha na mão tremeu.

—Toda a dívida? As dez mil libras?

—Dez mil libras? —perguntou o senhor Springer com um brilho de curiosidade nos olhos—. Por acaso era uma dívida de jogo?

—Isso não é da sua conta, senhor —respondeu-lhe Preston—. Era um assunto familiar que já está resolvido.

Ao redor deles formou-se um círculo, e Penelope, Calliope e Richard tomaram seus lugares nele. Mas os olhos de Preston não se desviaram de sua esposa. Ela parecia um pouco mais pálida, tinha olheiras escuras sob os olhos, que brilhavam sem se afastarem dos dele. O peito dela subia e descia acelerado. Estava linda no vestido cor creme com delicados cristais entretecidos cuidadosamente no tecido fino. Parecia etérea e de outro mundo, como um anjo que havia vindo ao mundo para melhorar tudo. Para lhe dar uma felicidade que ele não merecia.

—E eu gostaria de lhe pedir perdão, *lord* Beckett —continuou Preston —. Por causa do meu orgulho, arrastei-o para coisas que não deveria ter feito. —Os olhos do barão se arregalaram e ele começou a piscar rapidamente.

—Que coisas? —perguntou o senhor Springer.

—Darei ao senhor uma propriedade geradora de renda, *lord* Beckett. Não será muito, mas será confortável. E o ajudará a se manter porque caso contrário o senhor não sobreviverá, mas precisa se responsabilizar pelo que fez. Tenho uma condição. —Olhou para o jornalista e acrescentou—: Mas falaremos disso em particular.

Claro que a condição era que ele teria que se retirar de todos os clubes para cavalheiros e prometer que jamais voltaria a apostar.

—Aceito a condição. Seja lá qual for —apressou-se a dizer *lord* Beckett com o rosto cheio de esperança—. Aceito —repetiu com os olhos cheios de lágrimas—. E obrigado. Isso não deve ter sido nada fácil para o senhor depois... do que fiz.

—O que ele fez? —perguntou o senhor Springer.

Mas sem lhe dar atenção, Preston olhou nos olhos da única pessoa cuja opinião lhe importava.

—Lamento muito meus atos duros. Lamento minhas escolhas tolas. E escolho o amor. Escolho você.

Penelope soltou um suspiro com a respiração trêmula e olhou para ele com os olhos cheios de lágrimas. Preston aproximou-se mais e ajoelhou-se diante dela. As pessoas soltaram suspiros e murmuraram ao redor deles. Pelo canto do olho, viu que o senhor Springer tirava um caderno e anotava algo às pressas.

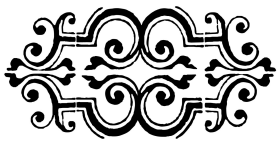
—E te peço que me perdoes, Penelope. Eu te amo. Você é tudo o que sempre quis.

Tomou a mão dela entre a sua e a beijou para inalar seu doce aroma.

—Preston... Todos estão nos olhando...

—Esse é o objetivo. O que me diz, Penelope? Continuará sendo minha esposa e me deixará amá-la pelo resto da eternidade?

CAPÍTULO 30



PENELOPE o observava com a respiração entrecortada. Tinha as bochechas rosadas e não conseguia respirar. Não conseguia dizer nada ao ver Preston de joelhos diante dela e quebrando todas as regras da alta sociedade.

Um cavalheiro não andava proclamando seus sentimentos dessa maneira diante de todos, especialmente diante de um jornalista. Um cavalheiro não se humilhava nem abria o coração como um plebeu. Esse tipo de coisa quase nem era dito num quarto.

A comoção a fez ficar paralisada em seu lugar. Aquele duque orgulhoso e teimoso estava ajoelhado diante dela. A imagem bastava para que questionasse se estava sonhando.

Na sala reinava um silêncio tal que parecia como se todos estivessem prendendo a respiração. Só se ouviam as notas que o jornalista tomava com o lápis ao roçar o papel. E a batida forte de seu coração por Preston, que tinha passado vários meses tentando destruir seu pai e agora pedia perdão publicamente.

Em sua mente não tinha nenhuma dúvida de que o amava. O coração cantava como a cantora de ópera, e acelerava e dava piruetas.

Preston aceitava que tudo tinha sido sua culpa. Escolhia o amor. A escolhia.

Portanto, só restava uma coisa a dizer:

— Sim.

Preston sorriu e soltou o ar trêmulo. Ao ver seu sorriso, bastou para que sua cabeça começasse a girar. Ele era tão bonito quando sorria que se transformava no homem que ela sempre via oculto no mais profundo dele, sob as camadas de orgulho, teimosia e indiferença fria.

Enquanto Penelope o ajudava a se levantar diante dela, olhou-o nos olhos, e todos os presentes soltaram suspiros de felicidade e exclamações alegres. Ela ansiava beijar Preston, que a tomasse em seus braços e esconder o rosto em seu peito para inalar seu aroma que tanto havia sentido falta nos últimos quatro dias.

Mas não podiam fazer algo assim em público. Não podiam continuar alimentando as fofocas. Os dois sabiam disso. Preston a observou com olhos escuros, profundos e abertos. Não havia mais barreiras, dúvidas, segredos nem ressentimentos entre eles. Só havia amor. Ele era dela, assim como ela era completa e irrevogavelmente dele.

Preston pegou a mão dela entre as suas e as beijou sem desviar o olhar de seus olhos.

— Eu te amo — disse-lhe em voz baixa para que só ela ouvisse.

— E eu a você — respondeu quase em um sussurro, mergulhando no ônix de seus olhos.

Sentia-se tão leve que poderia flutuar e elevar-se, suave como uma pluma.

— Posso te levar para casa agora? — perguntou-lhe. — Eu gostaria muito de te despir e fazer amor com você. Senti sua falta. Tudo na minha vida estava errado sem você.

— Para qual casa, Preston? — perguntou-lhe.

—Newdale Place. Nem todos os quartos estão prontos porque eu queria que você os decorasse ao seu gosto. Mas te garanto que o cômodo mais importante, o quarto, está pronto.

Newdale Place... era a bela casa acolhedora que ela poderia transformar em um lar. O lar dos dois. Sem as sombras de ressentimentos, raivas ou segredos do passado os espreitando. Com espaço para seu estúdio e quartos suficientes para as crianças.

Seu sorriso se alargou ainda mais.

—Vamos embora, por favor, antes de dar outro escândalo para o jornalista de *A Sociedade* reportar.

Ele ofereceu o braço, e Penelope passou o seu pelo vão sentindo um agradável e caloroso formigamento ao roçar seu corpo. Estava pronta. Estava preparada para o futuro. Para uma vida de felicidade com o homem que amava e que correspondia seu amor.

Enquanto caminhavam juntos, ela não conseguia tirar os olhos dele nem parar de sorrir. Mas uma tosse soou ao lado deles, e pararam. Era seu pai.



Lord Beckett estava de pé com as mãos às costas e observava Preston com uma estranha expressão intensa.

—Antes que se retire, podemos trocar algumas palavras em particular, *milorde*? Penelope, querida, espero que não se incomode. Creio que já tivemos declarações públicas suficientes. —Lançou um olhar com a testa franzida ao senhor Springer—. Temo que tenham dado ao jornal material para publicação por um ano inteiro.

O senhor Springer continuava escrevendo e lançava olhares de soslaio para Penelope e Preston. Preston concordou com *lord* Beckett. O resto dos convidados havia se espalhado pela sala e falavam entusiasmados sem deixar de lançar olhares curiosos na direção de Preston, Penelope e *lord* Beckett.

A última coisa que Preston queria era atrasar mais o encontro com sua esposa. Penelope o amava. O aceitava. E isso o fez sentir algo semelhante a uma explosão de fogos de artifício no peito. Era o homem mais feliz do planeta.

Olhou para ela, mas não viu tristeza em seus olhos, apenas amor e alegria que cintilavam.

—Vá, Preston. Fico feliz que você e meu pai possam conversar como uma família. Temos todo o tempo do mundo.

Preston assentiu e apertou-lhe a mão.

—É verdade, meu amor.

E em seguida, ela se afastou para se juntar a Richard e Calliope, que pareciam prestes a explodir de entusiasmo.

—Certamente —disse Preston, mas antes que pudesse se mover, *lady* Whitemouth se aproximou dele.

—*Milorde* —disse-lhe com uma expressão de alegria—. No final, o senhor deu um escândalo sobre o qual *A Sociedade* pode escrever, mas um

bom. Um duque que declara seu amor à esposa e lhe pede perdão é muito diferente das fofocas habituais sobre reputações arruinadas, damas caídas em desgraça e maridos e esposas que não conseguem ser fiéis. Fico muito contente que este evento feliz esteja associado ao meu nome e à minha casa. Muito bem. Nosso acordo continua de pé.

Preston assentiu e ela fez o mesmo.

—Com licença —disse enquanto se afastava com *lord* Beckett para um canto da sala onde ninguém pudesse ouvi-los.

O barão soltou o ar e olhou para Preston sem malícia.

—Queria agradecer-lhe, senhor. O que fez por mim foi muito bondoso. Eu não merecia. E compreendo sua ira comigo. E seu desejo de me destruir. Entendo perfeitamente. Fiz algo terrível que levou a um resultado muito pior.

Preston assentiu com a garganta fechada.

—Penelope me pediu que consertasse as coisas. E já está na hora de fazê-lo. Eu deveria ter pedido perdão há muito tempo. A toda a sua família. Lamento muito a dor que meus atos lhes causaram.

Algo se derreteu no coração de Preston. Em uma época, havia pensado que o homem era maligno, frio e cruel. Mas esse não era o homem que tinha à sua frente naquele momento.

—Recentemente recebi certa informação que você deve conhecer. Todos vocês acreditaram que seu irmão havia morrido...

Preston franziu a testa.

—Um momento... O senhor disse que acreditamos que nosso irmão havia morrido?

Lord Beckett tomou uma golfada de ar e a soltou com cautela.

—Exatamente. Eu disse que acreditaram...

Uma onda de comoção o arrasou como uma pedra arremessada ao mais profundo da água. Esqueceu-se de tudo e segurou lord Beckett pelas lapelas do casaco.

—O que está dizendo? —perguntou quase com um rosnado.

—Se me soltar, lhe direi —respondeu o barão—. Não faça isso com Penelope. Não desfaça as boas ações que fez por ela hoje.

Com o coração batendo tão descontrolado que não lhe permitia ouvir seus próprios pensamentos, Preston o soltou e olhou por cima do ombro.

Por sorte, ninguém parecia ter notado a cena, e o resto dos convidados continuavam conversando, bebendo e desfrutando dos petiscos.

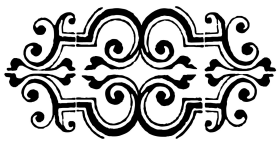
Lord Beckett ajeitou o colete.

—Quando contratei Thorne Blackmore e seus homens para realizar a tarefa, não lhes pedi que matassem seu irmão. Só queria que lhe deixassem um olho roxo, um corte nos lábios e alguns arranhões. Para que não pudesse comparecer aos eventos da sociedade por um tempo. Para que não pudesse seduzir Penelope, e assim eu pudesse concretizar um casamento para ela...

—Tudo bem. —Preston apertou o maxilar com tanta força que temeu que os ossos se quebrassem—. Mas quando ele morreu, esse plano deu errado.

—Bem, mas esse é o ponto —disse o barão com tristeza—. Quando você me expulsou à força da minha casa, fui ver Thorne Blackmore com a esperança de que me ajudasse. É claro que ele se recusou. Mas me disse que o sujeito que seus homens espancaram usava as roupas de seu irmão e seu anel, mas que depois da surra descobriram que não era ele.

EPILOGUE



DUAS SEMANAS DEPOIS, a sala de estar de Newdale Place brilhava com luz e amor. Várias dúzias de velas iluminavam as paredes em tom azul-celeste claro decoradas com quadros de jardins floridos sob o sol e paisagens primaveris. As janelas estavam abertas, e o ar quente entrava por elas e brincava com as cortinas. A sala estava cheia de convidados. Calliope e Richard conversavam com a senhorita Alexandria, a prima de Penelope, e Penelope estava sentada no sofá ao lado da avó dos Preston... Bem, a verdade é que não eram simples convidados, pensou Preston enquanto contemplava os rostos mais queridos do mundo. Todos eram família.

Bebeu vinho do Porto de uma pequena taça de cristal e observou os rostos relaxados. Era o primeiro jantar que ele e Penelope organizavam desde que se mudaram para Newdale. E estava certo de que não seria o último.

A casa havia se tornado encantadora e acolhedora graças a ele e Penelope, que escolheram a decoração juntos. Ele adorava que não era tão escura e imponente como Chalworth Place, mas era diferente de Sumhall e Grandhampton, onde havia crescido. Esse lar tinha algo dos duques de Grandhampton, como os vasos ancestrais e outras obras de arte e pinturas que os lacaios conseguiram resgatar de Chalworth. Mas também era dela. Via-se nas cores claras, nos móveis modernos, confortáveis e bonitos, e nos tapetes macios e claros com desenhos detalhados.

Quando encontrou o olhar de sua esposa do outro lado da sala e ofereceu-lhe um sorriso, ela o devolveu sem poder resistir ou evitar que seu coração derretesse de felicidade. Todos os dias tinha que se beliscar. Será que podia ser tão afortunado a ponto de ter essa mulher em sua vida? Ela

era forte, bondosa e incrivelmente talentosa. Estava muito orgulhoso que ela se virasse sozinha e abrisse seu caminho na vida fazendo o que tanto amava.

Lord Beckett havia partido de Londres há alguns dias para se instalar na propriedade que Preston lhe prometera. Dissera que esperava ansiosamente viver no campo, longe das casas de apostas e das tentações. A verdade é que ele havia administrado bem suas propriedades antes que tudo desmoronasse. Estava entusiasmado em conhecer os novos arrendatários, ver como melhorar as coisas e ir caçar veados e pescar.

A senhorita Alexandria havia ido a Londres após receber um convite de Penelope. Sua esposa sentia falta dela, e agora que estavam instalados e felizes, queria que Alexandria ficasse para uma visita por um tempo e visse a temporada.

Enquanto sustentava o olhar de Penelope, leu uma pergunta nos olhos de sua esposa. Sabia o que ela queria perguntar. Havia chegado o momento? O estômago de Preston se contraiu ao pensar no anúncio que tinha que fazer diante de sua família. Assentiu com a cabeça em resposta, e Penelope se desculpou com a duquesa e se aproximou dele perto da lareira com a grade quente e brilhante.

Preston tirou uma folha de papel do bolso interno do paletó. As mãos tremeram quando limpou a garganta.

—Poderiam me dar atenção por alguns instantes, por favor? —pediu.

Isso saiu mais tenso e formal do que ele havia pretendido, mas o que tinha para dizer não era assunto de brincadeiras nem de risos.

Enquanto Calliope, Richard e a senhorita Alexandria se aproximavam um pouco, sua avó se moveu no assento.

—O que acontece, Preston?

Tomou a mão de Penelope na sua. Ela era a única que sabia, além dele mesmo e do médico legista.

—Preciso dizer algo importante —começou erguendo o papel—. Este é o relatório forense do corpo de Spencer.

—E por que você o tem agora? —perguntou-lhe Calliope com voz trêmula—. Já tínhamos lido em setembro.

—Porque este é diferente —respondeu Preston—. É de ontem.

—Por que o legista teve que fazer outro relatório? —perguntou Richard alarmado—. E como? Spencer está enterrado.

—Tivemos que exumar o corpo, Richard —disse-lhe Preston—. Porque há pouco recebi informações de que talvez não fosse Spencer quem enterramos.

No quarto reinou o silêncio. Só se ouviam os carvões que crepitavam na lareira, e os cascos de um cavalo que trotava pela rua à distância e se infiltravam pela janela.

—Que absurdo! —exclamou Calliope.

—Como pode ser? —perguntou a avó ao mesmo tempo.

Somente Richard deu um passo à frente com os olhos azuis cintilando.

—E então?

A garganta de Preston se fechou. Sabia que estava prestes a virar a vida de todos do mesmo modo que havia acontecido com ele após receber o relatório.

—Não é Spencer.

Vários suspiros e exclamações ressoaram no quarto. Todos os rostos refletiam comoção. Calliope se agarrou ao vestido. Richard, como o perfeito cavalheiro que era, ficou de pé sem se mover, mas Preston percebeu a tempestade que se desencadeara por trás dos olhos dele. A avó estava respirando com dificuldade e teve que abrir a bolsa com as mãos trêmulas para retirar seus sais. Abriu a caixa de prata primorosamente decorada e inalou o aroma intenso antes de soltar o ar e fazer um gesto negativo com a cabeça. A senhorita Alexandria o olhava com os olhos arregalados.

—Você tem certeza? —perguntou-lhe Richard—. Como é possível?

—Tenho certeza —disse-lhe Preston—. Eu mesmo fui identificar o corpo.

Havia sido uma experiência bastante difícil e certamente não era algo sobre o que estivesse disposto a falar na presença das damas. O corpo do homem não era mais que um esqueleto, mas isso havia permitido ao legista estudar os ossos e os dentes.

—Quem quer que fosse, tinha um corpo com uma dentição amarelada, quebrada e pouco saudável. Além disso, faltavam-lhe dois dentes.

—Spencer sempre cuidava da dentição —disse Richard—. Tinha bons dentes e não lhe faltava nenhum.

—Exatamente —concordou Preston—. Além disso, o corpo tinha um tornozelo quebrado que havia cicatrizado mal, e o legista escreveu que era

provável que a pessoa mancasse.

—Spencer não mancava —observou Calliope.

—Quem quer que fosse, usava as roupas de Spencer —continuou Preston—. O legista nunca tinha visto Spencer nem sabia nada sobre sua aparência. Além disso, com o rosto tão golpeado e inchado, teria sido difícil reconhecê-lo. Por isso não pensou duas vezes em setembro.

Calliope se agarrou ao braço de Richard.

—Espera, Preston, se não se trata de Spencer... Pode ser que nosso irmão ainda esteja vivo?

Penelope deu um forte aperto na mão dele. Eles haviam conversado sobre isso na noite anterior, quando ele contou as notícias. Esse era o mesmo pensamento que não parava de dar voltas em sua mente.

—Sim, é uma possibilidade —disse Preston.

—É a única possibilidade! —exclamou Calliope.

—Não, irmã —interrompeu Preston—. Sinto muito, mas outra possibilidade é que ele esteja morto e o tenham confundido com esse homem... ou com qualquer outro indigente que mataram numa briga.

—Bem, eu me recuso a acreditar nessa possibilidade —anunciou Richard.

—E eu também —concordou a avó.

Isso era o que Preston mais temia. Dar-lhes falsas esperanças para acabar guardando luto por Spencer mais uma vez. Além disso, quem sabia se algum dia conseguiriam descobrir o que havia acontecido ou se conseguiriam encontrá-lo?

—Como vamos procurá-lo? —perguntou Richard, como se ecoasse seus pensamentos.

—Sim, temos que fazer tudo o que pudermos para encontrá-lo! —exclamou a avó.

—Faremos isso —assegurou Preston—. Devemos falar com Thorne Blackmore, o dono do Elysium. *Lord* Beckett o contratou para dar uma surra em Spencer, mas jamais quis que o matassem. Ao que parece, as coisas saíram errado. Primeiro intimidaram o homem errado e depois o espancaram até a morte. Pode ser que Blackmore ou seus homens saibam mais sobre o que aconteceu naquela noite.

—O que é Elysium? —perguntou Calliope.

Preston e Richard trocaram um olhar.

—Não é da sua conta, irmã —disse-lhe Richard—. É um clube que nenhum cavalheiro deveria conhecer e muito menos uma dama.

Calliope trocou um olhar insolente com a senhorita Alexandria. Preston não gostou nem um pouco disso. Quando Calliope estava determinada a fazer algo, ela o fazia sem se importar com as regras.

—Eu cuidarei disso —anunciou Richard—. Agora você é um homem casado. E não se vai discutir que Calliope se envolva ou meta o nariz em Whitechapel. Portanto, irei eu e falarei com Blackmore.

Preston assentiu com a cabeça.

—É uma boa ideia, Richard. Mas você deve me informar sobre o que ele lhe disser.

—Claro, irmão —concordou Richard—. Encontraremos Spencer. Não importa o que seja preciso.

Eles tinham que encontrá-lo. Claro que sim.

Mas apesar de Preston ter sentido o corpo cheio de esperança que se sentiu como ar quente, uma nuvem escura de preocupação se instalou em seu estômago. Porque se o encontrassem vivo, ele descobriria que a mulher que amava havia se casado com seu irmão...

E essa era outra dor que Preston teria que causar a Spencer.



QUANDO OS CONVIDADOS SE FORAM, Penelope levou Preston ao escritório. Ela não havia querido contar a outra notícia que viraria o mundo dele ao avesso antes que ele pudesse compartilhar com sua família o que haviam descoberto sobre Spencer.

Mas agora que todos sabiam, não podia esperar nem mais um instante. Avançaram pelo vestíbulo desde a sala de estar e entraram no estúdio. Mais cedo, havia pedido aos lacaios que o mantivessem iluminado e, como sempre que passava por ali, seu coração estremeceu e sentiu uma onda de felicidade por todo o corpo. Ver os quadros, os cavaletes e as telas com suas obras em processo era como se alguém puxasse a corda de sua alma e produzisse um som que ressoava em todo o seu ser.

—Por que estamos aqui? —perguntou Preston—. Eu adoraria te despir e te dar um banho para depois fazer amor com você.

Penelope riu.

—Você pode fazer isso daqui a pouco. Quero te mostrar algo.

Os olhos de Preston pousaram em um retrato dele que ela havia começado a pintar há pouco tempo.

—Este? —ele perguntou.

Parecia com aquele que ela tinha feito quando a senhorita De Luca estava ensinando-a, mas o atual era ainda melhor. Ele estava contente em ver que Penelope havia melhorado.

—Não —ela respondeu e continuou avançando por entre as paisagens de Grandhampton que estavam alinhadas contra a parede junto com as aquarelas e outros esboços que havia feito.

No canto do estúdio, ela se inclinou para pegar um quadro menor que ainda não tinha moldura e mostrou-o a ele. Preston estudou o filhote de *cocker spaniel* sentado entre flores. Se os ternos olhos grandes e brilhantes com cílios alongados não lhe dessem a mensagem...

—Que bonito, Penelope —disse ele, inclinando-se para dar-lhe um beijo curto e suave nos lábios—. Você tem muito talento. Não tinha percebido que você estava interessada em pintar cachorros. Onde você quer pendurá-lo? Ou está pensando em vendê-lo?

—Não, seu bobo. —Ela riu—. Não está à venda. E o único cômodo onde podemos pendurá-lo é no quarto do bebê.

—No quarto do bebê —disse ele, assentindo com a cabeça—. Sim, você tem ra... —Seus olhos se arregalaram e fixaram nela antes de descer para o ventre—. Espera, o quarto do bebê?

Penelope não conseguiu conter o sorriso nem as lágrimas de alegria que nublavam sua visão.

—Sim, Preston, ainda é muito cedo, mas o médico confirmou.

—Meu Deus! —Apoiou o quadro contra a parede e envolveu-a em um forte abraço de urso—. Penelope! Meu amor! Um bebê! —Afastou-se e percorreu-a com o olhar. Seus olhos brilhavam—. Como você está se sentindo?

—Estou bem. —Ela riu. A reação de seu marido a enchia de ternura—. Está tudo bem.

—Só me diga se você se sentir cansada... se precisar se deitar... ou qualquer coisa que as damas sintam quando estão grávidas.

—Claro que direi.

—Mas podemos...? Posso te amar sem machucar o bebê?

—Claro que sim.

Preston soltou um suspiro e riu.

—Imagino que tudo isso pareça muito divertido para você. Um homem adulto como eu que não tem ideia do que fazer.

—Não —ela o contradisse, pegando suas mãos—. Não é divertido. Para mim também tudo isso é novo. Eu te amo e sei que aprenderemos tudo juntos.

Preston a envolveu em seus braços enquanto Penelope abraçava-lhe o torso e se olhavam nos olhos.

—Eu também te amo —disse-lhe devagar com aquele sorriso encantador que oferecia somente a ela e a mais ninguém. O sorriso que significava que havia derrubado todas as paredes e se encontrava aberto e vulnerável diante dela.

Assim como ela se encontrava diante dele.

—Agradeço por tudo que a vida me deu. Não importa as tempestades que atravessei, tudo me levou até você. Você é o melhor presente que eu poderia ter desejado porque me ensinou a ser gentil e indulgente, assim como a deixar meu orgulho de lado.

Como seus olhos se encheram de lágrimas, Preston ficou embaçado diante dela. E quando ele a beijou, ela sentiu uma onda de desejo e amor que a inundava e soube que esse não era mais que o começo de um futuro feliz.

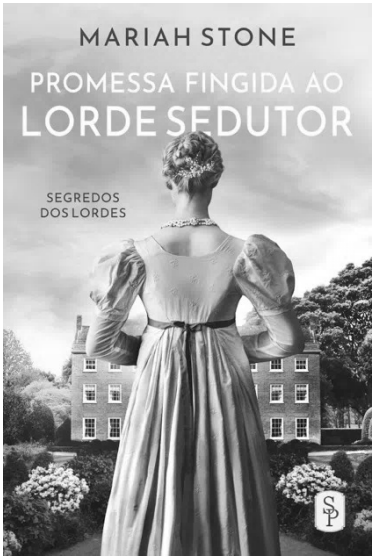
E que Preston e ela caminhariam juntos a cada passo do caminho.



OBRIGADA por ler Casada com Meu Inimigo. Adorou a história de Penelope e Preston? Pegue seu epílogo bônus gratuito agora:

https://mariahstone.com/casada-bonus

Descubra o que acontece a seguir quando Lorde Richard Seaton precisa fazer um acordo diabólico com o criminoso mais notório de Londres: um noivado falso com a irmã teimosa do criminoso, Srta. Jane Grant, para encontrar seu irmão desaparecido no livro 2,



O primeiro encontro deles foi um desastre. Agora eles são forçados a fingir que estão apaixonados.

O que começa como engano logo se transforma em paixão verdadeira...

Continue lendo em Promessa Fingida ao Lorde Sedutor →

Disponível no Kindle Unlimited, ebook, e impresso!

TAMBÉM DE MARIAH STONE

SEGREDOS DOS LORDES

1-Casada com Meu Inimigo

2-Promessa Fingida ao Lorde Sedutor

3-Casamento com o Libertino

4-Uma Aposta com o Libertino

ATRAÍDA PELO HIGHLANDER

Prisioneira do Highlander

Segredo da Highlander

Coração do Highlander

Amor do Highlander

Desejo do Highlander

COLEÇÃO DE LIVROS

Atraída pelo Highlander - livros 1-4 (Clan Cambel)

SUA CLASSIFICAÇÃO E SUAS RECOMENDAÇÕES DIRETAS FARÃO A DIFERENÇA

Classificações e recomendações diretas são fundamentais para o sucesso de todo autor. Se você gostou deste livro, deixe uma classificação, mesmo que somente uma linha ou duas, e fale sobre o livro com seus amigos. Isso ajudará o autor a trazer novos livros para você e permitirá que outras pessoas também apreciem o livro.

Seu apoio é muito importante!

SOBRE O AUTOR

Mariah Stone é uma escritora de romances que vive nos Países Baixos com seu marido e filho pequeno. Quando ela não está ocupada escrevendo sobre mulheres fortes dos tempos modernos caindo pelo tempo nos braços de vikings, highlanders e piratas gostosos, ela está correndo atras de seu filho e passa noites românticas com seu marido no mar do norte. Ela já viajou o mundo e morou em seis países diferentes. Entre seus talentos estão esquecer-se da vida enquanto está escrevendo e fazer uma bagunça ainda maior que a do seu bebê.

Ela acredita que o amor vence tudo, mesmo se as pessoas tiverem origens diferentes – mesmo se tiverem nascido em séculos diferentes.

https://mariahstone.com/pt/

